O IRMÃO DO BASTARDO

ROMANCE HISTORICO ORIGINAL

DE

CARLOS PINTO DE ALMEIDA

LISBOA
AUGUSTO ERNESTO BARATA — EDITOR
192 — Rua de S. Paulo — 194

O IRMÃO DO BASTARDO

ROMANCE HISTORICO ORIGINAL

DE

CARLOS PINTO DE ALMEIDA

LISBOA
AUGUSTO ERNESTO BARATA — EDITOR
192 — Rua de S. Paulo — 194
1868

EX.^mo SR. ANTONIO DE OLIVEIRA MARRECA

Tenho a honra de offerecer a v. ex.ª o seguinte romance, intitulado: O IRMÃO DO BASTARDO.

Além de algumas obras philosophicas, que v. ex.ª tem em seu poder, é o terceiro romance historico que publíco.

Não prima no estylo, nem possue nenhuma d'essas bellezas litterarias, que tanto recommendam os escriptos de v. ex.ª, em cuja plana, infelizmente, não me posso collocar; todavia do que tenho a consciencia, é que, a verdade historica é mantida, tanto quanto o permittem as difficuldades, com que se luta, quando os lances de pura imaginação teem que seguir, intimamente alliados, com os fac*t*os da historia.

Não é um sentimento vaidoso, que me leva a fazer a v. ex.ª o offerecimento de tão modesto trabalho; é um testemunho de veneração pelo talento, que sempre tenho respeitado; e conscio que v. ex.ª o acceitará com benevolencia, espero que será indulgente para com aquelle, que tem a honra de se confessar

De v. ex.ª

Muito venerador e criado

Carlos Pinto de Almeida.

Lisboa, 6 de maio
de 1868.

I

Os amores de um rei

A morte de D. Pedro I, que muitos denominam o justo e outros o crú, foi seguida de um luto universal para o povo portuguez, que devidamente apreciava as qualidades do virtuoso monarcha, tão grande como rei, como desditoso nos amores.

Grandes eram as suas virtudes; e o sentimento do paiz era uma divida de gratidão, paga pelo amor dos vassallos, aos restos d'aquelle, que em vida tanto os amou.

Justo e imparcial, severo para com o vicio, e reconhecedor da virtude, são os padrões de gloria, que mais levaram á posteridade, o esposo solicito e o terno amante da formosa Ignez, tambem tão desventurada quanto virtuosa.

A morte de D. Ignez de Castro, gravou um sulco profundo na vida de um principe, que para maravilhar o mundo, sempre ávido de sensações, e para demonstrar, quanto a considerára como esposa, deu o espectaculo nunca visto, da coroação de um cadaver!

Era o derradeiro tributo prestado á formosura, á virtude e ao amor! Era o primeiro acto de um principe apaixonado, que de bom grado trocaria o melhor throno da terra e os thesouros do mundo, pela ventura de a tornar a possuir tão formosa e cheia de vida, como antes do seu barbaro assassinato.

O ferro homicida não roubou só ao mundo um dos seus mais completos ornamentos, arrancou uma extremosa mãe a seus filhos, a esposa terna ao esposo dedicado, e a felicidade a um principe enthusiasta e virtuoso, que desde esse fatal momento nunca mais conheceu ventura e passou vida attribulada.

Em sonhos se lhe apresentava a bella Ignez banhada em sangue! O genio da morte adejava em torno d'ella, e o punhal do verdugo erguia-se violento!

Em sonhos lhe sorria a joven, que afagava ternamente e osculava amoroso! Mas o véu do ideal rasgava-se! A verdade surgia em toda a sua nudez, e o infeliz monarcha acordava, dominado por um accesso de desespero, que muito se aproximava da loucura!

Era a dolorosa consèquencia de uma politica atroz e desconhecedora de todos os principios justos e equitativos...

D. Affonso IV foi um principe de grandes talentos civicos e militares, mas é incontestavel, que foi máu filho, irmão ingrato e pae cruel! Arrastado por maus conselheiros, manchou a sua reputação, autorisando um crime, que pelas circumstancias que o rodeiam, é tão hediondo quanto inconciliavel com os principios de justiça.

E quem haverá, que, amando como D. Pedro amou sua esposa, não o absolva do barbaro supplicio a que entregou os assassinos da mãe dos seus filhos?

Sabemos que um crime não justifica outro crime, e que a vingança é sempre condemnavel; mas D. Pedro I, desvairado pela dôr que o finava, via apenas a orfandade dos seus filhos, a sua viuvez e o completo aniquilamento da ventura a que tinha direito.

Errou como homem vingando-se, e se a vingança foi atroz, o crime fôra monstruoso.

Alguns escriptores conscienciosos accusam D. Ignez de Castro, de ser ambiciosa e ter aspirações ao titulo de rainha. Não negâmos nem sustentâmos estas idêas; o que nos cumpre todavia dizer, é que bem poucas mulheres haverá tão dignas de partilharem, com um grande principe, o solio da realeza.

Ignez era virtuosa, benigna, caritativa e modesta. Sabia modificar o genio colerico de seu esposo, que junto d'ella depunha a ardencia do seu caracter. Eram dois esposos dignos de viverem eternamente e de terem o mundo a seus pés! Podiam dar lições de moral, pela maneira que se amavam e comprehendiam. Ignez junto a D. Pedro seria um anjo de paz. E porque não o foi? Porque acima dos desejos dos homens estão os preceitos do Eterno, que nós humilissimas creaturas, não podemos comprehender.

D. Pedro não morreu velho. Contava apenas 48 annos, quando trocou o fasto da realeza e o bolicio da côrte, pelo repouso eterno dos mortos e ao lado, do da esposa querida, ainda em Alcobaça se vê o seu tumulo.

Dormem juntos o somno da eternidade, até que se cumpra o grande preceito por Deus proclamado, quando a par da deslocação dos astros, ao som da trombeta fatal, as campas se erguerem e os mortos resurgirem...

Quatro filhos ficaram a D. Pedro, D. Fernando, filho da rainha D. Constança; D. João e D. Diniz, filhos de D. Ignez; e D. João, mestre d'Aviz, havido de Thereza Lourença Galliciana, ou Maria Pinheira, como pretendem alguns historiadores.

Todos agouraram um reinado feliz a D. Fernando, mas o caracter irresoluto e veluvel do monarcha desmentiu os melhores horóscopos e predicções astrologicas. Toda a casta de infelicidade sobreveiu a este malfadado paiz, não obstante os dourados palavrões da astrologia judiciaria.

D. Fernando foi proclamado rei. No principio do seu reinado fez nutrir algumas esperanças, que infelizmente foram de pouca duração!

Em Castella corria o sangue em torrentes, por causa das lutas civis. D. Pedro o cruel fôra expulso do throno por D. Henrique, conde de Trastamarra, seu irmão, auxiliado pelos reis de França e de Aragão, e protegido pelos descontentes.

D. Fernando, emquanto principe, seguira apaixonadamente a causa de D. Henrique, mas como D. Pedro, tempo depois, regrossou á Hespanha, ajudado pelo principe de Gales e por Carlos o mau, rei de Navarra, modificou as suas opiniões.

D. Henrique conseguiu expulsar seu irmão, que assassinou, segundo dizem alguns auctores; e se a este bem assenta o nome de Caim, aquelle por forma alguma merece o de Abel.

Depois da morte de D. Pedro surgiram as intrigas entre os grandes e barões de Castella, que olhavam horrorisados para o rei, por ter apunhalado seu irmão. Um tratado de paz estava assignado entre Portugal e Castella; e um dos seus artigos era que, o rei de Portugal casaria com a filha de D. Henrique.

Não temos por fim fazer a apotheose de D. Henrique!

teve grandes defeitos como homem e como rei, se bem que longe de se assimilhar a seu irmão D. Pedro, que foi um segundo Nero; e para em tudo se parecer com o neto de Augusto, até na estravagancia das exequias da celebre Maria Padilha, que competiram em grandeza e magnificencia, com as que Nero mandou fazer a Lucia Pompeia, depois de a ter morto com um pontapé. Faltou-lhe deifical-a.

Um grande numero de fidalgos castelhanos emigraram para Portugal, queixando-se de D. Henrique e chamando-lhe assassino e entre o numero d'estes intrigantes, vinham alguns de grande poder e distincção.

Os fidalgos castelhanos metteram na cabeça do monarcha portuguez, que tinha incontestaveis direitos á corôa de Castella; D. Fernando, tão simples como leviano, sem attender aos conselhos dos homens mais illustres da côrte, principiou em segredo a pôr em execução os planos, que formara, para fazer valer os seus direitos á corôa do reino vesinho. Eis o estado do reino de Portugal e da côrte portugueza nos fins do seculo quatorze.

Estamos no mez de junho de 1371. São duas horas da tarde. N'um vasto aposento do palacio real de Xabregas, que já não existe, acham-se duas damas de porte distincto e maneiras donairosas. A mais nova estava assentada em coxins forrados de veludo, bordados a oiro; é de alta estatura, e com quanto seja formosa, é todavia inferior á outra dama, que proximamente tambem se acha assentada em differentes almofadas.

Quem são estas damas que encontramos no principio d'este romance? Uma é D. Brites, irmã de El-Rei, princeza de grande talento e maiores virtudes. Quanto á segunda é D. Maria Telles de Menezes, sua dama de honor.

D. Maria Telles de Menezes, teria quando muito vinte e seis annos. Seus grandes olhos pretos eram d'uma belleza arrebatadora, pelo seu fulgor e meiga expressão. A cutís era mimosa e a côr alabastrina. Era finalmente uma formosa e interessante dama, que fazia andar a cabeça á roda a mais de um cavalleiro, se bem que a sisudez e a virtude, foram sempre companheiras inseparaveis da viuva de D. Alvaro Dias de Sousa.

A infanta de Portugal fallava amigavelmente com a sua aia que lhe prestava a maior attenção.

—É como vos digo, D. Maria. Desagrada-me summamente as constantes visitas, que a esta camara faz El-Rei meu irmão. Que dirão no paço e nos saráus as linguas maldizentes, que nada deixam passar á sua mordacidade? Tenho a maior confiança em vós e nas vossas virtudes. Aprecio-vos devidamente; mas considerae bem que, se para mim a vossa honestidade é um dogma, para as mais pessoas apenas será uma simples garantia. Ninguem dirá que El-Rei vem visitar-me, mas sim passar tempo amoroso, com a minha aia e amiga D. Maria Telles.

As palavras da infanta, com quanto affectuosas, eram repassadas de alguma asperesa, o que muito magoou a nobre dama, que empallideceu, não obstante a sua consciencia estar pura como a innocencia.

—Sê justa, nobre princeza. Mereço-vos por ventura uma tal accusação, ainda que indirecta? Como poderei obstar a que El-Rei, frequente mais de uma vez ao dia esta camara? Tenho por ventura excedido-me ou faltado ao respeito que vos devo?

Está na vossa mão, senhora, pôr termo ás repetidas visitas de El-Rei, e se assim o fizerdes, crêde que me será indifferente, e até agradavel. No mundo já não ha para mim amor que me satisfaça! As minhas affeições vão até mais longe! Vão aonde todos havemos de chegar! Elevam-se além das ethereas regiões, junto ao throno de Deus! E d'ahi baixando, convergem para o frio marmore, aonde repousam as cinzas do pae de meu filho.

«Formosa princeza, o meu estado de saude e os dissabores porque tenho passado, teem influido tanto na minha saude, que difficilmente desempenho os deveres, que a minha posição exige junto de tão graciosa princeza. Desejo, pois que me concedeis licença, para com meu pequeno filho, gosar o silencio dos campos.

A magoa que D. Maria revellou nas palavras, foi comprehendida pela infanta, que, dotada de uma grande alma reconheceu que offendêra a delicadeza de D. Maria. As almas grandes não recusam uma reparação; e a infanta mostrou-se sollicita no cumprimento de tão sagrado dever.

—Não vos agasteis, nobre dama, que ninguem mais do que eu reconhece as vossas altas virtudes. Todos vos fazem justiça, e olhae que bem difficil é conseguir justiça n'um

mundo, sempre prompto a condemnar, e omisso na absolvição. As vossas virtudes não se discutem, porque só se discute o que é duvidoso; e ficae sabendo, que justos são os motivos, que me levam a desgostar das reiteradas visitas de meu irmão.

Sabei que hontem, ouvi eu dizer n'este corredor, que El-Rei fazia visitas de mais á princeza sua irmã! E que dizeis agora?

«Não duvido das vossas virtudes. Não é isso que me assalta o pensamento; e vós se conheceis os habitos da côrte, muito melhor lhe haveis de comprehender os defeitos. A perfeição não é com certeza a sua principal divisa.

D. Maria mais socegada, com as palavras da princeza, respondeu-lhe com a confiança que a virtude inspira, pela convicção que tem, de si embora não comprehendida aos olhos do mundo.

—Pratiquemos, nobre princeza, com a consciencia dos nossos actos, e deixemos ao mundo a sua justa ou injusta apreciação. A virtude é uma só. Não ha mancha que lhe cáia nem calumnia que a affronte. Para mim é indifferente que o rei venha ou deixe de vir ao vosso quarto. Sou mulher para o respeitar, vassalla para o servir, mas nunca para o amar. Esta é a verdade. Tendes sempre louvado o meu caracter sincero. Pois bem, aqui tendes mais uma prova clara e edificante, de que vos não tendes enganado. Tenho confiança em Deus e em mim; depois d'isto só me resta desprezar as intrigas da côrte, seus ditos sarcasticos e moral duvidosa.

A princeza D. Brites, com quanto mais nova de que D. Maria Telles era dotada, de uma prespicacia admiravel e de uma alma nobre, respondeu-lhe, não como respondem as jovens de desenove annos a uma senhora já viuva, mas sim como se fôra uma dona de bastante idade:

—Tendes demasiada confiança em vós. Desculpae a minha franqueza, filha da experiencia e da meditação! Fugi, D. Maria, que vos queiram calumniar! Fugi de que vos pretendam malquistar, porque o mundo vos condemnará e a victima sereis vós!

Rogae a Deus para que não tentem manchar a vossa reputação; porque só em Deus achareis justiça! Nos homens,

haveis de encontrar a zombaria, e nas damas vossas iguaes apenas o despreso.

Fugi da calumnia e da intriga, venenos, que, se não matam instantaneamente, consomem lentamente.

As palavras da princeza echoaram na alma da pobre senhora, que, sem saber a rasão, sentiu arrepiarem-se-lhe os cabellos e um tremor convulso lhe embargou a voz! Julgou ver a lamina reluzente, de um stylete traspassar-lhe o coração! Pareceu-lhe que as palavras da joven eram uma sentença fatal, ou as dores precursoras de uma morte violenta! Possuida d'estes tristes presentimentos, olhava como desvairada para a infanta, que tambem a fixava admirada, pelas contracções que lhe divisava no rosto.

Dominadas pela influencia magnetica de um futuro temido e ignorado, foram despertadas por um creado particular da princeza, que annunciou a D. Maria, que D. Leonor Telles de Menezes, sua nobre irmã, acabava de chegar de Pombeiro, e que pelas muitas saudades que tinha, desejava abraçal-a.

D. Maria, ao ouvir as palavras do creado, sentiu bater o coração com violencia. Não era de alegria, pois tanto não era o amor fraternal, que a sua irmã consagrava. Era a consequencia de um sentimento ignoto, que não podia explicar, nem mesmo justificar a origem. Interrogou a princeza com um olhar, que, revelando surpresa e receio, implorava-lhe para permittir o seu ingresso.

D. Brites, não menos admirada, sentio as torturas, das dores moraes, que se conhecem antes de se experimentarem. Um gesto de imperioso assentimento, foi a sua unica resposta, em quanto que o creado desapparecia, deixando cair o reposteiro.

Duas portas lateraes davam entrada para o quarto da princeza. Uma deitava para um extenso corredor, em cujo topo se achava uma grande sala, a outra para os aposentos do rei, que tinha em seu poder a chave, para sem ser incommodado, visitar sua irmã, que estremosamente amava, se acaso D. Fernando alguem amou, além de D. Leonor Telles, que tanto se envileceu com seus amores e intrigas.

Estavam as duas damas absortas, sem talvez mesmo saberem a causa, quando o ranger dos fatos de seda de D. Leo-

nor as fez voltar a si, a fim de a receberem, como era dever, em attenção á sua nobre gerarchia.

D. Leonor Telles era Formosa, e mais nova de que sua irmã. A sua belleza era diametralmente opposta, visto D. Maria ser mais bella que interessante.

D. Leonor Telles era dotada de uma formosura que prendia, seduzia e cativava. Seus longos cabellos castanhos eram formosos, e em anneis desciam até aos hombros. Os olhos eram azuis, bellos, languidos e com toda a expressão de amor, quando por ventura amor fosse a força motriz dos seus pensamentos! Uma fronte larga, alva e delicada, completava a belleza seductora de uma mulher que, tendo a formosura de um anjo, tinha a alma de um demonio.

Camtudo, através d'aquellas feições bellas e regulares, transpareciam os signaes caracteristicos de uma alma prevertida e ambiciosa.

D. Leonor era incapaz de comprehender um sentimento nobre, toda a vez que tratasse de satisfazer ás suas ambições, umas vezes audazes, outras ignobeis.

O olhar d'esta mulher era altivo e penetrante; mas tornava-se meigo e insinuante, quando os seus interesses lh'o exigiam. A sua conversação era espirituosa e animada e difundia tanta graça, que quem a ouvisse deixava-se arrebatar. Era finalmente uma mulher perigosa que nunca deveria ter nascido.

D. Leonor reconheceu logo ao entrar no quarto, que tinha creado embaraços a sua irmã e surpresa á princeza; fez que nada comprehendia e avançou ousadamente, até junto de D. Brites, que recuou insensivelmente, quando se lhe ajoelhou aos pés para a comprimentar.

D. Brites cobrou animo, censurando-se interiormente por nutrir receios de uma tão amavel e formosa dama. Estendeu-lhe graciosamente a mão; e levantando-se ergueu-a nos braços.

—Sê bem vinda, nobre dama! Bastante me apraz ver-vos n'este palacio; e desde já vos previno que me será summamente agradavel, que a vossa presença, na côrte, não seja de pouca duração.

D. Leonor mostrou-se reconhecida, e respondendo-lhe com a maior graça e simplicidade:

—Os convites dos principes são honras que se não po-

dem esquecer. São como os orvalhos do estio, que vivificam as plantas sem alagarem os campos. São a vida dos vassallos, sem prejuizo da dignidade real. Os favores dos principes, nobre infanta, são como os beneficios de Deus, que pertencem a todos, que bem os sabem aproveitar. Lisongeiu-me da distincção com que me honraes, e crêde, senhora, que serei eternamente grata.

D. Brites ficou maravilhada ao presenciar tanta graça e descripção. Reconheceu que D. Leonor era dotada de um espirito superior e capaz de grandes feitos, se para o bem se inclinasse.

Occupava-se d'estas illações, quando ao erguer os olhos, encontrou os de D. Leonor. Reconheceu que era analysada e baixou a vista, dizendo:

—Cumpristes, nobre dama, o vosso dever para comigo; agora ainda vos resta um outro, que a meu vêr é mais sagrado. Podeis abraçar vossa irmã, que vos olha com ternura.

D. Leonor, sempre habil *comediante*, representou perfeitamente o papel de irmã extremosa, beijando e abraçando D. Maria. E as demonstrações de affecto, foram tantas que a deixaram preplexa, não obstante conhecer, que sua irmã era incapaz de amar alguma cousa, além das suas conveniencias. Abraçou-a ternamente, e a pressão que lhe trucidava o interior desappareceu e D. Maria Telles de Menezes tudo esqueceu!

A conversação era animada e nunca D. Leonor se mostrára tão discreta e espirituosa como n'esta occasião. Versava a conversação, sobre o estado politico do paiz e D. Leonor desenvolveu, vastos conhecimentos, um genio atillado e espirito claro, condições essenciaes para todas as pessoas, que se dedicam á difficil sciencia de Machiavello, que ainda não existia nem a escóla que fundou.

Estavam entregues á conversação as tres damas, quando sentiram ranger a fechadura da porta, por onde era costume o rei entrar para a camara de sua irmã. A infanta estremeceu e olhou sobresaltada para D. Maria, que não demonstrou surpreza, gosto ou dissabor.

A porta abriu-se e D. Fernando appareceu e a infanta levantou-se. D. Maria e sua irmã seguiram-lhe o exemplo; se bem que esta ultima o não conhecesse pessoalmente.

Mas para um genio como o de D. Leonor, não foi preciso que sua irmã a prevenisse. A infanta tinha-se levantado, e a não ser o rei, quem faria erguer respeitosamente a irmã do monarcha portuguez? A conclusão foi logica e como tal verdadeira.

D. Fernando I era ainda joven; teria quando muito vinte e oito annos. Alto, bem feito, era dotado de um rosto tão bello, que muito bem lhe assentava o epitheto de formoso, que todos lhe davam e ninguem ainda lhe contestou.

O rei depois de beijar sua irmã e cumprimentar affectuosamente D. Maria Telles, parou em frente de D. Leonor. Contemplou-a de maneira, que faria corar outra mulher, que não fosse a esposa de D. João Lourenço da Cunha, que supportou a curiosidade do monarcha com tanta audacia, que foi elle quem timidamente baixou a vista.

Os olhos azues e scintillantes de D. Leonor dominaram o timido monarcha! Foram como a influencia da morte, que verga as naturezas mais robustas.

O rei tornára-se escravo! A belleza seductora d'esta mulher, acompanhada de uma grande energia e de um olhar languido por vezes, e n'outras ardente, acabaram de subjugar um coração, que se rendeu captivo para nunca mais ser livre.

D. Leonor começava a triumphar, e o paiz a sentir as primeiras dôres d'essa agonia terrivel, que por assim dizer terminou na memoravel batalha de Aljubarrota.

D. Fernando assentou-se n'uma cadeira de espalda, e fez signal ás damas para tambem se assentarem.

D. Fernando estava como absorvido em longos pensamentos. O encontro com D. Leonor marcava uma nova época na sua vida. Era o principio de uma paixão delirante, que se fôra bem comprehendida e empregada, poderia fazer do filho de D. Constança, se não um bom rei, pela carencia absoluta dos dotes necessarios, um monarcha mediocre. Mas infelizmente foi o contrario. Á mulher que se entregou, faltavam essas grandes virtudes de espirito que distinguem os grandes caracteres.

As paixões nos genios ardentes são a causa de grandes crimes, quando se lhes apresentam difficuldades a supperar; nas almas timidas e fracas succede o contrario, por serem regularmente o alvo de jogos miseraveis e de intrigas in-

cessantes, onde o amor não é attendido nem o coração consultado.

Rarissimas são as vezes que um coração apaixonado, seguido de um genio fraco e irresoluto bem emprega o seu amor. Foi o que succedeu a D. Fernando I em relação a D Leonor, de quem foi a primeira victima.

O rei depois de meditar alguns momentos, dirigiu a palavra a D. Brites, sua irmã.

—Sois rigorosa na escolha, senhora infanta! Sabeis ir buscar a formosura aonde realmente se acha! Que tinheis a vosso lado uma das damas, de mais completa belleza, é cousa que todos sabiam. Mas que em vez de uma fossem duas tão formosas, é o que a ninguem lembrava. Repito, sois severa na escolha e consumada entendedora, e olhae, que o scintillar de tão bellas estrellas podem offuscar o brilhantismo do sol.

D. Fernando era formoso do corpo mas defeituoso da alma! Ali tudo era belleza material. Quanto ao espirito nada havia mais incompleto e acanhado. As suas palavras ditas por uma outra fórma, podiam encerrar algum merecimento, mas pela maneira desengraçada com que as pronunciou, só poderiam merecer uma gargalhada, se o silencio não fosse mais rasoavel.

D. Leonor comprehendeu logo o valor do homem, que infelizmente se assentava no solio de Affonso. Reconheceu-lhe a fraqueza e que ficára impressionado com a sua formosura. As mulheres n'esta especialidade, são dotadas de um tacto mais fino de que os homens, D. Leonor calculou que a arte deveria completar o que a natureza conseguira pelo imperio da formosura.

Forte na arte de illudir, namoradeira ardilosa e de grandes ambições, passou a estudar a maneira de levar a cabo uma conquista, que tão facil se lhe apresentava.

—Senhor, disse ella, permitti que vos diga, que é um gravissimo erro, julgar vossa alteza, que duas pobres estrellas matutinas, podem eclipsar dois soes tão brilhantes, como vós e a princeza vossa irmã! Aos primeiros raios do sol desapparecem os lusentes, companheiros da noite. E se não fogem, escondem-se humilhados! A nós, pequenos satelites, apenas nos é dado gravitar em torno de vossa alteza, que é o sol dos seus reinos e a ventura dos seus vassallos!

D. Fernando ficou pasmado das palavras de D. Leonor, que revellaram espirito e um genio elevado.

—Estou maravilhada de vos ouvir, senhora! Serieis famoso conselheiro, se a natureza não errasse, fazendo-vos mulher: quem sois, nobre dama, pois muito o desejo saber!

A infanta D. Brites, já despeitada, com a direcção que a conversação tomára, respondeu a seu irmão:

—A falta é minha, senhor! Era eu que deveria ter prevenido a pergunta: esta nobre dama é D. Leonor Telles de Menezes, esposa de D. João Lourenço da Cunha.

O rei ergueu-se da cadeira para a cumprimentar, deu dois ou tres passos vacillantes, estendendo-lhe a mão, e balbuciou algumas palavras, que bem denunciavam o estado do seu coração.

D. Leonor ao tocar a mão do monarcha, conheceu que tremia como uma creança, e aproveitando a occasião não a quiz perder por falta de resolução. A carta estava jogada, e recuar era perder tudo.

—Agradeço-vos, senhor, a bondade com que me honraes! Sem ser orgulhosa, sempre farei notar a vossa alteza, que nem só os homens são bons conselheiros! Os primeiros conselhos que elles recebem são de suas mães. São ellas que os educam no verdor dos annos e aplanam o caminho, que mais tarde pelos mestres é aproveitado. E assim completam a obra, que frageis mulheres encetaram em arido terreno! Digo arido terreno, porque a primeira difficuldade que as mães teem a vencer, é introduzirem n'uma cabeça infantil as orações da manhã.

D. Leonor fallava de maneira, que quem a ouvisse julgal-a-ia esposa modelo e mãe carinhosa.

Sua irmã estava pasmada e a infanta quasi arrebatada. Negar-lhe o merecimento, era um erro manifesto; mas o facto, é que ambas nutriam pensamentos analogos, concordando interiormente, que D. Leonor dominaria todos e até o proprio rei. Não se enganaram, como adiante se verá.

D. Fernando, não obstante serdotado de um genio indolente, como todos que não teem vontade propria, respondeu-lhe com mais fogo e energia de que era para esperar.

—Por Sant'Iago, senhora! Sois discreta em demasia! Confesso que invejo a ventura de D. João Lourenço da Cunha!

D. Maria tremeu e D. Brites impallideceu, pelo que ou-

viu a seu irmão. Era bondosa, mas altiva como todos os que nas veias lhes corre o sangue de Pelaio.

D. Leonor não córou; aquellas faces só se roburisavam quando queriam! Uma expressão lhe veiu aos labios, mas um resto de pudor lh'a conteve. Ia para dizer:

—Está na vossa mão, senhor, possuir essa ventura...

Era caminhar muito depressa, não quiz avançar tanto e respondeu hypocritamente:

—Ah! senhor! Sois bondoso em demasia. Olhae que se consultardes meu marido, não vos responderá affirmativamente! Os homens são sempre ingratos, depois de obterem a mulher que amam; e a indifferença, é a regular compensação da nossa ternura conjugal.

D. Leonor ousava fallar em ternura conjugal! Ella, que nunca comprehendeu ternura e sollicitude senão pelo interesse! Abraçada intimamente á vastidão dos seus projectos, ali só existia um aggregado de idéas materiaes.

D. Fernando ia para lhe responder, quando um pagem, ao serviço da infanta, pediu licença para entrar, dizendo-lhe que o embaixador de Castella acabava de entrar, e sollicitava de sua alteza uma prompta audiencia.

D. Fernando, mais senhor de si, despediu-se das damas e saíu pela porta, que deitava para o corredor, e entrou para a sala do docel, afim de receber condignamente o representante de D. Henrique de Trastamarra, soberano de Castella e Leão.

Não temos exemplo de uma paixão que fizesse tão rapidos progressos, como a que D. Leonor inspirou ao inconsequente monarcha, victima dos seus tresvarios.

D. Fernando nunca pensou mais de uma vez na mesma coisa, e se assim não acontecia, é porque não era boa e emquanto sonhava com o seu amor D. Leonor, limitava-se a pensar no titulo de rainha! E desejando assentar-se no throno, comprehendeu que o rei era de todos o melhor degrau.

Erguia-se todavia uma barreira insuperavel, que difficilmente se transpunha. Eram os vinculos que a prendiam a seu marido D. João Lourenço da Cunha.

D. Leonor procurava todos os dias mais uma occasião de prender o monarcha na rêde de seus perigosos incantos, que de dia para dia se lhe augmentava a paixão, a ponto de abandonar os negocios do estado.

A armada que devia ir buscar a infanta aos portos de Castella, achava-se prompta; e se os conselheiros lhe fallavam no artigo do tratado, que o obrigava a casar com a filha de D. Henrique, D. Fernando mostrando-se mais cabeçudo de que nunca, dizia abertamente que já não casava com a princeza.

A infanta D. Brites estava senhora do segredo de seu irmão. Nutria serias aprehensões, mas reconhecendo-lhe a fundo o genio, e receiando os ardis de D. Leonor, guardava silencio e o seu desejo era affastar-se de uma côrte, aonde mais tarde seria senhora absoluta, uma mulher sem pejo, que faltava á fé a seu marido! Peccado este que nem Deus nem os homens lhe podiam perdoar.

D. Maria Telles de Menezes, não era tambem a ultima a temer sua irmã, por lhe conhecer o caracter vingativo.

As cousas estavam n'este pé. D. Fernando cogitava a maneira de ter uma explicação com D. Leonor, que fazendo valer o imperio dos seus incantos, umas vezes se lhe mostrava terna e meiga, n'outras fria, como qualquer mulher honesta, que deseja fugir ás tentações de um amor criminoso!

Os murmurios da côrte augmentavam todos os dias contra o rei, que cada vez mais cego, nada comprehendia ou não queria comprehender.

—D. Leonor é casada, dizia elle, mas eu não posso viver sem ella. Nunca vi mulher tão formosa e interessante! Só possuindo-a terei ventura.

No fim de muito vacillar, recorreu a dois expedientes, antes de lhe fazer a menor declaração, receiando uma recusa formal. D. Fernando não era devasso nem orgulhoso; tinha nascido no regaço da realeza, e como tal queria possuil-a sem ter de partilhar com ella o throno. Não a conhecia! aliás teria comprehendido que D. Leonor, se d'elle alguma coisa ambicionava era o throno. E a não ser isto, só se dignaria attendel-o para o desprezar, pela sua incapacidade. No fim de muito tempo pensar, recorreu ao seu confessor, por ser pessoa competente em negocios de consciencia, pois nada mais havia que tanto o preoccupasse, como o amor que consagrava a D. Leonor.

O confessor de D. Fernando era um frade da ordem dos Carmelitas; gosava de grande reputação na côrte, mais pelo imperio que tinha sobre o monarcha, de que pelas suas vir-

tudes. Fr. Pedro do Nascimento era hypocrita refinado, intrigante audaz, ambicioso, insaciavel e comilão devorista! Eis as virtudes que distinguiam este SANTO varão.

Se distribuia algumas esmollas por conta do rei, ficava com mais de metade; e as poucas que dava eram sempre applicadas áquelles, cujas filhas eram formosas e accessiveis á prostituição. O contrario d'isto era não apanhar nada, embora estivesse a morrer de fome.

Fr. Pedro era baixo, gordo e de physionomia agradavel, não obstante a hediondez da sua indole. Está pois justificado, mais uma vez, que nem sempre a cara é o espelho da alma.

D. Beatriz de Vasconcellos, era uma nobre dona que teria cincoenta e tantos annos, perto de sessenta. Dotada de um grande fanatismo, olhava para um frade, como se fôra um Deus, embora tratante refinado! Dizia serem impecaveis, e nada acreditava do que lhes dissessem contra elles.

Dotada de illimitada boa fé, seria capaz de praticar o maior de todos os crimes, quando um frade lhe dissesse ser em honra de Deus. Tendo sido aia de D. Fernando, amava-o extremamente e faria toda a casta de sacrificio para lhe agradar.

Sua neta era uma menina de doze annos, anjo de bondade e de formosura. D. Luiza de Gusmão era amada por todos, mas por sua avó era idolatrada; e não havia amor mais bem empregado nem melhor correspondido.

D. Fernando, depois de muito vacillar, resolveu mandar chamar o seu confessor; e quando ia fazel-o, eis que elle se apresenta, entrando sem se fazer annunciar. Não podia chegar mais a proposito.

O rei, assim que o viu, dirigiu-lhe a palavra com certa emoção.

— Agora mais de que nunca suspirava por vós. Desejava consultar-vos e para o fazer estava para vos mandar chamar.

—Estou sempre ás vossas disposições, senhor! Todavia não me consulteis senão em negocios espirituaes. Dos temporaes nada quero saber.

O frade, ao dizer isto, cravou hypocritamente os olhos no chão, e mettendo as mãos nas mangas, cruzou-as sobre o peito; e quem o visse e não soubesse todo o seu valor moral, julgal-o-hia um santo varão, despido dos interesses mundanos.

D. Fernando era simples de mais para apreciar aquelle genio sagaz e traiçoeiro.

—É sobre negocios de consciencia que vos desejo consultar: dizei-me, virtuoso homem, é grande peccado amar uma mulher casada?

O frade ergueu os olhos e fitou o rei de maneira, que parecia querer penetrar com a vista o pensamento que no amago d'alma lhe existia. D. Fernando olhou para elle, como a criança que teme o seu mentor e n'aquelle rosto liso e bello, mas estupido, nada se podia ler, porque nada realmente exprimia. No entretanto, o frade propoz-se a explorar o terreno.

—Amar uma mulher casada, dizeis vós, senhor! Isso é um grande peccado, que Deus prohibe nos seus santos mandamentos! Senhor, esse peccado é de difficil absolvição! No entretanto...

D. Fernando olhou para elle tremulo, pois era fanatico como todos os tolos, e respondeu-lhe quasi tresvariado:

—Oh! mas isso é horrivel! É monstruoso! Eu não posso viver sem ella! Dizei-me, não haverá um meio de aplacar a colera divina, no caso de transgressão? Dizei-o, por Deus. Resignal-a é morrer de desespero ou viver n'um supplicio infernal.

O frade comprehendeu o resto pelas palavras do rei; viu que o negocio era serio, e calculou, como bom traficante, todos os proventos a auferir e respondeu-lhe:

—Não sei senhor! Ha muitos meios de aplacar a colera divina, e obter a absolvição; e talvez que esse amor não seja tão criminoso, porque finalmente, póde haver qualquer circumstancia attenuante... Explicae-vos, em todo o caso, senhor, o director da vossa consciencia está aqui para vos illucidar.

D. Fernando respirou, e sem maiores preambulos, declarou-lhe que morria de amores por D. Leonor, e que não poderia viver sem ella.

Fr. Pedro já o sabia de ha muito, mas depois de ouvir fingiu ficar meditabundo. D. Fernando viu apenas n'aquelle silencio meditativo uma lucta de consciencia; enganava-se. Fr. Pedro calculava se lhe conviria ou não, que D. Fernando se lançasse nos braços de D. Leonor, a quem receiava pelo seu caracter intrigante.

Depois de pensar alguns momentos, concluiu que seria bom arriscar alguma coisa, para não perder tudo.

—Senhor, lhe disse elle, que pretende fazer vossa alteza d'esse amor?

D. Fernando respondeu com a maior naturalidade, cobrando animo com a pergunta.

—O que pretendo ou hei de fazer não sei, o que sei, é que se ella não quizer condescender, senão partilhando comigo o throno, casarei com ella.

Fr. Pedro não se admirou da resolução, por bem conhecer a moral pouco austera do seu confessado. Reflectiu com tudo que adherindo e prevenindo D. Leonor, das intenções do rei, teria n'ella um poderoso auxiliar nas suas extorções e respondeu-lhe:

—Mas, senhor, D. Leonor é casada á face da egreja, e bem vêdes que... Verdade é que os reis, como legados de Deus na terra, obteem mais facilmente o perdão em vista dos grandes beneficios que ás santas congregações religiosas podem fazer.

O infame blasfemava de Deus e só por estas palavras o sacrilego, depois de morto, era boa presa de Satanaz.

—Com que então, fr. Pedro lhe disse o rei, achaes que o crime não é tão monstruoso? E que direis se vos disser, que D. Leonor é casada com um primo, sem licença do nosso Santo Padre?

Fr. Pedro que só desejava uma tangente para o absolver, respondeu:

—Então, senhor, despresae os escrupulos de consciencia. O casamento d'essa dama é um incesto prohibido pela egreja; annulal-o é uma grande virtude! Annulae-o, senhor e em nome de Deus vos affianço que não pequeis.

No entretanto, para completo socego de vossa alma, fazei uma qualquer doação a um convento, dos religiosos mais necessitados...

D. Fernando ebrio de alegria, prometteu tudo accrescentando:

—Mas quem se encarrega de propôr a D. Leonor as minhas intenções, reservando a resolução em que estou de a tomar por esposa? Lembrava-me de vós; e pelo respeito que inspiraes, seria por assim dizer meio caminho andado.

O frade vacillou ante a proposta e julgou conveniente, não

figurar n'este negocio antes de saber as intenções de D. Leonor para então responder por tudo.

—Nada, não senhor, não é conveniente! D. Leonor travou intima amizade com D. Beatriz de Vasconcellos; e a meu ver é a mais competente para lhe fallar e a convencer, no caso de resistencia.

O rei não ficou satisfeito com a escolha:

—Mas D. Beatriz é uma dona timida, e que uma teia d'aranha lhe prende os pés.

—Deixae D. Beatriz por minha conta, que fará quanto lhe eu disser. Conheço-a e não a julgo capaz de sustentar uma vontade que não seja a minha, ou a de outro qualquer religioso. Tudo fará em nome de Deus. Vou procural-a e a direcção d'este negocio, da vossa consciencia, pertence-me e cumpre-me dirigil-o, para que o insesto não prosiga.

Cumprimentou o rei e saíu; quanto a D. Fernando ficou esfregando as mãos, com uma cara de alvar tão completa, que nunca poderia ser a de um bom rei.

—N'um quarto forrado de pannos de raz e todo alcatifado, estava assentada uma dona de avançada idade, de physionomia agradavel e gesto bondoso. Junto a seus pés via-se uma joven, que quando muito teria doze ou treze annos. A physionomia d'esta criança era a de um anjo, se aos anjos é dado feição corporea. Seus cabellos louros pareciam fios de ouro, que singelamente lhe desciam até ao colo, de uma alvura alabastrina. Os olhos eram pardos escuros, tão bellos que atraíam pela meiga expressão das suas irradiações, irradiações que se o amor ainda as não dirigia, mais tarde lhes daria todo o seu fulgor. As mãos eram delicadas e os pés de uma sylphide.

Fr. Pedro do Nascimento entrou no quarto com prasenteira hypocrisia e contemplou aquelle rosto interessante, não com o gesto paternal, que distingue os corações bondosos, mas sim com a soffreguidão concupiscente de uma alma prevertida.

D. Beatriz de Vasconcellos, ao sentir passos voltou a cara e levantou-se respeitosa, em quanto que a joven seguindo-lhe o exemplo, beijava a mão, que o frade lhe estendeu.

Fr. Pedro não buscou rodeios, por saber que as suas von-

tades eram leis para a simples dama; assentou-se commodamente n'um cochim e disse magistralmente:

—D. Beatriz, afastae por momentos essa creança. Tenho que vos fallar em particular.

D. Beatriz fez um signal significativo, e a joven entrou para um gabinete immediato.

O frade aproximou-se dizendo em tom solemne:

—D. Beatriz, vou confiar á vossa descripção um segredo de El-Rei. Sei que lhe sois dedicada e olhae, que do bom desempenho d'esta missão, depende tambem um triumpho para a egreja.

D. Beatriz curvou-se humilde:

—O meu dever é obdecer a Deus, na pessoa dos seus santos ministros, e ao rei. Dizei, fr. Pedro; creio que não vos haveis de arrepender da confiança que vos inspiro.

O frade não se admirou; esperava igual submissão, e proseguiu:

—O rei ama apaixonadamente uma dama da côrte, de vossa intima confiança. Exige que lhe façaes as suas propostas, aplanando as difficuldades que por ventura se suscitem... D. Leonor Telles de Menezes é uma dama de raras qualidades e de subida intelligencia, digna em tudo do amor de um grande monarcha!

D. Beatriz deu um pulo na cadeira como se fosse mordida por uma vibora.

—Que dizeis, fr. Pedro! Estranho realmente a vossa proposta, tão censuravel em vós, como condemnavel no rei. Ignoraes por ventura que D. Leonor Telles é uma senhora casada, e como tal sagrada aos olhos de Deus e do mundo? Pois o rei lembra-se de mim para negocios d'este genero?

Fr. Pedro deixou passar a tempestade e como lhe conhecia a fundo o genio; deixou-a soccegar para então lhe responder:

—Sois injusta, D. Beatriz! O que julgaes crime é uma virtude! D. Leonor é casada com um primo sem licença do nosso Santissimo Padre, é por tanto incestuoso o seu matrimonio; e contribuir para a sua annulação, é mais um grande serviço prestado ás leis da nossa santa Madre Egreja!

D. Beatriz, incapaz de sustentar uma opinião em frente de um frade, respondeu quasi convencida de que desempenhava uma grande acção:

—Com que então julgaes que praticarei uma virtude e um serviço á religião?

—Porque não? E a não ser assim propor-vos-hia um similhante negocio?

D. Beatriz, já inteiramente d'accordo, prommetteu fazer quanto lhe exigiam, visto ser em serviço de Deus. O frade despediu-se, e duas horas depois, D. Beatriz contava tudo a D. Leonor, que recebeu a noticia com indiscriptivel satisfação, com quanto affectasse grande hesitação e escrupulos de consciencia; fr. Pedro foi de tudo informado e o rei ficou satisfeito.

Os amores de D. Fernando já não eram segredo na côrte. Todos o sabiam e condemnavam, não obstante o respeito que inspirava a auctoridade real. A infanta D. Brites e D. Maria, eram as primeiras a criticarem a paixão do rei e o pouco senso de D. Leonor em lhe prestar attenção. Mas a esposa de D. João Lourenço, propondo-se ao complemento das suas ambições, tudo despresava e calcava, embora justo e prudencial. Para ella tinham desapparecido as leis do pudor, especie de phantasma ridiculo para uns e severa realidade para outros. Ali só haviam paixões ferventes, que animavam aquella alma traiçoeira e hypocrita.

Se D. Leonor entrava n'um saráu, e via que as damas a olhavam com despreso, fixava-as com tanta altivez, que as obrigava, a baixar os olhos.

Ainda não houve outra mulher que mais juntasse á formosura os recursos de uma imaginação fertil, e de um caracter audaz.

Comprehendera fr. Pedro, e acreditara tanto nas suas virtudes, como nas palavras de Mafoma. Quanto ao rei, estudara-o e sabia o que d'elle podia fazer.

Concedia-lhe, d'essas pequenas liberdades, que longe de fazerem afrouxar o amor, o tornam mais violento! Promettendo-lhe tudo, concedia-lhe apenas, o que longe de lhe comprometter os interesses, era mais um passo para a sua realisação.

Uma pequena liberdade de hoje, não auctorisava a de ámanhã, que era repellida, se tendia a maior latitude; e assim conseguiu tornal-o louco de desejos, e esse era o grande fim a que ella se propunha.

Quatro dias depois da entrevista de D. Leonor com

D. Beatriz, um creado lhe participou, que fr. Pedro do Nascimento lhe desejava fallar. D. Leonor preparou-se e assestou todas as baterias, de que podia dispôr, para combater e triumphar da unica pessoa que temia na côrte.

Fr. Pedro entrou, e depois de a comprimentar respeitosamente, assentou-se n'uma cadeira, que D. Leonor lhe offereceu.

—Quanto me honraes, senhor, com a vossa visita, que para mim é de subido preço, em attenção aos vossos talentos e raras virtudes...

Fr. Pedro não lhe respondeu; concluiu, que para um caracter, como o de D. Leonor, não havia rodeios! Tinha-a comprehendido, com a convicção, de que não se enganava; e sem mais preambulos, respondeu-lhe, erguendo-se com o gesto de um comico.

—Salve rainha de Portugal! Em nenhuma outra fronte tão bem assenta o diadema real! Em ninguem ficará melhor a purpura e os arminhos...

D. Leonor sabia que fr. Pedro, na qualidade de confessor de D. Fernando, devassava-lhe os segredos do coração. Calculou a importancia de tão poderoso alliado e levantou-se, não com o gesto de uma grande rainha, mas sim com a imponencia dos genios impudicos e estendeu-lhe a mão affectuosamente dizendo:

—Aprecio os vossos talentos, e habeis manejos, de que tão bem sabeis fazer uso! Sejam de ora ávante communs os nossos interesses, e auxiliemo-nos mutuamente.

Fr. Pedro esperou sempre encontrar uma mulher audaz; mas tanto, é que nunca pensou e recebeu uma severa lição... O pacto estava formado! Ao rei, e ao paiz, lavrara-se a sentença de uma longa agonia, porque de futuro foram governados por uma mulher ambiciosa, e por um frade dissoluto.

Fr. Pedro, ao ouvir as palavras de D. Leonor, contou-lhe a paixão do rei, informando-a da reserva que deveria guardar, como meio infallivel para chegar ao throno.

Uma entrevista foi combinada, estando elle proximo, para o conter nos arrebatamentos amorosos.

O rei parecia uma creança a quem concedem um brinquedo de ha muito desejado. Os dias pareciam-lhe annos e para elle não havia maior ventura, de que essa entrevista de ha tanto pedida e sempre recusada.

Chegou finalmente o momento desejado! D. Leonor reforçára-se com todos os infeites possiveis para mais abrilhantar os seus incantos e seducção. D. Leonor não desejava agradar ao homem, o que pretendia era captivar o rei.

Ás oito horas da noite, entrava D. Fernando nos aposentos de D. Leonor, que o recebeu com tanta graça e delicadeza, que mais ainda arrebatou aquelle coração fraco, e sempre inclinado ao peior.

D. Fernando tremia como um adolescente; e se cobrou animo, foi por se julgar inteiramente só com D. Leonor.

—Senhora, até que levantastes o anathema, que de ha tanto me fulminava! Não ignoraes formosa dama, quanto vos amo e para ter a ventura de vos possuir tudo sacrificaria, menos a honra!

D. Fernando fallando por esta maneira, olvidava, que ligando-se com similhante mulher, a honra era a primeira cousa que abdicava.

D. Leonor respondeu com a inflecção de voz, que lhe era era natural, quando pretendia agradar. Era a voz de um anjo, mas mais terrivel que o estridolo da tempestade.

—Senhor, para que alimentar uma paixão louca! Entre nós medeia um abysmo, que a distancia e os laços, que me prendem, tornam insupperavel.

—Má foi a hora em que vos vi senhor! e peço que me esqueceis, para não ser forçada a faltar ás leis do pudor! Esquecei-me, senhor, eu vol-o rogo pelo amor do céo.

D. Leonor, ao dizer estas palavras, olhou para o monarcha com a languidez poetica que seduz e não dá ventura... Parecia arrebatada pelo amor!

O rei perdeu de todo a cabeça e cahiu-lhe aos pés beijando-lhe as mãos, que habilmente lhe abandonava! Ebrio de amor, desvairado por aquelle olhar voluptuoso, julgou-se elevado a essas altas regiões, que o genio do amor a todos promette e não concede a ninguem! Esqueceu-se de que era rei, para se mostrar amante devotado!

—Olvidar-vos D. Leonor! Isso nunca! Mais depressa o mar deixará de ter agua, e a terra de produzir frutos! Como poderei esquecer esses olhos tão bellos? O amor para vós, senhora, é pouco, mereceis a minha adoração.

Beijava-lhe freneticamente as mãos, emquanto que com

um dos braços tentava cingil-a pela cintura, ao que D. Leonor se escapava habilmente.

—Deixae-me, senhor! Recordae que sou esposa, e que devo fé a meu marido.

D. Fernando ergueu-se, dizendo:

—Se esse é o unico obstaculo, eu vos affianço que d'elle sereis salva. D. João Lourenço da Cunha é vosso parente, e vós sois casados sem licença do Santo Padre. O vosso casamento será annullado, e sereis minha! minha para sempre! Oh! consenti, senhora, que de joelhos vol-o peça.

D. Fernando tornou a ajoelhar, e D. Leonor satisfeita por vêr duas vezes o monarcha aos seus pés, respondeu-lhe, affectando a maior ternura.

—D'essa maneira, sim meu senhor, serei primeiro livre, e depois inteiramente vossa, mas só no thalamo nupcial...

E pegando-lhe das mãos, juntou as faces ás do monarcha, que aproveitando o ensejo, lhe assentou um beijo tão, ardente, que escaldaria a fronte de uma outra mulher, embora não o amasse. Mas o fim de D. Leonor era prendel-o, sem nada lhe conceder.

D. Fernando, possuido por um sentimento vertiginoso, agarrou-a pela cintura, e estreitou-a de encontro ao peito, dizendo-lhe loucamente:

—Sim, serás minha, e até junto do throno!

D. Leonor tinha ganho tudo. O jogo era facil, e como alli tudo era calculo, julgou occasião de dar o signal convencionado, para que fr. Pedro apparecesse, e bradou um pouco mais alto, para ser ouvida:

—Deixae-me, senhor! Não mancheis a vossa gloria, attentando contra uma pobre mulher.

O frade que estava n'um gabinete proximo, deu volta pelo corredor, e batteu á porta. D. Fernando escondeu-se atraz de um reposteiro, em quanto D. Leonor, dando volta á chave, abrio a porta. Fr. Pedro entrou, como se de nada soubesse, e só depois de se assentar é que disse:

—Andam á procura do rei, e não o acham em parte alguma.

D. Leonor fingiu-se assustada, deu um grito e caiu. D. Fernando, tomando a cousa ao sério, julgou-a victima de uma syncope e saiu do esconderijo; fr. Pedro mostrou-se

admirado e fez-lhe vêr que se devia retirar, para que a honra d'aquella dama não perigasse. D. Fernando retirou-se, recommendando-lhe o maior cuidade em D. Leonor, que se levantou restabelecida logo que o viu pelas costas...

A syncope fôra uma simples farça, que se não era a introducção era o prologo de maiores infamias.

Depois de uma leve discussão, concordaram que seria bom comprometter n'este negocio D. Maria, devendo ser o rei quem a deveria de tudo informar, e encarregar das suas propostas.

D. Fernando fazia quanto lhe mandavam; teve uma entrevista com D. Maria, e propoz-lhe fallar a sua irmã. D. Maria, alheia a estas intrigas, admirou-se e combatteu as suas pretenções, allegando que sua irmã era casada, e que nunca consentiria n'um disquite, que a deshonrava; mas o rei respondeu-lhe que lhe fizesse sciente de tudo, e depois lhe désse a resposta.

D. Maria cumpriu fiélmente, e viu com admiração que sua irmã acceitava satisfeita.

A infanta D. Brites não podia concordar com tanta immoralidade; e D. Fernando, não obstante os brados da côrte, que toda se pronunciava contra similhante consorcio, teimava cabeçudamente, despresando as suas conveniencias e os interesses do povo.

Do paço passaram os brados aos palacios dos nobres, e d'estes para as praças; e por toda a parte não se fallava n'outra cousa. A burguezia gritou e vociferou, e a municipalidade de Lisboa fez quanto estava ao seu alcance, para salvar o monarcha da vergonha, porque. D. Leonor era uma adultera.

O povo sublevou-se finalmente e Fernão Vasques, alfayate, á frente de mais de tres mil cidadãos, apresentou-se no paço, e fallou com o desembaraço, que distingue os homens livres.

D. Fernando foi traidor ao seu povo. Prometteu dar resposta no dia seguinte, mas quando o procuraram, já tinha fugido com D. Leonor para Santarém.

O povo de Lisboa bramio de raiva, e a colera dos povos é sempre terrivel, especialmente quando se funda em principios justos. Infelizmente, as cabeças de Fernão Vasques e de mais alguns, que se tornaram mais celebres, rol-

laram sob o cotello do algoz. Foram as festas do noivado da rainha adultera. Eram as primeiras victimas immoladas ante o fasto da realeza de D. Leonor. Era o primeiro passo que D. Fernando dava na escala do crime, arrastado pelo amor de uma mulher sem crenças, nem fé.

D. Fernando manchou-se horrivelmente, e a vergonha do seu reinado é devido ás intrigas de sua esposa, como se verá no seguimento d'esta historia.

II

O sarau

O casamento de D. Fernando com D. Leonor concluíra-se havia perto de um anno; e não obstante a grande opposição da côrte, todos lhe beijaram a mão, á excepção do infante D. Diniz, filho de D. Ignez de Castro. D. Leonor, pondo em pratica os seus grandes recursos, fez o possivel para conciliar a sympathia do povo, e a consideração da nobreza que a despresava.

Assim que partilhou o solio de Affonso, tornou-se liberal e compassiva, e por consequencia foi em breve absolvida por muita gente boa, do crime de adulterio, que ainda hoje peza sobre sua memoria.

A politica de D. Fernando era digna de uma cabeça organisada para ser dirigida, e não para dirigir. Aquella cabeça ouca e dura, nunca deveria governar um paiz. Tentando enganar todos os monarchas, era elle sempre o enganado; e Portugal opprimido pelas guerras devastadoras, soffria as tristes consequencias de uma politica atroz, inepta e versatil.

A sua politica limitava-se a fazer e a desfazer casamentos; e depois de se lhe esgotar a materia caía no ridiculo e o reino na anarchia.

D. Fernando tinha-se obrigado por meio de um tratado a casar com a filha do rei de Aragão; mas sem uma causa justificada deixou de cumprir este artigo, contratando novo casamento com a filha de D. Henrique de Castella; ora como estava escripto no livro dos destinos, que nunca faria uma cousa com acerto, tambem não levou a effeito este consorcio, pois, como é sabido, casou com D. Leonor Telles.

A respeito de sua filha, a infanta D. Brites, foi a mesma cousa. Quatro vezes foi esta princeza casada, sendo ainda muito creança; e até se desempenhou a farça de a casarem aos seis annos, com um menino de sete, deitando-os publicamente no mesmo leito, para se dizer talvez que o matrimonio fôra consummado! Mas no fim de tudo isto, que mais tem de ridiculo que de serio, foi casar aos doze annos com D. João I rei de Castella.

A côrte achava-se fraccionada pois os fidalgos e mais senhores, estavam divididos em facções: uns approvavam como cortezãos todos os tresvarios e inepcias de D. Fernando, outros, mais soldados e menos aulicos, sacudiam a cabeça tristemente, e diziam:

—Isto vae mal! Quem viu este reino governado pelo grande Affonso e seu glorioso filho D. Pedro, e o vê nas mãos d'este pateta, sem juizo nem experiencia, reconhece, em tudo isto a falta d'uma cabeça.

As intrigas e tropelias de D. Leonor e fr. Pedro, transpareciam atravez das suas largas prevenções, porque o vêo que lhes lançavam era transparente de mais para as encobrir. Fr. Pedro protegia descaradamente os seus amigos e parentes. Tudo vendia em nome do principe, quanto a D. Leonor, ia egualmente contemplando os seus parentes e alliados com os logares importantes e as doações mais rendosas.

A nobreza principiava a murmurar, especialmente por saber que D. Fernando, sem uma causa justificada mandára represar todas as embarcações castelhanas surtas no Tejo, promovendo uma guerra com o reino visinho.

Todos estes disparates desgostavam e aborreciam, mas que fazer? Por quem se havia de substituir o monarcha, como se fizera a D. Sancho II? Para todos os lados que olhassem, viam principes de muitas esperanças, mas muito creanças para se porem á frente de uma revolta. Mais tarde é que o povo encontrou quanto desejava na pessoa do immortal mestre de Aviz.

Todos fallavam abertamente na proxima campanha quando os embaixadores de Aragão vieram assignar em nome do seu monarcha, uma liga offensiva e defensiva contra o rei de Castella, que se mostrou surpreso com similhante noticia e mandou alguns fidalgos a Lisboa, que representaram

ao rei de Portugal, quanto era injusto e contrario ao direito das gentes o seu procedimento.

D. Fernando, ufanoso pelo muito que de si deprehendia, não attendeu tão justas representações! E o monarcha castelhano, para não fazer do seu paiz o theatro de uma guerra defensiva, tomou a offensiva e passou a raia portugueza, á frente de um poderoso exercito. Eis o estado de Portugal, no anno da graça de 1373.

Affastemo-nos um pouco dos acontecimentos politicos, e transportemo-nos a um pequeno eremiterio, para tomarmos conhecimento com dois personagens, que ainda os nossos leitores não conhecem.

N'uma especie de cella quadrilonga, que tem por unico adorno uma mesa de pinho, dois bancos de madeira e uma cama de palha, acha-se um velho religioso, cujo rosto inspira confiança, pela franqueza que revela. Tem perto de sessenta annos. A sua estatura é alta e desembaraçada. Tem o rosto comprido e as feições regulares; as barbas, quasi todas brancas, descem até á cintura. Conversa familiarmente com um joven, que, quando muito, terá dezeseis annos. É alto, bem feito e a sua fronte é tão ingenua e mimosa, que quem o visse, á primeira vista, tomal-o-hia por uma esvelta rapariga vestida de rapaz.

Se os leitores desejam saber, quem são estes dois personagens, vamos satisfazer-lhes a curiosidade. O religioso é fr. João da Barroca, um dos mais santos eremitas do seu tempo. Fr. João fazia parte d'essas almas virtuosas que consideram todos bons, por serem incapazes de faltar a Deus e aos homens. Não era hypocrita, nem fanatico! N'elle tudo era virtude e devoção.

O pouco que lhe restara da herança paterna fôra patrimonio dos pobres, mas nunca revelou o que déra, nem todo o bem que fazia. Nunca fallou mal de ninguem, e quando lhe perguntavam pela sua mocidade, calava-se e uma lagrima lhe deslisava pelas faces e se instavam, respondia triste, mas socegado.

— Fui um moço peccador; hoje faço penitencia para que Deus me perdôe.

Todos lhe ouviam dizer isto e todos respeitavam o seu segredo. Poucas vezes vinha á côrte, mas D. Fernando honrava-o muito pelas suas virtudes. Era intimo amigo de D.

Lourenço, arcebispo de Braga, com quanto poucas vezes se avistassem.

O mancebo que descrevemos, estava assentado em frente d'elle, e prestava-lhe a maior attenção.

—É como te digo, mancebo. Não posso adiantar mais. Sei que és nobre e digno de seres armado cavalleiro, quando as tuas acções não desmentirem, os fóros que te pertencem. A todo o tempo saberás o nome de teu pae e de tua mãe; por em quanto não posso satisfazer aos teus justos desejos.

—Meu querido protector, eu julguei-me sempre vosso filho; nunca vol-o perguntei, e fiquei admirado, quando o padre provincial me disse o contrario. Corri a procurar-vos, e perguntei-vos: Quem é meu pae? Dizeis-me o seu nome? e desde este dia, até hoje, tenho por assim dizer, repetido diariamente esta pergunta.

—Homem, não sejas teimoso, lhe diz o eremita com gesto bondoso, a seu tempo saberás tudo. Eu desejava que ficasses no proximo convento, para me consolares na velhice; mas não quero violentar a tua vocação para as armas e melhor serviço farás a Deus, como bom cavalleiro, de que como máo religioso. Deus me defenda de te vêr manchado de vicios, como tantos que para ahi se encontram.

Ainda me resta prevenir-te de uma cousa: a côrte está dividida em dois bandos e serve sempre bem o rei, sem atropelares a verdade e a honra por sua causa. Acima d'elle está o juiz supremo que a todos hade julgar.

O rei caminha mal e a rainha peior. Segue os conselhos do senhor arcebispo de Braga, e só d'elle e de mais ninguem, os acceitarás. Tens uma mesada sufficiente e nada te faltará. Sabes jogar as armas e montar a cavallo, cousas essenciaes, para bem se encetar a carreira das armas, n'estes tempos calamitosos.

O partido dos velhos fidalgos, companheiros da gloria de D. Affonso, avô do nosso gracioso monarcha, anda descontente do rei e da rainha. Affasta-te sempre das parcialidades, fazendo por bem servir o rei e a patria. Ainda te previno de uma outra cousa: na côrte encontrarás um mancebo de grandes esperanças, é um genio! Trata de obter a sua estima, e de a conciliares com o serviço do rei. Mas em caso nenhum te constituas seu inimigo. Recorda bem o que te

digo: o mancebo de que fallo, é o joven mestre d'Aviz, filho natural do nosso defunto Rei D. Pedro.

Fr. João, ao pronunciar as ultimas palavras, ficou como suffocado, mas reassumindo toda a sua coragem, cobrou o seu inalteravel sangue frio.

Vae meu filho, proseguiu elle, recebe a minha benção e põe-te a caminho, porque as unhas do Leão de Castella, rasgam o seio da mãe patria, que clama pelo brio dos seus filhos!

Gil Vasques, que assim se chamava o mancebo, saíu e momentos depois apresentou-se armado de todas as armas e prompto para montar a cavallo e abraçou ternamente o velho eremita, vertendo bastantes lagrimas. Um quarto de hora depois, seguia pela estrada em direcção a Santarem.

Caminhava absorvido em profundo meditar, quando ao chegar perto de Rio Maior, avistou uma grande cavalgada, que caminhando na direcção de Leiria, se affastava sempre da estrada real. Movido pela curiosidade desejou saber quem eram os cavalleiros; e como não trazia itenerario, podia dilatar a jornada como melhor entendesse. Metteu esporas ao cavallo, e eil-o tomando a mesma direcção.

A cavalgada era brilhante. Atravez dos turbilhões de poeira, levantados pelos corseis, transparecia o lampejar, dos cascos de ferro, e o fluctuar das plumas agitadas pelo vento. A cavalgada caminhava a passo largo, e para alcançal-a foi-lhe preciso metter a galope e no fim de dois ou tres quartos de hora é que o conseguiu, e foi então que percebeu serem inimigos.

Quiz voltar para traz, mas como fugir é sempre covardia, não quiz e proseguiu. Ia já bastante proximo, quando um dos cavalleiros, que o vira a pouca distancia, lhe bradou no mais puro castelhano:

—Quem sois? Para onde ides?

O mancebo respondeu ousado:

—Sou Gil Vasques e vou apresentar-me ao rei, para combater os castelhanos.

O cavalleiro disse-lhe em tom chocarreiro:

—Sois muito curioso, mas fostes infeliz. Dae-me a vossa espada, e considerae-vos prisioneiro.

Os cavalleiros tinham parado, prestando a maior attenção a este genero de pendencia.

—Entregar-vos a minha espada, isso não póde ser! Foi-me dada pelo meu protector, e como não ha muito tempo que a impunho, ainda me não sinto cançado. É quanto tenho a dizer, depois de vos affiançar que quero seguir o meu destino.

O guerreiro respondeu-lhe, ainda como se fallasse a uma creança.

—Enganas-te mancebo, as leis da guerra não são assaltos de castellos de papellão. Dá-me a tua espada e segue-nos, pois quero apresentar-te ao Rei!

Gil Vasques, impaciente, redarguiu arrebatado:

—Não teria duvida de ir á presença do vosso Rei, se esse fosse o meu destino; mas como não tenho nada com elle nem comvosco não quero ir.

O cavalleiro que era o conde de Gijon, filho bastardo de D. Henrique, disse-lhe com a paciencia de um santo:

—Mas quem é o vosso protector? É certamente um grande capitão, pelo preço em que estimaes essa espada!

—Enganae-vos, senhor, respondeu elle com a maior naturalidade, quem me cingiu a espada que aqui vêdes, foi fr. João da Barroca, santo eremita portuguez.

Estas palavras promoveram uma gargalhada geral, que não humilhou, nem fez alterar o nosso heroe; e o conde de Gijon, depois de rir muito, disse-lhe em tom zombeteiro.

—Deve ser uma excellente folha a vossa espada, visto ser dada por tão habil entendedor.

—E porque não, senhor, respondeu o mancebo tão placidamente, que ficaram todos admirados: um frade portuguez vale tanto como qualquer guerreiro castelhano...

—Callae-vos atrevido, lhe diz um dos cavalleiros, esqueces que fallas ao muito nobre conde de Gijon?

—Eu não sei a quem fallo; o que sei, é que quem quizer esta espada, ha de primeiro ganhal-a.

O conde era homem de grande merecimento. Sympathisou com tanta bravura, e disse, não como se fallasse a uma creança, mas sim a um grande guerreiro.

—Ficae com as vossas armas, e dae-me a vossa mão. Sois mais digno de usar esporas de cavalleiro, de que muitos que de ha muito as calçam. Acompanhae-me até Coimbra, aonde se acha El-Rei meu pae, para a elle vos apresentar.

Mas o meu destino é para Santarem, e não para Coimbra.

—Deixae de ser teimoso! Por S. Thiago! Estes portuguezes são realmente homens valentes, mas tambem não os ha mais cabeçudos.

Estas ultimas palavras, pronunciadas por um inimigo, são o maior elogio da nação portugueza.

O mancebo não quiz ser descortez, e acompanhou a brilhante cavalgada até Coimbra, a onde chegaram no dia seguinte ao pôr do sol,

O exercito castelhano acampava nas margens do poetico Mondego, que gemia opprimido com a multidão dos inimigos, que se regalavam á custa das povoações, não obstante as terminantes ordens do rei, para que fosse respeitada a propriedade alheia.

D. Henrique, não só praticáva assim, por bem meditada politica, como pela decidida predilecção que tinha pelo povo portuguez. E se lhe fazia guerra, era levado pelos tresvarios do monarcha.

Gil Vasques atravessou o acampamento, ao lado do filho de D. Henrique, que lhe perguntou a que familia pertencia.

—Não sei, lhe respondeu elle, fui creado n'um convento onde tenho um protector que sempre considerei meu pae. Ha dias, porem, soube o contrario, e continuei a ignorar o nome d'aquelle a quem devo a existencia.

Conversando por esta fórma, atravessaram o extenso arraial, e Gil Vasques concluiu, que bello e luzido era o exercito castelhano. Caminharam por differentes ruas e viellas até ao paço, onde todos os cavalleiros se apearam. O conde de Gijon, seguido dos mais illustres capitães do exercito, tomou pela vasta escadaria, levando sempre ao seu lado o mancebo, que de tudo se admirava: acostumado á simplicidade do convento, nunca pensou haver no mundo tanta grandeza marcial.

N'um vasto salão lageado, achavam-se bastantes cavalleiros castelhanos, que com o maior interesse analisaram Gil Vasques, que para elles olhou sem receio nem insolencia.

D. Henrique de Castella dava audiencia aos principaes capitães do seu exercito e ao ver entrar o conde de Gijon, perguntou-lhe que novidades lhe trazia.

—Nada, senhor, lhe respondeu elle. Reconheci o campo

e nem um só cavalleiro ou peão encontrei! Portugal, se não dorme parece estar morto! Não ha noticia de que El-Rei D. Fernando se anime a reunir exercito e insisto, que é dever nosso marchar na rota de Lisboa.

—Os vossos conselhos são sempre acisados, ha pouco pensava eu como vós, quando mandei reunir os capitães do nosso exercito. O campo está livre, eia senhores, marchemos sobre Lisboa e castigamos as faltas do rei de Portugal.

O conde de Gijon respondeu-lhe, estimo, senhor, que a minha, seja a vossa opinião. Agora pedia licença para vos apresentar um joven cavalleiro portuguez, que se tivessemos um batalhão de guerreiros como elle, Castella e Leão, podiam dominar todo o mundo.

—Mandae entrar o vosso guerreiro, lhe respondeu o rei.

O conde de Gijon levantou o reposteiro e chamou Gil Vasques, que entrou na sala de vizeira levantada e gesto guerreiro.

D. Henrique affirmou-se n'elle, primeira e segunda vez e voltando-se para seu filho, disse-lhe sorrindo:

—Ha pouco, senhor conde, me dissestes que desejaveis apresentar-me um guerreiro formidavel, mas como vejo um donzel, imberbe, que pela primeira vez veste um arnez, não sei se ha engano nos meus olhos, ou exaggeração da vossa parte.

—Nem uma nem outra cousa, senhor, lhe respondeu o conde, o joven que aqui vêdes é velho nos brios e em seguida contou-lhe, o que com elle tinha passado na estrada de Rio Maior.

D. Henrique de Castella, sabia apreciar o merecimento, e assim que seu filho concluiu, disse para Gil Vasques, que firme se conservava sem dar uma palavra.

—Mancebo, quereis entrar ao meu serviço?

—Acceitaria de bom grado tamanha honra, se não fosse portuguez e vossa alteza castelhano.

O rei gostou da resposta, e redarguiu:

—Porque! Assim despresaes uma honra sollicitada por muitos cavalleiros? Olhae, que Castella é por assim dizer a mãe patria de Portugal.

—Não duvido, senhor, disse Gil Vasques, a historia que responda a vossa alteza; e em questões de antiguidade, não podemos disputar preferencia, por que a verdade acha-se

perdida na escuridão dos seculos. Se o lado mais occidental da peninsula, tem que ceder á parte mais oriental em antiguidade, no mais com certeza em nada lhe cede.

—Sois irudito e de grande saber; gosto das vossas respostas e desejo fazer-vos feliz! Segui o meu exercito e fazei da minha a vossa patria.

—Repito, senhor, não posso acceitar, e a causa já a dei.

—São assim todos os portuguezes! A bravura e a lealdade são a sua principal divisa. Mal empregado povo, governado por tão mau rei. Dizei-me, mancebo, que diriam os portuguezes, se eu lhes désse mais ventura, com um melhor governo? Acceitariam a tutella da sua antiga mãe patria?

—Creio que não; e se vossa alteza se quizer convencer, póde experimentar, pois convencido estou, que nobres e plebeus, cavalleiros e peões, todos lhe responderão negativamente.

—Não preciso experimentar, conheço a fundo os portuguezes, e sei o que elles valem, melhor de que o seu monarcha; e não sei por que hão de ter tanto odio aos castelhanos, quando mais de uma vez os cavalleiros de Castella, de Leão e de Gallizam verteram o seu sangue, na defeza e conquista de muitos castellos da Luzitania.

—Se vos referis, senhor, á matança, que os agarenos, fizeram em Lisboa, aos cavalleiros de D. Raymundo de Galliza, digo-vos, que a divida foi saldada pelos portuguezes, quando capitaneados, pelo grande Affonso, hastearam a bandeira das Quinas sobre as ameias do castello de Lisboa, e quando palmo a palmo conquistaram um terreno, que Leão e Castella lhe quiz chamar seu.

—E porque não, respondeu o rei, com certa aspereza, o condado portucalence foi sempre um feudo pertencente a Leão e Castella.

—Pois então exija vossa alteza para que lh'o paguemos, que nós o faremos em armas e cavallos.

D. Henrique era um grande rei e as respostas de Gil Vasques agradaram-lhe; e tanto assim que lhe respondeu:

—Pois se Portugal está tão rico, que pague as suas dividas á mãe patria e sua ama de leite.

—Vossa alteza chama-lhe mãe e eu nem para madrasta a quero.

—Pois fazem muito mal os portuguezes, porque não teem nação mais sua amiga de que a castelhana, a quem Portugal muito deve.

—Sobre isso, senhor, permitta-me vossa alteza, que lhe conte uma historia:

«No convento de Alcobaça onde fui creado, havia um cachorro que fôra amamentado por uma gata: viviam na mais perfeita harmonia.

«Um dia porém a gata considerando-se mãe do cachorro, castigou-o com aspereza de mais e arranhou-lhe o focinho! Sabe vossa alteza o que succedeu?

«Foi que o cachorro esquecendo o que lhe devia, filou-a pelo cachaço e quasi que a estrangulou.»

D. Henrique conheceu a allusão, sorriu e perguntou:

—Mas a que proposito vem essa historia?

—A que proposito, pergunta vossa alteza? Ora imagine que Castella é a gata e que Portugal é o cachorro! Castella póde considerar-se nossa mãe, é como quizer, na certeza, de que, se nos tratar como madrasta, fazemos-lhe o mesmo que o cachorro fez á gata.

D. Henrique riu muito, e todos os cavalleiros presentes, comquanto não gostassem do termo de comparação.

D. Henrique pegou de um pregaminho e escreveu; tirou do dedo um rico annel e entregou-o a Gil Vasques, dizendo-lhe:

—Gostei immenso da vossa lealdade; tomae este annel, é uma recordação que vos offereço. Ide para o vosso rei e entregae-lhe esta carta, que n'ella bastante vos recommendo.

Gil Vasques beijou-lhe a mão agradecido e retirou-se. Um quarto de hora depois seguia a grande trote na estrada de Santarem, aonde chegou dois dias depois.

Ao chegar ao pateo do palacio real de Santarem, notou o grande bolicio que havia na côrte, e ficou maravilhado de ouvir só fallar em galas e divertimentos, e nem uma palavra sobre aprestos militares!

Apeou-se coberto de poeira, e entregou aos cuidados de um palaferneiro o seu bello corsel, de côr foveira.

Tomou pelas largas escadas e perguntou a um pagem, se o reverendo fr. Pedro, confessor de sua alteza estava no paço.

O pagem apontou-lhe para uma escada e disse-lhe:

—Subi essa escada, no fim do corredor está uma porta, e batei, que ahi se ha de achar o confessor de sua alteza.

Gil Vasques agradeceu-lhe e seguiu pela escada com a rapidez, que a pesada armadura lhe permittia.

Bateu á porta e uma formosa rapariga lh'a abriu.

—Quem procuraes, senhor?

—Desejo fallar a fr. Pedro.

—Podeis entrar.

O mancebo entrou para uma camara e d'esta para outra, aonde se achava fr. Pedro, commodamente assentado em fofos cochins.

Em frente d'elle estava uma dona respeitavel, era D. Beatriz de Vasconcellos; e ao seu lado duas formosas damas: uma era D. Maria Telles de Menezes, a outra D. Luiza de Gusmão,

—Quem sois e que pretendeis de mim, senhor cavalleiro, disse fr. Pedro, medindo-o de alto a baixo.

Gil Vasques não prestou grande attenção a este olhar investigador, porque ficou impressionado ao ver duas tão formosas damas.

Fr. Pedro repetiu a pergunta, e Gil Vasques tirando de uma carteira a carta de fr. João da Barroca, disse-lhe:

—Sou afilhado de fr. João da Barroca, que me deu esta carta para vos entregar, como pessoa de grande privança que sois.

Fr. Pedro recebeu a carta, que o mancebo lhe entregou e passou a lel-a com a maior attenção. Os olhos de Gil Vasques procuravam alguem que devia estar presente; e emquanto o frade lia olhava elle, para D. Maria Telles, ou para D. Luiza de Gusmão, admirando tanta graça e formosura.

A donzella pela sua parte não se mostrava offendida, quanto a D. Maria Telles de Menezes, estava tão abstracta, que não deu pelo mancebo, senão quando o viu sair.

Gil Vasques não podia afastar os olhos de um rosto tão formoso, quanto a D. Luiza de Gusmão, possuida de iguaes sentimentos, pagava-lhe com a usura, com que as mulheres sabem compensar amor, quando verdadeiramente amam.

Aquelles dois corações nascidos para se amarem, tendiam um para o outro, como a virtude para a virtude, o espirito para Deus e os corpos para o centro de gravidade.

Ninguem pode explicar a força de atracção, que por vezes se revella, entre dois entes, em que o primeiro encontro é uma união para sempre! A lei que preside aos destinos humanos, é tão inexplicavel como o segredo das primitivas creações.

Que força impellia D. Luiza de Gusmão, ainda tão joven, para um mancebo, que via pela primeira vez? Para os segredos do coração, só Deus é o unico interprete.

A joven continuava a olhar para Gil Vasques, não com o gesto provocante de uma namoradeira incartada, mas sim com a timidez do pudor. Seus olhos pardos, bellos como as graças da innocencia, encontraram-se com os do mancebo que comquanto azues, não eram menos bellos.

As faces da donzella tingiram-se de purpura, e baixando a vista, obrigou o cavalleiro a fazer outro tanto.

Todos estes movimentos foram mais rapidos de que a nossa discripção; e fr. Pedro teve que dirigir, por mais de uma vez, a palavra a Gil Vasques, para obter resposta.

Gil Vasques, despertou, como de um extasis, ao ouvir a voz aflautada do frade e voltou-se para lhe prestar attenção.

Ninguem dera consideração ao embaraço dos jovens, se bem que aos olhos de lynce de fr. Pedro nada passou desapercebido.

—Mancebo, lhe disse elle, o vosso protector tambem vos recommenda ao senhor arcebispo de Braga.

—É verdade, senhor.

—Pois então ide procural-o e voltae para vos apresentar ao rei.

—N'esta occasião olhava de soslaio para elle, como quem desejava saber mais alguma cousa. Mas a fronte do mancebo conservou-se serena como a brisa da primavera.

—Depois de cumprimentar o frade, e fazer uma profunda venia ás damas, retirou-se e foi procurar o arcebisbo de Braga, que se achava no convento de S. Francisco.

Eram ave marias. O som estridente dos sinos marcava as badaladas, que recordam ao povo christão mais um dever sagrado.

Os burguezes e mais villões ajoelhavam nas praças e ruas resando, e o nosso joven, que era extremamente religioso, não foi dos ultimos a cumprir este santo preceito.

Levantou-se, dirigiu-se ao convento e perguntou ao ir-

mão porteiro se podia fallar ao sr. arcebispo de Braga, ao que o frade respondeu, que sua reverendissima illustrissima estava no seu quarto, e que dissesse quem era, para lhe mandar dizer.

—Dizei-lhe, que sou Gil Vasques, afilhado de fr. João da Barroca. O frade tocou uma campa, e apparecendo um outro religioso deu-lhe o recado.

Dez minutos depois entrava Gil Vasques no quarto do arcebispo e entregava-lhe a carta de fr. João da Barroca. D. Lourenço tinha perto de sessenta annos. A sua phisionomia era a de um santo e a alma de um anjo. Depois de ler com a maior attenção a carta, disse-lhe em tom paternal:

—Sou intimo amigo do vosso protector que conheço desde muito rapaz. É um virtuoso varão que me deve a maior estima. Que idades tendes?

—Dezoito annos.

—O arcebispo tornou a olhar para elle, como quem desejava reconhecer n'aquellas feições, outras, que ainda não tinham desapparecido de todo da sua imaginação.

—Deve ser essa a vossa idade! Não ha duvida! Tambem vos conheci bem pequeno! Tinheis dias de nascido...

Mas receiando ter dito de mais, mudou de assumpto, dizendo-lhe:

—Já vos apresentastes a fr. Pedro?

—Sim senhor.

—Fizestes bem, elle póde muito e eu pouco mais de nada. Em má hora déstes entrada na côrte. Aqui meu filho, não ha senão intrigas; o merecimento é desconhecido e o valor está no patronato. Segui todavia os conselhos que fr. João vos deu, e que devem estar em harmonia com o que vos vou dizer. Servi bem o rei e a patria, nãos vos meteis em parcialidades e fazei por obter a estima do senhor infante D. João, grão mestre de Aviz. É um mancebo de quinze annos, mas com mais juizo de que o proprio rei, que se deixa governar por...

D. Lourenço callou-se, temendo ser ouvido e olhou para todos os lados, como quem desejava convencer-se de que estava só e proseguiu:

—O rei deixa-se dominar por uma mulher, cheia de ambições, que não respeita sagrado nem profano. É uma segunda Maria Padilha.

Gil Vasques estremeceu. O seu protector, não se mostrára amigo de D. Leonor, mas não lhe dissera tanto como agora ouvia.

D. Lourenço proseguiu:

—Fugi quanto poderdes á preniciosa influencia da rainha, que se vos encontrar merecimento, dará todas as traças para vos ligar aos seus interesses.

Mas lembrae-vos de uma cousa: seguir os interesses da rainha é ser inimigo do jovén mestre d'Aviz, que com quanto não recusasse beijar-lhe a mão, como fez o senhor D. Diniz, não ha quem mais a deteste, e desde já vos previno que nunca devereis ser seu inimigo.

Gil Vasques admirou-se de ouvir repetir a D. Lourenço, as palavras do seu protector, em relação ao mestre d'Aviz, mas não podendo comprehender-lhe o alcance, não lhe perguntou nada.

Deixemos por alguns momentos Gil Vasques e o bispo e voltemos ao palacio real.

D. Henrique de Castella estava em Coimbra, e D. Fernando não sabia nada em Santarem!

Ás nove horas da noite devia começar o sarau dado em honra da formosa rainha, que por vezes padecia de ataques de melancholia.

As salas estavam ricamente decoradas e as donzellas cheias de alegria, aguardavam anciosas, para no seio das galas e galhardia, ostentarem a sua belleza.

Por toda a parte, e em todos os cantos, se preparavam enfeites. Ali, n'um formoso toucado, luziam as brilhantes pedrarias, acolá se pregava mais um laço de fita, em formoso corpete de veludo purpurino, e além finalmente os mais bellos cabellos, soffriam mil tratos, para que os penteados fossem completos e a arte completasse o que a natureza recusára.

Tudo era fasto, e loucura folgazã; e quem pretendesse avaliar o estado de Portugal, pelas prodigalidades da côrte, julgaria este reino, o mais feliz, entre os mais felizes do mundo.

Quem diria que um inimigo poderoso, com a espada na mão, impunha a lei a este povo? Ninguem!

Ás oito horas da noite, entrou D. Lourenço nos aposentos reaes, aonde D. Fernando se achava assentado ao lado

da rainha, que ao vel-o entrar ficou admirada e perguntou:

—Que temos senhor arcebispo, que tanto vos preocupa?

—Senhor, disse elle, voltando-se para o rei, desculpe, vossa alteza o meu proceder, mas em attenção á gravidade do facto espero indulgencia.

—Sabei, proseguiu elle, que El-Rei de Castella está em Coimbra, á frente de um poderoso exercito e segue na rota de Lisboa.

D. Fernando ficou fulminado, como se visse a sombra da morte! Quanto a D. Leonor, não fez a menor contracção e apenas perguntou.

—Por onde soube essas novidades, senhor arcebispo.

—Por um mancebo, que hoje me foi apresentado, e que tendo estado no campo castelhano é portador de uma carta, para El-Rei, de D. Henrique de Castella e se daes licença, senhora eu vol-o apresento.

D. Fernando respondeu:

—E quem nos affiança, não ser esse joven um espião de Castella?

—Eu senhor, respondeu o digno prelado, é um mancebo protegido por fr. João da Barroca, é seu afilhado, e se consentis, como está n'esta camara immediata, eu vol-o apresento.

—Pois sim, mandae-o entrar respondeu o rei, olhando para D. Leonor, que lhe fez um signal de assentimento.

D. Lourenço saiu, e ao passar pela ante-camara, viu com pesar, que nos rostos de alguns fidalgos estava estampado o terror.

D. Lourenço, disse comsigo:—Não parecem filhos dos heroes, que nos campos de Val de Vez abateram os balsões de Leão e Castella e em Ourique as hostes agarenas!

O arcebispo, findos alguns momentos, tornou a entrar seguido de Gil Vasques, que recuou ao ver D. Leonor! Nunca vira uma mulher tão formosa.

A rainha contemplou-o com o olhar, que lhe era natural, quando queria saber tudo.

Em menos de um segundo tres foram as maneiras por que o encarou.

Depois de o olhar com curiosidade, fixou-o altiva, e fi-

nalmente, como quem lhe desejava devassar até ao fundo da alma, os seus mais intimos segredos.

Gil Vasques supportou aquelle olhar investigador com mais firmeza de que era para esperar, quanto a D. Fernando apenas disse para a rainha:

—Vêde senhora, que bello mancebo! É vosso parente senhor arcebispo?

O rei tinha o mau gosto de ser o primeiro, em apresentar á rainha, os mais bellos cavalleiros, não sabemos se por leviano; mas fosse qual fosse a causa, o que sabemos é que teve pessimas consequencias, como adiante se verá.

A rainha não lhe respondeu: se não era mais virtuosa, era mais prudente, e perguntou a Gil Vasques:

—Com que então estiveste no campo castelhano? Que viste, e foste lá fazer?

—Gil Vasques contou-lhe o que os leitores sabem, omittindo apenas as expressões pouco lisongeiras, que D. Henrique preferira contra D. Fernando; e pegando na carta que elle lhe dera, apresentou-a ao rei, que a leu com grande interesse.

D. Fernando, que nunca pensou duas vezes na mesma cousa, toda a vez que fosse séria, disse para D. Lourenço, depois de ler a carta:

—Agradeço-vos o serviço que me prestastes. Quanto a vós, mancebo, sois recommendado por El-Rei D. Henrique, de uma maneira para lisongear um cavalleiro distincto, e arrebatar um donzel de tão verdes annos.

—Quero ser cortez com El-Rei de Castella. Se não és de nobre nascimento, tens a nobreza, que os reis dão áquelles com que privam e considerae-vos escudeiro da rainha, muito minha presada esposa, e senhora.

Um raio que caisse aos pés de Gil Vasques não o deixaria mais fulminado. A fortuna sorria-lhe, mas era atroz para elle, que por caso nenhum, desejava pertencer a D. Leonor, segundo as prescripções dos seus protectores.

D. Lourenço não ficou menos desapontado, e quem entrasse nos aposentos reaes, julgaria, que o rei, longe de ter concedido uma graça, sollicitada por muitos e distinctos fidalgos, tinha lavrado uma sentença de morte.

Gil Vasques balbuciou algumas palavras, que D. Fernando considerou filhas do grande alvoroço de que ficara possuido.

—Sê bom cavalleiro no futuro e Deus fará o resto e beijae a mão á vossa rainha, e retirae-vos.

Gil Vasques ajoelhou e beijou as mais bellas mãos, que a natureza póde produzir e saiu em seguida guardando todo o rigor da etiqueta, que na côrte de ha muito não é despensado.

D. Fernando que se prendia com pequenas cousas, não dava importancia aos negocios mais transcendentes, e disse para a rainha, que estava absorta.

—El-Rei de Castella está a vinte leguas, temos por tanto ainda muito tempo para resolver o que devemos fazer, para salvar o reino que Deus nos confiou. O sarau não ficará adiado! Vamos bella rainha! Vamos ainda folgar esta noite e deixemos para ámanhã os negocios do estado.

Levantou-se, deu-lhe a mão e entraram na sala e o sarau principiou.

Em quanto D. Fernando se divertia para divertir D. Leonor, os povos gemiam sob o jugo estrangeiro! O rei folgava e ria e o povo chorava! O rei e a côrte entregavam-se aos loucos prazeres, em quanto os povos defendiam palmo a palmo a monarchia de Affonso e a patria que os vira nascer! O rei e a corte eram pois os principaes tyrannos de um paiz, digno de melhor sorte. Mas isto infelizmente, não tem succedido apenas no reinado de D. Fernando; n'este povo ha épocas, que melhor seria não deixar á posteridade o menor vestigio!...

Vamos ao fio da nossa historia. Assim que o rei e a rainha entraram no grande salão, tudo se pôz em movimento! As damas levantaram-se, os instrumentos tocaram, e as danças principiaram ferneticas e inebriantes.

Entre as danças mais usadas n'aquelle tempo, uma entre todas merecia particular attenção. Sujeita a um compasso, por vezes cadenciado e volumptuoso, n'outras era vertiginoso e inebriante! De rapida como o pensamento, passava como por encanto a um compasso tão vagaroso, que por vezes se tornava monotona; e eram estas pequenas fazes que lhe davam o merecimento, em que as damas e os cavalleiros a tinham.

O sarau proseguia, e as damas que não dançavam, assentadas em altos cochins, ao longo das paredes, conversavam e riam com os cavalleiros, que lhes faziam a côrte.

A musica era bella e harmoniosa. O som vivido das trombetas, sobresaia atravez das sytheras e doçainas, que pela suave melodia neutralisavam a asperesa dos tympanos e charamellas.

Os menestreis desempenhavam magistralmente o seu dever, por saberem, que no salão estavam duas mestras, que lhes podiam dar lições: eram a rainha D. Leonor e a joven D. Luiza de Gusmão, neta de D. Beatriz de Vascoucellos.

O aspecto do sarau era bello e surprehendente. Os grupos das damas e dos cavalleiros que dançavam, pareciam visões fantasticas, como as que se revellam nos sonhos infantis.

Os seus veus brancos fluctuando, tinham a poetica seducção que a mocidade em tudo encontra.

As donzellas com os rostos afogueados, e os olhos amortecidos pela fadiga, apresentavam a languidez, que o amor inebriante sonha, e um sarau na realidade encerra! Os peitos arquejavam fatigados, mas a dança não parava!

Atravez do harmonioso som das flautas algumas vozes se ouviam cantando trovas, que arrebatavam até ás ethereas regiões, aonde a dôr não existe.

A côrte de D. Fernando parecia viver para os prazeres! Ninguem diria que a tres dias de marcha estava um rei guerreiro e experiente, á frente de formidavel exercito; e o limite de tanta negligencia foi a espada na garganta! Portugal comprou a paz, mas desceu tanto, que melhor lhe seria a guerra...

Em differentes grupos se dividiam os cavalleiros que faziam parte da côrte, mas que não compartiam dos seus folguedos, por capricho ou desconsideração para com a rainha, em honra de quem era a festa.

Todas as pessoas prestavam attenção a um grupo de cavalleiros, que pela sua idade e representação na côrte, era para admirar conservarem-se frios e impassiveis, no seio de tantos divertimentos.

Um d'elles teria, quando muito, quinze ou deseseis annos. Era de estatura meã, olhos pequenos, negros e scintillantes. Tinha o rosto comprido e o resto das feições regulares.

Um outro se achava a seu lado, e que com quanto o tra-

tasse com certa intimidade, reconhecia-se, comtudo, que não ia além de certos limites, que o respeito e a consideração prescrevem, para com as pessoas da mais alta gerarchia.

Mais alguns mancebos os rodeavam, conservando-se igualmente em respeitosa conversação.

Quem eram pois estes jovens, que pela sua seriedade, davam severa lição ao rei e aos devaneios da corte? Eram D. João, mestre de Aviz, e D. Nuno Alvares Pereira, que ainda não tinha completado quatorze annos.

—Olhae, senhor, disse D. Nuno Alvares Pereira, para o grão mestre de Aviz, não vêdes como D. Maria Telles irmã da rainha, recebe os requebros do infante vosso irmão? Que dizeis? Parece-me que aquella dona, tendo inveja de sua irmã, aspira ao infantado, já que o throno lhe fica muito longe.

O mestre de Aviz depois de se affirmar, respondeu-lhe:

—Não sou inteiramente da vossa opinião, fui talvez o primeiro a conhecer a paixão do infante, meu irmão, por aquella dama, que me deve o maior conceito, não tanto pela sua muita formusura, mas sim pelos seus dotes de alma e grande honestidade.

—Conheço o caracter de D. João e da rainha, estas ultimas palavras foram ditas quasi em segredo e receio que a malaventurada, ainda venha a ser victima do seu amor, das intrigas de D. Leonor, e do genio desconfiado de meu irmão.

O mestre de Aviz proseguiu:

—Todos nós respeitamos o caracter da senhora infanta minha irmã, e como sabeis D. Maria merece-lhe toda a confiança.

O joven D. Nuno não gostou das palavras do seu amigo, e respondeu:

—Tudo isso é assim, mas ella foi quem propoz a sua irmã o casamento com El-Rei, e cooperou, portanto, para a deshonra de D. João Lourenço da Cunha seu cunhado.

—Tambem é verdade, respondeu o infante, mas ninguem duvida, que D. Maria foi apenas um joguete de sua irmã e de fr. Pedro; e foi quanto succedeu a D. Beatriz de Vasconcellos, não obstante as suas bellas intenções.

D. Nuno ia para responder, quando Lopo Furtado, um

dos jovens que se achavam no grupo, o interrompeu dizendo para o mestre de Aviz.

—Que nos dizeis, senhor, dos castelhanos? ouvi dizer, que D. Henrique de Castella estava em Coimbra á frente de poderoso exercito!

Os olhos do mestre de Aviz faiscaram de raiva.

—Que dizeis? Pois é possivel que uma côrte composta de homens, leve a tanto a sua incuria? Isso não póde ser... E quando seja verdade devemos concordar, que El-Rei não sabe nada, e n'esta hypothese, prevenil-o é o nosso dever. Mas o que me parece é que Lopo Furtado sonhou esta noite com os castelhanos...

Lopo Furtado ia responder ao infante, quando uma voz se ouviu, dizendo:

—Permitti senhor, que vos affirme por verdade, quanto este joven cavalleiro acaba de dizer! É facto, D. Henrique de Castella achar-se em Coimbra; e talvez, que em menos de tres dias esteja em Santarem!...

Todos se voltaram para o estranho, que se mettera n'uma conversação, aonde não fôra introduzido, mas em frente de um rosto venerando todas aquellas cabeças adolescentes se curvaram! Todos ficaram mudos esperando pelo resto.

Quem tinha fallado?

D. Lourenço, indignado por ver que o rei depois de saber uma nova tão importante, tinha ido rir e folgar para o sarau, em quanto que as povoações succumbiam, incendiadas pelo facho destruidor da guerra.

Os mancebos curvaram-se; mas n'aquellas frontes juvenis transparecia o fogo do desespero e o despeito que os minava. Os papeis estavam trocados! Os homens de madura edade riam e os jovens soffriam pelas desgraças da patria!

Junto ao arcebispo achava-se um mancebo de gesto altivo e ousado, os leitores já advinharam quem elle era, mas sempre será bom dizel-o: era Gil Vasques que armado dos bicos do pés até á cabeça, entrára na sala em companhia de D. Lourenço.

O joven não tomou parte na conversação, pois não fôra apresentado; no entretanto olhou para o mancebo, a quem respeitosamente se dirigira o arcebispo e um sentimento interior lhe disse, que era o mestre de Aviz; comtudo, como as

suas vistas procuravam uma outra pessoa, correu com os olhos todas as damas, até encontrar a que desejava.

Gil Vasques afirmou-se n'uma donzella, cuja formusura era como a dos anjos, que a imaginação ardente dos poetas descrevem como se estivessem visinhos do céo.

D. Luiza conversava com o sobrinho de fr. Pedro, senhor absoluto dos favores da côrte.

Aleixo de Figueiredo, era um joven pretencioso, pedante e mal educado.

Julgando-se o mais bello cavalleiro da côrte, considerava-se com direito ao amor de todas as damas; e imaginando finalmente que ninguem o excedia em destreza, no jogo das armas, qualquer pagem era capaz de o desarmar.

Tal era em resumo o digno sobrinho de fr. Pedro, volume importante d'esta historia como adiante se verá.

Aleixo de Figueiredo não era filho de fr. Pedro, e de uma freira do convento de Santa Clara, de Coimbra, como se dizia. Era seu sobrinho, e a elle devia tudo, incluindo a pessima educação que tinha.

O coração de Gil Vasques sentiu-se opprimido ao ver os requebros de Aleixo para com a donzella, que lhe correspondia com a delicadeza propria de uma joven bem educada, mas não sem demonstrar, quanto lhe era importuna uma conversação estulta e pretenciosa.

Gil Vasques seguia-lhes os movimentos, e com quanto fosse criado n'um convento, e ser a primeira vez que pisava os perigosos tapetes da côrte, suppria a sua inesperiencia por uma precepção natural.

Comprehendeu, que a donzella desejava libertar-se do fastedioso cavalleiro, e dirigiu-se ao arcebispo e perguntou-lhe se conhecia as duas damas, que se achavam proximas do estrado real.

D. Lourenço olhou para elle admirado e respondeu:

—Uma é D. Maria Telles de Menezes, a outra D. Luiza de Gusmão. Agora, depois de satisfazer á tua curiosidade, dize-me porque fizeste a pergunta.

—Eu lhe digo: quando me apresentei a fr. Pedro, vi aquellas duas damas na camara aonde me recebeu; e como não me apresentou a ellas, pedia-vos esse obsequio, pois estando ao serviço da rainha, desejo conhecer as damas da sua côrte.

D. Lourenço não lhe respondeu, e avançou a travez da confusão levantada pelos cavalleiros e damas que dançavam.

Gil Vasques seguiu-o de perto, e ao chegar ao meio da sala, viu que Aleixo de Figueiredo déra o braço a D. Luiza, e que quasi a levava de rastos para tomar parte na dança, que proseguia frenetica e estouvada.

Ficou magoado, de ver que lhe escapava a occasião de ser apresentado e esperou.

Os menestreis tocaram com a louca rapidez, exigida pelos preceitos do compaço, e todos os pares acompanharam a musica, dançando aceleradamente.

Gil Vasques encostou-se a uma columnata, e perdeu de vista o arcebispo, que passou á salla immediata; alguem porém fallava proximo, olhou e viu que estava junto dos mancebos, que compunham o sequito do mestre de Aviz.

— Não vedes senhor? Eis a melhor maneira de obstar ao progresso dos castelhanos. Se El-Rei não está louco, hão de indoudecel-o á força de distracções.

O dialogo estava n'este ponto, quando D. Luiza de Gusmão, arrastada pelo importuno par, tropeçou! Aleixo de Figueiredo, em vez de a segurar, largou-lhe os braços, e a joven em perfeito desequelibrio, ia fracturar a cabeça decontro os relevos da columna, se os braços protectores de Gil Vasques lhe não amparacem a quéda.

Assustada segurou-se a elle e o joven sentiu todas as impressões de um primeiro amor! D'esse amor ardente como são todas as paixões, que pela primeira vez se estabelecem nos corações de pouca idade.

A donzella ao sentir o contacto das mãos de Gil Vasques que a apertava meigamente, olhou para elle e uma côr purpurea substituiu a pallidez que nas faces lhe estampára o perigo.

Gil Vasques não poude supportar aquelle olhar! Uma nuvem lhe passou pelos olhos, e uma potencia desconhecida lhe embargou a voz.

D. Luiza não menos impressionada, murmurou algumas palavras de agradecimento, e ia para se retirar, quando Aleixo de Figueiredo lhe apresentou o braço.

Este incidente passou desapercebido pela maior parte das pessoas que se achavam presentes, e tudo quanto acabamos de descrever, foi rapido como se deve calcular.

Gil Vasques sentiu referver-lhe a cholera no peito e o seu primeiro pensamento foi agarrar por um braço o imprudente e affastal-o de uma dama, que pela sua inepcia, estive a ponte de esmagar a cabeça. Mas sentiu que o peito se lhe dilatava, ao ver que ella o encarava agradecida, e deu-se por vingado da insulencia de Aleixo de Figueiredo.

D. Luiza era uma creança de quatorze annos, mas com o talento de uma senhora de maior idade, e acceitou o seu offerecimento.

Aleixo de Figueiredo era insulente como todos os moços mal educados e protegidos da fortuna; e orgulhoso como todos os homens destituidos de merecimento, não tolerava a menor contradicção ás suas vontades.

Julgando-se offendido e humilhado, jurou vingar-se e como não conhecia Gil Vasques, insultou-o para se desforrar, do miseravel papel que representára.

Não reconhecia, que tinha commettido uma grosseria irreparavel, a que nenhum cavalleiro desce, a não ser involuntariamente.

Acompanhou D. Luiza até ao estrado real, e dirigiu-se a Gil Vasques, que ainda se conservava no mesmo logar. O mancebo amava e achava-se sob a influencia de uma paixão ardente, que se não lhe desse a vida com a ventura, a morte era mais preferivel.

O amor é eguista! Não admitte partilha e quanto maior mais ambicioso! É como todas as cousas do mundo, que quanto maiores mais pequenas.

Desvairado por montões de idéas amorosas, estava o nosso heroe, quando sentiu que alguem lhe battia no hombro! Não gostou da liberdade e voltou-se admirado.

O rosto avermilhado de Aleixo de Figueiredo, foi para elle de peior effeito, de que para os assyrios a cabeça de Holofernes, nas muralhas de Betulia... Ia perguntar-lhe o que pretendia, quando o digno sobrinho de fr. Pedro lhe disse com voz de trovão:

—Sois um grosseiro, por terdes ousado pôr mãos sacrilegas n'uma donzella da côrte! Quem sois D. Villão, que a tanto vos arrojaes?

Os mancebos, que se achavam proximos ficaram admirados! quanto ao joven impallidiceu de colera.

—Quem sou perguntaes vós? A outrem responderia, mas a um cavalleiro tão desastrado e insulente, é a minha manopla que se encarrega de o fazer.

Tirou da manopla com o maior socego e ia para lh'a assentar nas faces; e a não ser um genio bemfeitor, o sobrinho de fr. Pedro, conservaria para sempre um signal profundo, de que se não póde ter insulencias com toda a gente.

Aleixo de Figueiredo recuou ante as disposições de Gil Vasques, que quando estava preste a fustigal-o, com a estremidade do guante ferrado, sentiu que um braço herculeo lh'o sustinha! Olhou surpreso e viu um joven de pouca idade: era o mestre de Aviz, que segurando-o, lhe dizia em tom de meiga reprehensão:

—Devagar meu joven guerreiro! Bem assenta a promptidão da desforra quando o insulto é tão pungente! Mas olhae que estaes no paço e na presença do rei! Este joven, é tão prompto na lingua, quanto tardio nas acções, mandae-lhe um cartel, e contae com o mestre de Aviz, não obstante ainda não ter dezeseis annos completos.

O sobrinho de fr. Pedro estava fulo, não sabemos se de medo ou de raiva e disse para o mestre de Aviz, não com o respeito devido ás suas nobres qualidades e pessoa, mas com o desaforo de um falso orgulho:

—Com que então senhor infante, qualquer arreeiro, que entre na côrte, póde insultar impunemente um cavalleiro da minha qualidade?

Gil Vasques ia deitar-lhe as mãos ás guelas, para não fazer uso da espada, mas d'esta vez foi Lopo Furtado que o deteve.

O infante, não quiz deixar impune a insulencia de Aleixo de Figueiredo, e respondeu-lhe com serenidade:

—Calae-vos! Sois um insulente sem pejo, nem acatamento para com estas abobadas! Ninguem vos insulta, vós é que a todos provocaes, como ha pouco fizestes a este joven cavalleiro, e se acaso se excedeu na resposta, fez o que todo o homem de honra pratica, quando se vê aggredido tão descortezmente. Aqui n'esta salla, junto ao rei, e á sua côrte, não entram arreeiros; e se alguem com elles se parece, sois vós.

O infatuado mancebo tremeu de raiva e de orgulho e

olhou para o mestre de Aviz, com gesto irado; e como necessitasse dilatar a colera que o minava, disse para Gil Vasques:

—Senhor, ámanhã nos encontraremos, a cavallo com espada e lança, junto á ponte d'Asseca e ahi, com certeza, melhor nos havemos de comprehender.

Gil Vasques não lhe respondeu e limitou-se a fazer com a cabeça um signal de assentimento, em quanto que Loupo Sueiro dizia ironicamente:

—Aleixo de Figueiredo acabou por onde deveria ter principiado.

Aleixo de Figueiredo retirou-se; quanto a Gil Vasques, dirigiu-se ao mestre de Aviz e disse-lhe respeitoso:

—Senhor, estou penhorado pela vossa benevolencia; acabaes de me fazer justiça, de que tanto careço, n'uma côrte, aonde hoje entro pela primeira vez. Fui provocado, e a não ser assim, com quanto não seja titular, fui bem educado e meu padrinho sempre me disse, que a boa educação e lealdade eram os principaes degráos, que ás honras me elevariam; não sei se possuo estas virtudes, mas o que juro por S. Thyago, é que nunca fui desleal para pessoa alguma.

O mancebo concluiu com tanta nobreza, que a todos deixou satisfeitos.

O infante respondeu-lhe:

—Já vos vi com o senhor arcebispo de Braga, sois seu parente?

—Não senhor, não tenho parentes, além dos meus protectores: o senhor arcebispo e fr. João da Barroca.

O sarau estava gasto e a noite adiantada; Gil Vasques cumprimentou o infante e procurou o arcebispo, para o acompanhar na retirada.

Uma outra pessoa tambem o nosso heroe dasejava encontrar: era a joven D. Luiza de Gusmão que muito amava.

Gil Vasques atravessou a sala sem ver as pessoas que procurava e estava já para se retirar, quando um grande numero de damas e cavalleiros, o obrigaram a parar, e para os deixar passar encostou-se junto ao vão de uma janella e ouviu o seguinte:

—Mas para que são esses rigores formosa dama? Cuidaes por ventura, que vos amo menos, que el-rei meu ir-

mão. D. Leonor? Enganae-vos, vós, que compettis com ella em formusura, excedeis-lhe na virtude.

—Calae-vos senhor, lhe disse a dama assustada, quereis perder-vos e a mim? Não falleis assim da rainha, nossa soberana.

—Não posso, por em quanto fazer o que me pedis.

—Amo-vos senhor e negal-o era faltar á verdade, por vosso respeito esqueci a campa aonde repousa meu marido! Oh! praza a Deus, que a expiação d'este pecado, não seja de longa agonia...

A dama pronunciou estas ultimas palavras com tanta melancolia, que o mancebo sentiu o coração opprimido, e um sentimento de piedade e affeição o atraiu para aquella voz, triste, mas melodiosa. Quem seria? Era a infeliz D. Maria Telles de Menezes, que lutava contra o imperio de uma paixão violenta, que o infante D. João lhe inspirára!

A viuvez de espirito fôra trocada pelas galas de um novo amor, que lhe trucidava o coração, a desditosa sustentava lutas terriveis, entre o amor e o dever! Jurára ser eternamente fiel á memoria de seu finado marido, mas quem se ufana de sustentar taes juramentos?

O coração não se prende com distincções; e a pobre senhora arrastada pela fatalidade, seguia as consequencias da sua imprudencia. E soube o infante apreciar o anjo que lhe entregara a liberdade do coração? É o que veremos na continuação d'este romance.

Gil Vasques estava para se retirar quando viu entrar o arcebispo, dando o braço a D. Luiza de Gusmão, não podemos bem descrever o que elle sentiu ao ver a joven, que tanto já amava. Foi como se visse uma visão do céo, no seio de inhospito ermo, depois de muitos annos de vida contemplativa...

O seu coração batteu com violencia, mas cobrou animo e dirigiu-se ao arcebispo:

—Tenho procurado por vós, senhor, e com bastante cuidado, receiando que tivesseis saido sem mim.

D. Lourenço não lhe respondeu, e perguntou:

—Que pendencia foi essa que tivestes com Aleixo de Figueiredo? Imprudente! Quereis por ventura comprometter o vosso futuro? Ignoraes que Fr. Pedro é a pessoa que mais vale na côrte, depois da rainha?

Gil Vasques tremeu e D. Luiza de Gusmão ficou aterrada!

Gil Vasques ia para fallar, mas a donzella levando o dedo index á bocca impoz-lhe silencio, e disse:

— Senhor arcebispo, eu presenciei toda essa pendencia e affianço-lhe que a justiça pertence a este cavalleiro.

Gil Vasques comprehendeu que se lhe pedia descripção, cumprimentou D. Luiza e D. Lourenço e proseguiu:

— Consultai, senhor, o nobre infante grão mestre de Aviz e elle vos dirá a verdade.

O arcebispo mais tranquillo respondeu:

— Sei que sois um cavalleiro completo, embora as esporas, ainda vos não fossem calçadas, mas esse repto de honra não póde ter logar. Fr. Pedro está furioso, sabe tudo, e como não ignora quanto vale o sobrinho, não quer que com elle vos avisteis.

Estas palavras foram pronunciadas quasi em segredo; e erguendo a voz, disse para D. Luiza:

— Nobre donzella apresento-vos Gil Vasques afilhado do virtuoso Fr. João da Barroca.

A joven corou, e movida por um sentimento ignoto, pôde apenas pronunciar algumas palavras, e Gil Vasques julgou que mais uma vez a ventura lhe sorria!

Quanto imprudente é o amor e quantas vezes os seus sorrisos se convertem em feias caretas!....

Quantas vezes esse porvir de ventura, que o amor em tudo vê, atravez de um prisma impregnado de poesia, não é mais de que um futuro cruciado pelos espinhos de uma longa agonia?...

Em quanto os jovens se comprehendiam pela linguagem do amor, um cavalleiro de vinte e quatro a vinte e cinco annos, saia do vão da janella, aonde Gil Vasques estivera encostado, mais uma dama de grande belleza que lhe dava o braço, eram D. Maria Telles e o infante D. João.

D. Maria Telles não poude encobrir o seu embaraço, ao ver tão proximo de si o arcebispo de Braga, que não dando, ou fingindo não dar pelo seu desapontamento, cumprimentou-a com a maior deferencia.

D. Luiza de Gusmão, sabia dos amores de D. Maria Telles, de quem era intima amiga; e com quanto contasse apenas quatorze annos, tinha um talento superior á sua idade.

Ouvira dizer a Gil Vasques, que estivera junto á janella que os dois amantes acabavam de deixar, e desejou convencer-se, se tinha devassado um segredo que lhe não pertencia.

Gil Vasques conheceu o embaraço da donzella e deu-lhe a conhecer que alguma cousa tinha ouvido, D. Luiza impallideceu, e dando o braço a D. Maria Telles desappareceram.

Eram tres horas da madrugada, o sarau estava a concluir e as salas quasi desertas.

Gil Vasques procurou D. Luiza e D. Maria Telles, e como as não visse deu o braço ao arcebispo de Braga, e tomaram na direcção do convento de S. Francisco, aonde se achavam hospedados.

Dois escudeiros os seguiam de perto, e quando batteram á portaria, notaram um individuo junto ao anglo occidental do edificio.

O frade porteiro tinha adormecido e foi necessario bater mais de uma vez para o acordar.

O arcebispo foi o primeiro que entrou, e quando Gil Vasques o seguia, o cavalleiro que se achava de vigia, approximou-se e pediu-lhe com a maior polidez, se lhe podia dar attenção por alguns momentos.

O arcebispo não gostou do importuno e ia dar-lh'o a conhecer, quando elle lhe asseverou, que, apenas se tratava de uma simples explicação.

O prelado entrou para o convento e Gil Vasques seguiu o cavalleiro, que se conservou embuçado e com a viseira callada.

Chegaram ao centro do largo, em frente do convento e pararam:

—Sei que sois um joven valente e ousado, disse o desconhecido, mas talvez que o fosseis em demasia! Estivestes no sarau junto de uma janella?

Gil Vasques era altivo e respondeu-lhe:

—Em nome de quem me fazeis a pergunta? Se em vosso nome declarai-o, se no de outrem, elle que m'o venha perguntar.

O desconhecido não se mostrou satisfeito, batteu com o pé no chão e redarguiu:

—Pergunto em nome da honra, e da descripção que se deve para com os segredos que nos não pertencem.

Gil Vasques, foi como se lhe arrancassem uma venda dos olhos! D. Luiza avisára D. Maria de que elle ouvira tudo, e o principe vinha esperal-o, para se convencer da sua honra e descripção.

—Não avanceis mais, lhe diz Gil Vasques, é desnecessario explicações. O que por acaso ouço, e me não pertence, se não o olvido morre comigo, e ninguem conheço no mundo, que me faça dizer o que não quero. Estive no sarau junto de uma janella, deu mais força a estas palavras, e proseguiu, mas a que proposito vem essa pergunta? Quem vos auctorisa a interrogar-me? Repito, estive no sarau e não sei mais nada.

—Ha segredos, disse elle, que não basta não declaral-os, é perciso esquecel-os.

—Eu só esqueço o que não sei e só digo o que quero. Esquecer segredos é impossivel, saber guardal-os é rasoavel.

—Simpathiso com a vossa franqueza.

— Eis a minha mão, sois um joven de esperanças e digno de venturas. Acceitae a minha amizade, e olhae que vos não haveis de dar mal.

Gil Vasques, sabendo perfeitamente que fallava com o principe, não recusou a honra que lhe fazia, com quanto conservasse o incognito.

—Acceito, senhor, lhe disse elle, e crêde que se me não arrepender de ser vosso amigo, tambem vos não darei causa para desgosto; apertou-lhe a mão affectuosamente, e o principe ao despedir-se, disse-lhe:

—Até um dia, e se fôr preciso para ser lembrado, recordar-vos-hei as vossas palavras. «Só esqueço o que não sei e digo o que quero.»

Apertou-lhe a mão e saltou para cima do corsel, que tinha junto a si; metteu a galope e desappareceu na volta de uma esquina.

Gil Vasques regressou ao convento e passou em revista todas as cousas extraordinarias, que lhe aconteceram em tão pouco tempo.

Recordou-se de D. Luiza de Gusmão e adormeceu embalado pelas esperanças do futuro, e sonhou venturas, como é proprio nas idades, em que tudo são esperanças. Foi o que succedeu ao nosso joven, durante a noite, por se achar muito cançado.

III

Heroismo de Lisboa

O estado de Portugal era mau. D. Henrique de Castella á frente de um poderoso exercito, depois de ter entrado triumphante em Coimbra, marchou sobre a Extremadura, tendo assolado as provincias de Traz-os-Montes e Beira! Os povos fugiam espavoridos ante as hostes castelhanas, e o terror era geral.

A honra das donzellas era publicamente violada, e as creanças e os velhos eram degolados! Os campos eram destruidos e as povoações incendiadas!

Com quanto D. Henrique de Castella pretendesse quartar a licença dos seus soldados, nada havia que a detivesse.

Os povos desesperados oppunham tenaz resistencia e palmo a palmo defendiam o lar domestico.

O aspecto que se presenciava era tetrico e melancolico.

Aqui uma donzella estorcia as mãos desesperada, por lhe terem roubado a honra, seu unico patrimonio! Além um velho pedia vingança de o terem espancado. Ali um innocente chorava por lhe terem assassinado o pae!

Em quanto Portugal supportava tantos horrores, D. Fernando immerso nos prazeres, que encontrava no seio de D. Leonor, era surdo e mudo em face de tantas desgraças!

Os fidalgos que não se tinham prevertido, com o funesto exemplo do monarcha, murmuravam publicamente, contra tão indigna covardia; mas elles ainda não sabiam tudo e se o soubessem, alguns haveria, que levados pelo desespero, seriam capazes de assassinar a rainha, a quem attribuiam todas as desgraças.

Certas distincções por ella praticadas, para com D. João Fernandes Andeiro, davam já que fallar, não obstante esse amor que no futuro, tão pernecioso foi para elle e para o paiz, estar na sua infancia.

Deixemos por um pouco os acontecimentos da guerra, em quanto os povos capitaneados por alguns varões illustres fazem heroica resistencia aos progressos do inimigo, e voltemos a Santarem e vejamos o que ainda faz o rei e a côrte.

D. Fernando para demonstrar o zello que lhe mereciam as cousas do paiz, cujos destinos lhe pertenciam, levantou-se no dia seguinte depois do meio dia e seriam duas horas quando mandou chamar os seus conselheiros, para lhes participar que D. Henrique de Castella, estava em Coimbra!...

Os fidalgos e mais senhores pasmaram de tanta incuria, e alguns responderam-lhe ousadamente:

—E que fizestes senhor para obstar aos progressos do castelhano?

D. Fernando respondeu com um desleixo, que sem offensa se lhe podia chamar cynismo.

—Nada! Recebi hontem a noticia, mas como ainda tinhamos tres dias, não quiz roubar á rainha o prazer de um sarau, em que fazia tanto gosto.

Garcia Rodrigues gran-senescal do reino, levou insensivelmente a mão ao cabo da adaga.

—O que, senhor, pois assim trataes os interesses do povo que Deus vos confiou? Permitti que vos diga, que os reis, vosso pae e avô, pensaram por differente maneira! Mas ha, que os tempos mudaram! D'antes os reis eram os primeiros a defender os povos, mas hoje são os povos que defendem o rei! Houve tempo, senhor, que os reis eram os primeiros a chamar os vassallos ás armas, para o bem commum da republica, mas hoje, clamam os vassallos pelo rei, mas elle é surdo! Permitti, senhor que me retire, não estou aqui bem e vou para Lisboa, que talvez breve precise do meu fraco apoio.

Cumprimentou o rei e saíu.

D. Fernando ficou maravilhado da resposta, e como não tinha o coração de todo invillicido, comquanto não gostasse das palavras de Garcia Rodrigues, não se animou a castigal-o.

A discussão no conselho foi longa e todos concordaram, que estando D. Henrique de Castella em Coimbra tomava necessariamente o caminho de Lisboa, por ser a cabeça do paiz, porque todos os corpos affectados nos orgãos vitaes a sua morte é enivitavel.

D. Fernando, tinha por vezes soffriveis idéas e propoz, que sendo Santarem uma praça forte, e bem localisada, era conveniente, que aproveitando-se as vantagens topographicas, se atacassem os castelhanos, para se lhes neutra-

lisar as forças; e que batidos em Santarem, com menos poder entravam em Lisboa.

Esta idéa era prudente, e talvez uma das melhores, d'aquella cabeça, mas foi reprovada por D. João Telles e pelo grão-prior de Portugal, mais cortezãos devotados de que valentes, na hora do perigo.

—Que pretendeis senhor, disseram elles, quereis perder tudo? Desejaes por ventura, que no caso de revez, entre o castelhano em Santarem, e vos leve e á rainha prisioneiros? Senhor! A vossa idéa é ousada, e digna de um tão grande rei, mas basta que se lhe faça um reconhecimento, para nos informarmos do estado das suas forças.

O conselho dos dois maus cavalleiros foi adoptado, e o exercito castelhano entrou sem resistencia em Lisboa, graças á inepcia do rei e á covardia dos seus conselheiros.

Deixemos por momentos a côrte e as medidas marciaes de D. Fernando, que pelo seu valor moral, são dignas de figurar entre os disparates do mundo.

Gil Vasques levantou-se e foi dar um passeio pelas muralhas de Santarem, recordando, saudoso, os momentos que conservou nos braços D. Luiza de Gusmão.

Absorvido n'estas idéas, foi despertado por um cavalleiro, que o cumprimentou com a maior cortezia. Gil Vasques correspondeu-lhe e esperou que lhe dissesse alguma cousa.

—D. cavalleiro, disse elle, tivestes hontem uma pendencia no sarau, com Aleixo de Figueiredo?

Gil Vasques olhou primeira e segunda vez e recordou-se de ter visto aquella cara, junto á cadeira da rainha, mas não lhe quiz responder, sem saber quem elle era.

—Quem vos mandou fazer a pergunta? Quem sois?

O cavalleiro respondeu-lhe socegado, guardando sempre a mesma cortezia:

—Sou D. João Fernandes Andeiro, cavalleiro fidalgo de Galliza, ao serviço da rainha nossa senhora.

Estas palavras, foram pronunciadas com o assento proprio, de um gallego, que deseja fallar o portuguez, se bem que os portuguezes de então, aproximavam-se mais dos gallegos, de que dos portuguezes de hoje.

Gil Vasques curvou a cabeça respeitoso, e respondeu:

—É verdade, senhor, que tive uma pendencia, com um

cavalleiro, que me insultou horrivelmente e foi elle que me propoz um repto para hoje; e nada mais sei, além do que o senhor arcebispo de Braga, me disse hontem quando me prohibiu batter-me com elle.

D. João Fernandes Andeiro era homem de fino trato, circumspecto e avaliador do merecimento alheio, reconheceu, que Gil Vasques, era homem de grandes esperanças, e tratou de obter a sua confiança.

—Tudo isso é assim, lhe disse elle e o encontro não terá logar, porque a rainha nossa senhora assim o manda. Estaes ao seu serviço, bem como Aleixo de Figueiredo, e não quer por caso algum, que os seus pagens e cavalleiros, vivam como inimigos.

—É justa a vontade de sua alteza, mas se eu ficar deshonrado? Se para ahi se disser, que fui eu que me recusei a um repto de honra?

—Se tanto se disser, aqui estou eu para dizer a verdade e sustental-a n'uma estacada, com a espada e lança. Estaes satisfeito?

Gil Vasques era teimoso, todavia não quiz revoltar-se contra os desejos da rainha, mas ficou intimamente convencido que o seu serviço não lhe convinha.

Possuido d'esta idéa, protestou pól-a em pratica na primeira occasião, e declarou a D. João Fernandes de Andeiro, que cumpriria fielmente os desejos de sua alteza.

Despediu-se d'elle e apertou-lhe a mão com affecto. Ao dirigir-se porém, para o paço, na volta de uma esquina, incontrou Aleixo de Figueiredo, que levou a mão ao punho da espada, logo que o viu.

Gil Vasques não era homem para fugir, embora fosse uma criança, parou e olhou para elle com esse gesto zombeteiro, que mais desespera de que offende. A sua primeira idéa, foi deitar-lhe as mãos ás guellas e estrangulal-o, mas recordando a promessa que fizera a Fernandes Andeiro, conservou-se quieto.

Aleixo de Figueiredo era um insulente e escudado na protecção do tio, tornava-se perigoso, pela sua impertinencia e audacia, que o tornavam mais rediculo que temivel.

—D. Villão, lhe disse elle, hontem protegido pelo respeito, que a todos merece a presença do rei, quizestes passar por valente, mas hoje que a purpura real vos não de-

fende serei mais positivo, e não será a minha manopla que hade tirar a desforra, mas sim este açoite, proprio para castigar os peões da vossa laia.

O insulto não podia ser mais pungente! As faces do mancebo, depois de se tingirem de um vermelho afogueado, cobriram-se de uma palidez mortal! A lingua prendeu-se-lhe na bocca e uma nuvem lhe passou pela vista.

Mas tudo isto passou, como o folgorar do relampago na noite de tempestade!

Gil Vasques cruzou os braços e deu uma gargalhada, em que o despreso e a colera iam de mestura.

Aleixo de Figueiredo, com um açoite em punho olhou para elle, e bramiu de raiva, quanto a Gil Vasques fez um esforço sobrehumano, e respondeu com um socego, em que transparecia o despreso.

—Hontem como hoje sou inteiramente o mesmo, os papeis ainda não se trocaram. Voto a Deus e á Virgem, de que a não ser a palavra que ha pouco empenhei, caro pagarieis a vossa audacia. Segui o vosso caminho, e não torneis a repetir essas palavras mais grosseiras de que temiveis.

Ia para lhe voltar as costas, quando a ponta do chicote movido com violencia, lhe ferio as faces! Para tanto já não havia prudencia e se a houvesse era covardia! O mancebo bramio de raiva e dos cantos da bocca saíu-lhe uma espuma denegrida! Era um joven bello, mas nesta occasião era temivel. Os olhos pareciam saltar-lhe das orbitas, e com os cabellos arripiados estava medonho!

—Miseravel, lhe diz elle com a voz alterada, segue-me e com a espada na garganta, te obrigarei a pedir misericordia.

Agarrou-o com mão de ferro por um braço, e levou-o quasi de rastos, para um pequeno jardim, que ficava por detraz do palacio real, e sacudindo-o com violencia, tirou da espada, que fulgiu, como os raios do sol á hora do meio dia:

Defende-te miseravel covarde, defende-te insulente mesquinho, pucha d'essa espada quando não castigo-te com os bicos dos meus sapatos de ferro.

Aleixo de Figueiredo, que não esperava tanta força e coragem, ficou absorto, tal fôra a rapidez da aggressão; mas voltou a si, ao sentir que a estremidade de um pé, o impellia com mais violencia, do que elle desejava!

Não era inteiramente covarde e deu um salto, como se fôra mordido por uma áspide, deu dois passos para traz e puchou pela espada, na occasião que recebia nas costas uma tão violenta pranchada que lhe fez dobrar os joelhos.

Aleixo de Figueiredo ergueu-se, já parecia outro! O receio de uma morte certa, e a vergonha, se não se desaffrontasse de tamanha injuria, levaram-n'o a ser corajoso! As espadas cruzaram-se, e um combate mortifero se empenhou entre ambos.

Gil Vasques tinha um pulso de ferro e era uma excellente espada, e apertou com Aleixo por tal fórma, que pouco tempo depois achava-se desarmado, e a folha da espada estava quebrada junto ás guarnições; Gil Vasques deu um passo em frente e pondo-lhe a espada na garganta, com a outra mão vergou-o, até lançal-o com as costas no chão.

— E agora que dizeis miseravel jogral, mais valente na lingua de que na espada? Retrata-te infame, quando não furo-te o pescoço, como se fôras um estorninho.

Aleixo de Figueiredo ia para responder, quando seis archeiros se apresentaram e deram a voz de preso ao vencedor.

A sua primeira idéa foi resistir, mas sentiu um grito que o fez estremecer porque o som d'aquella voz não lhe era desconhecido! Olhou e viu D. Luiza de Gusmão que lhe estendia os braços, como quem desejava defendel-o.

Não viu mais nada, nem precisava ver porque já tinha a certeza, de que lhe não era indifferente, deixou cair a espada, e n'aquella occasião esqueceu a vida, o mundo e o céo!

Não podia tirar os olhos d'aquella visão, para elle de tanto valor, como a de Affonso nos campos de Ourique!

Mas a donzella, que vira e comprehendera tudo, tinha caido desmaiada nos braços de D. Maria Telles de Menezes.

Gil Vasques acompanhou os soldados mas conservou a espada, que recusára entregar aos archeiros de El-Rei.

O caso tinha-se passado da maneira seguinte:

Fr. Pedro sabendo do duesto havido entre seu sobrinho e Gil Vasques, foi ter com o arcebispo para que não se avistassem.

Não satisfeito, porém, de todo, com as palavras de D. Lourenço foi ter com a rainha, e obteve d'ella mandar D. João

Fernandes de Andeiro, para que Gil Vasques não se battesse.

Ora Fr. Pedro, conhecia a fundo seu sobrinho e mandou-o vigiar de perto e logo que o duelo principiou foi de tudo informado.

Fr. Pedro correu ao paço e contou á rainha, não que Gil Vasques fizera quanto está nos limites da prudencia, para obstar ao combate, mas sim que fôra o primeiro a provocal-o.

D. Leonor ficou indignada, porque Andeiro acabava de lhe affiançar, que o combate não teria logar e mandou que o prendessem, e procurando o rei contou-lhe o facto, como sabia.

—Senhor, lhe diz ella, um joven apresentado hontem a vossa alteza, pelo arcebispo de Braga, e recommendado por El-Rei de Castella, acaba de praticar um grande crime! Crime monstruoso: attentou contra a vida de um cavalleiro que todos na côrte respeitam e teria, senhor, consummado o crime a não se ter prevenido a tempo. Mandei-o prender, e entregar ao corregedor, e desejo que o castigo corresponda á hediondez do crime.

D. Fernando, que não via nem ouvia senão o que a rainha lhe mandava ver e ouvir, perguntou admirado se o imprudente não fôra ainda enforcado.

A rainha não esperava tanta condescendencia, com quanto conhecesse o caracter de seu real esposo, e satisfeita de ver que cada vez maior era o imperio, que tinha sobre elle, proseguio:

— O corregedor das justiças de vossa alteza já tem ordem para o processar e é preciso um exemplo de severidade, é necessario obstar a tantos assassinatos sob o titulo de reptos de honra. E se tanto fôr preciso, senhor, sou da vossa opinião: uma corda nunca é demais para o crime.

Em quanto que no quarto particular de El-rei se passavam estas cousas, Gil Vasques no centro de dois saiões caminhava para a prisão.

D. Luiza de Gusmão desmaiára ao ver que elle fôra preso, e um presentimento fatal lhe opprimia o coração.

D. Maria Telles de Menezes ignorando as causas, attribuiu a syncope a um insulto nervoso e bradou por soccorro. Acudiu o medico da corte e depois de um detido exame,

affirmou não ser de cuidado, e que apenas seria de pequena duração. Justificou-se a profecia do digno discipulo de Esculapio, e um quarto de hora depois, estava D. Luiza melhor, e derramou uma torrente de lagrimas, que muito contribuiu para lhe neutralisar a exaltação do espirito.

D. Luiza de Gusmão amava pela primeira vez, e aquelle coração ingenuo, propenso ao sentimentalismo poetico, principiava a viver para o amor, e para a dor, sua companheira inseparavel.

Nem tudo sorri ao amor, porque amar é soffrer, e a dor é a sua principal partilha e a ingratidão a sua consequencia mais natural e se n'um dia se apresenta seductor, n'um outro surge triste e muitas vezes pavoroso!

É um vasto campo de abrolhos, aonde, se por acaso crescem algumas flores, são cercadas de espinhos!

Que se colhe de um amor devotado? Se não tem, como premio, um limite fatal, tem o indifferentismo, compensação mais dolorosa...

Mas se se dá a circumstancia, pouco vulgar, de dois corações se amarem com igual extremo, erguem-se, o ciume, a desconfiança, o orgulho e todos os demais attributos, que estes naturaes inimigos da paz do mestica trazem comsigo.

Era n'um d'estes campos que se achava D. Luiza de Gusmão, depois de ter visto pela primeira vez Gil Vasques.

Abrira ao amor as portas do coração, e o triumpho pertencia de facto a essa especie de insecto venenoso, que quanto mais se lhe resiste maior é o seu poder.

D. Maria Telles de Menezes não sabia a causa das dores da sua amiga, e perguntou-lhe em tom maternal em que se fundava e seu padecimento, mas ella que julgava soffrer, não por que realmente amasse, attribuia o seu soffrimento a um natural sentimento de piedade.

Incapaz de esconder a verdade, confessou-lhe francamente quanto presenciara, concluindo por dizer, que nunca na sua vida sentira, cumprimir-se-lhe tanto o coração.

D. Maria Telles de Menezes, comprehendeu melhor o estado da sua amiga, de que ella mesmo... Tinha a experiencia da idade, e já amara duas vezes, lamentou-a do coração e animou-a, afiançando-lhe, que ao mancebo nenhum mal poderia succeder, e para a tranquillisar inteiramente, sem

dar a entender que conhecia as causas, prometteu-lhe fallar ao infante.

Na côrte e em Santarem fizera grande arruido a prisão de Gil Vasques e o arcebispo de Braga, que não foi dos ultimos a sabel-o, ficou aterrado quando recebeu a noticia:

—Rapazes estouvados, que de tudo fazem questão de pundonor! É o genio do pae! Altivo, franco e leal, mas arrebatado! Que poderei fazer? Fr. Pedro está a estas horas furioso. Mas eu sou arcebispo e elle é apenas um mau frade, ora veremos qual de nós vale mais.

Sem mais detença, seguido do seu caudatario, dirigiu-se a casa do corregedor.

D. Lourenço era amado por todos, pelas suas virtudes e genio affavel. Não faltava aos saraus nem aos jantares, lá isso é verdade, mas mais de uma vez se despiu para vestir os desgraçados.

Assim que se annunciou em casa do magistrado, todos os domesticos, uns lhe queriam beijar o annel e outros a orla das vestes perlaticias, que elle quasi nunca abandonava.

O magistrado disse-lhe que o mancebo estava preso á ordem da rainha, e que nada mais sabia além d'isto, mas que o mandava buscar e por elle mesmo podia saber a verdade dos factos.

Um cavalleiro amigo do corregedor, se encarregou de o acompanhar, e meia hora depois entrava Gil Vasques na sala, e ficou surpreso de encontrar o arcebispo.

D. Lourenço era um santo prelado, mas de um genio fogoso e muitas vezes violento, amava Gil Vasques, não só pelo haver conhecido desde o nascimento, como por lhe conhecer excellentes qualidades, especie de capital, que comquanto sempre tenha baixa no mercado, é todavia de subido valor, até mesmo para aquelles que o não possuem.

Ao vel-o entrar, levantou-se e interpellou-o com gesto carregado, por ter commettido um desatino:

—Com que então senhor cavalleiro donzel, ainda não pisaes ha quarenta e oito horas o espinhoso terreno da corte e já possuis todos os seus defeitos e tresvarios? Um donzel de tão boas esperanças, é pena não servir nos exercitos da Barberia! E queria o vosso padrinho e protector dedicar-vos á vida monastica! Pois não veem senhores, como assentaria bem n'aquelle pescoço a cogula de monge?

O bispo ao dizer estas palavras, passeava a largos passos, parando de vez em quando com gesto arrebatado.

—Fizestel-a bonita, não tem duvida, pretendestes assassinar um pobre cavalleiro, que tem por unico defeito ser alguma cousa infactuado!

—Ficae sabendo, que nada posso fazer contra duas potencias tão fortes, como são a rainha e fr. Pedro.

D. Lourenço n'esta occasião, já se achava mais socegado e as ultimas palavras foram pronunciadas com voz magoada.

Gil Vasques que se conservára paciente; ao ouvir as pungentes accusações ergueu a fronte tão alto, que parecia um gigante, já não era um homem regular!

—Que dizeis senhor! Estaes mal informado ou não me quereis fazer justiça! Appello para Deus e para a Virgem, e em seu nome, no fogo, provarei a minha innocencia.

—Juro que não quiz assassinar Aleixo de Figueiredo, e fiz todo o possivel para convencel-o, de que não me queria bater, mas elle insistiu e ousou até manchar-me as faces com a ponta de um açoite.

—Senhor, o Salvador do mundo, disse que quem levasse uma bofetada na face esquerda, désse a direita; agora o que elle não disse foi o que se deveria fazer ao infame, que ousasse levantar um chicote para um homem de honra!

—Que venha a morte, senhor, com todo o seu apparato hediondo! Venha o carrasco e a corda para me estrangular, nada receio toda a vez que não fique deshonrado.

O mancebo callou-se e crusou os braços com tanta nobreza, que o bispo recuou.

Quasi que deu um pulo, não obstante a sua idade, era um nobre coração e incapaz de uma villania.

—Que dizeis?

—A verdade, respondeu elle.

—Oh! então muda o caso de figura, e eu darei uma severa lição a essa raposa matreira de fr. Pedro. Conta-me tudo, mas sem a menor omissão ou falta de verdade, e crê que seja qual fôr o teu estado perante a lei, hei de salvar-te, pois tenho um talisman com que o farei vergar quantas vezes me fôr preciso.

«No entretanto venha de lá a verdade, nua e crua como Deus a creou.

Gil Vasques contou-lhe meudamente todos os promono-

res, omittindo todavia o desmaio da donzella, que nada contradizia nem justificava. O prelado, esfregou as mãos satisfeito, dizendo:

—Espera aqui por mim, vou fallar ao rei!

Apertou a mão ao corregedor e eil-o no caminho do paço, para salvar o seu protegido.

Não se dirigiu ao rei, e mudou de tenção, por saber por experiencia, que D. Fernando, não passava de uma nullidade coroada, sem cabeça nem coração. Foi procurar fr. Pedro, porque o prelado como habil estrategico, queria empregar na defeza da sua causa as proprias armas inimigas, por meio de um plano bem combinado, veremos se effectuou os seus desejos.

D. Lourenço apresentou-se no quarto de fr. Pedro sem se fazer annunciar. O frade comquanto corrupto respeitava-o mais pelas suas virtudes de que pela sua influencia e assim que o viu entrar levantou-se respeitoso, e só se assentou depois d'elle tomar assento.

—A que devo a vossa visita, senhor? É por certo de muita honra para um pobre religioso como eu.

D. Lourenço não respondeu a uma rajada de tanta hypocrisia e disse-lhe francamente:

—Não gastemos o tempo com frioleiras, que nada justificam. Nem eu vos procuro como prelado, nem vós me respondeis como religioso Carmelita, vamos ao que interessa.

—Gil Vasques, que vos foi tambem recommendado teve uma pendencia com vosso sobrinho, são questões de rapazes, que o rei devia ignorar, mas infelizmente não foi assim e a rainha de tudo informada, mandou-o prender, e segundo me consta está furiosa.

—Vosso sobrinho é o culpado, e como tal o responsavel pelas consequencias de um pleito, que deveria limitar com algumas arranhaduras. Que dizeis a isto?

O frade enfiou ao ouvir o arrasoado do prelado, deu duas ou trez voltas na cadeira, coçou a cabeça e respondeu finalmente:

—Meu santo prelado, affianço-vos que estaes mal informado! Oh! Assim a Virgem nossa protectora, me ajude, como eu sinceramente desejo, tanto como vós, salvar o criminoso.

Fr. Pedro além de hypocrita era prejuro, e se no mundo passava por boa alma, Satanaz que lhe conhecia o valor, preparava-lhe um banquete no inferno.

O frade proseguiu, hypocritamente:

—Estaes illudido, Gil Vasques é peior que um demonio castelhano! É uma fera que devemos affastar da côrte, pois no fim de quarenta e oito horas fez, o que muitos cavalleiros não fazem, no decorrer de muitos annos.

D. Lourenço já impaciente de tanto fallar e nada dizer, respondeu-lhe zangado:

—Mas que monstruosidades foram essas? Dizei-o, e nada de omissões,

Fr. Pedro respondeu tranquillo.

—Pois ainda quereis mais? Prometteu-vos não hostilisar meu sobrinho, affiançou o mesmo a D. João Fernandes de Andeiro, que por ordem da rainha o procurou, e no fim de contas encontra-o desprevenido, e tenta assassinal-o á falsa fé! Ora isto não é de um cavalleiro; é de um salteador!

D. Lourenço não podia já cumprimir a colera que lhe estalava no peito! Sabia que o frade era um vil intrigante, mas não um calumniador!

—Calae-vos falso religioso! Foi isso que dissestes ao rei e á rainha para o mandarem prender, não como um cavalleiro que se bateu sem licença, mas como um vil assassino. Sois digno tio de um sobrinho, que reune á covardia a mais repellente impudicicia. É assim que desempenhaes a protecção promettida a fr. João da Barroca, padrinho do infeliz moço, que para maior infelicidade sua, possue um grande coração, sem saber de quem o herdou? Haveis de retratar-vos, assim o quero...

Fr. Pedro arrancou a mascara de santidade e os seus olhos lampejaram como a luz de um vulcão.

A ira espandiu-se não com a braveza do leão, rugindo no seio do doserto mas como o grunhido da hiena, que ao abrigo das trevas vae ao cemiterio desenterrar os cadaveres decompostos.

—Ha pouco me dissestes que me não fallaveis como bispo, nem eu vos responderia como religioso. Assim o farei.

—Não sou amigo de fr. João da Barroca, nunca o fui. Mas se nunca o detestei detesto o seu afilhado, bastardo ignobil, que se apresenta com a audacia dos grandes senhores,

Salvo se algum alto dignitario da igreja lhe deu a existencia... Não respondo aos vossos insultos, sou o que sou e só a Deus darei contas.

D. Lourenço esteve quasi para se esquecer da sua qualidade, para lhe mostrar que era homem.

Modificou as suas intenções e respondeu mais socegado, do que era para esperar do seu genio:

—Não falleis em Deus, por que o não conheceis! Desprezo as vossas calumnias porque a seu tempo se saberá de quem Gil Vasques é filho: o pae não o mandou estrangular á nascença, e pertence a uma familia, que honrando-o tambem se honra. Metei a mão na consciencia, fr. Pedro, e não me obrigueis a dizer mais...

O frade impallideceu e tremeu convulso! Era a sombra viva do remorso! Estendeu os braços e ficou mudo e quedo como uma estatua!

Mas tudo isto foi repentino e o seu caracter audaz cobrou animo ante a tempestade e respondeu, sem azedume, nem receio:

—Quero ser condescendente com o meu prelado, pedirei á rainha graça para o criminoso e tudo ficará esquecido.

D. Lourenço não esperava tanto, e se conhecia fr. Pedro, ainda carecia conhecel-o melhor, não o temia, nem lhe receiava as suas diatribes.

—Enganai-vos fr. Pedro, eu não quero perdão para um crime que não existe. Quero que se faça justiça e que se declare á rainha e ao rei que foram mal informados, e que se houve falta de fé foi da parte de Aleixo de Figueiredo.

«É isto o que pretendo, aliaz recordo-vos que o bispo de hoje é o conego de Santa Cruz de ha dezesete annos! e que os grandes edificios tambem são preza das ruinas...

Fr. Pedro tremeu mas quiz convencer-se da força da ameaça.

—Não sei de que me fallaes?

—Não sabeis? Então ouvi:

—Um dia estava em minha casa, quando uma mulher de physionomia desagradavel pediu para me fallar em particular; perguntei-lhe se era como confissão, respondeu-me negativamente e contou-me então uma historia monstruosa, de que era auctor um celebre frade carmelita, que não quero nomear.

Depois de a ouvir dirigi-me ao prelado diocesano, e contei-lhe o facto e elle depois de recuar espavorido, ordenou-me que procurasse a mulher, e que ante um notario declarasse a verdade de tão extranho caso... Ainda quereis ouvir o resto?

O frade respondeu apenas:

—Não, senhor! Os momentos são dolorosos e as recordações terriveis! Farei tudo quanto exigis, com a condição porém, de que Gil Vasques não offenderá meu sobrinho.

—Até que nos entendemos, mas recordae, que o prelado póde um dia pedir-vos contas para bem da vossa alma. Ide aos aposentos reaes que eu lá vos espero.

D. Lourenço saiu; quanto ao frade caiu fulminado sobre a cadeira.

—Não ha duvida! Sabe tudo! Oh! E o futuro de Aleixo! Perdido! Perdido para sempre á sua primeira palavra! Inferno, Deus não, que já me abandonou! Este habito escalda-me!

Fr. Pedro conservou-se calado; e no fim de alguns momentos ergueu-se da cadeira, mas já parecia outro homem!

—Pois hei de ver comprometter um futuro que tanto me tem custado a segurar? Hei de por ventura perder uma posição que tanta intriga e baixeza me custou? Hoje triumphou o senhor bispo, mas ámanhã veremos de quem será a victoria.

Não disse mais nada, dirigiu-se ao quarto da rainha, onde o arcebispo já se achava sem avançar uma polegada, não obstante achar-se no melhor terreno do mundo.

Fr. Pedro com uma palavra tudo obteve e demonstrou com a maior vilhacaria a innocencia de seu sobrinho, por ser, como elle dizia, um estouvado, mas salvando em todo o caso Gil Vasques da responsabilidade da aggressão. O frade concluiu por asseverar á rainha que elle não merecia castigo, e como tal era digno da estima real.

D. Lourenço não quiz ouvir mais nada. Beijou a mão á rainha, e retirou-se.

O infante D. João, que ia a entrar, perguntou-lhe;

—Gil Vasques está salvo?

—Sim, meu senhor.

—Estimo, redarguiu o infante, porque do contrario aqui estava eu.

Tudo isto foi breve, mas não passou desapercebido á rainha e a fr. Pedro, que de commum accordo, resolveram espionar e indagar as causas, que levavam o principe a interessar-se tanto por um moço, que lhe era desconhecido.

A pendencia fôra suscitada pelos disparatados ciumes de Aleixo de Figueiredo, e como não ignoravam a paixão do infante por D. Maria Telles, e a amisade que a D. Luiza a ligava, concluiram que em tudo isto havia mysterio, que deviam profundar.

Emquanto se passavam estas cousas na côrte, e o rei se occupava d'estas ninharias, o paiz era, por assim dizer, uma grande fogueira, graças ao facho incendiario agitado pelos soldados castelhanos; mas a quem pertencia a responsabilidade d'esta guerra? Ao rei de Portugal e á meioria de seus conselheiros.

D. Henrique de Castella, no fim de tres dias de marcha estava proximo das muralhas de Santarem, á frente do seu exercito.

O rei era de opinião que se désse sobre elle, mas D. João Telles e o grão-prior de Portugal oppozeram-se, como já dissemos, allegando razões tão sophisticas, que não convenceriam uma outra cabeça melhor de que a do rei.

Tratava-se de um reconhecimento ás forças castelhanas, mas os fidalgos que se achavam na côrte, mais dados aos saraus do que aos campos de batalha, escusavam-se miseravelmente, allegando, uns, padecimentos que não tinham, outros, melindres que não comprehendiam!

Era uma vergonha que faria corar um rei e uma outra côrte!

D. Lourenço, comquanto já idoso, estava a ponto de se offerecer, quando um joven de treze annos se apresentou, dizendo ao rei:

—Senhor? Visto vossa alteza não ter quem reconheça as forças de Castella, eu joven como sou, me offereço para o fazer, quando haja quem me acompanhe: peço pouco, senhor, quero apenas um companheiro.

O rei e a rainha pasmaram de tanto animo, invejando-lhe a coragem; e se não era o genio de um grande homem, era o espirito de um guerreiro incarnado n'uma creança.

O rei acceitou o offerecimento, visto não encontrar ninguem que o secundasse. Mas quem era este joven? Era D.

Nuno Alvares Pereira, que mais tarde foi o terror de Castella!

Todos lhe lisongearam a coragem, mas ninguem se animava a compartir com elle o perigo!

Seu pae, já desesperado por ver que o joven teria talvez que ir só, estava a ponto de fazer uma série de arguições, algumas das quaes muito bem lhe assentavam, quando D. Lourenço levantando-se disse para D. Nuno:

—Joven, se eu fôra moço e guerreiro, seria o primeiro depois de vós, tereis um companheiro digno de vós por todos os respeitos.

—Senhor, disse elle para o rei, a que horas hão de marchar para o reconhecimento?

—Ao romper da alva deverão estar além da ponte da Asseca, nos serros que guarnecem o vale de Santarem; de ahi, sem serem vistos, podem observar a marcha e força das tropas castelhanas.

—Muito bem, senhor, a essa hora D. Nuno terá um companheiro, por quem me responsabiliso, tanto pela intelligencia, como pela sua coragem e dedicação.

Uma hora depois o arcebispo passeiava fernetico, de um para outro lado, no quarto do convento de S. Francisco; abriu-se a porta e um mancebo entrou.

—Mandaste-me chamar, senhor, lhe disse elle, ainda bem não tinha entrado.

—É verdade que sim, e já não estava muito satisfeito com a demora. Aonde foste?

Gil Vasques, que o amava tanto quanto o respeitava, respondeu-lhe timidamente:

—Fui dar um passeio junto ao palacio real.

D. Lourenço olhou para elle, como quem desejava saber mais alguma cousa do que se lhe dizia.

—Não gosto de tantos passeios nas avenidas do paço; parece-me que em tudo isto já andam amores, mas d'isso não quero eu saber.

«Gil Vasques, proporcionei-vos uma occasião de obter gloria e uma reputação que vae confundir os vossos inimigos, porque já os tens poderosos na côrte.

«O exercito castelhano está a poucas leguas de marcha, e eu chego do paço, aonde houve grande conselho, mas melhor seria que o não houvesse.

«Nunca ouvi dizer tantas sandices e disparates, mas proprios de uma côrte, aonde os homens praticam como creanças, e as creanças como homens.

«Tratava-se da necessidade de reconhecer as forças castelhanas, mas como era negocio sério todos ficaram calados, á excepção de uma creança de treze annos! Isto é inacreditavel e os vindouros, hão de, com razão, rir-se de nós. Ora o mancebo declarou que não podia ir só mas nem mesmo assim houve quem se offerecesse para o acompanhar!

«Ardendo em colera, tive desejos de lhes applicar o correctivo, que no templo o Salvador applicou aos usurarios! O rei é um parvo e a rainha é mais intrigante que talentosa.

«Prometti a D. Nuno dar-lhe um companheiro digno d'elle, lembrando-me que aceitarias gostoso tamanha honra, mas se não quizeres, vou eu.

Assim terminou a sua edificante allocução, mais propria de um velho guerreiro do que de um alto dignitario da igreja. Mas a igreja é militante, e n'aquellas épocas, os prelados eram prelados por dentro e soldados por fóra, e se hoje trajavam a capa de asperges e entoavam no altar canticos divinos, ámanhã envergavam a cota e a cervilheira; e na cabeça onde bem assentava a mitra, tambem não ficava mal um casco de ferro.

Gil Vasques acceitou com enthusiasmo a missão de que o encarregavam, e n'um pulo foi arranjar e limpar as armas para melhor brilharem ao luar, que atravez de algumas nuvens diaphanas transparecia brilhante.

Á meia noite em ponto dois jovens guerreiros, armados dos bicos dos pés até á cabeça, passeavam n'um vasto salão.

Traziam as vizeiras caladas e o som dos seus sapatos ferrados produzia uma bulha capaz de despertar um surdo.

Passeando desencontradamente, um não sabia do outro. D. Nuno dizia comsigo, pulando-lhe o coração de alegria:

— Será este o companheiro que D. Lourenço me destinou?

Gil Vasques, pela sua parte não menos curioso, fazia iguaes perguntas.

O sino da torre marcou duas horas da madrugada. Uma porta se abriu e o rei seguido do grão-prior de Portugal e do arcebispo entrou na sala e D. Lourenço disse-lhe:

—Senhor, eis-aqui o companheiro que escolhi para o valente D. Nuno: é Gil Vasques, que vossa alteza muito bem conhece.

—Já sei, este vosso Gil Vasques é uma especie de demonio baptisado, que em menos de tres dias fez lindas cousas na côrte, mettendo mais de um susto ao meu santo confessor, por causa do sobrinho, com quem teve uma pendencia.

—É verdade, senhor, mas vossa alteza sabe de que lado estava a razão.

—Sim, a rainha já me informou de tudo.

O grão-prior de Portugal ficou satisfeito ao saber que era Gil Vasques que acompanhava D. Nuno.

—Levantem as vizeiras, disseram simultaneamente o bispo e o grão-prior, para terem a honra de beijar a mão ao rei.

Os mancebos ajoelharam e foi n'esta occasião que se conheceram; e se não ficaram desde logo amigos, uma decidida sympathia os atrahia reciprocamente.

O rei deu-lhes as suas instrucções; e findas que foram montaram a cavallo e eil-os na estrada em direcção ao valle de Santarem.

O valle de Santarem é um terreno alagadiço aonde o frio se desenvolve intensamente. A noite não estava muito escura e o luar transparecia por vezes, pallido, atravez das nuvens que o encobriam.

Os cavallos caminhavam a trote largo e avançavam ligeiramente por um caminho tortuoso, e tão mal gradado que tropeçavam a cada momento.

A estrada que seguiam podia comparar-se com esses caminhos perigosos em cujo limite, se não está um precipicio está a parte mais importante de um grande perigo.

Nada se ouvia no silencio da noite, que annunciasse a proxima passagem de um exercito.

Os jovens depois de passarem a ponte, pararam e D. Nuno foi o primeiro que fallou.

—Bofé, nobre companheiro, chegámos sem o menor incidente, para que lado deveremos agora seguir?

Gil Vasques olhou para o lado de Coimbra e respondeu:

—Os castelhanos veem d'ali e o seu destino é para Lisboa, logo devemos tomar por este serro e além, na

cumiada d'aquella montanha, buscaremos um ponto d'onde vendo tudo, não sejamos vistos.

—Bem lembrado, respondeu D. Nuno, mas segundo me parece alguem se acha escondido n'aquellas moutas, parece-me que senti vozes.

Com effeito um som agudo e estridente reboou na vasta solidão! O silencio da noite era apenas interrompido pelo siciar das arvores, e pelos gritos melancolicos das aves nocturnas, que impoleiradas nos ramos piavam lugubremente. Os uivos repetiram-se, mas d'esta vez não deixaram duvida.

—Não julgueis que são vozes de castelhanos, lhe diz Gil Vasques, o que vos prende a attenção é peior de que tudo isso, quando se apresentam em grande quantidade e...

—Ah! já sei, lhe respondeu D. Nuno, então é alguma alcatéa de lobos, que se avisinha?

—Não sei lhe respondeu elle, admirado de encontrar tanto sangue frio em tão verdes annos; e sejam ou não, o nosso dever é cumprir a missão com que o rei nos honrou.

Eram dois dignos companheiros! Ali não havia medo, tudo era coragem e dedicação.

Decididos a cumprirem o seu dever, tomaram por uma vereda pedragosa, que se prolongava pelas vertentes da serra e depois de terem vencido mais de um quarto de legua, cortaram á esquerda, por um matagal espesso, aonde, atravez dos sarçaes transpareciam os olhos dos lobos, lampejando como lanternas.

Os jovens pararam debaixo de uns copados sobreiros, aonde podiam avistar tudo quanto passava pela estrada, sem serem vistos.

Firmes como estatuas, com as lanças erguidas, se conservaram mais de duas horas.

O vento soprava do nordeste e o frio era intenso, e a neve caía abundante. O brilho das estrellas e o luar a custo reflectia e os corceis impacientes, atiravam por vezes alguns relinchos, que se reprecurtiam pelas agruras da serra.

Assim se conservaram até que a aurora principiou a desenrolar as suas vestes brilhantes, que tão bella a constituem. Os gallos entregavam-se ao segundo canto matutino, e os raios crepusculares desenhavam-se tão formosos, que os valles pareciam rejuvenescer, ao passo que o imperio das trevas desaparecia como por encanto.

A luz é o imperio da vida, e as trevas o potentado da morte!

As cristas das montanhas augmentavam em belleza e louçania, e os raios matutinos correndo rapidos como o pensamento, animavam os campos, aonde o lyrio e a papoula cresciam vecejantes.

Emquanto os mancebos surprezos admiravam os bellos quadros da natureza, ao cimo de um cabeço fronteiro chegavam os postos avançados do exercito castelhano!

As armas brilhavam aos raios do sol, e nos valles reboavam os sons dos bellicos instrumentos.

—Olhae, diz D. Nuno para Gil Vasques, vêde! Eis ali o exercito castelhano, marchando ao som dos instrumentos guerreiros, desafiando a covardia dos nossos fidalgos e barões!

Gil Vasques olhou, e de uma surpreza passou a outra!

Bello e surprehendente era o quadro apresentado pelo exercito castelhano, que em columnas de quatro de fundo, e bandeiras desfraldadas, descia pela encosta, em direcção ao valle de Santarem.

A infanteria era numerosa, se bem que mal armada e peior disciplinada. De toda a tropa de pé, a que mais valia eram os archeiros e besteiros de conto de sua alteza castelhana.

A cavallaria era excellente, como sempre foi a andaluza, e o trem de guerra e machinas parecia immenso; mas o exercito marchava em tão má ordem e disposição, que uma centena de besteiros experimentados, poderiam derrotal-o na passagem de um desfiladeiro como succedeu aos romanos nas celebres forcas caudinas.

As côres variegadas dos balsões e mais estandartes, a diversidade das armas e dos escudos, augmentava a belleza de um exercito mais brilhante que temivel.

O exercito marchava lentamente, e os mancebos dilatavam a vista, desejando vêr tudo e tudo calcular. Os peitos arquejavam e tão firmes estavam no seu posto, que um penhasco não seria menos movente.

As hostes atravessaram o valle a um quarto de legua de distancia, pouco mais ou menos, e o som das trombetas e clarins resoando pelas encostas e quebradas, perdia-se, atravez das camadas atmosphericas.

As tropas desappareceram e os jovens orçaram em dezeseis ou dezoito mil homens a sua força total.

Estava cumprida a sua missão e tomaram na direcção de Santarem.

Gil Vasques não dera uma palavra depois de ter desapparecido o exercito inimigo, mas aquelle caracter audaz meditava um passo de gigante.

Chegaram ás avenidas da ponte e Gil Vasques sofreando o corcel, disse para o seu joven companheiro:

—Dae-me a vossa mão. A missão de que fui encarregado pelo senhor D. Lourenço limitou com o reconhecimento que acabamos de fazer, e agora é em Lisboa que o dever me chama.

«Ali, junto aos valentes cidadãos d'aquella nobre cidade, reunirei os meus esforços aos seus, para sacudir-mos o castelhano do solo, que pisa impunemente.

«Dizei ao senhor arcebispo esta minha resolução, e que me deite a sua benção.

Apertou-lhe affectuosamente a mão e voltando o cavallo desappareceu atravez das curvaturas do irregular caminho, que tomou para Lisboa.

Gil Vasques não andou voou e conhecedor do terreno, metteu-se por mil veredas e atalhos, e no fim de dez horas de bom caminhar entrava em Lisboa pelas portas de Santo Antão.

N'esta bella e antiga cidade reinava o terror e o povo apinhava-se nas praças desesperado, mas falto de animo, pelas vicissitudes que atravessava.

A esquadra castelhana operava na foz do Tejo, e não tardaria muito a apresentar-se em frente da capital.

O grão senescal do reino, o valente Garcia Rodrigues, á frente de um punhado de guerreiros, fazia o possivel para incutir animo aos povos.

Dois são os poderosos elementos que fazem mover as massas populares; e quando se consegue agital-as, fernetico e delirante é o seu enthusiasmo, e então é que se consegue tudo!

Religião e liberdade, são os motores principaes, que levam os povos á gloria, se o fanatismo lhes não mancha os louros da victoria.

O nosso heroe, ao atravessar as ruas da cidade, notou que o povo reunido nas praças fallava com enthusiasmo, e que para fazer rebentar o incendio bastaria chegar-lhe um pequeno morrão.

O mancebo vinha coberto de pó e suor e o cavallo arquejando, a custo resfulgava. O povo segui-o com interesse e alguns mais curiosos, correram para saber aonde elle se dirigia.

Gil Vasques depois de se informar aonde morava o grão senescal, apeou-se á porta do velho guerreiro, a quem pediu uma conferencia.

Garcia Rodrigues teria perto de cincoenta annos, era alto, bem feito e tinha o rosto bem parecido; as barbas desciam-lhe até á cintura, e davam-lhe um aspecto venerando.

Gil Vasques entrou para uma pequena sala, aonde passados momentos, se apresentou Garcia Rodrigues, que não o conhecendo, ficou admirado de ver tanta galhardia.

—Que pretendeis senhor, lhe disse elle francamente, e se temos que tratar negocio serio dizei-me o vosso nome.

Gil Vasques ficou maravilhado da franqueza do velho senescal, e respondeu-lhe:

—Em melhor hora eu vos procurasse! Temos os castelhanos ás portas da cidade e em dois dias de marcha entrarão por ahi dentro, de bésta ao hombro e de lança inclinada, pois ninguem haverá que lhe diga: «Para traz que isto não é vosso?»

Os olhos do guerreiro faiscaram! Pareciam dois carvões incendiados!

—Que dizeis! O que faz o rei e esse bando de covardes que o rodeiam? Pobre Portugal! Se os avós d'este miseravel imprudente, ressuscitassem, se não morressem de vergonha, flagelar-lhe-iam as faces, como elle merece, e a mulher, que ao throno associou.

Garcia Rodrigues tremeu, julgando ter dito demais, mas olhando para o mancebo, leu n'aquella fronte, tanta grandeza de alma, que a baixeza, ali não podia ter logar e proseguiu:

—Desculpae esta espanção patriotica, porque emfim o rei é rei, mas dizei-me, como soubestes da proxima chegada dos castelhanos?

—Porque os vi passar junto ao valle de Santarem, tomei-lhe a dianteira, mettendo-me por mil atalhos e rodeios, e consegui adiantar-me dois dias de marcha, porque, o exercito caminha lentamente.

—Mas quem sois joven brioso? Dizei-me o vosso nome.

—Sou Gil Vasques afilhado de fr. João da Barroca e recommendado na côrte pelo senhor arcebispo de Braga.

—Muito bem mancebo, eu cheguei hontem da côrte mas ainda nada poude conseguir d'esta burguezia, disse o senescal, e se a podermos enthusiasmar, cada homem será um heróe na hora do perigo. Mas meu valente amigo eu precisava de um apoio e o vosso é valioso, e não temos tempo a perder.

«O povo tambem se deixa arrastar, proseguiu elle, pela influencia de alguns homens e vou declarar-vos o meu plano, que no praso de quatro ou seis horas terá o melhor resultado:

«O velho preseguio, ireis á rua nova; junto á esquina da travessa da escada, ha um açougue e procurae um certo Lourencinho, carniceiro que é homem de grande acção e de estremado valor e dizei-lhe apenas: «Com que então estaes tão socegado, quando os castelhanos se acham a seis leguas de Lisboa? Correi, e chamae os vossos amigos para que unidos a voz defendam a patria.

«O homem não ficará quieto, sei o que elle valle... Os sinos tocarão immediatamente a rebate e o amor á liberdade, tão velho n'esta terra, fará o resto.

«Sei que não posso obstar á entrada de um exercito, que como dizeis conta para cima de dezeito mil homens, mas o meu fim é passar com os habitantes para a parte mais fortificada da cidade e de ahi vendermos caras as vidas.

Gil Vasques comprehendeu a força do plano traçado pelo valente guerreiro; e sem a menor detença, correu á rua nova.

Á esquina da travessa da escada, encostado á porta de um açougue estava um homem de trinta a trinta e cinco annos: era de elevada estatura, robusto e feições regulares, o seu aspecto era sinistro e parecia dotado de uma força herculea. Gil Vasques chegou-se a elle e levando a mão ao punho da espada, disse-lhe com energia.

—Sois Lourenço da Costa, vulgo o Lourencinho?

O homem carregou o sobr'olho, e respondeu:

—Sou e que quereis meu joven senhor?

—O que quero? Para mim nada, o que peço é para a

patria: estaes ahi socegado, em quanto os castelhanos de mão armada marcham de Torres Vedras para Lisboa?

Gil Vasques desappareceu; quanto a Lourencinho assaltado pela surpreza, ficou olhando para a esquina aonde elle se escondêra. O effeito foi bello e o homem rugiu como um tigre, e agarrando n'uma archa de armas, fechou a porta do estabelecimento e eil-o de porta em porta, berrando como um pocesso, nas praças e nas ruas, chamando os cidadãos para que defendessem a cidade.

O plano de Garcia Rodrigues não podia ter melhor resultado, e o seu fim era enthusiarmar o povo ao ponto que desejava, para o levar aonde queria.

O povo, que duas ou tres horas antés se via fraco e abatido erguia-se impavido em face do perigo.

Nas praças bramia como a tempestade do deserto, nas ruas parecia uma torrente de lava! O seu vosear era como o fragor da vaga revolvendo os abysmos do oceano, e as suas imprecações eram estridulas como o ribombar do trovão.

O povo rugia desesperado e corria de uma para outra rua e d'esta para aquella praça! Erguia-se como um só homem, e como n'um só braço empunhava as armas na defeza da liberdade!

As palavras de Lourencinho, pronunciadas com solemnidade, produziram um effeito vertiginoso; e se n'aquella occasião, apparecesse junto ás barreiras o exercito castelhano, ficaria sepultado nas ruinas da cidade.

Garcia Rodrigues julgou ter chegado a occasião de apparecer, e de aproveitar o enthusiasmo popular, montou a cavallo e assim que se apresentou foi rodeado pela multidão, que de todos os lados affluia.

Todos estavam armados: uns empunhavam largas partasanas, outros chuços e os que dispunham de melhor arsenal traziam lança e bésta, e alguns havia tambem que apenas estavam armados de pedras e fundas.

Garcia Rodrigues a cavallo, acompanhado de Gil Vaques fallou ao povo, fazendo-lhe ver a necessidade de abandonar a parte baixa da cidade e conduzir mulheres, creanças e velhos, para os pontos fortificados, e de ahi fazer-se então séria resistencia aos castelhanos.

O povo não queria convencer-se da sensatez d'este conselho, mas o nosso Lourencinho, á frente de uns trezentos

ou quatrocentos homens, comprehendendo o alcance da medida apresentada pelo senescal, chegou-se a Gil Vasques, a quem conheceu logo, e disse-lhe:

— Dizei ao senhor grão senescal, que faça as suas disposições de defeza, nos pontos defensiveis da cidade por que eu respondo pelo juizo d'esta gente.

«Estes parvos não conhecem, que uma cidade aberta, sem fosso nem barbacan, falta de muros e carcovas, não póde resistir e deixae o negocio por minha conta que nem um ficará a quem dos pontos fortificados.

Se quereis conciliar o amor dos povos dae-lhes liberdade e se lhes quereis conhecer a braveza roubae-lh'a! Nada ha que se opponha á vontade de um povo quando luta pela santa causa da patria, e foi o que succedeu aos habitantes de Lisboa, n'esta lucta gigante e nas mais que se lhe seguiram contra o leão de Castella.

O aspecto da cidade de Lisboa, n'este dia ao cair da noite só se poderá comparar com a emigração de povoações inteiras, quando em 1807 o dispotismo francez veio em nome da liberdade hostilisar um povo cioso da sua nacionalidade, como todos os povos briosos.

Em Lisboa, quando os castelhanos em 1374 entraram tudo era livre como o pensamento e espontaneo como as criações naturaes. Os cidadãos corriam ás suas habitações e levavam tudo quanto possuiam de mais caro e precioso. Todos retiraram! Velhos, creanças e mulheres e uns arrastando o simples fardo da vida, outros o que as forças lhes permittia e ao pallido clarão dos archotes, moviam-se os differentes vultos, como phantasmas.

Moveis, utencilios e mantimentos de guerra, tudo era conduzido, para que os castelhanos não tivessem nada de que lançar mão.

Nos altos da cidade, aonde a povoação se fortificava, não era menor o movimento: abriam-se largos fossos, construiam-se barreiras, levantavam-se muros e cortavam-se as ruas.

O grão senescal, Gil Vasques e mais alguns fidalgos cavalleiros, tudo viam e preveniam, destribuindo armas aos que não tinham, e animavam a todos com as suas palavras e exemplo.

Ao romper d'alva completara-se a mudança de mais de

dez mil familias e apenas os religiosos ficaram nos conventos, convencidos, de que seriam respeitados.

O povo apinhado nas fortificações conservava-se impassivel e sem grande receio.

Não tinha sido infructifera, nem de mais a actividade que se empregára e no dia immediato ás duas horas da tarde, os postos avançados do exercito castelhano, entravam pelas portas de Santo Antão e estenderam-se pelo rocio, rua nova até á Sé e Magdalena.

A cidade parecia um deserto e os toques dos clarins e trombetas eram repetidos pelo echo, como se atravessassem uma extensa campina! A cidade parecia um vasto sepulchro, e os castelhanos, espectros moventes,

As tropas vinham estrupiadas, por causa das marchas e o seu aspecto não era para intimidar, e se Portugal tivesse um rei, que com a sua presença animasse aquelle punhado de valentes, facil seria a sua derrota.

Gil Vasques refervendo-lhe a raiva no peito, pediu licença para atacar o inimigo; e foi tão feliz que lhe tomou duas bandeiras.

Decorreram muitos dias, depois da entrada dos castelhanos, e nenhum se passava, sem que houvesse alguma escaramuça entre elles e o povo.

Os castelhanos saquiavam os campos, e destruiam as aldeias e a fome já se ia manifestando entre os muito nobres e leaes habitantes de Lisboa, cada vez mais resolvidos á resistencia, e sabendo que os castelhanos tiravam grandes recursos das casas de campo e quintas convezinhas, resolveram lançar-lhes o fogo.

Dois corpos foram destinados para esta empreza, devendo operar um nas ruas da cidade, para desviar a attenção do inimigo.

Á uma hora da noite marchavam os dois corpos, guardando o maior silencio, e ás duas atacavam os postos castelhanos, que recuaram medrosos.

A columna, que atacou o inimigo na cidade, era commandada por Garcia Rodrigues e por Gil Vasques e a outra pelo valente Vasco de Mello, que já se achava restituido á liberdade.

Nada podia haver mais bem combinado e em quanto Vasco de Mello, incendiava tudo que poderia ser util ao ini-

migo, Garcia Rodrigues á frente do corpo do seu commando, acutilava os esquadrões castelhanos que perdiam terreno em completa desordem.

O exercito castelhano cheio de surpreza, pela violencia do ataque, batteu-se em retirada, e carregando de tropel uns sobre os outros, fugiram em debandada, em frente dos piquetes da burguezia de Lisboa! E mais de um pacifico mercieiro, tornados de improviso capitães, fizeram prodigios de valor.

Garcia Rodrigues era um valente e expondo-se abertamente ao perigo, foi victima do seu arrojo. Um cavalleiro castelhano cruzou com elle a espada, e no fim de um combate heroico, o brioso portuguez, cançado pelos annos e pela fadiga succumbiu ante o ferro humicida do estrangeiro.

Gil Vasques que o não perdêra de vista, fez todo o possivel para o soccorrer, mas sempre rodeado de inimigos, a custo se defendia; e a não ser o ousado carniceiro teria igualmente sido victima.

O mancebo chorava interiormente a morte de tão distincto varão, quando avistou, não muito longe de si o seu assassino, que de espada em punho parecia o anjo da morte, a sua estatura era regular e rica a armadura.

Gil Vasques não esperou mais nada, enristou a lança, cravou as esporas nos flancos do cavallo e de um salto caiu sobre o cavalleiro, que teve que recuar para se defender.

Gil Vasques carregou furioso e as lanças encontrando-se nos escudos voaram em pedaços, e os cavallos quasi que assentaram as garupas no chão!

Os cavalleiros arrancaram das espadas que fulgiram como o raio nas trevas da tempestade e os cavallos apertados nos ilhaes cediam ao governo dos cavalleiros, que como duas feras, procuravam a morte ou triumphar. Mas a morte adejava altiva em todas as ruas, e muitas myriades de cadaveres as juncavam.

O guerreiro castelhano, era realmente um valente, e se Gil Vasques não o excedia em coragem, tinha a vantagem de um pulso de ferro e uma admiravel agilidade.

O cavalleiro castelhano era D. Pedro Fernandes, conhecido, como uma das melhores lanças do seu tempo; e vendo-se aggredido tão rudemente, conheceu que o seu adversario reunia a um jogo seguro e metodico, todas as condi-

ções de um formidavel guerreiro; quiz pois acabar o combate com um golpe de mestre, que por Gil Vasques foi aparado com vantagem.

D. Pedro Fernandes descarregou segundo golpe, mas d'esta vez a espada voou em quatro boccados! Estava desarmado! Puchou da archa de armas, mas Gil Vasques, recuando tres ou quatro passos caiu de um salto sobre o cavalleiro, e agarrando-lhe no pulso com mão de ferro, fel-o vergar, quasi desmaiado pela intensidade da dor!

Gil Vasques disse-lhe com o maior sangue frio:

—Nem mais um movimento cavalleiro, que n'isso lhe vai a vida! Entregai-vos á descripção, aliás passo-vos de lado a lado com esta adaga, visto que já não tendes espada.

Os soldados castelhanos e portuguezes, tinham cruzado os braços ao verem um tão grande combate; e no fim de alguns momentos, os portuguezes, vendo chegar grandes reforços aos castelhanos, trataram de retirar com a melhor ordem possivel.

O Lourencinho, era um bravo, e á frente de uns quatrocentos vadios do seu commando, fez prodigios de valor, não esquecendo todavia, que um bom patriota tambem póde ser um bom larapio, e por isso, para não perder o costume, foi roubando o que pôde, em quanto matava castelhanos, porque verdade, verdade o Lourencinho era valente.

Gil Vasques olhou e viu com pezar que todos retiravam e puchou pelo cavalleiro que tinha seguro, e obrigou-o a metter o cavallo a galope.

Os soldados castelhanos, nunca pensaram, que um tão grande guerreiro podesse ser assim conduzido e correram para o salvar, mas já era tarde!

D. Pedro Fernandes cobrou animo, e vendo correr a cavallaria hespanhola em seu auxilio, tirou a adaga com a mão esquerda e tel-a-ia cravado no coração de Gil Vasques, se o golpe não fosse prevenido a tempo.

Gil Vasques conservando-o sempre seguro, segurou as redeas com os dentes, desviou o golpe e deu com o punho fechado no braço do cavalheiro, com tanta força que o ferro caiu-lhe da mão.

A cavallaria castelhana aproximava-se e Gil Vasques que para nada queria, D. Pedro Fernandes, descarregou-lhe sobre o elmo, com os copos da espada, tamanho golpe, que

o capacete saltou fóra da cabeça e o craneo ficou partido em dois, e a vida saiu pelo seu orgão principal! D. Pedro Fernandes oscillou e caiu, e os soldados castelhanos ficaram atterrados, e não se animaram a perseguir um tão valente cavalleiro.

Os exercitos, portuguez e castelhano tomaram novas posições e Lisboa era uma vasta cratera, porque o facho incendiario cumpria a sua terrivel missão.

Negros turbilhões de fumo subiam aos ares! O crepitar da madeira produzia um arruido medonho, que reunido ao estrondo pelo desabamento dos edificios causava terror e desesperação. As chammas elevavam-se agitadas pelo vento, elevando as faiscas a outros pontos, produziam novos incendios.

O povo de Lisboa, estorcia as mãos desesperado, vendo arder os lares aonde gosára as doçuras da paz domestica!

A rua nova e muitas travessas foram incendiadas, bem como a parte da cidade denominada a judiaria.

Tres dias durou o incendio; e quando os castelhanos se preparavam para novas façanhas, um enviado extraordinario de D. Fernando se apresentou no campo para tratar da paz. D. Fernando acordára finalmente aos brados de uma cidade inteira!

Os castelhanos impozeram a lei, e não foram pouco exigentes! A paz concluiu-se finalmente, mas depois de muitos valentes e leaes portuguezes dormirem o somno eterno dos mortos.

IV

Primeira declaração

Em quanto Lisboa se defendia heroicamente, e que nos mais pontos do reino o povo vendia a vida a troco da liberdade, a côrte de D. Fernando, em Santarem vivia tão socegada, como se o paiz navegasse n'um mar de rosas, e as intrigas e diatribes proseguiam audaciosas.

Fr. Pedro de accordo com D. Leonor, espionova D. Maria Telles de Menezes e D. Luiza de Gusmão e o resultado das suas indagações, se não correspondeu ao todo, satisfez em parte aos seus desejos.

Convencidos de que D. Maria Telles de Menezes amava, o infante D. João, trataram de devassar os segredos de D. Luiza de Gusmão.

A paz com Castella, roubára á côrte de D. Fernando um grande numero de cavalleiros castelhanos, que sairam de Portugal em virtude de um artigo do tratado, que assim o exigia.

A princeza D. Brites casára com o conde D. Sancho, filho legitimo de D. Henrique; e as virtudes e mais qualidades d'esta princeza, eram tão reconhecidas que por todos era estimada; e com a sua ausencia desappareceu o principal apoio, que o bom censo e o pudor tinham na côrte.

D. Maria Telles quiz acompanhal-a e tentou vencer a fatal paixão que a tritorava; e na lucta sustentada entre o amor e o dever, venceu infelizmente o amor, como potencia mais poderosa! Era o fatalismo que a arrastava á beira do abysmo!

Destino fatal! Destino que preside ás creaturas! Ah! Que se fosse possivel prescrutar o futuro quantas dores e lagrimas se poupariam á humanidade...

A princeza D. Brites partiu para Castella, e D. Maria Telles encerrada no seu quarto, chorava lagrimas de sangue! N'um dia parecia-lhe ver o rosto de seu marido, que erguendo-se do sepulchro, lhe esprobava a falta de fé que lhe jurára! Em sonhos o via ella sempre de aspecto carregado e a pobre senhora acordava tremula e vertendo copioso pranto pedia-lhe perdão, bradando soffocada:

—Oh! perdão, querido esposo! Em quanto vivo amei-te como os anjos amam a Deus e Deus as suas creaturas! Bem sei que devia amar-te além da morte! Mas eu amo-te ainda e occupas em meu coração um logar que por ninguem será substituido.

«Amo-te querido esposo, como se ama a memoria de um santo, a idéa da virtude e a vontade de Deus! Desculpa-me por entregar este pobre coração a outrem, que vivo lhe póde contar as palpitações e comprehendel-o pela linguagem do amor.

«Hoje na bemaventurança, só para Deus te elevas! As tuas aspirações limitam no primeiro degrau do throno celeste occupado pela Magestade Divina!

«Desculpa, em mim, as fraquezas do mundo, pois todos emquantos vivos, a ellas estamos sujeitos.

Assim terminava a pobre sonhora a sua dolorosa allocu-

ção que nunca findava sem uma torrente de lagrimas e acompanhada por D. Luiza de Gusmão, passava os dias tristemente e as noites em monotonia.

A joven donzella não menos ferida, se os seus pesares eram menos ingentes, não eram menos dolorosos.

Notára que sua avó, devotada inteiramente aos interesses e caprichos de fr. Pedro, por differentes vezes lhe fallára em Aleixo de Figueiredo, como de um mancebo virtuoso e de raras qualidades e estava intimamente convencida, que D. Beatriz de Vasconcellos, levada por uma cega obdiencia aos caprichos do frade, seria capaz de a hostilisar, na convicção de que praticava um acto justo e altamente meritorio.

Deixemos as suas tristes aprehensões, e vamos a tratar de outro assumpto.

Entre o numero dos fidalgos gallegos, que sairam de Portugal. D. João Fernandes de Andeiro, foi um, dos que sem patria nem arrimo, buscaram n'um outro canto do mundo, o que Portugal já lhes não podia dar.

As leis da hospitalidade eram violadas, e um punhado de homens, que se achavam ao abrigo da bandeira das Quinas, foram compellidos a sair do solo portuguez!

A este tempo já a rainha D. Leonor, nutria um amor criminoso, que comquanto comprimido pelas conveniencias, veio mais tarde a manifestar-se tanto, que fez a desgraça de ambos e quasi a de Portugal.

A rainha andava melancholica, porque a ausencia avivara uma paixão, que por assim dizer, estava na infancia.

Aleixo de Figueiredo proseguia nas suas pretenções amorosas e não se passava um dia, que não praticasse uma travessura tão falta de espirito, que se não causava dó, promovia o riso.

Gil Vasques depois da paz concluida e ter-se coberto de gloria na cidade de Lisboa, regressára á côrte aonde fôra armado cavalleiro, a pedido da corporação municipal d'esta cidade, em attenção aos seus importantes serviços.

A rainha D. Leonor, mudára de opinião a seu respeito porque reconhecendo-lhe grande merecimento, negou-lhe a demissão que elle sollicitou, do logar de seu escudeiro.

Fr. Pedro não gostou do procedimento da rainha, e para se convencer das suas intenções, teve com ella uma edifi-

cante entrevista, como era natural entre pessoas, que tão bem comprehendiam os seus interesses.

Fr. Pedro entrou no quarto da rainha sem se fazer annunciar como era costume. D. Leonor não se mostrou surpreza, nem offendida: sabia que andava desconfiado, e desligal-o dos seus interesses era perder-se.

D. Leonor tinha uma filha, e D. Fernando, pelos seus padecimentos, não lhe dava esperança de um filho varão.

A paixão do infante D. João, immediato successor á corôa, era uma das cousas que mais finava aquella alma ambiciosa.

Sua irmã era incapaz de ceder ao infante, sem primeiro lhe dar o titulo de esposa, não por calculo, mas sim por uma regidez de principios de que se não afastava.

Desejava pois affastal-o de sua irmã, tentando-o com um outro amor e se não se saisse bem, leval-o-ia pela ambição, e em ultima instancia appellaria para a calumnia.

D. Luiza de Gusmão reunia aos dotes da formosura, uma alma bem formada e tudo mais, quanto se deve encontrar n'uma senhora da alta sociedade. A joven era linda e espirituosa e uma temivel rival para D. Maria Telles, mais bella que interessante.

Estas eram as idéas de D. Leonor, quando fr. Pedro entrou.

A rainha estendeu-lhe a mão affectuosamente e apontou-lhe para uma cadeira, que elle acceitou sem cerimonia.

Fr. Pedro parecia achar-se absorvido em profundo meditar, assentou-se e ficou callado.

—Que vos encommoda, fr. Pedro, disse D. Leonor, tendes algum desgosto de familia? É vosso sobrinho que prosegue nas suas rapaziadas?

—Não, poderosa rainha, outros são os meus soffrimentos e adivinho uma desgraça, que se acha iminente! Sabei, senhora, que no paço todos conspiram contra vossa alteza.

D. Leonor impallideceu! Para ella não havia outra cousa além da ambição de governar; sabia que era aborrecida dos nobres e desprezada pelo povo, e que o seu imperio existiria, apenas, emquanto o rei vivesse.

—Quem vos informou d'essas conspirações, perguntou D. Leonor, com uma serenidade apparente, que não escapou ao espirito sagaz do frade.

—Quem me informou? O confessionario e as minhas espias, porque por toda a parte deito esculcas.

A rainha proseguiu, affectando indifferença.

—Quem são os conspiradores mais influentes?

—Isso, minha senhora, permitta-me alguma reserva, para não compromettter altos personagens.

D. Leonor olhou para elle, como quem desejava profundar a verdade, mas o frade como refinado velhaco, encobriu tão bem o verdadeiro sentimento que o animava, que o melhor phisionomista nada concluiria de uma fronte, que n'aquella occasião era apenas a de um honrado e simples religioso.

D. Leonor, apesar da sua grande finura, não poude saber se elle lhe fallava a verdade, ou lhe armava um laço, para mais a ligar aos seus interesses.

—Com que então, fr. Pedro, todos conspiram contra uma pobre mulher! Apostaria que minha irmã, não é estranha a todas essas intrigas?

—Não sei, senhora, no entanto, o que será conveniente é affastal-a do infante, e de D. Luiza de Gusmão, a quem ha de comprometter com a imprudencia dos seus conselhos.

—Mas que influencia póde ter em tudo isto D. Luiza de Gusmão, uma donzella de quinze annos? Que poderá ella fazer n'uma conspiração? Pois é possivel que uma joven de tão pouca idade, tenha tempo para pensar n'essas cousas?

O frade sacudiu a cabeça e sorriu tão maliciosamente, que a rainha convenceu-se que fallava serio.

—Fr. Pedro, não me encubra a verdade, especialmente, quando o Estado e o rei podem perigar; quero saber tudo porque tudo nos é preciso saber.

O frade sorriu, porque triumphára e D. Leonor, apezar de toda a sua sagacidade, acreditava na existencia de uma conspiração, de que só elle possuia o fio.

—Vamos, disse elle rindo interiormente, vamos ao complemento de um facto, que moral e materialmente não existe, além da minha cabeça... Enganar os tolos não é gloria, os espertos sim...

—Pois minha senhora, affianço-lhe que todos conspiram desde o infante D. João e o mestre d'Aviz, até ao mais simples cavalleiro! Não posso por emquanto dar maiores escla-

recimentos, e sirva-lhe de governo este aviso; é preciso andar com prudencia, até que maiores dados se possam obter.

D. Leonor ficou pensativa e quiz convencer-se que sua irmã conspirava contra ella e os seus amores com o infante, eram como a espada de Damocles.

D. Leonor recuava ante a idéa de vêr sua irmã assentada no throno, que ella occupava, e quando isto se lhe desenhava na imaginação, bramia como a hyena, e não havia crime, que não meditasse e desejasse.

O frade olhava de soslaio e lia-lhe na fronte as differentes sensações, que lhe trituravam a alma.

D. Leonor, ergueu a cabeça, como quem acabava de encontrar uma idéa, de ha muito meditada:

—Fr. Pedro, os nossos interesses estão intimamente ligados, o rei é doente e é preciso assegurar em mim a regencia e necessito que lhe falle n'estas cousas, de que eu não posso tratar.

D. Leonor agitada pelas paixões que lhe minavam a alma fez uma pausa e proseguiu com maior energia:

—Affirmo-vos, que actualmente, não careço muito de vós. Tendes, bem sei, grande imperio sobre o rei, mas não sereis capaz de anniquilar o meu; precisei de vós no passado, assim como necessito no futuro.

—Lembrae-vos do que vos vou dizer, e meditae no plano por mim concebido, para affastar o infante de minha irmã.

—Uma paixão é sempre dominada por uma outra maior; e se acharmos uma dama que reuna ás grandes qualidades, a ambição, talvez que consigamos o nosso fim.

—Tenho-me lembrado de D. Luiza de Gusmão, por ser uma joven que reune em si todos os dotes necessarios para prender o infante, e fazel-o esquecer de D. Maria, que dizeis?

Fr. pedro ficou aterrado, não porque á sua moral repugnasse um crime de mais; mas sim porque reservava a donzella para seu sobrinho.

Declarar isto á rainha era collocar-se na sua dependencia, cousa que elle não queria depois de obter um triumpho.

Resolveu pois, não approvar, nem reprovar, e fazer o que melhor lhe conviesse. O que elle necessitava era affastar da côrte Gil Vasques e nada mais.

Meditou todavia muito seriamente na proposta da rainha, e concluiu com aquella sagacidade propria do claustro, que se as intenções de D. Leonor em relação a D. Luiza de Gusmão, não podiam ser apoiadas, no sentido determinado, podiam ser aproveitadas para se descartar de Gil Vasques, fazendo-o sair da côrte; e conscio d'esta necessidade respondeu-lhe:

—Vossa alteza lembra muito bem; mas recorde que D. Luiza ama esse bastardo, protegido por D. Lourenço e fr. João da Barroca e além d'isto D. Maria, pela grande influencia que tem na donzella, fez com que Gil Vasques fosse um dos maiores conspiradores.

D. Leonor infiou de raiva.

—Pois é possivel que esse miseravel tambem conspire? Nada! Isso não póde ser.

—Com que então chama vossa alteza miseravel a um demonio valente como a ira dos elementos? Pois afianço-lhe que é dos mais perigosos.

A rainha calou-se e só respondeu depois de alguns momentos.

—Vamos, disse ella, que se ha de fazer?

—Accusal-o de um crime qualquer, respondeu o frade, e fechal-o para sempre n'uma prisão.

D. Leonor, vacillou e sentiu predilecção pelo mancebo, e não se achava inclinada a perseguil-o, no entretanto, cedendo á necessidade adheriu á proposta do frade.

—Acceito disse ella. Mas o infante.

—O infante vigia-se de perto, mais D. Maria e D. Luiza.

—Está dito, dou-vos carta para tudo e ámanhã tereis em vosso poder um pergaminho em branco, assignado pelo rei. É a maior prova de confiança que vos posso dar.

Frei Pedro beijou-lhe a mão e saiu.

Por detraz do reposteiro, achava-se uma figura esquesita, a quem ninguem dava importancia, mas que valia muito, não obstante, julgarem-n'o idiota.

Era um corcunda, que tinha por especial recommendação ser o melhor mestre barbeiro dos seus tempos.

Teria cincoenta annos e a sua figura era repellente, mas a alma bem formada.

Além de ser cabelleireiro de suas altezas, desempenhava na côrte um outro emprego não menos importante: era

jogral afamado e poeta improvisador; levava de vez em quando o seu pontapé do rei, mas em compensação dizia-lhe, o que ninguem ousaria pensar; e João Pampilhosa ia para o quarto da rainha, aonde tinha entrada franca, quando viu entrar fr. Pedro.

Havia muito tempo que elle desejava profundar os segredos de sua ama, que do coração odeava, quanto a fr. Pedro tinha com elle a ajustar uma certa conta, que ainda se achava em aberto.

Em quanto o frade se accommodava na cadeira e principiava a conversação, que descrevemos, elle por detraz do reposteiro, ouvia tudo, sem nada lhe escapar; e assim que o viu levantar rodou sobre os calcanhares e desappareceu no corredor, com pasmosa agilidade.

Deixemos por momentos, D. Leonor e fr. Pedro, e dirijamos as nossas vistas para um soberbo palacio, residencia de D. Maria Telles de Menezes, que se retirára do paço, desde o casamento da infanta D. Brites.

N'um rico e bem mobilado quarto está a joven viuva assentada, em fofos cochins, forrados de seda, de differentes côres e qualidades.

Seu trajo é elegante mas modesto, affastada inteiramente das intrigas da côrte, por ninguem era vesitada, especialmente por seus irmãos, que devendo tudo á rainha, só a ella faziam a côrte.

D. Maria parece ter acabado de chorar, o que se conhece nos olhos, ainda bastante vermelhos.

Que rasões teria esta joven e virtuosa dama para passar vida triste e retirada? Era a paixão violenta, que nutria e que quanto mais desejava dominar, mais intensa se tornava.

O infante era cada vez mais exigente e a pobre senhora, já não podia resistir! Tinha uma unica amiga e um unico amigo que eram a joven D. Luiza de Gusmão, e Gil Vasques, que dariam a vida para lhe poupar o menor dissabor. Mas agora achava-se inteiramente só.

D. Luiza de Gusmão prohibida por sua avó, a custo lhe fazia alguma visita.

D. Beatriz de Vasconcellos, que era incapaz de violentar um estranho, tratava com aspereza sua innocente neta, na convicção de que praticava uma grande virtude e tal era a devoção que tinha por fr. Pedro!...

Fr. Pedro estava resolvido a tudo, para obter a mão da donzella, para seu sobrinho; e como desconfiava que D. Maria Telles protegia os amores de Gil Vasques, dizia a D. Biatriz, que affastasse sua neta d'aquella dama.

Gil Vasques, cançado de viver n'uma côrte, aonde o ocio imperava, e por conhecer que era perseguido, despediu-se de D. Lourenço, de D. Maria Telles e de D. Luiza, por uma carta, unico meio de que podia dispôr.

Havia seis mezes que os jovens se correspondiam, sem que uma só entrevista, viesse lançar mais um elo na cadeia que os ligava e assim permaneceram até á epocha, em que Gil Vasques regressou á patria, depois de uma ausencia de alguns annos.

A unica pessoa, com quem D. Maria compartia os seus dissabores era com Marianna sua aia, quanto aos mais todos lhe fugiam!

Para a infeliz viuva o sol não tinha brilho, nem o dia differença da noute! As flôres eram insipadas, sem aroma nem belleza! Ao contemplar o mundo e as contingencias da vida, arrependia-se de não ter entrado n'um convento, aonde ao abrigo das paixões humanas podia viver socegada.

Tal era a vida de D. Maria Telles de Menezes, que mal aventurada, nem mesmo assim escapava ás intrigas e perseguições dos seus inimigos.

Gil Vasques contara, a fr. João da Barroca, antes de se retirar, a guerra traiçoeira que fr. Pedro lhe fizera e o digno religioso respondeu-lhe com a sua habitual mancidão, que fazia honra ao habito que vestia.

—Tem paciencia meu filho, no entretanto se exceder certos limites, avisa-me, porque tenho os meios necessarios para o fazer recuar; eu nunca acreditei n'elle; finalmente meu filho, é mais uma lição que levo n'este mundo.

Voltemos outra vez á côrte e vejamos o que faz D. Fernando entregue aos seus vastos planos, cuja conclusão era sempre um disparate.

A paz durava havia mais de dois annos e em Castella achava-se o infante D. Diniz, filho de D. Ignez de Castro, desde que seu irmão casara com D. Leonor Telles.

O mestre d'Aviz, tinha apenas dezesete para dezoito annos e o seu genio reservado e bondoso, grangeara-lhe as

simpathias de todos: o povo adorava-o e quanto aos nobres, se o não temiam respeitavam-n'o.

D. Fernando não encontrava encantos na paz e aborrecia-se de ver, que o pacifico lavrador mettia a charrua á terra para tirar os recursos, que a agricultura dá a todos os povos, que teem a ventura de a conhecer.

Para elle a paz não tinha encantos e desejando ser tudo nunca foi cousa alguma! Como general foi mesquinho e imprudente, como soldado pouco brioso e tentando ser conquistador, nunca passou da defensiva. E mettendo-se finalmente no espinhoso campo da politica, traficou comsigo duas vezes, promettendo casar-se em Aragão e Castella.

Duas vezes casou sua filha, que no berço já era esposa! Era um saltimbanco casamenteiro e nada mais.

Desejando dar um golpe de mestre no rei de Castella, buscou alliar-se com a Inglaterra e Aragão e com o reino de Granada, pertencente ainda ao dominio sarraceno.

Seus irmãos nada lhe diziam, mas a todos repugnava tanta loucura! Quanto ao infante D. João, entregue exclusivamente ao amor de D. Maria Telles, nada ouvia nem attendia, que junto d'ella não estivesse.

Na tarde que D. Fernando expedia um proprio de inteira confiança, para encarregar D. João Fernandes de Andeiro das negociações com Inglaterra, saíam mais dois commissionados para Aragão e Granada: o amor de D. Leonor triumphara e D. Fernando lavrava a sua sentença de deshonra.

A cair da tarde do dia 24 de agosto de 1375 D. Maria Telles de Menezes absorta n'uma alluvião de idéas, que lhe agitavam a alma, sentia-se embalada pela doce esperança de uma futura felicidade.

Uma creada particular lhe annunciou, que D. Luiza de Gusmão desejava entrar.

A joven senhora ficou cheia de satisfação, por que de ha muito não abraçava a sua querida amiga, e D. Maria precisava desabafar no seio da amizade os seus grandes dissabores.

A donzella pela sua parte, nutrindo egual pensamento não esperou que a mandassem entrar e precipitou-se-lhe nos braços.

Depois de se abraçarem com a maior ternura, olharam uma para a outra, e interrogaram-se mutuamente.

D. Luiza recuou pois grande era a differença que notava em D. Maria Telles!

Aquelle rosto tão bello como o despontar da aurora, se não soffrera alteração na belleza e regularidade das feições, perdera todavia esse brilho que tanto seduz e captiva a mocidade.

D. Luiza não poude encobrir a sua admiração, e exclamou:

—Que tendes minha nobre amiga? Por Deus e pela Virgem Santissima, dizei-me se estaes enferma, confesso que nunca vos vi tão pallida e abatida.

D. Maria surriu e respondeu tristemente:

—Se me perguntaes pelas enfermidades physicas, respondo-vos que não conheço nenhuma, mas em compensação minha filha, juro-vos que as dores do espirito não podem ser mais graves...

«Uma constante luta, um soffrer interminavel parece constituirem uma eterna agonia, n'esta pobre alma, por Deus fadada para o soffrimento!

«Ha dores moraes, minha filha, que não mattando de repente definham lentamente! As lagrimas estancam-se, mas a dôr fica!

«Os dias surgem bellos para todos, mas para mim são como as trevas.

«Para todos, o mundo terá flores, mas eu não lhe encontro senão espinhos!

D. Maria chorou; e as lagrimas que pelas faces se deslisavam, escaldavam o peito da sua joven amiga.

—Minha querida senhora, é impossivel, que o infante, que tanto vos amava, traisse os seus juramentos e calcasse os preceitos da honra, que um cavalleiro vulgar seria incapaz de olvidar.

«Não! Não posso crer, que vos deixasse de amar, por que além de ser uma perfidia inaudita, seria uma villania injustificavel.

D. Luiza de Gusmão era uma joven de grandes virtudes, e dotada de um talento natural que muito a recommendava.

D. Maria contemplou-a com ternura maternal e agradeceu-lhe interiormente a sua nobre dedicação.

—Enganae-vos minha filha, o infante ama-me cada vez

mais e de dia para dia augmentam as provas de amor! Hontem por exemplo me deu a maior que lhe podia exigir: é tal que não me animo a recusal-a nem a acceital-a!

«Hontem aqui mesmo, n'esta sala, insistiu comigo para lhe acceitar a mão de esposo, mas... a sombra de meu marido ergue-se ante a idéa de um outro hymineu! Não sei o que me advinha o coração, nem o que vejo no futuro. . .

—Permetti, que vos diga, senhora, que mal fundados são os vossos receios; se não comprehendo, que o respeito devido á memoria dos mortos, seja uma affronta para os vivos, tambem não posso conciliar a idéa, de que o amor tributado aos vivos seja o opprobrio dos que já não existem.

«Sois, por ventura a unica, que contrae segundas nupcias?

«Que haverá de criminoso e condemnavel, no amor puro e santo, que o infante vos dedica?

«Profanaes as cinzas de vosso marido recebendo uma nova benção nupcial?

«Affastae senhora esses fataes presentimentos mais proprios da minha idade de que na vossa.

«Os laços que nos prendem aos mortos, são muito differentes dos que nos ligam aos vivos.

«Aos mortos devemos respeito, consideração e honra, e devendo tudo isto aos vivos ainda lhe devemos mais e muito mais!

«O amor que tributamos a estes, diverge em sentido absoluto do respeito que devemos áquelles.

«É finalmente um preconceito da vossa parte, que eu talvez desconhecesse, quando me convencesse que não me affastava da senda da virtude, nem do acatamento devido ás cinzas de meu esposo.

D. Maria Telles mais desembaraçada dos tristes presentimentos, que no futuro via erguer, acreditou nas palavras da donzella, como na predicção de um oraclo e julgou anniquilado o abysmo, que vira iminente! Foi como se visse abrir uma porta, dando-lhe livre entrada para a felicidade.

—Sois uma verdadeira amiga! e praza ao Céo, que elle em vós compense as venturas, que me tem recusado.

—Dizei francamente, se pedir-vos franqueza não é uma affronta, que se diz na côrte? Que é feito de Gil Vasques, d'esse brioso mancebo, idolo do vosso coração?

As faces de D. Luiza tingiram-se de escarlate, o peito dilatou-se-lhe e exhalou um suspiro, que bem revellava quanto aquelle coração estava saturado pela dôr.

D. Maria, fiel anthitese de sua irmã, soffreu com o soffrer da sua amiga, insistiu na pergunta, e uma torrente de lagrimas foi a unica resposta.

Os papeis tinham-se trocado, D. Luiza animára com as suas palavras D. Maria Telles, cuja alma cruciada parecia ter morrido para a ventura.

A divida ia saldar-se e D. Maria Telles preparou-se para a pagar com usura.

—D. Luiza, lhe disse ella, desabafae os vossos dissabores e crêde, que depois haveis de achar lenitivo, nada ha que amenise mais a dôr, como compartil-a com um peito amigo e dedicado! O soffrer só é bem comprehendido pelos que soffrem; a dôr dilata-se á proporção que o coração se resente, e quanto maior, maior é a necessidade da expansão.

«Dizei D. Luiza! dizei tudo, que em nome da amizade vol-o peço.

D. Luiza de Gusmão contou como sua avó propondo-lhe o casamento com Aleixo de Figueiredo, concluira, que quando não acceitasse um partido tão vantajoso, a rainha que n'isso se empenhava ficaria agastada, e que a consequencia seria, talvez, entrar para um convento.

D. Luiza proseguiu:

«Minha avó disse muito mal de Gil Vasques; chamou-lhe villão, libertino e como tal indigno do amor de uma nobre donzella; e não obstante não me dar a entender, que sabia do nosso amor, conheci que não lhe era estranho, pela maneira porque fallou.

—Custa a crêr senhora, como minha avó, a quem não posso negar grandes virtudes, se deixe arrastar pelos caprichos de um frade ambicioso.

D. Maria ia para fallar, quando Mariana se apresentou com um modo mysterioso:

—Senhora, disse ella, o carcunda cabelleireiro de suas altezas, pede para fallar a vossa honra, sem a menor detença.

D. Maria ficou surpreza e D. Luiza de Gusmão como se um raio lhe caisse aos pés, antipatisava com o carcunda,

e considerava-o como de inteira confiança da rainha e fr, Pedro; e como tinha saido sem licença de sua avó, deprehendeu o peor.

Marianna recebeu ordem de sua ama para o mandar entrar, e o anão entrou com o desembaraço proprio dos individuos acostumados ao trato da côrte.

João Pampilhosa era um personagem importante como já dissemos; e muita gente boa sollicitava a sua protecção, não obstante ser simplesmente barbeiro e cabelleireiro de suas altezas.

Era critico e espirituoso, não obstante a sua desformidade; ninguem como elle, dirigia mais certeiramente um dito sarcastico: e muitos cavalleiros vergaram sob o redículo das suas palavras, e verdade, verdade João Pampilhosa fez muitas conversões.

O nosso homem entrou, e depois de cumprimentar as damas, assentou-se commodamente n'uma grande cadeira de espalda sem a menor cerimonia.

Seus olhos pequenos como os do porco scintillavam, deixando transparecer, atravez d'aquelle modo zombeteiro, que nunca o abandonava, o fundo de uma grande alma, se bem que inflexivel na vingança.

D. Maria foi a primeira que lhe fallou.

— Mestre João Pampilhosa, que vos trouxe a esta vossa casa, que nunca quizestes frequentar?

«Acabou por ventura a prohibição da rainha minhã irmã?

O carcunda fez uma careta medonha, acompanhada de um gesto tão grutesco, que faria chorar e rir uma creança, ao mesmo tempo.

Cantou duas ou tres baladas com voz rouquenha, e respondeu á nobre dama como tinha por costume, por meio de uma parabola allusiva ao assumpto de que ia tratar.

—Havia nobre dama, disse elle, um pombo e uma pomba que viviam felizes no seu ninho.

«Nada havia mais bello e seductor, do que o tempo que passavam juntos amando-se como os anjos, e vivendo como serafins.

«Vae se não quando, um dia dois abutres, macho e femea, tentaram devorar os dois pombos, mas como não o conseguiram appellaram para a traição que teve os melhores resultados!

«Dois jovens rolinhos tambem se amavam, e como fossem protegidos pelos dois pombos, o macho foi estrangulado!

«Quanto á femea foi cair no bico de um morcego, mais fraco que um pardal.

João Pampilhosa concluiu a sua historia, com um gesto tão tretico e pavoroso, que as damas impallideceram e arripiaram-se-lhes os cabellos! João Pampilhosa, rangeu os dentes e rio sinistramente!

As damas arquejando de medo, trituradas pela dôr, supportavam essa sensação moral, que se experimenta, quando o receio lucta com a curiosidade.

O carcunda olhava para ellas com modo insinuante, o que mais ainda as preoccupava, e a parabola era significativa de mais, para que a allusão fosse ignorada, e como reconheciam o caracter da rainha e de fr. Pedro tremiam até á medula dos ossos.

D. Luiza comquanto mais joven era mais animosa, venceu a repugnancia e disse para João Pampilhosa:

—Mestre João, todos nós conhecemos o seu genio amigo de lacerar os corações alheios, e que pratiqueis assim com alguns cavalleiros impudentes, é justo e até recreativo, mas com pobres mulheres, timidas como as pombas da vossa historia, se não é crueza, é pouca generosidade.

Os sons melodiosos da voz de D. Luiza reprecurtiram no fundo da alma do amouco, que passando a larga e cabelluda mão pela fronte, pareceu ficar commovido e vacillou, sem saber se devia dizer a verdade ou retirar-se, resolveu, porém, dizer o que sabia, e praticar uma boa acção.

—Nobres damas, disse elle, preparae-vos para a tempestade que vos ameaça, D. Maria Telles de Menezes saí da côrte e acceitae a mão que o infante vos offerece, D. Luiza ide para um convento, unico meio de escapar ás unhas do morcego.

«Desculpem se devassei os vossos segredos, mas elles já vos não pertencem! A rainha e fr. Pedro tudo sabem.

«Um cavalleiro, lá em baixo, espera pela honra de vos fallar, é um pobre mancebo namorado, que suspira ha muitos annos por uma entrevista, sem que lhe fosse possivel obtel-a, já é crueldade!

«Não o julgueis plebeu nem peão, e em nobreza póde competir com os de maior nomeada.

«Desconfiae de fr. Pedro e da rainha e recusae tudo que vier da sua mão ou vontade, embora um anjo seja o portador, porque em vez de anjo será um demonio com as unhas e os pés escondidos.

«Não duvideis de mim nem da minha dedicação, com quanto me julguem de inteira confiança da rainha e de fr. Pedro; se elles confiam em mim, eu é que nenhuma confiança tenho n'elles.

«Não estranheis esta minha dedicação; vós, senhora, lamento-vos e aprecio as vossas virtudes; quanto a vós donzella, o amor que consagraes a Gil Vasques, é o elemento productor da estima em que vos tenho.

«Fugi! fugi!... Eu ausento-me, vou estar alguns dias com fr. João da Barroca, quanto ao mancebo, em cinco minutos aqui se apresentará.

João Pampilhosa saiu, deixando ficar as damas fulminadas, como se a ira de Deus rebentasse sobre as suas cabeças.

Não podiam duvidar das palavras do carcunda, pois encerravam verdades, que as faziam tremer!

Como duvidar da força de taes revellações? Não teriam o cunho da verdade suprema? Não lhes diziam parte do que sabiam e do que desconfiavam? Não seria facto consumado o odio que a rainha consagrava a sua irmã, desde que lhe constou a paixão do infante? Não seria fr. Pedro o peor inimigo de Gil Vasques, por causa do amor da donzella, que se oppunha aos seus planos ambiciosos?

Estava pois levado á evidencia que João Pampilhosa dissera a verdade.

Preplexas se achavam ainda as jovens quando um servo se apresentou, dizendo que o cavalleiro Gil Vasques pedia a honra de entrar.

As damas estremeceram e D. Luiza tremeu como se fôra atacada de um paroxismo intermitente.

D. Maria Telles mandou-o entrar e o mancebo apresentou-se timido como estão todos os homens, em face da mulher que amam.

Antes de descrevermos esta singular entrevista, diremos os motivos, que levaram Gil Vasques, a apresentar-se em casa de D. Maria Telles.

João Pampilhosa não era homem era o demonio: para elle não havia difficuldades, quando o capricho militava.

Comtudo não o julguem um intrigante encartado e um vil ambicioso, não senhores; era amigo de pregar uma peça, lá isso é verdade, e sobre tudo de enganar os espertos, devassos e hypocritas, a quem tinha declarado guerra de morte; e até a propria rainha, era por elle, muitas vezes tratada com liberdade de mais.

João Pampilhosa, tendo alcançado parte do trama urdido pelo frade e por D. Leonor, concebeu a idéa de salvar algumas pessoas que lhe eram respeitaveis e outras por quem nutria a maior predilecção.

Era um nobre pensamento, que se lhe não modificava a hediondez do corpo dava-lhe direito a ser considerado bonito da alma.

Para elle a primeira necessidade era avisar D. Maria Telles e D. Luiza; mas de maneira, qua não lhes relatando nada as pozesse ao facto de tudo.

Sabia que o infante D. João era colerico e arrebatado; e se acaso lhe contasse as palavras de fr. Pedro era capaz de o assassinar; ora isto era o que elle não queria, porque o castigo do frade, reservava elle para si com o maior mysterio.

Depois de ouvir o estranho dialogo, entre a rainha e fr. Pedro, como narrámos, em dois saltos desappareceu, e cantando a seu modo, seguiu na direcção do vestibulo que dava para o pateo.

Ao ar livre pensava mais á sua vontade sobre o meio de levar a effeito o seu plano.

Ao chegar porém, á porta deu uma furiosa cabeçada n'um cavalleiro, que caminhava apressadamente.

—Eia! lhe disse elle, vaes cego truão maldito! Olha que te applico dois soccos, como nunca apanhaste em tua vida! Não tens olhos xófrango dos infernos?!

Estas palavras foram pronunciadas por uma voz rouca e arrebatada: era o commendador Porcallo que presuroso se dirigia ao paço.

—Perdão, meu nobre senhor! Eu não vos vi, aliaz não vos teria cumprimentado com tamanha cabeçada! Ter-me-ia escarranchado no cachaço de vossa mercê, e creio que não ficava mal montado.

Deu dois passos á rectaguarda, e fez uma careta tão desparatada, que o commendador, grosseiro e de genio arre-

batado como era, deu uma gargalhada, comquanto não lhe agradasse a resposta.

—Que fazes por aqui, atrevido impudente?

—Que faço? É boa pergunta: tosquio El-Rei e penteio os toucados da rainha nossa senhora e...

O commendador enfiou de raiva.

—Calla-te miseravel! Quem te auctorisou a ser tão insulente para com aquelles que teem a bondade de te aturar?

Ia para lhe deitar as mãos ás guellas, mas elle esgueirando-se, como se fôra uma enguia, fez-lhe duas figas, deu tres grandes gargalhadas, e saltando para o pateo, desappareceu como por encanto.

Veremos mais adiante qual era a missão extraordinaria de que o commendador estava encarregado.

João Pampilhosa, assim que se achou na rua, principiou a scismar, na maneira de prevenir tudo sem nada arriscar, visto que o dia lhe ia favoravel; e não obstante saber o valor moral do commendador, n'aquella occasião não desconfiou de cousa alguma.

Absorto n'estes pensamentos, caminhava o nosso homem sem atinar com uma idéa, quando sentiu que o chamavam.

—Eia D. Truão, que fazes? Estás tão merencorico, que pareceis um cavalleiro namorado! Bofé, que se tal succede a dama não pecca por gosto.

O anão olhou para admirar quem lhe fallavae e viu um mancebo de alta estatura, rosto formoso, e com uma barba tão bella, que parecia franja de ouro.

No rosto do anão transpareceu a alegria e não equivocos signaes de afeição.

—Oh! senhor Gil Vasques! Vossa honra por estes sitios? Que fazeis D. cavalleiro? Pois ainda não tem rombos os bicos dos sapatos? Ah! aquillo é que se chama uma boa sova de pontapés.

O truão riu, com tanta satisfação que parecia um louco.

Gil Vasques olhou para elle admirado.

—De que fallas? Explica-te homem, se homem, te posso chamar sem offensa d'essa bisarria.

—Pois não se lembra d'aquella dose de pontapés, que o sobrinho Aleixo apanhou em Santarem? Desde esse dia fiquei sendo seu amigo, antes mesmo de saber que era

afilhado d'esse santo varão, fr. João da Barroca, de quem sou muito amigo.

«Mas olhae cavalleiro, ainda no ultimo sarau, assentei em cheio, a espada da minha lingua, no querido Aleixosinho... O pateta estava todo dengoso para uma donzella, que nós muito bem conhecemos, quando o senhor mestre d'Aviz me disse:

«—João Pampilhosa, se dirigires um dueste que bem assente n'aquelle cavalleiro tão fôfo, ganhas uma bolsa cheia de ouro.

«Não havia tempo a perder porque a roda dos cavalleiros era numerosa e escolhida, cheguei-me surrateiro para o Aleixosinho e disse-lhe respeitoso:

«—Cavalleiro, ainda vos lembraes do dia 15 de setembro, em Santarem?

«Aleixo olhou admirado e respondeu:

«—Não me recordo; mas dá-me um signal qualquer.

«Caiu como a sopa no mel.

«—Pois não vos lembraes, lhe disse eu, d'aquella tarde em que tivestes um duesto com um certo cavalleiro? Eu cheguei a exclamar enthusiasmado:

«—Senhor dae mais trazeiros áquelle valente fidalgo, porque um só é pouco para tantos pontapés.

«Todos deram grandes gargalhadas, mas eu ia pagando com a vida.

«O Aleixo puchou da adaga e correu sobre mim; e quando fugia vi rir o senhor mestre d'Aviz como nunca.

Gil Vas riu-se muito, mas o nosso truão, disse-lhe:

—Vamos agora fallar seriamente: sei dos vossos amores com D. Luiza de Gusmão, e quereis ter hoje uma entrevista com ella?

O mancebo sentiu pular-lhe o coração: a pergunta era ociosa, e Gil Vasques bem tinha d'isso a consciencia.

—Como, e com que auctoridade me fazes tão estranho convite?

O anão ia reconsiderar, mas lembrou-se que se lhe dissesse a verdade, recusaria, e o seu fim era protegel-o até contra sua vontade.

—Ora essa é boa, D. Luiza está anciosa por vos fallar, e sabendo da vossa chegada a Lisboa, foi para casa de D. Maria Telles, aonde vos espera.

«Sei que lhe fostes apresentado pelo senhor arcebispo de Braga, e o resto é a vós que mais pertence de que a mim, e se quereis gosar tamanha ventura, segui-me e esperae.

Gil Vasques que não desejava outra cousa, acompanhou-o com a maior confiança, porque nada ha mais credulo de que o amor.

Seguiram pela rua do Cardal, aonde residia D. Maria Telles de Menezes, e durante o caminho foi João Pampilhosa combinando a maneira de não arriscar a sua preciosissima pessoa, que estimava sobre todas as cousas.

Os leitores já sabem como elle se conduziu, avisando as duas damas sem comprometter a causa que defendia, porque qualquer imprudencia correspondia a desafiar vinganças, que por emquanto se achavam cumprimidas.

João Pampilhosa saiu esfregando as mãos satisfeito, rindo ao mesmo tempo da peça que pregára a Gil Vasques, que decerto se veria embaraçado ao saber que D. Luiza ignorava quanto lhes dissera.

A João Pampilhosa ainda restava muito que fazer n'aquella noite, porque o commendador Porcallo achava-se em magno conclave, com o muito reverendo fr. Pedro; e saber o que elles resolviam era para elle uma grande necessidade.

Deixemol-o proseguir e passemos a occupar-nos de Gil Vasques, que deixámos junto á porta com gesto acanhado.

D. Maria Telles de Menezes, um pouco mais senhora de si, depois das terriveis revellações do anão, reconhecendo o seu embaraço e o de D. Luiza, julgou, que salval-os da critica situação em que se achavam, era prestar-lhes um importante serviço.

D. Maria dirigiu-se ao mancebo, disse-lhe uma d'essas banalidades, que por muitas vezes são precursoras das cousas mais acertadas.

—Sê bem vindo cavalleiro, então já de volta? Aproximae-vos senhor, pois muito me apraz toda a vez que vos vejo.

O mancebo aproximou-se, embaraçado, porque reconheceu, que D. Maria Telles ignorava o seu regresso a Lisboa, mas cobrou animo, ao ver a franqueza com que lhe estendia a mão, que elle beijou respeitoso.

Gil Vasques sentia bater o coração com violencia e D.

Luiza olhava para elle ternamente; e comquanto desejasse dizer-lhe alguma cousa não podia!

Gil Vasques venceu as sensações que na alma se agitavam e curvando o joelho ante a donzella, disse-lhe:

—Permetti, senhora, que vos apresente os meus devotados affectos! Tres annos tem decorrido desde esse dia, para mim de eterna recordação! Ha dias, senhora, que nunca deveriam despontar, porque não podem ser substituidos!

A voz do mancebo, não obstante ser harmoniosa, revelava o estado do seu coração.

O mancebo proseguiu:

—Pois nem uma palavra, senhora?

D. Luiza estava longe de alimentar esses preconceitos e affectações, que se muito bem assentam n'uma comedia, no mundo real são regeitados, porque as cousas da vida caminham e succedem por differente modo.

Era assim que D. Luiza comprehendia tudo, e a lealdade foi sempre sua constante alliada.

Amava Gil Vasques, e por escripto lh'o tinha afiançado mais de uma vez; para que estar pois a representar um papel, que tirando todo o colorido ao quadro, roubava-lhe a sua principal belleza?

Desejava responder-lhe, como sentia no intimo da alma, mas olhava para D. Maria Telles de Menezes e as palavras expiravam-lhe nos labios, em attenção ao respeito que lhe devia.

Teve que sustentar uma grande lucta, porque receiando offender Gil Vasques, não lhe respondendo, temia affectar a delicadeza da sua amiga.

D. Maria Telles avaliou a situação em que D. Luiza se achava; e como era victima de um amor devotado, ninguem melhor do que ella a comprehendia.

—D. Luiza de Gusmão, e vós Gil Vasquez, sei que vos amais e o amor na vossa idade é como a sentelha do céo, em que o estrago está na proporção da resistencia.

«Prasa a Deus que ainda os veja felizes.

«D. Maria Telles de Menezes não está aqui, desabafai corações juvenis aonde o amor cria raizes, que se não o alimentam são o flagello da alma! Confessae francamente o vosso amor, porque em dois corações da vossa idade, é um

sentimento singello como a innocencia, bello como a assucena dos campos.

«Amai-vos, e crêde, que bem aprecio a vossa ventura.

D. Luiza animada com as palavras da sua amiga, estendeu a mão ao joven, com a maior franqueza.

Aquella alma sincera e desinteressada não podia incobrir os affectos, que n'ella constituiam uma segunda natureza.

—Cavalleiro, lhe disse ella, com a voz alterada, pela commoção, não sei encobrir os meus defeitos ou virtudes; nem mesmo sei como se possa fazer.

«O que digo é o que sinto, penso e medito: só vejo com os olhos da alma, e só sinto o que ella me manda sentir.

«Amo o que a virtude e o dever me ordenam, e respeito o que o pudor me manda respeitar.

«Abaixo de Deus amo as creaturas e depois todos os mais seres na escala e proporção do seu merecimento relativo.

«Distinguindo, em primeiro logar, a virtude e nobres qualidades não sou indifferente para as demais perfeições.

«Pratico sempre com os olhos no dever e a mão na consciencia; e quem caminha e pensa por esta fórma, não tem de que se esconder.

«A não vos achar digno do meu amor, recusar-vos-ia o meu coração, que para vós sempre se conservaria fechado; e quando não podesse dominar uma paixão fatal, juro-vos que mais depressa me deixaria morrer, do que dar o titulo de esposa a um homem reprovado pela sociedade.

«O amor será cego para todos, proseguio a joven, mas para mim tem vista, porque só vejo com os olhos da alma.

«Cavalleiro, nobre ou plebeu, rico ou pobre, amo-vos sem preceitos nem condições, pois aonde as crenças não existem não póde haver amor, sentimento nobre, que só com as cousas nobres se identifica.

«Eis a minha confissão e o que hoje vos digo, é o que hontem vos diria, e repetirei ámanhã se me fôr perguntado; e direi tantas vezes, quantas me fôr preciso.

D. Luiza tinha realmente dito de mais para as suas forças, e não obstante ser dotada de um espirito elevado, ao concluir a sua franca declaração, sentia-se abatida e toda ella era uma convulsão; e ha momentos na vida, que prolongal-os é a morte... Uma exaltação febril é sempre fatal, em-

bora originada por momentos de grande ventura ou excessivamente dolorosos.

D. Maria Telles, que sempre muito a considerára pelas suas virtudes e talento, ficou maravilhada, ao ouvir-lhe expressões de tanto acerto.

Gil Vasques estava como fascinado e não sabia, como comprehenderia aquella joven, que o seu amor collocava n'uma plana acima dos anjos! Parecia-lhe vel-a na mais alta penumbra, que a imaginação humana póde comprehender! O seu desejo era finalmente absorver todos aquelles pensamentos e palavras, que tanto amor lhe promettiam atravez das amarguras da vida.

Julgou-se transportado ás mais altas regiões do amor e viu a sua realidade, realidade, que todos procuram, desde que o mundo é mundo, mas que ainda ninguem encontrou...

Gil Vasques amava e amava muito.

Sem ser egoista, não admittiria o menor compartimento de tamanha felicidade!

Não a julgava demasiada nem superior aos seus desejos, e para elle nada havia que excedesse aos momentos, em que de joelhos, ouviu uma a uma essas palavras impregnadas de tanto affecto:

—Senhora que o amor dos anjos, é o maior beneficio de Deus, que o digam todos aquelles, que como eu o tiverem experimentado! Não precisava d'este momento para me convencer da felicidade que possuo! Duvidar era offender a Deus, a verdade e as crenças d'esta alma, que vive para vós!

«No mundo não ha ventura, que se aproxime á que experimento! No céo nenhuma lhe excederá! Senhora, não é só no céo que se acha a companhia dos anjos, no mundo, tambem se encontra.

Gil Vasques parecia não poder articular as palavras, que saiam destacadas, pouco regulares na pronuncia e cadencia, pelo tremor convulso que por vezes lhe difficultava a voz, e proseguiu:

—Que Deus creasse o trabalho para os homens, justifica-se pelo muito que soffremos, mas que deixasse no mundo um anjo como vós, é cousa de que duvidaria, se vos não conhecesse, nem tivera ouvido, e depois de vos adorar como anjo, pertence-me amar-vos como mulher!

«Pagar amor com amor, dedicação com extremo e affecto com inteira lealdade é um dever santo, e se assim pratico, não mereço agradecimentos!

«Dois annos os abysmos do oceano, de vós me separaram! Dois annos montanhas aridas e escalvadas, vos roubaram á minha vista.

«Entre povos ignotos, mais barbaros que civilisados vivi longe de vós; mas essa fronte tão bella, como o sorrir da ventura, em toda a parte me apparecia e servindo-me de guia nos perigos e de conforto nas attribulações, fostes o meu anjo da guarda, n'esses momentos solemnes, em que o homem é impellido para o peccado, como os corpos para a terra.

«Nos campos de batalha, atravez das carnificinas mais atrozes o vosso rosto divino me sorria, e entre o fragor das tempestades, parecia ouvir o som melodioso d'essa voz mandando parar a braveza dos elementos! Ah! que se os anjos não fallam na terra, sois vós que por elles o fazeis.

«No correr dos prados vecejantes, bellos como os jardins da poesia; ahi no seio das flores do campo eu vos via meiga como a assucena, linda como o jasmim e que vos poderei dizer mais senhora! Levando a vossa imagem gravada no coração, eu vos via com os olhos d'esta alma, que vos ama, como nenhum homem ainda amou outra mulher.

D. Luiza era a primeira vez, que ouvia a Gil Vasques as suas francas expressões e a ventura que experimentava comprehende-se, mas não se descreve! Ha sentimentos tão intimos que a melhor pena é deficiente para os descrever! Ha sensações que não passam além dos limites do coração!

D. Maria Telles de Mènezes amava e tinha amado muito, mas nunca lhe passou pela idéa, que haveria dois entes, que vivendo no mundo, soubessem melhor comprehender o amor dos anjos, no céo, de que o dos homens na terra, e contemplava aquellas duas almas, que se Deus não as criasse para se amarem, Deus teria errado pela primeira vez.

É bello o amor que se alimenta, sem pueris ostentações e que vive dos sentimentos, que em si cria, procria e alimenta.

Mas quantas devoções se encontram no mundo?

Os amores que para ahi se veem são como os arbustos, que despidos de folhagem, são madeiros, em bruto sem bel-

leza nem fórmas que cativem! São como as campinas agrestes, aonde a arte faz brutar flores e a natureza os espinhos! O amor que o mundo concede é a falsidade immodesta, que seduz para prender, e prende para matar! Não tendo encantos naturaes que captivem o espirito, tem de sobra o artificio, que se consegue triumphar, é mais uma mascara arrancada e uma illusão perdida!

D. Luiza respondeu ao mancebo, com a expressão sincera do seu coração:

—Cavalleiro, é preciso que nos separemos, poderosos são os nossos inimigos e os de D. Maria Telles, minha excellente amiga.

«Não devemos desafiar a tempestade que por emquanto limita-se a bramir raivosa, sem hostilisar; muito mais vos desejaria dizer, certo da vossa bravura e dedicação, mas nem todos os segredos me pertencem.

«Amanhã recebereis uma carta, que de tudo vos porá ao facto, guardae-a para vós, e em nome do nosso amor vos peço, não bravura, porque a tendes em demazia, mas sim prudencia e muita dedicação.

D. Maria, desejára pôr Gil Vasques ao facto de todas as intrigas da côrte; mas com quanto lhe fosse apresentado nunca teve occasião de o fazer.

Gil Vasques depois de se ter assignado a paz, com Castella foi visitar seu padrinho e D. Lourenço aborrecido de tanta intriga e devassidão politica retirara-se á sua deocese.

O mancebo ao regressar á côrte declarou os seus sentimentos a D. Luiza, por meio de uma carta, de que recebeu uma resposta favoravel e ficaram amando-se e comprehendendo. Gil Vasques mezes depois passou ao serviço da França, fez parte de differentes campanhas e adquiriu gloria.

De lá passou á Alemanha e á Hungria e assistiu a todas as guerras contra o Sultão, mais tarde vencedor de Constantinopla.

Regressára havia tres mezes, e pediu a sua demissão do serviço da rainha, que lh'a concedeu; esteve em Braga alguns dias e achava-se em Lisboa havia vinte e quatro horas.

Estava pois inteiramente estranho a todas as intrigas da rainha, mas era-lhe conveniente sabel-as para escapar aos laços e traições que lhe armavam.

D. Maria ia para fallar, quando uma creada lhe annunciou, que fr. Pedro estava na sala immediata e desejava a honra de lhe fallar. A dama impallideceu e D. Luiza ficou aterrada e a presença de um demonio não produziria maior terror.

Não havia tempo a perder, Fr. Pedro não podia encontrar ali Gil Vasques nem D. Luiza; e o unico meio de salvação era D. Luiza e Gil Vasques passarem a um quarto immediato.

Um bom pensamento deve ter prompta execução: pensar é determinar e quando assim não succede, tudo se perde.

D. Luiza ergueu-se mais socegada do que se podia esperar, beijou D. Maria e passou á sala immediata seguida por Gil Vasques.

Um terno aperto de mão, e um beijo ardente nas faces rosadas da donzella, sellaram a santidade de um amor, que só deveria limitar com a morte.

D. Luiza metteu-se n'uma cadeirinha, quanto ao mancebo seguiu pela mesma rua em direcção opposta.

Em quanto os jovens vão ao seu destino, voltemos ao palacio de D. Maria Telles; e vejamos fr. Pedro, que ao entrar na sala parecia um reptil escoando-se atravez das fendas de uma abobada derrocada.

O frade entrou de gesto prasenteiro e hypocrita, e tinha o sorriso da falsidade desenhado nos labios. O malvado tudo queria ver e adivinhar.

Cumprimentou D. Maria, com esse cerimonial estudado, aonde mais transparece a ironia de que a consideração.

A joven fidalga levantou-se para receber a vibora tonsurada, pelo medo que lhe inspirava.

Fr. Pedro assentou-se, e como viu que ella se conservava calada, foi o primeiro a fallar.

—Sempre só, bella senhora, não ha quem vos veja na côrte, e todos estranham tão grande ausencia, especialmente a rainha vossa irmã. que muito vos ama.

D. Maria comprehendeu que outra e não aquella era a causa da sua visita; fez que o acreditava e agradecendo-lhe com a maior cortezia, prometteu ir beijar a mão á rainha sua irmã.

Entregue ao desgosto que a presença do frade lhe cau-

sava, notou que olhava para um bofete, que lhe ficava na frente e que sorria maliciosamente.

D. Maria affirmou-se e impallideceu; o terror estampou-se-lhe nas faces e o caso não era para menos!

Gil Vasques estava vestido de armas, descalçara um guante e deixara-o por esquecimento sobre o bofete.

D. Maria estava denunciada: um cavalleiro estivera n'aquella sala, e a prova era visivel.

Fr. Pedro adevinhou tudo, ou para melhor dizer não adivinhou nada; por que a manopla, na sua opinião, era do infante, que se retirára á sua chegada.

A pobre senhora banhada em suor, a custo reprimia a vexação a que se exposera e esforçava-se por se mostrar socegada; mas para ella era de peor effeito a manopla de que a cabeça de um tigre!

Fr. Pedro, depois de lhe asseverar que a rainha o mandára ali para lhe significar quanto sentia a sua ausencia; mudou de conversação, e fel-a recair sobre D. Luiza de Gusmão.

—Não sei, senhora, quaes são as idéas de uma joven, que pensa por maneira differente das demais donzellas.

«É uma menina virtuosa, mas com decidida repugnancia ao casamento.

«A rainha está seriamente agastada, e não sei o que será capaz de fazer no caso de lhe contrariarem a vontade, mas...

O frade olhou para D. Maria, que não se achava em estado de lhe responder.

Tal era a sua confusão!

Fr. Pedro conheceu, que se D. Maria Telles lhe não respondia, era por se ver traída de uma maneira tão inesperada, e porque sebendo dos amores de D. Luiza, não queria emittir a sua opinião.

Despediu-se pois, minado pelo despeito e retirou-se.

D. Maria respirou ao ver-se livre d'elle; mas grande era a excitação nervosa que a opprimia.

Fr. Pedro embuçou-se na capa, e montou n'uma mula que um cavallariço segurava, e dirigiu-se para o palacio, mas ao voltar da esquina encontrou um cavalleiro seguido de um pagem.

—Pelos olhos de Satanaz, disse o frade, que diabo é isto? Este é o infante! De quem era pois aquelle guante

de ferro? Querem ver que a tal santinha tem mais de um amante!...

Possuido d'esta idéa chegou as pernas á mula e metteu a trote até ao paço de Xabregas.

V

A corteză

Os planos politicos de D. Fernando tinham abortado, pelo que tentou fazer alliança com Castella contra o reino de Aragão, por não se poder conformar com a idéa, de que o monarcha aragonez lhe ficasse com as barras de ouro, que lhe mandára para fundir em moeda, quando contratou o casamento com a infanta sua filha.

Como é sabido, D. Fernando dotado de pouca fé politica, quebrava ámanhã os juramentos de hoje e hoje os de hontem.

Soffreu pois a ligitima consequencia dos seus actos, e como não casou com a infanta o pae, para se vingar, ficou-lhe com as barras de ouro.

A D. Fernando pesava isto na alma de uma maneira atroz, e não havia dia algum que não chorasse a falta do seu thesouro.

Emquanto, que sollicitava a alliança de Castella contra Aragão, mandava emissarios para este reino afim de sondarem a opinião do monarcha a respeito de Castella!...

Na Inglaterra tambem mandou tratar com o duque de Lancastre, mas tudo isto com muito segredo, segundo era desejo de sua alteza.

O rei de Castella desejava sinceramente a paz; e quando os embaixadores portuguezes lhe offereceram ligar-se com D. Fernando, contra o rei de Aragão, tratou de harmonisar com elle, por bem conhecer o caracter do rei de Portugal.

Mas para o não desgostar, tocou-lhe na corda sensivel, e propoz-lhe mais um casamento: D. Fernando extasiou-se ante a idéa e proclamou-se o primeiro politico do mundo.

Agarrou-se á paz e tratou de casar seu filho natural D. Fradique, com a filha unica de El-Rei de Castella.

Obstou-se por este meio á guerra, mas mais adiante se verá que não foi por muito tempo.

Voltemos aos personagens, de que nos temos occupado e vejamos o que fazem dois individuos, muito nossos conhecidos que n'um quarto conversam retirados: um é fr. Pedro o outro o commendador Porcallo.

—Com que então, meu caro commendador, não sabes que a rainha nossa senhora está bastante satisfeita, com os teus relevantes serviços?

—Mas por Deus, homem, aonde desencantaste aquella mulher tão formosa?

«Eu não tenho mau olho, mas vejo que me levas as lampas.

O commendador Porcallo era homem devasso e de maus costumes: venderia a sua patria para se vingar e o pae para ter dinheiro.

—Se te disser, como a arranjei, ficas sabendo o meu segredo; e o que te afianço é que não fui eu que a encantei, ella é que me encantou... Parece-me, porém, que encontramos o que desejavamos: é mulher de espirito, interesseira e incapaz de se apaixonar por outra cousa, que não seja dinheiro.

«O infante já a visitou duas vezes e ficou maravilhado do seu espirito e belleza.

«D'esta vez julgo que os planos de D. Maria Telles ficam reduzidos a agua morna...

É preciso dizer aos leitores quem é esta mulher, que entra em scena.

Ursina Malaprada era uma formosa e interessante mulher, a quem Deus dera formusura divina, para desgraça dos que a viam.

Esta mulher perdida, causára já a ruina de alguns fidalgos castelhanos; e como se visse perseguida, fugiu para Portugal.

Residia na cidade do Porto, aonde estreitou relações com o commendador Porcallo, a quem não amava, e se lhe fazia festa, era por necessidade.

Porcallo tinha a fortuna esgotada, e se desejava esta infeliz era para especular com ella.

Quando fr. Pedro o mandou chamar e lhe propoz, que arranjasse uma mulher formosa, concluiu que ia ter uma amante, a quem a rainha e fr. Pedro pagariam generosamente.

Dito e feito; acceitou o negocio e partiu para o Porto, aonde Ursina residia.

Aquellas duas almas, como se entendiam muito bem, não é para admirar que harmonisassem melhor.

Fr. Pedro foi enganado, e não se perdia nada, pelo muito que a todos enganava.

Eis em resumo a mulher com que queriam prender o infante D. João e affastal-o da virtuosa D. Maria Telles.

O frade proseguiu:

—E haverá esperanças de conseguirmos o fim desejado?

—Não sei, no entanto ella emprega os meios, e se conseguirmos affastar o infante de D. Maria, é um triumpho completo.

O frade esfregou as mãos satisfeito e proseguiu:

—Quero dizer-te os meus vastos planos, somos conhecidos velhos, e entre amigos como nós, não ha segredos:

«Que me dizes de D. Luiza de Gusmão? Está ainda de nojo pela avó, que eu ajudei a metter no inferno?

Fr. Pedro, ao dizer estas palavras, riu de maneira, que parecia a contracção medonha, que as victimas da corda civilisadora, fazem na ultima agonia.

Aquella alma identificada com o crime, se não era o primeiro preverso do mundo, era uma escrecencia do inferno.

O frade continuou:

—Ella não quer casar com Aleixo, e se teimar, mestre Prudencio faz excellentes philtros, e o villão vae fazer uma viagem até ao limbo.

«Reservo este expediente para a ultima instancia, quando o rapto e um casamento forçado não tenham bom resultado.

O frade era um malvado, como não ha exemplo e a sua physionomia, comquanto não fosse repellente, quando dava livre expansão ás paixões d'aquella alma damnada, era mais de que feia; era medonha, e parecia que um fogo infernal lhe saia pelos olhos!

A bocca era uma cratera monstruosa e a lingua o açoite da moralidade.

Porcallo não tinha fé nem dignidade, mas estava longe de se parecer com aquella hyena da especie humana; recuou quando o ouviu fallar nos philtros, que pretendia applicar ao bravo mancebo, e levou a mão ao punho da adaga; e a não

estar tão compromettido com a rainha, ali mesmo o teria assassinado.

Fr. Pedro conheceu que uma lucta era sustentada pelo seu digno companheiro, mas como a transição foi rapida, nada comprehendeu nem suspeitou.

—Que tens homem, que te vejo tão merencorio? Apaixonado não estás, dinheiro não te falta, que diabo precisas então?

Fr. Pedro desejou ler n'aquella physiononia algum signal de traição, pois era desconfiado como todos os covardes.

Emquanto os nossos dois personagens se entregam *pacificamente* aos seus interesses, passemos a um outro local, aonde se passam cousas, que não devem ficar desapercebidas.

Havia um mez que Ursina Malaprada se estabelecera em Lisboa, e logo que esta mulher perdida, fadada para perder os mais chegou á capital, metteu-se n'uma berlinda e foi receber as instrucções de D. Leonor, creatura não menos perigosa.

A rainha ficou surpreza ao ver tanta perfeição, parecia-lhe que os attributos da belleza ideal, se achavam ali reunidos.

Na esquina do lado occidental da rua Nova, junto ao Rocio, um soberbo palacio se erguia, em frente do do conde de Barcellos, irmão da rainha.

De quem era este palacio?

Era de um abastado negociante, que o mandara construir para sua morada; mas como lhe morresse um filho que muito amava, tratou de o vender.

O palacio foi comprado e mobilado sem se saber por quem; e só dias depois é que uma formosa e elegante mulher, tomou posse d'elle, seguida de um numeroso sequito de servos e escravos.

A côrte de D. Fernando não era um foco de moralidade: tendia para a devassidão, e o exemplo estava no monarcha, que não passava de um adultero.

Ursina Malaprada foi em breve objecto de um culto extravagante, porque homens de pouco senso, não faltam em todas as epochas.

Ursina recebera instrucções, para ser meiga e seductora para todos, dando sempre a preferencia ao infante: e

se tanto fosse preciso, devia suscitar-lhe o ciume, porque o orgulho offendido produz muitas vezes os effeitos de um amor devotado.

Já os leitores vêem, que D. Leonor sabia a fundo a arte de enganar, e tanto assim que dava prudentes instrucções ás mestras consummadas.

A casa de Ursina Malaprada, foi em breve o ponto central, para onde convergiam as vistas de todos os cavalleiros chamados do bom tom.

Ninguem como ella fazia as honras de um festim lubrico, nem pessoa alguma lhe excedia na seducção, quando se abandonava nos braços de um cavalleiro, n'uma dança doudejante e voluptuosa!...

Ninguem a igualava, quando montada em rico palafrem mettia n'um galope vertiginoso!...

Era então que se tornava mais perigosa.

Seus cabellos, negros como as azas do corvo, fluctuavam ao capricho do vento e o seu corpo, flexivel e delicado, parecia uma visão celeste!

Todos a seguiam, mas só a alcançavam, quando assim o queria!

Oh! então era ella divina!

Mulher! mulher, eras anjo no corpo, e demonio na alma! Ha tantas assim! Que o digam aquelles que o têem experimentado...

Ursina com as faces chammejantes pelo cançasso e os olhos entreabertos, abandonava-se então aquelle que pretendia seduzir! Quanta virtude não seria necessaria para triumphar! Quem ficaria impassivel em face de tantos encantos?

O commendador Porcallo, não era homem que se prendesse com os principios de honra, que se identificam com as almas nobres: sabia que não era amado, mas tambem tinha a convicção de que nenhum outro o era.

Ora, o infante D. João amava loucamente D. Maria Telles, e este amor era a espada de Damocles, que ameaçava a rainha.

O infante foi apresentado a Ursina, que desde logo pôz em acção todos os seus meios de seducção.

O infante não era uma virtude, raras são as vezes que ella se levanta no berço da realeza.

Se D. João possuisse as virtudes de sua mãe, e tivesse

verdadeiro amor a D. Maria Telles, não se teria manchado no sangue da innocencia.

O infante, se não ficou captivo, experimentou esse desejo concupiscente, que muitos confundem com o amor.

O amor basea-se na apreciação da virtude, eleva o espirito até ás altas regiões do Creador, que nos ensina a amar, no amor que a todos tributa.

Uma paixão delirante embriaga a alma e lança-a na escola do crime, e rouba o verdadeiro colorido, ao quadro do amor.

O infante sentiu-se dominado, não pelo amor, mas sim pelo desejo, e desde esse dia foi assiduo em casa de Ursina, que se ufanava do triumpho.

Entre o numero dos cavalleiros que mais frequentavam a casa de Ursina, Aleixo de Figueiredo, era dos mais assiduos, pois tendia para o vicio, porque para elle o arrastavam, e teria sido um soffrivel cavalleiro se melhor o conduzissem.

As continuas decepções porque passára, tinham-lhe modificado o genio: já não era tão impudente e tratava de vencer aquelle genio orgulhoso e fanfarrão, que por tantas vezes o lançou no rediculo.

Não amava D. Luiza, gostava d'ella por ser formosa, e por estar longe de comprehender, que uma senhora póde e deve inspirar amor e devoção, quando mesmo não tenha o dote da formosura.

A intelligencia, o espirito, e a bondade de coração, são na nossa opinião os dotes que mais recommendam uma senhora.

Aleixo de Figueiredo, em tudo era infeliz: e vêr Ursina e amal-a foi uma e a mesma cousa.

Ursina recebeu-o com a distincção que a todos dispensava, mas elle viu mais alguma cousa e ficou louco de amor.

Aleixo já não queria outra ventura, além de estar junto d'ella, que sempre com os olhos no futuro, se lhe não dava esperanças tambem não lh'as destruia.

O infante D. João já ia menos vezes a casa de D. Maria, que sabendo a causa soffria em silencio as torturas do ciume, bicho roedor que destroe os corações mais frios, e os espiritos mais fortes.

Chorava de dia e de noite, e se o principe lhe perguntava se estava doente respondia-lhe com rosto alegre:

—«Não tenho nada.» Mas n'esta occasião maior era o soffrimento.

João Pampilhosa apresentou-se-lhe um dia e foi elle que de tudo a informou; e depois de lhe contar quanto sabia proseguiu:

—Mas ficae sabendo nobre dama, que tudo isto não passa de uma traição, combinada entre vossa irmã e a boa creatura de fr. Pedro, que quando entrar no inferno, já irá mais negro de que um tição.

João Pampilhosa estendeu as pequenas pernas e impertigou-se, com modo tão grustesco, que D. Maria teria rido se a dor lh'o permittisse.

—Dizei mestre João, disse ella, que mal faço eu a minha irmã para assim me perseguir? Que me deixem viver em paz, ou então matem-me, para não causar inveja a pessoa alguma.

A pobre senhora pronunciou estas palavras com assento tão doloroso, que João Pampilhosa, pela primeira vez na sua vida estremeceu! Olhou para ella com terno affecto, e n'aquella occasião ninguem diria que era o mesmo truão sarcastico, crito e mordaz.

D. Maria proseguiu como em delirio:

—Meu Deus! Sinto ás vezes a ponta de um punhal sobre o coração! Olho e vejo... Vejo a figura de minha irmã e a do infante: este aponta-me o punhal ao peito, aquella crava-m'o com violencia...

«Sonho que sinto pular um filho no ventre e que a calumnia contra o amor lhe dá a morte antes de ver a luz do dia! Meu Deus! Meu Deus compadecei-vos de mim!

A pobre senhora estorcia as mãos de afflição e aquella alma de anjo não sabia possuir-se da ira, nem mesmo nos momentos de maior affliçâo! Levava as mãos á fronte e torrentes de lagrimas lhe innundavam o rosto! Os soluços embargavam-lhe a voz, mas o seu coração, todo virtude, teria n'aquelle momento perdoado aos seus perseguidores!

João Pampilhosa teve dó e uma lagrima lhe burbulhou nas palpebras; e ergueu-se tão arrebatado, que D. Maria Telles estremeceu.

O seu gesto não era zombeteiro nem humilde! Parecia ter crescido mais dois palmos!

Os olhos faiscavam e o seu aspecto era altivo!

D'um carcunda tambem póde surgir um heroe! Pepino o corcovado não tinha melhor figura, mas o seu nome é celebre na historia franceza.

João Pampilhosa estendeu a mão para a joven viuva e o seu gesto nada tinha de caricato.

—Socegae senhora, que alguem velará por voz até aonde poder! O infante ha de saber, que é alvo de um jogo atrevido! Sou eu que d'isso tomo a responsabilidade.

«Ah! que o mundo é como é e não como devia ser! Não julgueis senhora que tenho devoção por vós pela vossa nobreza: enganae-vos, amo-a tanto como ella aos plebeus que lhe dão de comer, fausto e grandeza.

A natureza caprichou em me fazer defeituoso, mas Deus, esse Deus de bondade, que em nada se parece com o Deus dos hypocritas, deu-me coração para sentir, cabeça para pensar e alma para o amor!

«O meu Deus é o Christo o d'elles Satanaz.

D. Maria estava extasiada! Parecia que mão invencivel a suspendia pelos cabellos, quando o anão a fixava com os seus olhos de fogo.

João Pampilhosa proseguiu com gesto solemne:

—Haveis de ter socego e felicidade, se Deus não mandar o contrario! Vós, Gil Vasques e D. Luiza são para mim a minha unica familia! Desculpae a phrase, bem sei que não sou nobre, a não ser pelo coração.

«Aqui vos digo senhora, Deus tudo vê!

O anão levantou magestosamente o dedo idex, e proseguiu:

—Está ali! Lá em cima! Acima d'elle nada, abaixo tudo! O Santo ermita fr. João da Barroca, ainda me disse, não haverá um mez:

«—Este bello paiz caminha para um abysmo, mas Deus hade salval-o no futuro com as creanças de hoje...

«—Adeus senhora, vou cumprir a minha missão.

João Pampilhosa saìu, deixando ficar D. Maria n'um profundo meditar, sem podem comprehender um homem tão extraordinario.

Em quanto esta scena se passava; em casa de Ursina Malaprada, uma outra tinha logar, de não menor interesse.

N'um lindo camarim, elegantemente mobilado, segundo o uso da época, achava-se assentada uma formosa mulher, tão bella quanto o póde ser a realidade do ideial. O seu gesto é languido, voluptuoso e proprio para seduzir.

Assentado n'um cochim, em frente d'ella, se vê um mancebo de vinte e tanto annos.

Dotado de um rosto feminil, apenas poderia inspirar amor a alguma creança, por que as mulheres preferem sempre os homens, que como homens se apresentam.

O mancebo parecia não estar satisfeito: dava constantes voltas á gorra de veludo que tinha na mão e olhava para a dama que lhe correspondia com indifferença.

—Mas senhora lhe diz elle, que vos prende o coração? Porque me não amais, tendo-me dito que não amaveis pessoa alguma? Respondei senhora e deixae para sempre essa crueldade, que bem não assenta, em tanta formosura.

A dama respondeu-lhe com um volver de olhos, que como não exprimia amor lançou-o no desespero:

—Disse que não amava pessoa alguma, é verdade, mas quem vos afiança que disse o que sentia?

«Ouvi cavalleiro e não fiqueis mal comigo.

«Quando eu no mundo não tiver a quem amar sereis vós o preferido.

Estas palavras pronunciadas com a mais fina ironia, foram como se a ponta de uma adaga o ferisse mortalmente. O mancebo parecia uma estatua, sentiu que o sangue lhe sobia á cabeça e n'um desespero indiscritivel, respondeu-lhe:

—Já fui imprudente, infatuado e descomodido, e á força de me violentar consegui dominar parte d'estes defeitos; já vê-des senhora, que tenho força de vontade e ao meu maior inimigo é que devo esta mudança...

«Não serei amado, se não quando o mundo fôr um deserto, pois bem trabalharei para isso, principiando pelo infante, por ser o escolhido d'esse coração, a que só quero ter direito. Adeus senhora.

Aleixo de Figueiredo, pois era elle, saiu da sala sem voltar a cabeça, uma só vez para traz, e d'esta vez foi Ursina que o seguiu até desapparecer.

Ursina ficou meditabunda, e sem saber a rasão, sentiu a sua ausencia.

O commendador Porcallo apresentou-se e encontrando-a

preoccupada, teve com ella uma prolongada entrevista, sobre a conveniencia de triumphar.

Deixemos por momentos Ursina e o commendador Porcallo entregues aos seus interesses monstruosos, pela hidiondez do principio e seus prejuizos.

Voltemos a occupar-nos de João Pampilhosa, vulto importante d'esta historia.

O anão depois de ter saido de casa de D. Maria Telles, foi passeiar para a praça da Ribeira, e no caes, de um para outro lado, principiou a meditar a maneira de informar o infante do trama que lhe armavam e lembrou-se de lhe mandar uma carta, escripta por elle mesmo, pela certeza que todos tinham, de que não sabia escrever.

Batteu tres ou quatro vezes na testa, dando-lhe a devida correcção, por ha mais tempo não lhe accudir com aquella idéa, e em duas corridas entrou n'uma loja, comprou pergaminho, e sem perder tempo fez a seguinte carta:

«Senhor infante!

«Sois victima de uma rede em que vos pretendem apa-
«nhar, puchae da adaga e fazei uso d'ella cortando as ma-
«lhas que vos prendem; e se isto fizer-des, crêde que um
«genio vosso amigo, puchando do carcaz uma seta ajustal-a-
«ha ao arco, da mais bem fabricada bésta.

«A seta partirá levando a venda que nos olhos vos lan-
«çaram, quando vos metteram na rede Ursina.»

O nosso homem satisfeito com a parabola improvisada, fechou a carta e metteu-a na larga algibeira da sotaina.

Saiu e foi continuar o passeio, que por momentos interrompêra.

Ainda bem não teria dado meia duzia de voltas quando viu, ao reflexo de uma alampada, um vulto que pelo andar vagaroso parecia não mover os pés; e parando ameudadas vezes gesticulava como se fallasse com alguem.

João Pampilhosa era curioso, escondeu-se por detraz de um alto columnello e esperou; ao aproximar-se porém, reconheceu com admiração, que era Aleixo de Figueiredo.

O anão sabia, que elle andava perdido de amores pela formosa Ursina, e a conclusão que tirou, foi que se a causa

da sua abstracção não era alguns arrufos de ciume, era alguma illusão perdida.

Não gostava de Aleixo e mais de uma vez o tinha humilhado, com os seus epigrammas de rediculo, mas tratou de o experimentar, na esperança de que lhe serviria para alguma cousa.

Aproximou-se sorrateiramente e levando a mão á gorra com o garbo de um verdadeiro truão, fez-lhe uma rasgada cortezia:

— Saúdo o muito nobre cavalleiro Aleixo de Figueiredo e sinto vel-o tão merencorio por causa dos seus novos amores.

Ao dizer isto principiou a cantar a seu modo:

«Tão balalão! E o rei toleirão, já quer o João. E a rainha que não é tolinha, diz ao frade seu compadre, que a Ursina é resina, para pegar um infante mais cego que um estudante!»

João Pampilhosa ao acabar a sua grutesca balada, deu dois pulos e um grande estallo com a lingoa, collocando-se a respeitosa distancia para não apanhar algum pontapé do cavalleiro, que para elle olhava estupidamente.

João Pampilhosa cobrou animo e proseguiu, mas mais sério.

—D. cavalleiro, guapo, como Apolo! Olha meu Figueiredo, tu já foste um grande tonto, tanto assim que te arrojaste a dizer, quando foste ao Porto, em companhia do rei Bamba, que eras o mais bonito rapaz, que lá havia. Ora deves concordar, que coisas d'estas não as diz gente séria, mas como te achas emendado, já sou mais teu amigo.

«Estás apaixonado pela formosa Ursina, bem sei que é bastante cruel comtigo, mas tem paciencia, porque ella é assim para todos e....

Aleixo ficou como se lhe pozessem um brazeiro debaixo dos pés.

Ergueu a cabeça e olhou para o truão de uma maneira tão desvairada que elle teve dó: parecia um cadaver, tinha as faces lividas e os olhos quasi mortaes.

— Homem ou demonio, que pretendes de mim? Se és Satanaz, desde já te dou a alma pelo amor d'essa mulher, se és homem, deixa-me porque nada me pódes fazer.

— Enganas-te, lhe respondeu elle, posso fazer-te mais de que Satanaz, sem exigir a tua alma, que para nada me serve.

«Queres ouvir-me e fazer o que te digo?

Aleixo de Figueiredo comprehendeu, que o melhor era dar-lhe attenção e foi o que fez:

—Está bom, nós já fomos inimigos, mas deves concordar, que me tenho corregido.

Á força de não querer passar por valente venci a covardia, e sem me tornar servil deixei de ser insulente.

—Falla homem, que todo eu sou ouvidos para te escutar!

João Pampilhosa, disse com os seus botões, é possivel que se tenha emendado! Mas o tio, esse ainda vivo, já está no inferno para fazer a côrte ao diabo.

Vamos ao que interessa:

—Sei que amas Ursina e estás convencido que ella ama o infante: enganas-te ella não ama pessoa alguma; mas queres livrar-te d'esse rival importuno? Queres que elle deixe de frequentar a casa de Ursina?

Aleixo sentiu dilatar-se-lhe a alma, pois não desejava outra cousa!

—Se quero perguntas tu! Assim ha de succeder, ainda que para isso seja preciso matal-o.

O anão olhou admirado, julgando tornar a ver o antigo fanfarrão, mas d'esta vez o caso era sério: os olhos faiscavam-lhe e a expressão era sinistra.

—Não tem duvida disse elle, que o homem mudou é verdade.

—Não cavalleiro, respondeu elle, havemos de affastal-o sem recorrer a medidas violentas.

Ouve e faz o que te digo, guardando o maior segredo, porque se teu tio e a rainha desconfiam d'alguma cousa dão-me cabo da pelle.

—Aqui tens esta carta, manda-a entregar ao infante por pessoa da tua confiança, mas de maneira que não sonhe de onde vem.

«No fim de alguns dias volta a casa de Ursina; apresenta-te com gesto frio mas attencioso, e deixa correr o tempo.

Aleixo de Figueiredo não aspirava a mais, do que ao amor de Ursina, por quem se deixaria matar; e as palavras de João Pampilhosa, foram de um effeito magnetico; agarrou na carta e desappareceu, depois de affiançar a João Pampilhosa que cumpriria litteralmente as suas instrucções.

O anão ficou só, e depois de o ver partir encolheu os hombros e rio.

—Eis as enfermidades do mundo! Este ainda ha pouco agarrado á sotaina do tio, fazia d'elle o seu escudo protector! Hoje volta-lhe ás costas e vae conspirar contra elle.

O anão continuou a rir.

«É tudo assim n'este mundo! Sempre o capricho e a conveniencia a enrredarem esta pobre sociedade! Quem encontrou o mundo espherico, é porque não lhe viu os bicos dos differentes animaes que o povoam...

«Quem é que já descobriu cousas sérias no mundo? Se tal viu, é porque não comprehende o rediculo.

«Quem dirá que a sociedade não é um agregado de disparates? Ha tantos! Desde um rei tolo, a governar gente de juizo, até ao talento que se deixa governar por tollos; isto é um nunca acabar de tolices.

«Ora aonde estará a verdadeira seriedade?

Com estas e outras considerações philosophicas foi entretendo o tempo até que chegou a casa.

Em quanto se passavam estas cousas, que ultimamente descrevemos, no palacio real, e em casa de Ursina Malaprada, tinham logar outras de bastante interesse.

No palacio real, quasi ao cair da tarde estava D. Leonor assentada em fofos cochins conversando familiarmente com fr. Pedro, varão digno da sua confiança.

D. Leonor estava cada vez mais formosa, e como amava D. João Fernandes de Andeiro, empregava a sua influencia, junto ao rei, para renovar as negociações com a Inglaterra, paralisadas, pelo o ultimo tratado, que entre Portugal e Castella se concluira.

D. Leonor attende fr. Pedro, que insta para que obrigue D. Luiza a acceitar a mão de seu sobrinho.

—Assim é preciso preclarissima rainha, D. Luiza é uma donzella teimosa e senhora da sua vontade, como não ha segunda. Ama esse miseravel afilhado do ermita fr. João, e nada a faz mudar de resolução.

—Deixae por minha conta essa donzella, fará o que eu lhe disser e quando não queira vae para um convento.

—E que me dizeis do infante e dos seus novos amores?

A rainha mostrou grande malicia n'estas palavras. o que muito mal lhe assentava por todos os principios.

Fr. Pedro esfregou as mãos e respondeu-lhe:

—Tudo vae ás mil maravilhas! O sr. infante já passou dois dias sem apparecer a D. Maria, que a meu ver identifica-se com a sua infidelidade buscando novos amores...

O frade rio; e fazendo um apontoado de pregas junto aos cantos dos olhos, parecia a cabeça de um moreego, escondida entre as dobras do capuz.

D. Leonor ficou surpreza:

—Explicae-vos, de tudo devemos lançar mão, quando o fim justifica os meios.

—Não sei nada minha senhora, que valha a penna dizer-se... Fui ha dias visitar vossa irmã, que me recebeu com um modo acanhado; e confesso que sem querer comprehendi a causa:

Sobre um bofete estava a manopla de um cavalleiro, e como julguei que o infante estivesse lá sahi. Mas qual foi a minha admiração, quando ao virar da esquina o encontrei; e não obstante ir envolto n'uma capa, conheci-o muito bem.

D. Leonor ficou perplexa por momentos e respondeu:

—Sem duvidar das vossas palavras conheço que em tudo isso ha um maior ou menor engano, conheço minha irmã e faço-lhe justiça. Mas comprehendei, se desacredital-a é o unico meio de a separar do infante, affianço-vos que assim o farei, embora tenha que saltar por cima do seu cadaver.

A expressão de D. Leonor não era a de uma mulher, era a de um demonio. Aquella voz assimilhava-se ao medonho sarrido das feras! D. Leonor era formosa, mas n'esta occasião era feia como Cleto, e aquella alma terrivel vivia do crime, no crime e pelo crime...

Fr. Pedro levantou-se para se retirar e disse para a rainha:

—Espero da sollicitude de vossa alteza, que mande chamar D. Luiza, para lhe impor a sua vontade.

O frade saiu, e momentos depois D. Leonor mandava chamar a joven.

D. Luiza ao receber o recado, sem atinar com a causa tremeu e sentiu a fronte banhada em suor e uma prostração que lhe difficultava os movimentos.

Cobrou todavia animo e tomou a direcção dos aposentos reaes.

D. Luiza ainda se achava de luto por sua avó, que havia tres mezes tinha morrido.

D. Luiza era formosa e bastante alta, e atravessava com tanto vagar as salas, que quem a encontrasse tomal-a-ia por um phantasma! Tal era a sua pallidez e a maneira porque caminhava.

Chegou ao quarto da rainha, parou entre a porta e perguntou com voz grave:

—Mandastes-me chamar senhora?

D. Leonor que a não presentira voltou a cabeça sobresaltada e encontrando os olhos da donzella, conheceu pela primeira vez, na vida, uma especie de veneração, como nunca experimentára e respondeu com a voz alterada:

—Aproximai-vos, tenho que vos fallar.

A joven aproximou-se respeitosa e só se assentou quando a rainha lhe apontou para um cochim e lhe disse:

—Assentae-vos, assim vol-o ordena a vossa rainha e senhora.

D. Luiza assentou-se mas tão silenciosa, que parecia uma estatua, que obedecia a um machinismo desconhecido.

A rainha meditava a maneira de incetar uma conversação, que sabia ser desagradavel á orphã, mas como nunca se prendeu com os brados da consciencia, passou a flagellar um coração que tanto soffria.

—D. Luiza, sei que sois orphã e que ainda choraes a perda da vossa virtuosa avó, que Deus foi servido chamar á sua divina presença. O dever que Deus impõe aos reis é vellar pelos interesses dos seus vassallos. É a nossa missão na terra, assim como no céo, pertence ao Eterno julgar e fazer justiça a todos.

A rainha fez uma pausa, e com quanto a sua vida fosse um tecido de falsidades, esta foi uma das vezes, em que mais hypocrita se apresentou.

Era como a aspide que se acolhe entre as flores, para morder mais á sua vontade.

D. Luiza ouvia-a com respeito e sabendo quanto ella valia, preparou-se para repellir toda e qualquer violencia.

A rainha proseguiu:

—É pois dever nosso, minha filha, vellar pela vossa orphandade e zellar os vossos interesses. Sois muito joven para comprehender a nossa sollicitude.

«Sois rica e formosa e não vos faltarão adoradores, uns pela vossa belleza, outros pela fortuna.

«É preciso pois entregar-vos aos cuidados de um esposo, que pelas suas qualidades, seja uma garantia do futuro.

«Oh! os homens, minha filha, sabem enganar as incautas donzellas, que quando se julgam amadas, são apenas o alvo para onde dirigem os tiros das suas conveniencias.

«Ninguem vos quer mais do que eu e fr. Pedro, esse santo religioso, que vivo como está, tem já no céo um logar reservado.

«A serpente arrastava-se cautelosa, para melhor se assegurar da victima e D. Leonor quando disse que fr. Pedro tinha um logar no céo, conheceu que blasphemava e tremeu interiormente, parecendo-lhe que um braço potente a arrebatava pelos cabellos! Era a prespectiva do inferno e a justiça de Deus, que tolera mas não deixa impune!

D. Luiza ouvio-a com a maior attenção, tendo a resposta prompta e o animo resoluto.

—D. Luiza, é preciso que mudes de estado, entregue, como estou aos cuidados de minha filha, não me sobra tempo para me eccupar de outrem.

«Aleixo de Figueiredo é um mancebo, que réune ás boas qualidades, o muito amor que vos consagra: dai-lhe o titulo de esposa, porque fareis a vossa e a sua ventura, e cumprireis os desejos de vossa santa avó, e os meus, que só desejo a vossa felicidade.

Olhou para a donzella de alto a baixo, pois desejava devassar-lhe o intimo da alma, mas alli só Deus! D. Luiza conservou-se impassivel e nem um gesto ou contracção lhe traiu o pensamento e n'esta occasião foi sublime!

—Senhora, sou grata á vossa sollicitude e acceito as boas intenções de vossa alteza, e até mesmo os bons conselhos, dictados por uma alma tão fertil em recursos!

A expressão se não era ironica era equivoca no sentido applicado, mas D. Leonor se a entendeu reservou-a para si, e deixou-a passar, por que não a podia perscrutar.

D. Luiza proseguiu:

—Agradecendo tudo a vossa alteza, apenas me é permittido acceitar, o que não vae de encontro á minha consciencia, repito, agradeço a proposta, mas sou ainda muito joven, e por em quanto não desejo mudar de estado.

A rainha enfiou de raiva, e o rosto bondoso de ha pouco, ficou demudado.

—Ninguem vos diz que caseis ámanhã.

«Tendes desoito para dezenove annos, e não sois tão joven que desconheceis o que vos cumpre fazer, mas do que se trata é da escolha de esposo, que por meu desejo será Aleixo de Figueiredo.

A auctoridade dispotica estava clara; e ao caracter altivo de D. Luiza, repugnou tamanha audacia.

—Senhora, aos reis pertence governar e legislar, e aos vassallos, o respeito, seguindo o livre uso da consciencia.

«A minha vida e fortuna pertencem-vos, porque sois a minha rainha, mas senhora, a escolha de um marido é negocio tão delicado, que só a interessada o poderá comprehender. Dissestes-me que estava na idade de saber o que me convinha, pois bem, senhora, acceito as vossas palavras e deixae-me fazer uso d'ellas.

«Sei o que me cumpre fazer, na escolha de um esposo; e como sou muito franca, declaro a vossa alteza, que nunca recairá em Aleixo de Figueiredo.

—Que dizeis joven immodesta e pouco respeitosa?!

—A verdade, senhora, e nada mais!

—Calai-vos D. Luiza de Gusmão, como vos atreveis a ir de encontro á minha vontade? Assim pagaes o interesse que vos tenho despensado? Quem vos ensinou a fallar com tanto despejo? Respondei e olhae que a rainha que vos tem amado como mãe, póde tornar-se peor que madrasta.

D. Leonor tremia de raiva e uma hyena de pello irriçado, não seria mais temivel.

D. Luiza não demonstrou receio e levantou-se respeitosa.

—Como vossa alteza me convida a declarar os motivos, por que me opponho aos vossos desejos, digo, que não amando Aleixo de Figueiredo, é-me impossivel tomal-o por esposo; quanto ao resto declaro a vossa alteza, que ninguem me ensinou, por quanto a defeza da nossa causa, é um sentimento natural.

—Dai-me as vossas ordens, senhora.

D. Leonor tremula de raiva respondeu-lhe arrebatada, não como rainha, mas como qualquer mulher mal educada:

—Retirae-vos imprudente! Fugi da minha presença, antes que vos mande açoutar, apezar da vossa nobreza e...

Ia para dizer mais, quando uma voz exclamou:

—Isso seria muito, senhora! Em Portugal não haveria um cavalleiro tão villão, que ficasse com a espada na bainha, quando se cumprissem as vossas palavras.

—Socegae formosa rainha, porque essa cholera assenta-vos muito mal.

D. Leonor ficou interdicta, quanto a D. Luiza tinha desapparecido.

Quem era que assim fallára á rainha?

Era o joven mestre d'Aviz, que de braços cruzados e gesto sisudo se achava entre portas.

Quem era uma outra figura esquisita que por detraz d'elle fazia figas e caretas? Era João Pampilhosa mais atrevido que um duende, e que se não tinha azas nos pés como Mercurio, tinha azougue nas orelhas e o diabo na cabeça.

Eis como se passou o caso:

João Pampilhosa ouvia melhor de que um hectico. Andando sempre a farejar passou, ao acaso pelo quarto da rainha, quando D. Luiza entre portas aguardava as suas ordens, apurou o ouvido e não lhe escapou uma unica palavra do dialogo que acabamos de descrever.

Absorvido n'esta innocente occupação sentiu que lhe puchavam por uma orelha, e lhe applicavam ao mesmo tempo um pequeno pontapé, que o fez voltar a cara e levar a mão á parte dorida.

—Que fazes aqui grande velhaco? disse-lhe D. João sorrindo.

O jogral poz o dedo na bocca e apontou-lhe para a porta e por detraz do reposteiro ouviram todas as palavras da rainha e da joven.

Já os leitores veem que o infante chegou a tempo de reconhecer que D. Leonor, irada, valia tanto como qualquer mulher.

—Quem vos auctorisou, senhor, disse ella, a devassar as conversas que tenho com as minhas damas e donzellas?

—Perdão, formosa rainha, não devassei as vossas conversações nem segredos, eu passava por acaso por este corredor, quando ouvi as vossas palavras, pronunciadas tão alto, que podiam ser ouvidas por um surdo. Mas o que vos affian-

ço, graciosa soberana, é que vos prestei um importante serviço, e deveis agradecer-m'o.

A rainha admirou o tom serio e conciliador do infante, mas arrebatada ainda pela colera, respondeu-lhe:

—E não serei eu rainha para dizer e fazer o que quizer?

—Sois, sim senhora, mas o que dissestes ha pouco a uma donzella nobre, não se diz a uma filha do povo! Podieis ser desculpada se não tivesseis nascido em Portugal, mas sim na Allemanha, na França, ou na Hungria, aonde a gleba tão bem assenta nos nobres como nos plebeus, mas em Portugal, perdão, rainha, os reis hão de respeitar os grandes e pequenos, quando não...

O mestre d'Aviz ia proseguir, mas D. Leonor cortou-lhe a palavra, dizendo despeitada:

—Quando não o que, senhor infante? esqueceis por ventura o pae que vos deu o ser, para só recordardes a mãe?

O joven enfiou e tremeu de raiva! D. João era bastardo e o insulto era pungente, no entretanto soffocando a raiva mostrou o rosto sereno, como se nada ouvisse.

—Não esqueço o nome de El-rei meu pae, que como seu filho me reconheceu, mas vós senhora, a legitima esposa de João Lourenço da Cunha, é que esquecestes o que se deve ao filho de El-Rei D. Pedro I!

«Tendes de rainha o nome, mas o resto é de D. Leonor Telles...

Fulminou-a com o despreso e saiu, deixando-a entregue ao desespero.

D. Leonor, mordeu-se de raiva e arrancou os cabellos delirante; desejava queixar-se do infante ao rei, mas receiava a nobreza que o respeitava e o povo que o adorava. Além d'isto, o proprio D. Fernando tinha por elle grande predilecção.

Depois de meditar algum tempo, serenou, porque concebera uma vingança atroz, como adiante se verá.

Passemos agora ao palacio de Ursina Malaprada, na esquina do rocio em frente do palacio do conde de Barcellos.

A casa d'esta mulher era muito concorrida, e ali reunia a melhor roda de mancebos nobres, e o jogo, era por assim dizer um dos divertimentos, que mais interesse deixava ao commendador Porcallo, homem que em tudo gostava de ganhar,

Ursina Malaprada traficava com os dons da natureza e o seu digno protector com as habilidades que aprendera. Mas digamos, em abono da verdade, que Ursina Malaprada nunca jogava.

Porcallo é que n'uma outra sala se encarregava d'essa especulação.

No mesmo camarim aonde já conduzimos os leitores, estava Ursina radiante de belleza.

Um joven alto, bem parecido, trajando como rico cavalleiro, estava na frente d'ella, recostado em bellas almofadas.

O mancebo não apresentava o gesto timido de um amor dedicado, e mais baseado na incerteza de que em affectos verdadeiros, apresentava o desembaraço que revela a convicção de que se é amado.

—Mas senhora, lhe disse elle, sorrindo de uma maneira maliciosa, não comprehendo tanta incerteza e irresolução! Se o amor vos não captiva, como ha pouco dissestes, o que vos liga então ao mundo?

«Haveis de amar alguma cousa, e se não podeis empregar o vosso amor nos homens, por serem excessivamente egoistas, então voltae-vos para os innocentes; e se não fordes mais feliz, resta-vos ainda ir para Deus, e incerrar esses bellos olhos, entre as paredes de um convento.

A Ursina Malaprada não agradou o gracejo do infante, que mais tinha de zombeteiro que de apaixonado.

Seus negros olhos refulgiram, era o despeito pela negação do triumpho, e as faces tingiram-se-lhe de vermelho.

—Ainda vos não disse, senhor, que não amaria este ou aquelle homem! E quem haverá que a tanto se arroje? Não me julgue pelo que vê, mas sim pelo que realmente sou.

«Não mercancio com o amor, porque o amor não se vende, dá-se, e quem julgar que o compra, além de ser enganado, fica sem conhecer o coração humano, que podendo dar tudo nada póde vender.

«Se por acaso, um sentimento egoista suffoca os mais nobres impulsos do coração, é porque a devassidão da alma, domina os mais bellos atributos da vida.

Ursina estava mais do que bella! A sua formosura faria succumbir a virtude mais experimentada, estava perigosa e ninguem lhe resistiria!

Não fallava com a phrase calculada empregada como

meio para obter os fins, não, senhores, fallava com a energia propria do orgulho offendido! Era mulher e o infante tinha-lh'o despertado horrivelmente.

Ella proseguiu com a mesma vivacidade:

Se me pertendeis conhecer, haveis de primeiro estudar-me, mas olhae poderoso cavalleiro: é mais facil ler nos astros o futuro dos homens, de que no coração de uma mulher, os pensamentos que reserva.

O infante D. João, se não era um completo ignorante, como a maioria dos grandes senhores do seu tempo, estava tão longe de ser um sabio, como o juizo das cabeças ôcas.

Maravilhado de a ouvir fallar com tanto acerto, contemplou aquella cabeça tão formosa e discreta.

Ursina pela sua parte apresentava um gesto, que não sendo o do despeito grosseiro e intolerante, não era o de um amor juvenil arrufado por caprichos estravagantes.

Era um sentimento de orgulho impregnado de uma educação esmerada, pois que realmente, pertencia a uma das mais distinctas familias de Castella.

O infante depois de a olhar com ternura, chegou-se mais para ella e pegando-lhe nas mãos, disse-lhe com o maior interesse:

—Vamos senhora, ninguem vos ama como eu! desculpae se vos offendi, pois muitas são as vezes, na vida, que fazemos mal inadvertidamente.

—Então, conservaes-vos calada? Pois nem uma palavra de affecto que anime este coração? oh! respondei senhora; e crêde que bastante me magôa esse gesto agastado, com quanto vos faça ainda mais formosa.

Os olhos de Ursina cravaram-se nos do infante, que baixou a vista e agarrou-lhe nas mãos, dizendo-lhe com arrebatamento febril:

—Mulher, anjo ou demonio! que poderei pensar de ti? Sem te amar como anjo, sinto uma paixão delirante, que me escalda o peito e opprime o coração!

«Junto a voz esqueço os meus deveres e os juramentos! olvido a minha posição, o mundo, as trevas e a luz! Longe de ti sinto esse frio glacial que regella os corações e arranca toda a poesia ao amor...

«O quadro das illusões desapparece e as côres d'esse amor, que em ti procuro, são escuras, como a noite!

«Pretendo achar em ti um coração para amar, mas parece que um fantasma se ergue frio e silencioso como um penedo!...

«Venho outra vez para junto de vós, mas sou dominado pelas illusões, e as de hoje fenecem como as de hontem, e as de ámanhã levarão o mesmo destino.

«Explica-me isto, pois vejo que ao talento reunes a formosura.

Ursina ficou satisfeita; e no entretanto, julgando que D. João se achava prevenido, preparou-se para lhe responder, sem lhe confessar a verdade.

Ia para fallar, quando um servo se apresentou e entregou uma carta ao infante.

Em quanto se passava em casa de Ursina o que acabamos de descrever, vejamos o que succedia junto á esquina da rua nova, para onde deitava uma das faces da casa de Ursina.

Dissemos que João Pampilhosa déra a Aleixo de Figueiredo, a carta para o infante, e que elle a recebêra jubiloso; e com effeito no dia seguinte, ao cair da tarde, embuçou-se n'uma capa e eil-o a passear no rocio, de um para outro lado.

No dia em que estas cousas tinham logar, e que Aleixo vigiava a casa da formosa Ursina, um outro individuo, embuçado n'uma larga capa, tambem passeava um pouco mais ao longe.

Aleixo ao principio não fez caso, mas no decorrer de algumas horas, vendo a curiosidade do desconhecido, como não sonhava, se não com rivaes, principiou a sentir ciumes.

Seriam nove horas da noite, um outro vulto se approximou do desconhecido: era um individuo baixo e de grando gordura. Quem eram elles? É o que vamos vêr.

O homem baixo desappareceu e Aleixo já impaciente, carregou a viseira e mettendo mão á espada seguiu denodado para o desconhecido:

—Quem sois cavalleiro ou peão? o que pretendeis aqui?

O aspecto de Aleixo de Figueiredo ainda tinha um tanto de rediculo, pois uma alma que nasceu pequena, e que mais pequena se fez com os preconceitos de uma educação irregular, para chegar á perfeição, precisa combater muito e soffrer grandes modificações.

Aleixo de Figueiredo estava mais comodido, mas d'ahi á perfeição medeava grande distancia.

O cavalleiro ao vel-o tão irado recuou; e sem se desembuçar respondeu-lhe socegado:

—A vossa pergunta, se não é ociosa é insulente, segui o vosso caminho, ou as vossas indagações e occupae-vos tanto da minha pessoa, como eu da vossa.

Aleixo de Figueiredo não ficou satisfeito com a resposta e disse-lhe:

—E quem sois para fallar com tanto desembaraço? Sois nobre ou plebeu?

O cavalleiro já impaciente respondeu-lhe com a voz alterada pelo despeito:

—Permitti que vos diga, que sois muito curioso e imprudente! Com que direito me fazeis todas essas perguntas?

«Sois villico ou regedor das justiças de El-Rei? Se não sois aguazil, saião, ou meirinho, para que estaes a perguntar para ahi, cousas, a que se não póde nem deve responder?

Aleixo de Figueiredo, cada vez mais convencido de ter encontrado um rival, rangeu os dentes raivoso e puchou pela espada e atacou o cavalleiro desconhecido, que seria acutilado, a não ter prevenido os golpes n'uma especie de bordão que levava debaixo da capa.

Aleixo furioso apertava com elle, até que menos aceso em ira reconheceu, que a sua valente espada tinha por adversario um fraco bordão de azinho, mas no entretanto o cavalleiro defendia-se com vantagem.

Aleixo de Figueiredo reconheceu o ridiculo e envergonhou-se do papel que representára. Abateu a espada dizendo ao cavalleiro, que tambem abateu o bordão:

—Perdão senhor, sei que fui muito precipitado, dizei se sois cavalleiro, pois como tal vos quero pedir desculpa.

O desconhecido reconheceu, que não responder seria faltar ás leis da civilidade e sem levantar a viseira respondeu-lhe:

—Sou cavalleiro e vós o que sois?

Esta resposta laconica fez-lhe cobrar animo e perguntou-lhe se se achava ali por causa de alguma dama.

O cavalleiro que de ha muito conhecera Aleixo de Figueiredo fallou-lhe a verdade.

—Não estou aqui por causa da dama que amaes, lhe disse elle, mas sim por causa de um grande fidalgo, que para aquella casa deve entrar.

Apontou com o dedo para o palacio que ficava em frente, aonde residia Ursina Malaprada e retirou-se.

Aleixo ficou preplexo, sem atinar com a causa de tão estranha declaração, ia para lhe responder, mas avistou um outro vulto, que pelo andar e estatura reconheceu ser o infante.

Sentiu bater o coração com violencia, e viu admirado que o desconhecido dera alguns passos e se collocára na sua frente.

Notou igualmente que D. João levára a mão á espada, e que o cavalleiro desembuçando-se mostrára estar desarmado.

O infante carregou na espada com violencia, e infiou pela porta, subiu e só parou na sala aonde já o encontrámos.

O cavalleiro desappareceu e Aleixo de Figueiredo ficou de boca aberta mais de uma hora.

Recordou todavia a sua missão, agarrou na carta e entregou-a a um escravo e desappareceu.

Quem era o desconhecido e qual a sua missão? É o que devemos saber, no capitulo seguinte.

Voltemos ao infante, que deixámos na occasião que recebeu a carta, e vejamos a impressão que ella lhe causou.

D. João ao receber a carta chegou-se a um tocheiro, que se achava n'um dos angulos da sala, e leu-a primeira e segunda vez; olhou para Ursina Malaprada e foi como se lhe arrancassem uma venda dos olhos, fôra o alvo de um jogo da rainha e de fr. Pedro! Comprehendeu tudo, inclusive a mulher que tinha diante de si...

A desilusão não podia ser maior.

A mulher que elle julgára, apenas uma mulher levianna, como ha muitas, não ia além de uma mercenaria que traficava com seus encantos, e que estava a soldo da rainha!

Confrontou rapidamente as virtudes e modestia de D. Maria Telles de Menezes, com a desenvoltura de Ursina, aonde tudo era arte, além da fatal belleza com que Deus a fadára.

Envergonhou-se do rediculo papel que representára e jurou vingar-se.

Mal sabia elle, que annos depois, ainda mais enganado, lançava sobre si um crime, que roubando-lhe o throno, o cobriu de eterna vergonha.

Depois de amorrotar a carta com desesperó, voltou-se para Ursina e olhou-a com tanto despreso que a fez baixar os olhos! Chegava-lhe a sua vez!

—Com que então senhora, tendes desempenhado uma importante missão...

—Ninguem como vós terá tanta impudicicia! Confesso que cheguei a considerar-vos, mas hoje se me não inspiraes odio, é porque realmente de vós me compadeço...

O infante surriu; e o seu surriso foi mais pungente de que a fraze!

Ursina estava denunciada e vergou debaixo d'esta idéa terrivel.

N'aquella alma ainda não se tinha riscado de todo o pudor, e ficou humilhada. A lição era grande e soube aproveital-a! Veremos.

O infante proseguiu:

—Não uso da palavra perdão, porque nada tenho que perdoar... Deixo-vos entregue á vergonha e n'ella achareis o legitimo castigo dos vossos crimes.

«Dissestes, ha pouco que não amavas homem algum! É agora que vos compreendo! Tendes razão! As mulheres, como vós, não amam de graça, vendem-se por dinheiro... Dinheiro! palavra magica que tanto seduz as mulheres, que calcam os impulsos do coração e as leis do pudor! vendem-se... vendendo-se, são escravas e o vicio é o seu unico senhor...

Ursina tremia como se um insulto nervoso lhe agitasse os membros, as suas faces tinham a pallidez da morte, não dava uma palavra, mas o seu soffrimento era terrivel.

O infante proseguiu:

—Mas que posso eu pensar de uma rainha que se avista com mulheres d'esta classe? Sem duvida, entre a rainha adultera e a mulher mercenaria, não medeia grande distancia.

Fulminou a pobre mulher com um olhar terrivel, e desappareceu por detraz do reposteiro.

Ursina Malaprada não vertera uma lagrima, mas logo que o infante desappareceu, um copioso pranto lhe innudou

o rosto. Não sabemos se era filho do despeito ou do arrependimento; mas fosse qual fosse a origem, era um sentimento, que muito se aproximava do pudor.

Lavada em pranto, como estava, viu entrar um homem desconhecido, cujo gesto frio e impassivel a fez recuar de medo: julgou que era um phantasma, e perguntou-lhe com a voz alterada pelos soluços:

—Quem sois? homem ou phantasma?

O desconhecido ergueu a vizeira do elmo e deu-se-lhe a conhecer.

Ursina olhou para elle, affirmou-se e balbuciou:

—É elle! É o mesmo que me preveniu da vergonha que me estava preparada! Oh! dize se és um homem ou anjo...

O mancebo estendeu-lhe a mão; mas ella recuou, deixou pender a cabeça e continuou a chorar.

—Mulher, disse elle, quem principia a confessar os seus defeitos, não está longe do arrependimento.

«Não sou anjo nem demonio: sou homem.

«Preveni-te d'esta vergonha, não porque te ame, porque a outra pertence este coração, mas sim porque vendo-te joven e formosa, sentia que proseguisses na escola do crime.

«No seio de uma familia ainda podeis desempenhar os importantes deveres que Deus ligou á mulher.

«Reconsidera, que ainda é tempo! Ainda podes encontrar um homem, que longe do theatro dos teus desgraçados triumphos, não se envergonhe de te dar o nome de esposo.

O cavalleiro desappareceu.

Ursina ficou allucinada, e d'alli á loucura não medeava muito.

Os movimentos do corpo estavam paralisados, e nada sentia nem ouvia!

Um gelido suor lhe banhava as faces, pallidas e frias como as de um cadaver!

Era a estatua da morte!

Aonde estavam os encantos d'essa mulher? Tinham desapparecido atravez de uma grande impressão moral.

Assim permaneceu alguns momentos até que impellida por uma força superior, levantou-se e exclamou:

—Aproveitarei os conselhos que me deram! Perdão, meu Deus!...

Levou as mãos ao peito e erguendo-as para o ceu, caiu de joelhos!

VI

Casamento e rapto

Portugal caminhava para o abysmo; mas o Deus de Affonso Henriques, salvou-o.

Ninguem ignorava as intenções de D. Fernando em relação a Castella, e todos receavam que o facho da guerra, agitado por mãos amigas, viesse cobrir de ruinas este bello paiz.

O rei de Portugal dava pouca consideração a estas cousas, aliaz da mais grave importancia.

Activavam-se as negociações com a Inglaterra e só se esperava por uma definitiva resolução, para se romperem as hostilidades.

O monarcha castelhano não ignorava a existencia de uma tempestade, que rebentando sem se achar prevenido, podia ser-lhe fatal.

D. Leonor fazia trabalhos de sapa, e o seu fim era que se concluissem os tratados, que ligando-nos com a Inglaterra, veriamos entrar no paiz, os soldados de uma potencia amiga, que nos fariam maiores damnos de que os proprios invasores.

Não foram erradas as prevensões de alguns homens illustres, e a experiencia demonstrou que as cohortes inglezas foram os nossos maiores inimigos.

Tal era o estado de Portugal, quando a côrte enredada pela rainha e fr. Pedro apresentava um aspecto vergonhoso.

Deixámos D. Luiza de Gusmão, na occasião que D. Leonor, cheia de ira parecia uma hyena.

No singelo coração de D. Luiza, não se albergava a vontade caprichosa, nem o accinte premeditado, que tanto distingue a mulher vulgar, das que receberam de Deus uma alma bem formada.

D. Luiza não esperou que a rainha a mandasse retirar e para ella, o joven mestre d'Aviz, teve maior poder, que o anjo salvador, mandado por Deus ao purgatorio, para arrancar ao martyrio as almas, cujas culpas estão expiadas.

O mestre d'Aviz fez mais, pois se a não salvou do purgatorio, salvou-a da presença de uma furia, mais temivel que a mais alta potencia de Satanaz.

D. Luiza desappareceu atravéz dos corredores e fechando-se no quarto chorou toda a noite, e offendida como fôra, não podia conformar-se com as insultantes palavras que a rainha lhe dirigira.

Depois de meditar sobre a maneira de escapar á sua vingança e ás perseguições de fr. Pedro, resolveu, que o melhor meio era collocar-se ao abrigo de um claustro, e ahi esperar a successão logica dos factos e não precipital-os.

Gil Vasques era a imagem dos seus pensamentos, o penhor da sua vida e a esperança do seu futuro.

Absorta n'estas idéas tudo lhe sorria e se por vezes tecia na imaginação corôas das mais mimosas flores; n'outras o mundo se lhe afigurava um extenso valle cercado de espinhos.

Sabia que D. Lourenço, arcebispo de Braga, além de proteger Gil Vasques, despensava-lhe muito amor e sollicitude.

As virtudes d'este santo prelado, cujo nome ainda a historia respeita, pelos serviços que prestou á independencia d'esta terra, era um poderoso escudo aonde se iriam embotar as intrigas de D. Leonor.

E se este santo varão não a podesse salvar, como fidalgo, podia com certeza valer-lhe como prelado.

Resolvida a escrever-lhe, puchou de um pregaminho, e escreveu a seguinte carta:

«Ao muito reverendo arcebispo de Braga,
«primaz das Hespanhas:

«Senhor, peço a vossa benção como filha obediente da «nossa Santa Madre Igreja.

«Foi Deus servido chamar á sua divina presença minha «avó, ha mais de trez mezes, e eu joven como sou, e inexpe- «riente, desejo collocar-me ao abrigo das seducções do mun- «do, prompto sempre a pronunciar-se contra a virtude.

«Cercada de intrigas e pretenções, que a meu ver não «teem justificação, desejo acolher-me a um convento, e sob «a santa protecção do claustro estarei ao abrigo das tortuo-

«sas veredas do mundo, aondo o escorregar é muitas vezes «cair para sempre.

«Ordenae senhor, e despensae-me a vossa protecção re«commendando a minha entrada n'um convento qualquer.

«Deus vos tenha em sua santa guarda.

«Escripta em Lisboa aos 27 de novembro de 1377.

«D. LUIZA DE GUSMÃO.»

D. Luiza ficou mais aliviada depois de concluir a carta que fechou e timbrou segundo o uso da época.

Ainda bem não a arrecadára na gaveta do bofete quando sentiu uma estrepitosa gargalhada.

Ergueu a vista sobresaltada; e deu com João Pampilhosa, que fazendo uma série de caretas e trejeitos ria a bom rir.

D. Luiza com quanto se achasse magoada, tambem teve vontade de rir e riu muito, porque o riso é contagioso como os abrimentos de bocca.

—Porque rides d'essa maneira, lhe disse ella meigamente.

—Porque me riu respondeu o anão, ora essa! Riu-me da peça que ides pregar a rainha e a fr. Pedro, mas olhae, sê cautelosa, porque aliás ficarão os vossos trabalhos sem effeito.

João Pampilhosa ao dizer isto, puchou um escabello e assentou-se magistralmente.

D. Luiza ficou pasmada do que lhe ouvira e perguntou com certo embaraço.

—Mas de que peça fallaes? Não posso acertar com o sentido das vossas palavras.

—Ora vamos lá donzella, para João Pampilhosa ser enganado, é preciso que a espertesa seja mais fina de que o ar, eu me explico:

«Acabastes de fazer uma carta para o sr. arcebispo de Braga, pedindo-lhe protecção para entrardes n'um convento.

«A idéa é boa porque fará estallar de raiva esse maldito sotaina, que tem a alma mais negra que as azas de um corvo, e agora o que dizeis?

A donzella recuou admirada! Não sabia se tinha diante de si um homem ou um demonio! Como sabia elle uma cousa, que meditara e posera em execução, sem a ninguem

dar conhecimento! O caso era sério de mais para lhe não merecer attenção...

—Estou admirada do que vos acabo de ouvir! Sois brucho ou lobishomem? É verdade o que acabaes de me dizer, mas como o soubestes?

O anão depois de fazer mais duas ou tres caretas, respondeu-lhe:

—Não sou brucho nem lobishomem.

«Ao que me tenho dedicado, é á sciencia da astrologia judiciaria, e tenho um bello laboratorio aonde faço as minhas experiencias; mas notae, que não foi lá que eu soube dos vossos pensamentos, foi ali, junto áquelle reposteiro.

D. Luiza franziu o sobreolho, e mostrou-se offendida por ter sido espionada.

—Sabeis a verdade, mas olhae que mau costume é devassar os segredos alheios.

O anão não se mostrou zangado, e respondeu-lhe com a maior naturalidade:

—É verdade nobre donzella, mas se eu não ouvisse o que dizieis, pedindo em voz alta, um conselho á vossa consciencia, era ouvido por fr. Pedro, o que seria muito peor.

D. Luiza ficou interdicta e perguntou:

—Porque fr. Pedro estava ahi e ouviu alguma cousa?

«Oh! pelo amor do céo, dizei a verdade; porque se tudo ouviu nada posso emprehender.

O anão ergueu-se, e d'esta vez fallou muito seriamente.

Estava no seu elemento, ninguem como elle fazia tão rapidas transições!

Acabando de fazer rir com as suas bobices, era capaz de fazer chorar a mesma pessoa.

Do insulto mesquinho, passava á critica fina e d'esta ao mais sério positivismo.

Era uma disformidade pelo corpo e uma raridade no espirito!

Era um espirito forte, em demasia, n'um corpo de acanhadas proporções.

Era finalmente uma intelligencia tão elevada, que não estando ao alcance de todos, era superior ás grandes capacidades.

—Dae-me essa carta, lhe diz elle peremptoriamente, dae-m'a sem a menor detença; d'aqui a uma hora é tarde.

«Fr. Pedro desconfia de alguma cousa, e não tarda ahi, já vos viu escrever; e para aquelle genio desconfiado nada mais é preciso. Se nada sabe de positivo tudo deprehende por hypothese. Oh! crede que no fim de uma hora, o maximo duas, quantas cartas sairem da vossa mão, quantas lhe serão entregues.

«Não vacilleis! recuar é perder tempo, e se não aproveitaes a occasião, não é o arcebispo que recebe as vossas cartas.

As palavras de João Pampilhosa tinham um cunho de tanta verdade, que D. Luiza não duvidou, e duvidar da sua dedicação seria um grande peccado.

—Entrego á vossa lealdade o destino d'esta carta, reconheço a instante necessidade e aprecio a vossa dedicação e comprehendo que no fim de uma hora será tarde, e de duas impossivel.

Tirou da gaveta a carta, e entregando-a a João Pampilhosa, viu, com surpreza, que desapparecia sem lhe dar a menor palavra!

Seria uma traição? nem pensar n'isso.

Ao ouvido apurado do anão não escapára o que D. Luiza ainda não sentira: presentiu o escarro affectado de fr. Pedro, que entrou no quarto, sem se fazer annunciar, quando o anão apenas se tinha escondido por detraz de uns pannos de Tunis.

A donzella de uma surpreza passou a outra, ao ver entrar o seu mortal perseguidor, mas aquelle genio atillado tudo comprehendeu, e reconheceu a tempo, que as prevenções do carcunda eram justas e consentaneas.

Fr. Pedro tudo sabia, menos as intenções da donzella em relação á sua entrada n'um convento. A rainha acesa em colera contara-lhe a resistencia que ella fizera ás suas propostas, circumstancia esta que bastante o preocupou.

Pelas furias do inferno, bradou elle, é possivel, que D. Luiza pense em lutar contra a nossa vontade, mais poderosa de que a do rei?! Pois não será covardia, senhora, capitular ante a vontade caprichosa de uma rapariga?

—A mim é que pertence o triumpho e em ninguem mais o declino.

Fr. Pedro cheio de desespero cumprimentou a rainha e saiu, para predispor o seu plano de ataque.

Em quanto que João Pampilhosa se esgueirava pela primeira escada que encontrou, vejamos o que se passa no quarto de D. Luiza, aonde o frade, especie de raposa manhosa se introduziu arteiramente.

A donzella com quanto senhora de sí, não poude evitar a demonstração de tedio que lhe causou similhante visita.

Aos olhos perspicazes de um frade poucas cousas passam desapercebidas, e os de fr. Pedro, se não tinham as grandes qualidades, que Plinio encontrou nos olhos do lynce, eram todavia dos mais sagazes e maliciosos. Cumprimentou D. Luiza com a sua reconhecida velhacaria e sentou-se, fingindo um modo contrafeito.

D. Luiza pela sua parte ficou calada, mas o frade que trazia o sermão estudado, depois de dar duas ou tres voltas na larga cadeira de espalda, ergueu os olhos como quem offerecia a Deus um grande sacrificio.

Depois da rainha D. Leonor ninguem lhe excedia em hypocrisia.

— Donzella, disse elle em tom paternal, duros são os deveres que o nosso santo ministerio nos impõe, pois somos constantemente levados pelo dever a grandes sacrificios.

«Um dia a religião nos manda censurar um grande fidalgo e n'outro contrafazer uma vontade soberana.

«Aqui se ergue um desejo pecaminoso para debellar e além um vicio para combater.

«Se o amor paternal, que consagramos a qualquer pessoa nos cega, o dever da religião arrancando-nos a venda dos olhos aponta-nos o criminoso.

«Oh! minha filha, grandes deveres nos ligam a Deus e aos monarchas, seus logares tenentes na terra, a quem devemos obedecer cegamente.

D. Luiza comprehendeu, que todo aquelle estirado exhordio tendia unicamente á questão do seu casamento, cousa que tanto prendia a attenção dos seus algozes.

Julgou prudente fazer que não o comprehendia, e respondeu com a maior placidez.

— Não sei reverendo senhor, de que peccados fallaes! Ignoro que os monarchas sejam logares tenentes de Deus: o que a nossa santa religião nos ensina, é que o nosso santo pontifice, é o seu unico vigario na terra; quanto ao mais é para mim inteiramente ignorado.

«Hei de sempre obedecer ao rei, quando não me violentar a consciencia, de contrario, não.

O frade ficou desapontado com a resposta da donzella, que além de positiva era desabrida, mas não se alterou e disse-lhe:

—Sois uma joven imprudente! não sei aonde bebestes essas doutrinas, tão pouco vulgares entre as pessoas que vos cercam, olhae e attendei; Deus está irado contra vós, porque ousastes desobedecer á vossa rainha, a mais santa mulher que se tem assentado no throno portuguez!

O frade tinha a impudicicia de insultar a memoria das rainhas de Portugal; e as cinzas da rainha Santa Izabel, estremeceram, decerto, no fundo do sarcofago, em face de uma tão grande blasphemia!

O frade proseguiu:

—O vosso dever minha filha, é ser obediente á vontade da nossa rainha, que por vós nutre um affecto maternal! Fazei-lhe a vontade, que assim satisfareis aos desejos de vossa santa avó, aos meus e aos de meu pobre sobrinho que vos ama loucamente. Oh! fazei por vontade, senhora, o que a violencia póde obter.

Estas palavras, foram pronunciadas com tanta audacia que a donzella tremeu e infiou de raiva e o seu caracter altivo ferido tão directamente, preparou-se para repellir ameaças, que não a intimidavam nem lhe coagiam o espirito.

Ergueu-se, altiva qual poderosa rainha! As suas faces pareciam verter sangue e os olhos chammejantes, faiscavam com violencia! As irradiações d'aquelle olhar, não eram as de uma ira turbulenta, preversa e vingativa!

Eram a consequencia d'esse fogo sagrado, que existindo no fundo da alma, dilata-se como o vulcão, quando a insulencia o faz rebentar! Era a nobre altivez de um caracter elevado e todo virtude:

—Deveria comprehender pelas vossas palavras o fim, que aqui vos guiou! Não temo as ameaças e despreso as violencias. Orfã de pae e mãe, não reconheço tutellas, nem imposições além d'aquellas que o dever e a virtude me mandam observar. A resposta, que dei á nossa rainha, é a que ides ouvir:

«Não tomo, nem nunca tomarei por esposo vosso sobrinho, porque não o amo, nem me é possivel amal-o.

Os sentimentos do coração pertencem-me, são meus, assim como tudo pertence a Deus.

«Regeito a violencia e se não poder triumphar não saberei succumbir; morrer no posto da virtude é a maior gloria do mundo. Oh! crede que não me humilharei ante os vultos oppressores, que em nome de Deus tudo profanam, vendem e difamam.

«Podeis retirar-vos senhor fr. Fedro! Não busqueis outra resposta, porque esta será sempre a mesma.

Fr. Pedro sentiu um arrebatamento de colera tal, que insensivelmente levou a mão ao cabo de um punhal, que sempre trazia escondido nas mangas.

Os cabellos arripiaram-se-lhe e os olhos ingectados de sangue tinham uma espressão medonha. Tremia de raiva, e com os dentes serrados parecia uma furia; avançou dois ou tres passos para a donzella, que recuou horrorisada e teve medo.

«Eu vos juro, não pelo habito que visto, mas sim pelas unhas do diabo, que viva ou morta pertencereis a meu sobrinho, para que a vossa fortuna seja minha. Para vós já não póde haver defferenças! Patenteastes-me os vossos pensamentos, é bem que tambem saibaes os meus.

Gil Vasques pagará com a vida, e vós seguil-o-heis se não adherirdes aos meus desejos e aos da rainha.

Fulminou-a com um olhar terrivel e saiu; quanto á pobre donzella, esgotando-se-lhe as forças, caiu desmaiada sobre umas almofadas.

Deixemos agora estes personagens e voltemos a occupar-nos de outros, não menos importantes, e remontemonos a um facto passado.

O infante D. João ao entrar em casa de Ursina Malaprada notou que um cavalleiro lhe disse:

—Não é nobre quem assim olvida os seus juramentos.

O infante irado levou a mão á espada, mas o desconhecido desembuçando-se mostrou estar desarmado, dizendo-lhe apenas:

«Em Santarem, junto ao convento de S. Francisco:—Digo o que quero e só esqueço o que não sei.

O infante carregou no punho da espada com violencia, como dissemos, e o desconhecido desappareceu.

Quem era elle? Era Gil Vasques, que sabendo os novos

amores de D. João, em prejuizo de D. Maria Telles, tratava de os impedir, e salval-o da burla que lhe armavam, e para tambem não deixar finar de desespero a infeliz senhora.

Os leitores sabem como o infante se portou com Ursina, que nós deixámos em principio de arrependimento.

João Pampilhosa tudo sabia e combinava; ninguem dava mais novidades á rainha e a fr. Pedro, mas sempre lhes dizia as cousas quando todos as sabiam e já eram irremediaveis, e desta sorte continuando a merecer-lhes confiança, proseguia intrigando para não se comprometter.

Gil Vasques de tudo fôra informado por elle, sem lhe omittir o plano da carta que tão bons resultados teve.

Oito dias depois da despedida do infante, a ordem do dia, na côrte, era o desapparecimento da joven Ursina Malaprada, e ninguem sabia d'ella nem o destino que tivera.

Fr. Pedro estava furioso e a rainha desesperada; quanto ao commendador Porcallo, compromettido nos seus interesses, entregava-se a novos calculos, para arranjar dinheiro, cousa indespensavel para todos, e especialmente, para os perdularios como elle.

João Pampilhosa ria e esfregava as mãos, improvisando algumas balladas, que sempre tinham um fim mais ou menos sarcastico.

O infante D. João envergonhado, não se animava a procurar D. Maria Telles, que morria de saudades, pois já tinham decorrido oito dias sem o vêr!

Eis o estado das cousas, no dia immediato áquelle, em que fr. Pedro cheio de ira, pela resposta de D. Luiza, arrancava os cabellos desesperado por ver frustrados os seus mais bem combinados planos.

Ainda ignorava a paixão louca de Aleixo, declaração que João Pampilhosa reservava para mais tarde.

Eram dez horas da manhã, João Pampilhosa no quarto de D. Fernando desempenhava o seu alto ministerio: tosquiava sua alteza e cantava.

D. Fernando estimava-o tanto, quanto podia estimar qualquer pessoa!

— Mestre João, que ballada estás para ahi a cantar? Explica-me isso homem.

João Pampilhosa não lhe respondeu e proseguiu:

«E já lá vae, desappareceu, mas não morreu! E o in-

fante n'um instante, foi avisado, e coitado se o não fôra! Mas o bom rei, pelo que sei, é espatalho de figueira! É forte asneira um rei assim, por ser peor que um manequim.»

João Pampilhosa deu uma grande gargalhada; e o rei beliscado pela curiosidade, instou mais para elle lhe explicar o sentido das trovas.

«Pois não comprehendes o que tudo isto quer dizer? Se assim é, é porque não queres; e não sei para que então te servem a cabeça, os olhos, o juizo e os ouvidos.

D. Fernando, nunca o comprehendeu ou fez que não o comprehendia; e o anão depois de concluir o seu trabalho, saiu cada vez mais convencido, que perdido é todo o tempo que se gasta com tollos.

Havia perto de vinte e quatro horas, que João Pampilhosa não fallava a Gil Vasques.

Entregara-lhe a carta de D. Luiza para o arcebispo, dizendo-lhe, que se não fosse pessoalmente leval-a, que a mandasse por pessoa de sua inteira confiança.

Ao sair do quarto do monarcha, viu fr. Pedro a conversar intimamente com o commendador Porcallo, apurou o ouvido, mas como fallavam muito baixo nada pôde comprehender, mas ficou prevenido, na convicção de que mais algum crime se urdia entre aquellas duas almas perdidas, não se enganava.

Voltemos ao palacio de D. Maria Telles e vejamos o que faz esta pobre senhora, victima de sua irmã e mais tarde de seu marido.

João Pampilhosa, depois de guardar os arranjos do officio, saiu apressado.

Para onde ia? Ia para casa de D. Maria, dar ou saber novidades; se bem que a infeliz senhora, victima de um amor desgraçado, pouco interesse lhe inspiravam os acontecimentos do mundo.

O anão caminhava pressoroso, tanto quanto lh'o permittia a pequenez das pernas; no entretanto em agilidade podia competir, com qualquer acrobata seu contemporaneo.

De uma viella passava á outra e atravessando as praças proseguia na direcção da rua do Cardal.

Junto ás portas de Santa Catharina encontrou uma dona embuçada n'um longo manto. O nossso homem passou adiante sem lhe prestar attenção; mas ouvindo chamar, parou.

—Senhor João Pampilhosa! Senhor João Pampilhosa.

O anão conheceu que alguem o chamava, olhou e viu a matrona, que tinha encontrado: esperou e recebeu uma carta, que ella lhe entregou, depois de se convencer que não era observada.

—Pegae n'esta carta, senhor, lhe disse ella e fazei com que hoje mesmo seja entregue ao senhor Gil Vasques. Tomae conta, olhae que é de... De D. Luiza de Gusmão.

Estas palavras foram pronunciadas em tanto segredo, que a custo foram ouvidas.

O anão ficou de bocca aberta, e ia para lhe fazer algumas perguntas, mas a mulher desappareceu! O que seria? É o que vamos saber.

João Pampilhosa comprehendeu, que a não haver grande novidade, D. Luiza não escreveria a Gil Vasques.

A conclusão era acertada, justa e rasoavel.

Tomou para casa do mancebo, e batteu primeira e segunda vez, sem ninguem lhe responder.

Principiou a agourar mal do negocio; e já se retirava, quando uma porta fronteira se abriu e uma velha, com ares de brucha, lhe disse:

—Sois o senhor João Pampilhosa?

—Sou eu mesmo boa mulher, mas a pergunta é desnecessaria, porque outro physico como este não se vê por ahi... Que pretendeis?

—Dizer-vos que o senhor Gil Vasques, deixou esta carta, para nm amigo seu; e pelos signaes qne me deu sois vós.

João Pampilhosa estendeu a mão, dizendo-lhe:

—Dae-me essa carta!

A velha entregou-lh'a, fazendo-lhe uma profunda mesura.

O anão desceu a escada, e eil-o na rua, quebrando o largo selo que fechava a carta do seu joven amigo, que estava concebida nos seguintes termos:

«Os desejos de D. Luiza são para mim ordens que de-
«mandam a mais pontual execução. A carta que dirige ao
«senhor arcebispo, meu protector, é da mais subida impor-
«tancia e ninguem, como eu, acho tão digno de desempenhar
«esta missão; sigo para Braga.

«Adeus e vellae por aquelle anjo, assim como Deus «vella por todos.»

O anão ficou embaraçado! A ausencia de Gil Vasques era talvez um grave transtorno, na presente conjunctura, que lhe restava fazer? Tinha em seu poder uma carta para elle e que era de circumstancia, não admittia duvida; e comquanto fosse curioso, na presente occasião, era um nobre sentimento que o dominava.

Vamos senhor João Pampilhosa, disse elle, é abrir esta carta e ver o seu contheudo e resolver em face da gravidade do caso.

Dito e feito, abriu a carta e leu o seguinte:

«Nobre e valente cavalleiro. Ha vinte e quatro horas que «apenas precisava do apoio da religião, para n'um claustro, «escapar ás perseguições do mundo; mas depois do que ou«vi a fr. Pedro, preciso do braço de um esforçado cavallei«ro, cuja dedicação não me seja duvidosa.

«A quem me poderei eu dirigir além de Gil Vasques, «que amando-me com estremo não lhe falta coragem, leal«dade e dedicação?

«Hoje ás duas horas da noite, estae, sem falta, juncto á «janella ultima da esquerda que ahi vos fallarei, se algum caso «imprevisto não mandar o contrario.

«Vinde armado e acompanhado de um ou dois escu«deiros.

«D. LUIZA DE GUSMÃO.»

João Pampilhosa reconheceu a gravidade do perigo, a que a infeliz donzella se achava exposta; mas que poderia elle fazer?

Gil Vasques estava ausente, e além d'elle não atinava com um outro cavalleiro, que o supprisse, e lembrou-se ir contar tudo a D. Maria Telles, e combinar com ella os meios de proteger e salvar a joven dos perigos que a ameaçavam.

Como não era homem que vacillasse, tomou para casa de D. Maria, no firme proposito de tudo lhe contar.

Deixemos caminhar João Pampilhosa, e voltando a casa de D. Maria Telles, vejamos o que ali se passa.

Deixámos a pobre senhora, triste, abatida e quasi a finar-se; mas hoje não parece a mesma!

As suas faces bellas, como a mais bella rosa de Jericó, longe de revellarem melancolia, apresentam todo o brilho que seduz e captiva.

Em seus lindos olhos azues, livres dos sulcos profundos, que as lagrimas gravam em torno das orbitas mais bellas, transparece o fulgor da vida animada pelo amor.

Em seus labios, vermelhos como o coral, vagueia um meigo sorriso, verdadeiro interprete da ventura.

Que mudança se havia operado? aonde se achava a causa de tamanha differença? É o que vamos saber.

O infante D. João, envergonhado pela sua falta de fé, e vechado pela burla que lhe pregaram, não se animava a procurar D. Maria Telles, que o amava loucamente. Os dias deslisavam tristes e silenciosos para ella, emquanto que para o infante eram mais que insipidos, eram insupportaveis.

Uma luta se lhe agitava na alma, e grande era o desejo de beijar-lhe as mãos; mas este sentimento justo era neutralisado pela vergonha do seu procedimento.

Triumphou todavia o amor, como era dever, na esperança de um perdão que nada tinha de duvidoso.

O amor verdadeiro, tem sempre por divisa a indulgencia, e se a nobreza d'este sentimento não o acompanha, então não existe!

É apenas um sentimento egoista, que consome e não vivifica, que esterelisa e não produz.

É finalmente a expressão de uma alma fria como o gelo, que não sabe amar, e sacrifica esse bello ideal da vida nas aras de um culto estravagante.

Consome lentamente, quando inspira amor, e lança uma venda nos olhos do mundo, para lhe não devassar os seus equivocos pensamentos.

O infante venceu a resistencia e n'uma bella manhã apresentou-se em casa de D. Maria, que ficou surpreza pela sua inesperada visita.

D. João recuou admirado! D. Maria Telles apresentava todos os symptomas de um padecimento atroz!

Nas faces pallidas transpareciam, se não os effeitos de uma enfermidade physica, a de um grande soffrimento moral!

Teve remorsos, aproximou-se d'ella e pegou-lhe nas mãos, viu que escaldavam e estremeceu.

—Perdão, senhora, lhe disse elle, vós soffreis e muito! Mandae chamar um medico, antes que o padecimento se aggrave mais.

D. Maria não lhe respondeu e uma torrente de lagrimas lhe innundou as faces que cobriu com as mãos.

O infante reconheceu todo o alcance do mal que praticára...

Remedeal-o era pagar uma divida, tel-o evitado uma virtude.

—Enchugae essas lagrimas, senhora, lhe diz elle, enchugae esse pranto, que me escalda o peito e rouba o socego da alma!

«Ninguem mais de que eu vos ama! Oh! por Deus e pelas cinzas de minha mae, vol-o juro. Sê feliz, pois se n'este mundo ha ventura, ninguem como vós a merece.

«Fallae D. Maria, porque o silencio é mais cruel do que a censura. Deixae vêr esses formosos olhos fadados para expressarem amor e nunca o soffrimento.

D. Maria cobrou animo, com as palavras do infante, e mostrou mais uma vez o valor d'aquella alma, digna de melhor sorte.

O infante nunca lhe jurára amor sobre penhores tão sagrados, e ella amava e amava muito! Tudo esqueceu, e viu apenas o homem que adorava e por quem daria a vida.

Infeliz amor e desgraçada dedicação!

No mundo não haverá muitos crimes que se aproximem ao que mais tarde, por D. João foi praticado!...

A joven senhora julgou vêr despontar, mais uma vez, essa aurora brilhante, em que o amor se apresenta bello, como o balsamico perfume de uma manhã de primavera.

Pareceu-lhe vêr o vecejar dos campos bordados de viçosas flores!

Julgou colher os mais bellos fructos de um futuro abençoado!

Viu o ceu abrir as suas portas de ventura, nos braços do escolhido do seu coração!

Pobre amor! Quanto és louco, crente e cheio de fé...

N'um dia ostentas as vestes mais seductoras e n'outros os crepes funerarios!

Hoje distinguem-te as gallas mais deslumbrantes, passeias nos edens da poesia, colhes flores, mimos e voluptuosidade! Mas ámanhã tudo é zero, e as desilusões são a tua unica partilha!

Amor! Que é feito de ti?! Aonde estava a tua existencia?!

Oh! ficção das ficções! Puro ideal que desapparece com a primavera da vida, atravez das decepções da alma, que soffre paciente os caprichos da organisação humana...

D. Maria tudo viu, sem nada recear, e ergueu os olhos para o infante, que n'elles desejava ler o seu perdão.

Ella tudo perdoou: eram tresvarios passados, que mais importava esquecer que recordar.

Apertou-lhe brandamente as mãos, e com voz harmoniosa pronunciou algumas palavras, que fazendo a ventura de D. João eram a sua sentença de morte.

—Para que me pedís desculpa? Se me amaes eu vos retribuo com usura, e para mim nunca haverá ventura quando por vós não seja compartida: assim o juro! Ao contrario para nada me serve a vida.

«Sou vossa. Oh! quero juntar á ventura, que me pedis o amor que vos consagro.

Nunca estivera tão formosa; assentava-lhe tão bem a languidez poetica, fructo dos soffrimentos, que julgal-a simples mulher, seria roubar toda a belleza, ao quadro mais interessante, que o mundo póde offerecer...

A mulher é bella na indulgencia, sublime quando se entrega á candura de um affecto verdadeiro, mas atroz na vingança e hedionda quando lhe falta a virtude. De anjo passa a mulher, e de mulher a demonio, quando protella a sua missão na terra.

O infante achava-se como possuido de uma força magnetica, que o prendia junto de uma mulher, tão formosa no corpo, como perfeita na alma.

— Cumpramos os nossos votos, lhe diz elle, é o que Deus manda e que os nossos corações desejam.

«Ha pouco dissestes que eras minha: e deveis sel-o para sempre, recebendo junto aos altares a benção que completa o que o amor principiou.

«Affastae preconceitos que nada justificam, e com o complemento da minha ventura, fareis tambem a vossa. Dae

uma palavra de approvação e tudo estará concluido no praso de trez dias.

D. Maria, cançada de resistir, não poude dizer que não.

—Sim, lhe diz ella, cobrindo com as mãos o rosto, pare esconder as sensações que interiormente supportava, sim, fazei o que fôr melhor para a nossa ventura. Serei vossa de direito, visto que o facto é incontestavel.

«Que se ultime esta união que o amor incetou e o fatalismo deve acabar...

Tinha dito de mais para as suas forças, e comquanto pretendesse dominar os tristes presentimentos que a assaltavam, não podia!...

O infante, satisfeito, ergueu-se e a felicidade parecia dominal-o.

—Senhora, daes-me a vida, com a ventura, que de ha muito sollicito.

«Agora sim, terei apego ao mundo.

«Entregae o futuro a Deus, a alma á virtude e o coração ao homem que tanto vos ama.

Beijou-lhe as mãos dizendo-lhe:

—Em tres dias sereis minha!

«E lá n'essas bellas margens do Mondego, aonde minha mãe tanto amor gosou, vós o gosareis, mas não atravez de tão grandes soffrimentos.

D. Maria, arrebatada pelo amor, apresentou-lhe a face, aonde o infante pela primeira vez assentou um sofrego beijo.

D. João retirou-se, e a nobre viuva entregue aos sonhos do amor, olvidou todos os dissabores que lhe cruciavam o espirito.

Está pois justificada a maneira, porque se achava tão bella e feliz, no dia em que João pampilhosa a ia procurar.

O nosso homem caminhava absorto nos seus vastos projectos quando ao voltar de uma esquina, sentiu o estrepito de alguns cavallos, e bradarem ao mesmo tempo.

Ergueu a cabeça e viu com assombro, que por milagre não fôra atropelado por alguns corseis, que escumando mordiam os freios impacientes.

—Oh! perdão meus senhores, parece que não tinheis olhos na cara!

Um dos cavalleiros deu uma grande gargalhada.

—Homem, tu que nos dizes isso, sendo apenas uma

amostra de gente, que devemos nós dizer-te, que não viste dois possantes ginetes, nem ouviste os nossos brados?

«Ah! meu pobre Pampilhosa, receio que estejas namorado.

O anão conheceu aquella voz e bradou:

—Se me não engano, sois o sr. mestre d'Aviz!

—Todo inteiro, sem lhe faltar a menor porção: que pretendes?

A este tempo já o povo se agrupára, pois ao conhecer que era o mestre d'Aviz, todos desejavam vel-o.

Era um joven principe, que tinha sabido conciliar o respeito dos nobres com a amisade dos povos.

João Pampilhosa bateu na testa, como quem atinára com alguma boa idéa.

—É meu senhor, precisava fallar-vos para um negocio muito serio, e peço-lhe uma audiencia para as nove horas.

—Sim homem, lhe respondeu o joven bastardo, cá estamos n'aquella nossa casa. É quando quizeres.

Despediu-se de Pampilhosa, levou a mão ao elmo, e cortejando todos os burguezes metteu o cavallo a galope, pela rua abaixo.

João Pampilhosa esfregou as mãos satisfeito e voltou para traz, emquanto o povo, reunido, não se fartava de elogiar o modo cortez e affectuoso do principe.

—Sabes que mais, dizia um vendilhão, quem nos déra que este fosse o rei! Ah! que se elle o fôra, D. Leonor não estaria no throno, nem os castelhanos teriam entrado n'esta cidade.

—Oh! lá que sim, disse um taberneiro, e quem sabe se elle ainda irá ao throno?

—Estás doido, homem, respondeu um ferreiro todo mascarrado, antes que o rei morra sem filho varão, lá estão os filhos de D. Ignez.

—Isso é verdade, disse o taberneiro, mas o mundo dá muitas voltas.

João Pampilhosa ainda ouviu parte d'esta conversação; e ao atravessar por entre o povo, todos o cumprimentaram em attenção á maneira porque o infante lhe fallára.

Seguiu para casa, continuando a scismar como salvaria D. Luiza, que julgava exposta a grandes perigos.

O infante, comquanto ainda fosse joven, nutria os sentimentos de um cavalleiro veterano.

Era amigo de Gil Vasques, e portanto seria bom pol-o ao facto de tudo, e pedir-lhe para D. Luiza o apoio da sua valente espada.

—Mas Gil Vasques póde offender-se, dizia elle comsigo; nada não é possivel, vou contar tudo ao mestre d'Aviz.

Seguiu para o paço aonde chegou eram Ave Marias.

Encontrou o commendador Porcallo que saia do palacio acompanhado de dois individuos de má catadura e feições patibulares. Uma idéa má o assaltou e sem mais detença seguiu-os de longe para saber aonde iam.

A noite estava escura, mas o dia estivera bello; e se as borrascas dão em bonança, bonanças, tambem ha, que são precursoras de grandes tempestades.

João Pampilhosa viu que o commendador entrava para casa de fr. Pedro, que sempre julgou capaz das medidas mais violentas.

Esperou que saissem; e com effeito seriam oito horas, dois homens embuçados sairam de casa do frade: um era Porcalho, o outro fr. Pedro e como fallavam de vagar apenas poude ouvir estas palavras:

«Sim á uma hora em ponto, tudo está prompto.

Não lhe restava duvida, tratava-se de mais um crime, que muito lhe importava prevenir.

Dirigiu-se pois para o palacio do infante, aonde chegou ainda não eram nove horas.

Batteu á porta, entrou e foi introduzido no seu gabinete, aonde conversava com D. Nuno Alvares Pereira, que apenas contava vinte annos.

—Que temos Mestre João Pampilhosa?

—Altos segredos, senhor, respondeu elle.

O mestre d'Aviz, foi um dos homens mais finos que Portugal tem conhecido, e pelo seu alto merecimento era digno de empunhar o sceptro do mundo, conhecia a fundo João Pampilhosa e sabia, que quando fallava sério, era o homem mais sisudo do mundo.

—Com que então temos altos segredos de estado, falla homem: aqui não entra fr. Pedro nem a espionagem da rainha, e temos por unica testemunha D. Nuno, que tem ouvidos e não ouve, bocca e não falla, se não quando quer.

O anão nada tinha que receiar e proseguiu:

—Pois senhor, ahi vae o negocio:

—Conheceis o nobre cavalleiro Gil Vasques?

—Conheço muito bem; é um valente guerreiro, por quem nutro a maior simpathia, mas que ha a seu respeito?

—Muita coisa, senhor, muita coisa que vos vou contar.

João Pampilhosa continuou:

—Gil Vasques ama e é amado por D. Luiza de Gusmão, uma das mais bellas donzellas da côrte, ora fr. Pedro e a rainha querem seduzil-a para que o esqueça e dê a mão a Aleixo de Figueiredo, sobrinho do frade.

«Não teem poupado promessas nem ameaças; dá-se porém agora o caso, que D. Luiza perseguida mais do que nunca, dirigiu uma carta ao senhor D. Lourenço, arcebispo de Braga; Gil Vasques quiz ser o portador e na rota de Braga segue o seu destino.

«Hoje, fui procural-o, mas no caminho, encontrei uma dona que me deu esta carta de D. Luiza para elle.

«Conheço a fundo o seu caracter e não é uma namoradeira, d'isso estou eu certo.

«A pobre donzella é perseguida, e infelizmente não tem o braço de um cavalleiro que a defenda contra a tyrannia do frade e da rainha.

O mestre d'Aviz impallideceu.

—Pois que! julgas por ventura, que essa donzella será victima por não ter quem a proteja? isso nunca. Se Gil Vasques não está na côrte, estou eu e o valente D. Nuno, que tambem é seu amigo.

—Que dizeis, brioso cavalleiro?

D. Nuno respondeu socegado.

—Já fui companheiro d'esse cavalleiro, na hora do perigo, contava eu apenas treze annos e elle desoito... Sempre me hei de recordar da sua valentia e presença de espirito e junto os meus votos aos vossos, senhor. Eia por S. Thiago, corramos a salvar a donzella e a prestar um serviço a uma das melhores lanças de Portugal.

João Pampilhosa pulou de contente.

—Muito obrigado, senhores; mas ainda não contei tudo.

«Hoje deve dar-se talvez, uma grande novidade na côrte, o commendador Porcallo seguido de tres homens de phisionomia asquerosa, teve uma larga conferencia com fr. Pe-

dro, e pelas palavras que lhes ouvi deprehendo, que á uma hora da noite tentàr-se-ha mais algum crime, que ficará impune, sob a protecção da rainha.

—Estae promptos, senhores, e se fôr preciso tomar armas, recorro a vós; e Gil Vasques ficar-vos-ha eternamente grato, porque conheço a fundo a lealdade d'aquelle coração.

O mestre d'Aviz e D. Nuno ficaram satisfeitos e prometteram auxilial-o em tudo que podessem. O anão saiu e foi mudar de fato, para mais commodamente espreitar tudo, sem ser conhecido.

Eram onze horas da noite, a cidade estava erma e apenas de espaço a espaço se avistava o brilho das alampadas, que ardiam em frente dos numerosos nichos, que por todas as ruas havia n'aquelle tempo; como hoje pelas secretarias de estado, asylo de muitos ignorantes.

A noite estava escura e nublosa, e o vento soprando rijamente do noroeste, puchava por vezes tão grandes rajadas de agua, que innundavam as estreitas ruas e viellas da nobre cidade de Lisboa.

Então ainda não havia encanamentos; e andar pelas ruas quando as chuvas eram abundantes, corria-se o risco de morrer afogado nas grandes massas de agua que se accumulavam junto aos fojos e boqueirões.

N'aquella noite não havia porém esse perigo, pois as chuvas com quanto fortes, eram de pouca duração.

João Pampilhosa agarrado a uma partasana atravessou as ruas tão senhor de si, como se fôra á hora do meio dia.

As altas estatuas, que embellezavam a cidade. e que os castelhanos não levaram, por terem sido escondidas pelo povo, taes como as que se achavam junto á fonte dos cavallos, erguiam-se como phantasmas.

Ouvia-se ao longe o piar melancolico do moxo e o ciciar das curujas acocoradas nos buracos das velhas cantarias.

O somno é a estatua da morte, e a cidade de Lisboa nos braços de Morpheu, apresentava a vasta solidão de um campo de mortos; e as casas com as janellas, hermeticamente fechadas, pareciam sepulchros.

O silencio, a densidade das trevas e os vultos que ao longe, e por vezes encontrava, tudo contribuia para que João Pampilhosa sentisse mais de uma vez arripiarem-se-lhe os cabellos.

Atravessou muitas ruas e beccos, até chegar ao Rocio, para de ahi se dirigir até aos paços do Limoeiro, aonde a côrte se achava então.

Era mais de meia noite, e a chuva abrandara, e quando se propunha a seguir, notou uma grande cavalgada, vinda do lado das portas de Santa Catharina.

Quem eram os barbaros que viajavam debaixo de um temporal desfeito, n'uma época que as estradas eram um constante precipicio?

João Pampilhosa admirou-se e nós tambem nos admiramos.

Eram oito cavalleiros que rodeavam uma liteira hermeticamente fechada; o que seria? o anão nutrio receios, mas aquella cabeça fertil em recursos, convenceu-se da verdade.

—Já sei, disse elle, depois da cavalgada desapparecer: é D. Maria Telles, que teve o bom senso de seguir o infante depois de ter casado com elle.

Não se occupou do resto e tomou pela rua nova, ainda quasi toda em ruinas, e eil-o no caminho do paço real.

Ninguem via nem ouvia como elle e ao passar pela porta transversal da Sé, differençou ao longe dois vultos proximos ao becco do Quebracostas:

—É lá, disse elle, temos vigias! Vamos, não valle recuar.

Avançou cauteloso, unindo-se tanto com a parede, que quem o visse, julgal-o-ia um rafeiro esfaimado, dando caça ás immundices; e ao avistar tres ou quatro homens, junto á quina do palacio, do lado do norte e disse com os seus botões, parece-me que a cousa é mais seria...

Escondeu-se entre o vão de uma janella e viu chegar uma liteira, puchada por dois possantes machos, e escoltada por tres homens a cavallo.

João Pampilhosa ficou admirado.

—Decididamente, disse elle, esta noite se não é a dos raptos, é a das fugas voluntarias.

Era mais de uma hora da madrugada.

Os vultos estavam frios e silenciosos como phantasmas e não tugiam nem mugiam.

Dois individuos se aproximaram, cautelosos, quem seriam? Era o commendador Porcallo e fr. Pedro; fallaram aos homens que se achavam juntos á porta, e entraram no pateo.

João Pampilhosa notou, que sendo costume estar alí uma guarda, n'esta noite fôra dispensada; e como não viu ninguem, que lhe tolhesse os passos, seguiu-os a curta distancia; e graças á bulha que os sapatos ferrados dos homens de armas faziam, não foi presentido.

Atravessaram os corredores do paço, que além de estarem desertos não se via brilhar uma luz. O anão tremeu insensivelmente, e o suor corria-lhe em fio e sentio bater o coração com violencia.

Fr. Pedro puchou de uma lanterna de furta-fogo, e ao seu clarão pallido e incerto poude conhecer o destino que levavam.

Já não lhe restava duvida: no proprio paço real, á sombra das prerogativas da corôa ia commetter-se um grande crime!

Chegaram ao quarto de D. Luiza, que mau grado seu, estava ao serviço da rainha.

João Pampilhosa ia dar um grito de horror, mas conteve-se porque era uma imprudencia, que compromettia tudo sem obstar a cousa alguma.

No quarto da joven ainda havia luz.

João Pampilhosa escondeu-se por detraz da tapeçaria, contrahindo a respiração para não ser ouvido.

Fr. Pedro batteu á porta, e uma creada entreabrindo-a perguntou se era a rainha que chamava sua ama.

Os quatro scelerados não lhe deram tempo para mais, e lançaram-se de tropel dentro da camara.

Uma lucta desesperada e alguns gritos abafados foi quanto João Pampilhosa poude ouvir.

O anão mordia-se desesperado! Arrancava os cabellos e cravando as unhas no rosto deixava-o a escorrer sangue! Levou a mão ao cabo de um punhal que trazia, e ia precipitar-se sobre os covardes, mas lembrou-se que nada podia fazer, e esperou os acontecimentos.

A lucta proseguiu desesperada; mas além de alguns gritos dolorosos, nada mais ouviu.

Pouco tempo depois sairam todos: o aspecto d'estes homens era sinistro e levavam nos braços uma pessoa envolta n'um grande manto.

Não poude differençar mais, com quanto dilatasse a vista.

Os homens desappareceram como sombras atravez da

escuridão; e João Pampilhosa resolvido a saber tudo ou a morrer, seguiu-os até junto da escada.

D. Luiza perdera os sentidos, se não estava morta! esta idéa fel-o estremecer, como se um insulto nervoso lhe agitasse os membros.

— Covardes, dizia elle, que frade! que monstro! que vampiro, é peor que um demonio baptisado.

Do alto da escada viu a berlinda aonde metteram a donzella, tal qual se achava.

Os homens de armas montaram a cavallo, e o postilhão açoitando os machos, metteu a grande trote na direcção de S. Vicente de Fóra.

Fr. Pedro seguido de um criado, desappareceu pela rua tão depressa, que parecia um reptil.

João Pampilhosa dirigiu-se ao quarto da donzella, e o silencio era terrivel e a escuridão medonha! Feriu lume e acendeu um archote de cera.

Notou os evidentes signaes de uma lucta desesperada! Alguns moveis estavam caidos e quebrados, e a um canto jazia a pobre aia amarrada de pés e mãos, com uma mordaça na bocca, e com os sentidos perdidos...

O anão cruzou os braços ante uma scena, que lançava o oprobrio sobre a côrte.

O paço real era peor de que uma casa de tavolagem. Levantou a pobre mulher, tirou-lhe as ligaduras e fel-a tornar a si, applicando-lhe alguns espiritos.

— Mulher, que foi isto? Explica-me o que significa esta violencia e aonde está a tua ama?

A pobre mulher transida de medo não adiantou mais do que elle sabia, e accrescentou apenas, que não podera reconhecer os raptores, por se acharem com as viseiras caladas; e que o unico que não vinha armado trazia uma mascara que lhe cobria o rosto.

— Não sei de minha ama, proseguiu ella, porque perdi os sentidos, quando me amarraram.

João Pampilhosa depois de a ouvir não se deteve em longas reflexões e como o caso era urgente, demandava o mais instante remedio. Saiu, e em menos de dois segundos achava-se na rua correndo como louco para casa do mestre d'Aviz.

Seriam quatro horas da madrugada.

A chuva cessara de todo; e um luar pallido e incerto a custo transparecia atravez das nuvens, que constantes prepassavam.

As ruas estavam encharcadas, mas elle passava de uma para outra com uma velocidade vertiginosa.

Em menos de meia hora batia á porta do mestre d'Aviz como desesperado.

Um criado veio abrir e ao vêr João Pampilhosa disse-lhe bruscamente:

—Que pretende a estas horas?

—Fallar ao senhor infante!

—Está doido? Que tem de commum vossa mercê com sua honra?

—Calla-te, fallador; faz o que te mando e não sejas curioso.

O criado não respondeu, e foi avisar seu amo, porque sabia, que comquanto fosse indulgente, não perdoava a peccados d'este genero.

Em menos de dez minutos estava João Pampilhosa na camara do infante, que armado dos bicos dos pés até á cabeça o esperava. Dormiria elle vestido? É o que não sabemos ao certo, comquanto o uso dos lençoes não fosse muito conhecido.

—Que novidades temos, mestre Pampilhosa? De grande monta são ellas, aliaz não virieis a taes deshoras. Que horas são?

—Quatro, pouco mais ou menos, lhe disse elle, e em seguida contou-lhe quanto os leitores sabem.

O mestre d'Aviz não fez a menor contracção! Aquelle caracter audaz e reservado não gastava palavras, tocou uma pequena campainha e um escudeiro appareceu.

—Raymundo, vae a casa de D. Nuno e dize-lhe que armado de todas as armas, aqui o espero, vae e que me aprromptem o meu cavallo de batalha.

João Pampilhosa estava maravilhado e olhava para o principe com respeito religioso.

Ainda não tinha decorrido uma hora já D. Nuno Alvares entrava armado de espada e lança.

—Meu bom amigo, lhe diz o joven mestre, vellar pela honra de uma donzella, é dever sagrado de todos aquelles que vestem armas e calçam esporas de cavalleiro.

«Realisaram-se os presentimentos de João Pampilhosa e D. Luiza acaba de ser raptada.

«Eia! A cavallo e persigamos os covardes.

—Para que convento deseja ir D. Luiza?

—Para o mais proximo que se encontrar: para o de Odivellas por exemplo, até que o senhor arcebispo tome conhecimento do facto, e imponha a sua auctoridade.

—Espera aqui por nós, porque não nos demoramos.

O mestre d'Aviz calou a vizeira, e seguido de D. Nuno e do seu escudeiro, desappareceu.

Momentos depois o galope fernetico dos cavallos annunnunciava a João Pampilhosa, que o infante principiava a sua nobre missão.

Os cavalleiros seguiam como sombras atravez das ruas e viellas, e em menos de meia hora transposeram os muros da cidade.

Os cavallos resfolgavam a custo pelo cansaço; mas se afrouxavam a carreira, as largas rozetas das esporas, cravadas com força nos flancos, os lançava na mais precipitada fuga.

Não andaram, voaram. O escudeiro na frente agitava o archote, e ao clarão avermelhado da luz, os dois cavalleiros pareciam sombras pavorosas.

Teriam caminhado quatro leguas, quando avistaram na volta de uma curvatura do caminho, quatro cavalleiros escoltando uma berlinda: eram os traidores.

Os corseis cediam e tropeçavam a cada passo, pelas desegualdades do terreno, cortado pelas aguas que dos cerros desciam rapidas e volumosas.

Os cavalleiros conheceram que eram perseguidos e apressaram o passo, mas o mestre d'Aviz e D. Nuno dispondo de melhores cavallos, venceram a distancia, e em menos de cinco minutos estavam a tiro de bésta.

O dia principiava a raiar e os clarões crepusculares desenhavam-se nas cumiadas das serras e estendiam-se ao longo da estrada.

—Parae, de ordem d'El-Rei, bradou o infante com voz de trovão.

Mas elles em vez de pararem, apertaram os cavallos, que galoparam furiosos.

A questão foi porém de tempo, e no fim de alguns minutos caía o infante sobre elles, de lança em riste.

A luta não foi longa nem terrivel, porque só um fez maior resistencia; mas abandonado pelos companheiros, retirou immediatamente, e fugiu a todo o galope, deixando estendido no chão um dos homens, que ficára ferido mortalmente.

Os cavalleiros, sem interrogarem o postilhão, ordenaram-lhe que tomasse para Odivellas, aonde chegaram seriam duas horas da tarde.

O mestre d'Aviz bateu á portaria e disse que desejava fallar á madre abadessa.

D. Francisca de Miranda appareceu e cumprimentou-o com o respeito que elle merecia.

O mestre d'Aviz informou-a de tudo, rematando por lhe dizer, que D. Lourenço, arcebispo de Braga estava a chegar, e seria elle, que disporia dos destinos da donzella, que confiava ao abrigo, e santidade do claustro.

D. Francisca de Miranda, não se retirára do mundo para o gosar mais impunemente, no seio do claustro, entregando-se á devassidão e á intriga miseravel, não senhores, tinha a virtude por divisa, e em toda a sua vida ninguem lhe notava a menor mancha.

—Mas, senhor, disse ella ao infante, vejo em tudo isto a influencia de fr. Pedro e o poder de mais alguem, comtudo seja qual fôr a potencia oppressora nada me fará faltar ao dever, que a religião me impõe.

«Não posso nem devo recusar o meu opoio a uma joven da mais alta nobreza, e recebo-a no seio d'este claustro.

«Fazei, senhor, constar isto ao senhor D. Lourenço, a quem respeito como prelado e admiro como santo.

A douzella foi pois conduzida em braços para o convento, porque ainda se achava sem sentidos.

Veremos se ao abrigo da religião, escapou ás intrigas de fr. Pedro e ás violencias da rainha.

O mestre d'Aviz tomou o caminho de Lisboa, não só para accusar os culpados, como para vellar pelos innocentes e esta é a missão das grandes almas, que, como elle legam á posteridade a gloria do seu nome.

VII

O castello de Extremoz

A morte de D. Henrique de Castella, a 29 de maio de 1379 abriu nova margem aos disparatados planos do monarcha portuguez.

O rei de Castella era valente capitão e asisado politico. Recto, prudente e justiceiro, mereceu bem o throno de que nascera affastado e foi elle que desfraldou o pendão da revolta contra as atrocidades de seu irmão, El-Rei D. Pedro, cognominado o *Cruel*.

D. Henrique era bastardo, segundo affiançam alguns escriptores, e ligitimo na opinião de outros.

Fosse ou não fosse bastardo, o que a experiencia nos mostra é que os reis bastardos não são maus.

Temos o exemplo no grão mestre d'Aviz um dos melhores monarchas portuguezes.

O direito está na sociedade legalmente constituida, direito dimanado das palavras, que o Creador Supremo dirigiu aos nossos primeiros paes, quando lhes disse:

«Crescei e multiplicae.»

Estas palavras auctorisam a creação de uma familia, e quem estabelece uma familia creou uma sociedade.

Não reconhecemos o direito hereditario, que a experiencia tem mostrado, ser contrario á utilidade social.

Castella acclamando D. Henrique, escolheu um rei que não tinha a ligitimidade da successão, assim como nós já proclamámos tres, desde Affonso, o *Bolonhez*, até D. João IV.

D. Fernando viu na morte de D. Henrique uma porta aberta aos seus desejos; e comquanto mandasse a Burgos embaixadores para assistirem á solemne coração de seu filho, D. João I de Castella, que mais tarde casou com a infanta D. Brites, activava particularmente as negociações com a Grã-Bretanha, por intervenção de D. João Fernandes de Andeiro, que obtivera a protecção do conde de Cambrige irmão do duque de Lencastre.

A rainha, cega pela paixão só tratava de vêr em Portu-

gal o homem que amava loucamente; e por meio de estudados affectos e fingidas demonstrações, obtinha do rei o complemento dos seus desejos.

Esta mulher, carregada de crimes, além de ser duplamente adultera, manchou a sua reputação com actos de tanta barbaridade, que não haverá escriptor algum que tome a sua defeza.

Felizmente não foi seccundada no futuro, nem igualada no passado, e especialmente a contar de D. Philippa, esposa de D. João I, modello de todas as virtudes; e se algumas rainhas antes e depois tiveram defeitos, como rainhas e como mulheres, ficam todavia muito áquem dos crimes e monstruosidades de D. Leonor.

D. João I de Castella parecia entregar-se pacificamente ao governo dos seus estados; em Burgos reuniu um grande concilio, aonde foram ouvidos todos os prelados e homens de lettras, sobre as questões papaes, que de ha muito flagelavam a igreja e o mundo catholico.

João Fernandes de Andeiro tão habil nos manejos politicos como feliz nos amores, obteve quanto quiz dos principes inglezes, que levantando-se e deitando-se a pensar em Leão e Castella, não sonhavam n'outra cousa.

Um tratado foi approvado pelo monarcha britanico, e por elle se obrigavam os inglezes a coadjuvarem Portugal nas despezas da guerra, tanto em dinheiro como em armas e cavallos.

D. Fernando anhelando sempre a novidade, nunca passou de rotineiro e desejando melhorar de fortuna, nunca a viu sorrir uma só vez!

E comquanto preparasse e muito meditasse todas as suas resoluções, e mais actos administrativos, nada fez que geito tivesse...

Animado com a morte de D. Henrique, que sempre lhe dictára a lei, julgou mudar de fortuna com o filho, e mandou reunir conselho e rever os artigos do ultimo tratado, que desejava alterar, embora tivesse que fazer a guerra.

Emquanto as cousas do Estado caminhavam n'este pé, e a immoralidade campeava altiva, remontemo-nos um pouco mais áquem d'estes factos, e occupemo-nos de outros assumptos.

As novidades duram só tres dias, o maximo oito.

O desapparecimento de Ursina Malaprada, prendera por alguns dias a attenção de todos, e não se fallava n'outra cousa.

Todos ignoravam para onde tinha ido; mas com o decorrer do tempo ninguem mais d'ella se occupou, nem da sua rara formosura.

Aleixo de Figueiredo, desapparecera oito dias depois; facto este que deu igualmente margem aos largos commentarios das linguas ociosas.

Ora tudo isto dera muito que fallar, mas nada como o rapto de D. Luiza de Gusmão, e o casamento de D. Maria Telles de Menezes.

Ninguem como João Pampilhosa urdia uma intriga e traçava um plano! Ninguem como elle media com tanto acerto os acontecimentos determinando-lhes a origem, marcha progressiva e limite!

Tudo lhe saira á medida dos seus desejos!

E reconhecendo a necessidade de aproximar Aleixo de Ursina, foi do que tratou; pois quanto mais os ligasse tanto mais o affastava do tio e de D. Luiza.

Imaginou que Gil Vasques deveria representar um papel importante no enredo que traçára, e fez-lhe vêr a conveniencia de avisar Ursina da vergonha que lhe estave iminente, reservando para si a causa principal, porque sabia por experiencia que Gil Vasques nunca se prestaria a uma intriga qualquer.

Levado, pois, pelos seus conselhos apresentou-se em casa de Ursina, depois d'essa scena desagradavel entre ella e o infante.

É preciso não ter conhecimento do coração humano, para se duvidar da efficacia das palavras de interesse e consolação, quando o espirito abatido vacilla entre o crime e a virtude.

João Pampilhosa, reconhecia a fundo este axioma, e instou com Gil Vasques para que se apresentasse a Ursina Malaprada.

Ursina desde esse dia só pensou em se regenerar; e João Pampilhosa prestou-lhe um grande serviço, não obstante ser em beneficio da causa que defendia.

Aleixo de Figueiredo pulou de contente, ao saber da despedida do infante.

Para aquella alma acanhada, era indifferente, que Ursina fosse devassa, honesta ou extravagante! N'aquella cabeça estragada pelos maus exemplos, ainda não entrara a distincção que a virtude merece!...

Desejaria vel-a virtuosa, mas quando não o fosse não faria d'isso questão capital, contentava-se com ella criminosa já que no regaço da virtude não lhe poderia chegar!

A cabeça d'aquelle pobre Figueiredo era como as de outros muitos, aonde os vicios, crescem espontaneos como os cardos e os abrolhos nas serranias incultas.

Dois dias depois apresentou-se elle em casa de Ursina, que o recebeu com mais affecto que tinha por costume.

Aleixo não proferiu uma palavra de amor, nem alusiva á decepção porque tinha passado, foi muito conveniente.

Ursina, resignada com a sua sorte, estava intimamente resolvida a emendar o desregramento da sua vida, uma das mais perdidas de que ha conhecimento.

Ursina Malaprada era mulher de espirito e de reconhecido talento. No campo da virtude faria grandes progressos se o fatalismo a não lançasse na carreira do crime, que frenetica percorreu.

Nunca a reparação vem tarde, emquanto se é vivo!

Até ao derradeiro alento, esse Deus todo bondade recebe o penitente e perdoa-lhe.

Oh! Quanto é bello este principio, que nos arranca aos sarçaes do desespero, e nos eleva ás ethereas regiões?

Quanta poesia não tem a Cruz, symbolo da paz e do perdão!

Poesia divina, tens tu ó Christo, e ninguem como tu conhece os homens, suas aspirações e defeitos.

Ninguem como tu comprehende a poesia do amor, que com o exemplo a todos apontaste.

Ali perdoas á prostituta, por ter amado muito! Além salvas uma adultera, que de joelhos arrependida te pede protecção, acolá, no Calvario, convidas o malfeitor contricto a ser comtigo no reino dos ceus!

Poesia, amor, fé, perdão, indulgencia, são finalmente os attributos divinos, que a ti só pertencem, porque nasceste Deus.

Assim pensava Ursina Malaprada, conscia da indulgencia divina; e animada pelas palavras de Gil Vasques, não se

affastava de uma idéa, que rehabilitando-a aos olhos de Deus lhe obteria a indulgencia dos homens.

Disse, pois, a Aleixo que se retirava da côrte, e que da sua nova residencia lhe participaria as suas novas resoluções.

O modo d'esta joven mulher, já não parecia o mesmo e a differença era notavel! Deposera esse gesto affectado, que seduzia sem inspirar amor; a naturalidade substituira a arte e uma certa candidez transparecia em toda ella.

Uma pallidez constante lhe cobria as faces, mais belas do que quando um rosado ficticio lhe offereciam uma côr forçada.

O que faz o amor!

O amor é milagroso, e se o não é, finge-sei-o algumas vezes.

Aleixo de Figueiredo não era bom nem mau, era o que d'elle quizessem fazer; e estava escripto nos altos destinos, que duas palavras a tempo, completariam a regeneração de uma mulher perdida, e a de um rapaz estragado, não obstante os esforços que fazia para se corrigir.

Ursina cumpriu a sua palavra, e retirou-se de Lisboa n'uma bella madrugada e só depois de se achar na sua nova residencia, é que o participou a Aleixo de Figueiredo, recommendando-lhe a maior reserva.

Aleixo de Figueiredo ficou louco de contente, e partiu sem demora... Esteve oito dias n'um paraiso, em que o seu anjo da guarda era uma peccadora arrependida; e só voltou na vespera do dia em que teve logar o rapto de D. Luiza de Gusmão, como os leitores sabem.

Fr. Pedro seriamente zangado com a ausencia de seu sobrinho, chamava-lhe ingrato e covarde por tão mal corresponder aos sacrificios que por elle fazia.

Aleixo voltou e fr. Pedro mandou-o chamar, e teve com elle o seguinte dialogo:

—Com que então, assim seccundas os exforços que faço para te vêr feliz?

«Meu filho, recorda, no futuro, o que te vou dizer, e segue invariavelmente os meus conselhos, fundados na experiencia.

«Olha e attende bem:

«No mundo o que se precisa é astucia, audacia e des-

preso para cum as cousas mais santas. Nunca te prendam laços de amisade ou de gratidão, sê injusto com todos, que será a maneira de obteres favores, porque se fores grato, apenas colherás o desprezo.

«Faz sempre o que te convier, e não o que a consciencia te aconselhar. Estuda bem a arte de enganar, e despreza todas as demais sciencias, que para nada servem!

«Não poupes uma baixeza para abteres um triumpho! Representa finalmente o que não és e sê o que não pareceis.

«O homem mais feliz é o que melhor se finge, e que não se prende com lições de moral.

«Meu filho, este é o unico caminho que aos grandes empregos te póde conduzir, e em mim tens um exemplo frisante.

Fr. Pedro concluiu a sua allocução de moral, e se não estava cego pela paixão, era peor de que o diabo.

O cynismo e falta de virtude, não se desculpam nem santificam, combatem-se! Mas que se ha de fazer a quem incute na cabeça de um rapaz, de más disposições, doutrinas tão subversivas?

Mas fr. Pedro era um frade; e ninguem excede a estas santas creaturas em devassidão, quando comprehendem que os fins é que justificam os meios e não os principios que santificam os fins.

Aleixo ouviu a lição de seu tio, e não se admirou, porque como aquella já lhe tinha prégado muitas.

Reservou todavia os seus pensamentos e respondeu-lhe:

—Sei a quanto chega, senhor meu tio, o vosso juizo prudencial, nunca o esquecerei, nem os vossos conselhos, de verdadeiro amigo.

«Agora peço que não ralheis pela minha ausencia; fui convidado para uma grande caçada, e como foi á ultima hora não tive occasião de vos prevenir.

O frade se tinha alguma cousa boa, era a amisade que consagrava a seu sobrinho e como nada sabia respondeu-lhe:

—É preciso juizo e não voltar as costas á fortuna.

«Não percas de vista D. Luiza, por causa de Gil Vasques e do arcebispo que o protege; quanto a mim o que desejo é ver-te feliz.

«Hoje, meu filho, dar-se-hão talvez grandes aconteci-

mentos e não te affastes da côrte, porque de um momento para outro podes ser preciso.

«Tambem não olvides os meus conselhos e crê que com o auxilio da rainha certo está o triumpho.

O frade saiu emquanto Aleixo de Figueiredo, de braços cruzados tomava pelo corredor opposto, na direcção da rua.

Voltemos agora aos acontecimentos que ligam directamente com os ultimos do capitulo anterior.

Deixámos o mestre d'Aviz e D. Nuno na estrada de Odivellas a Lisboa, depois de salvarem D. Luiza das garras da violencia.

A sua primeira idéa foi pedirem justiça ao rei e perseguir os criminosos; mas que poderiam fazer contra a influencia da rainha?

Chegaram ao palacio e encontraram João Pampilhosa, que impaciente os esperava. O mestre d'Aviz depois de o informar de tudo, concluiu por lhe dizer:

—Mestre João Pampilhosa, prudencia, reserva e continencia, nunca prejudicaram cousa alguma; e se o silencio não salva os estados, o muito fallar compromette-os sempre.

—Nem uma palavra do que entre nós se ha passado; que pense cada um o que quizer, mas que ninguem saiba nada, além de D. Lourenço e Gil Vasques

«É o teu pescoço que me responde pela lingoa, ás vezes flexivel de mais.

O joven principe proseguiu com a mesma seriedade.

«A rainha é vingativa e el-rei frouxo em demasia, para proteger aquelles que cairam no seu desagrado.

«Fr. Pedro e ella ficarão desesperados; e hão de procurar a victima e achal-a-hão se não houver prudencia.

Logo que Gil Vasques e o senhor arcebispo regressem, dize-lhe que o mestre de Aviz quer ter com elles uma conferencia.

O anão despediu-se alegre e saltou para o meio da rua e foi improvisando mais algumas insulencias para flagellar os parentes e amigos da rainha.

Chegou ao Paço, mas ali nada constava; o que notou foi grande movimento e agitação. Que seria? É o que vamos saber.

João Pampilhosa não fez perguntas aos servos, não ti-

nha isso por costume; dirigiu-se ao quarto do rei, e perguntou-lhe:

—Que barulho e movimento é este, meu senhor? Vossa alteza muda de casa ou de cabeça?

D. Fernando estava satisfeito e riu muito mas não lhe respondeu.

O anão olhou para elle e vendo-o tão satisfeito disse comsigo:

«O bom rei, que está tão satisfeito, alguma tolice acabou de fazer.

—Então senhor não respondeis ao vosso, muito alto e poderoso barbeiro?

D. Fernando continuou a rir, e respondeu-lhe:

—Vamos para Estremoz: negocios do estado assim o exigem! Prepara-te para nos acompanhares.

O anão olhou para elle admirado, mas o rei voltando-lhe as costas entrou para uma sala, aonde atravez do reposteiro, viu um cavalleiro em trajos de viagem conversando com a rainha.

O anão bateu na cabeça e bradou:

—Santo Deus é elle! Quem diria! Ah! pobre D. Fernando que será feito d'essa cabeça! Ah! infeliz coitado que assim te deixas illudir pela hypocrisia!

«Triumohou o amor da rainha! É mais uma nodoa lançada no manto da realeza e uma traição miseravel!

O anão apertou a cabeça desesperado e saiu rapidamente da camara.

Vamos explicar o inigma.

Os leitores sabem que estavam de ha muito entregues a D. João Fernandes Andeiro, as negociações com os duques de Cambrige e Lencastre.

As negociações que estavam paralisadas foram activadas, depois da morte de D. Henrique de Castella; e como estivessem a concluir, D. João Fernandes de Andeiro voltou a Portugal, para communicar ao rei o resultado dos seus trabalhos.

A rainha D. Leonor, não via nem ouvia outra cousa além do fidalgo gallego, que loucamente amava, e esse amor de ha muito suffocado, augmentou com a ausencia, dilatanse até á esphera do crime, logo que os contactos se estabeleceram.

Um amor criminoso é sempre origem de grandes crimes, especialmente nas almas que pensarem e sentirem como D. Leonor!

Ainda ninguem tão mal empregou o seu amor, como D. Fernando, que cego pela paixão, não via o que todos presenciavam e sabiam por verdade.

João Fernandes Andeiro voltando a Portugal era portador da deshonra do rei e de uma série de desgraças, para um paiz, que quando o tivesse por filho deveria engeital-o.

Ninguem como elle era tão audaz e insulente; e o que está provado pelos factos, é que os fidalgos gallegos não provam bem n'esta terra e haja vista o conde Fernão Peres, amante de D. Thereza, e Andeiro da rainha D. Leonor.

Voltemos a João Pampilhosa, que segue desesperado para casa.

Ia com os braços crusados e bastante taciturno; quando ao voltar de uma esquina, viu passar dois cavalleiros.

—Oh! por Deus e a virgem da Nazareth! São elles! É o senhor arcebispo, e sem mais detença deitou a correr.

«É senhor Gil Vasques! Alto lá senhores, está aqui João Pampilhosa.

Os cavalleiros iam a trote largo, mas Gil Vasques, ouvindo chamar, olhou e viu o anão, e soffriou o cavallo tão rijamente, que o nobre animal assentou os jarretes no chão; mas zangado por ser assim tratado, desforrou-se fazendo duas ou tres cabriolas.

O arcebispo vinha montado n'uma mula branca, tão gorda e anafada, que não havia palaferneiro ou alquilador, que não parasse para a ver e lhe calcular o preço:

—Que fazes por aqui homem, lhe disse o santo prelado?

—Nada e muita coisa.

—Como se entende isso? Homem dize, quando hasde fallar sério?

O anão impertigou-se:

—Perdão meu senhor, nunca fallei tão sériamente como n'esta occasião; e chegou-se tanto para os cavalleiros, que por pouco não ficou debaixo dos estribos.

«Olhae senhores; hoje sem falta estejam ao cair da noite em casa do senhor mestre d'Aviz, que lá os espera, pois consta que ha grandes novidades.

O anão retirou-se e os cavalleiros seguiram ao seu destino.

Gil Vasques fôra portador da carta de D. Luiza para o arcebispo; andou sessenta leguas em oito dias e mudando de cavallo em todas as povoações conseguiu o que poucos poderiam fazer.

Para elle não houve difficuldades, nem noite nem dia.

Atravez das extensas charnecas e espessos matagaes caminhava tão senhor de si, como se passeiasse nos caminhos de melhor piso.

As agruras das serras eram transpostas e as altas penedias vencidas sem difficuldade, foi superior a si mesmo!

No fim de cinco dias, ao pôr do sol entrava elle em Braga, mas a pé, porque o cavallo vencido pelo cançasso ficara na estrada sem se poder mecher; Gil Vasques dirigiu-se ao paço episcupal e disse que queria fallar ao senhor arcebispo.

O mancebo era conhecido por todos os servos da casa, e mandaram-n'o entrar sem o annunciar.

D. Lourenço era um virtuoso prelado e o seu gabinete não tinha um movel que se julgasse de grande preço.

Duas mezas de pau torneadas, tres estantes cheias de manuscriptos, e uma ou duas cadeiras de espalda completavam a sua mobilia.

Em cima de uma especie de altar, estava a imagem de Christo crucificado e ao pé um breviario, umas grandes contas e uma caldeira com agua benta.

Eis em resumo o estado do quarto de D. Lourenço arcebispo de Braga e primaz das Hespanhas.

O prelado olhou ao sentir abrir a porta e vendo Gil Vasques, disse-lhe admirado:

—Entra homem, que novidade temos? Tu por aqui! Por S. Thiago, nosso santo patrono, és uma estatua de pó, que tens que pareces um cadaver!

Gil Vasques ajoelhou e beijou-lhe a mão.

—Senhor, sou portador de uma carta para vossa illustre reverendissima; ignoro o seu contheudo, mas considero-a urgente.

Tirou de uma carteira a carta de D. Luiza, que lhe apresentou.

D. Lourenço leu-a com a maior attenção e disse-lhe:

—Homem tu não estás em estado de fazer uma jornada! Pela data da carta, vejo que venceste em oito dias sessenta leguas de mau caminho; comprehendo a necessidade de que D. Luiza tem do nosso auxilio, mas primeiro que tudo está a saude que Deus nos deu, e nós devemos conservar.

«D. Luiza é uma joven, que pelas suas virtudes, tem direito á nossa protecção; mas descança, pelo menos dois dias, e depois nos poremos a caminho.

O arcebispo mudou de tom e carregando o sobreolho exclamou:

—Ah! fr. Pedro, fr. Pedro! Desejo perdoar-te como homem e como prelado, mas não posso! Como homem, não quero que o mundo me peça contas pela minha indulgencia, como prelado temo a justiça de Deus!

—E tu mancebo, para que te lançaste ás cegas na carreira do amor.

«Não sabes, que esse pernecioso sentimento, apresenta dois relevos?

«D'um lado colhem-se flores e phantasias, do outro abrolhos e realidades, mais amargas de que as agonias da morte!

«Para que te deixaste vencer de uma paixão, que te accarretou inimigos poderosos e temiveis?

«Ignoras, que de um lado tens os philtros de fr. Pedro, e do outro o punhal dos sicarios da rainha, mulher tão vingativa como hypocrita?

«Vencer essa fatal paixão, é o que devias ter feito!

«O amor cavará talvez a tua ruina, como fez a infelicidade de teu pae.

O arcebispo não estava zangado; levantou-se e deu alguns passos pelo gabinete.

—É como te digo, proseguiu elle em tom paternal; mas para que te hei de fazer recriminações, se os impulsos do coração, são superiores á nossa vontade!

«Que poderei eu dizer! Hoje ligado aos deveres do meu ministerio, velho como sou, já não tenho coração, se não para Deus e para os pobres!

«Sustentei luctas de grande força, em quanto rapaz, para neutralisar as affeições com que o mundo me seduzia o coração...

«Essas luctas moraes, meu filho, gravam sulcos profun-

dos, e se não matam de repente, são como as vagas do oceano, que consomem lentamente.

«Vae descançar, D. Luiza será salva, porque o Eterno nunca abandona a virtude; e crente como sou tenho a confiança precisa para julgar, que só em Deus está o remedio para os males da humanidade!

«Dirige sempre a Deus as tuas preces quando sentires estallar a tempestade.

«Roja a fronte no pó quando a adversidade te esmagar, mas nunca desesperes; o desespero nada remedeia e tudo perde; socega pois, por que Deus vela por D. Luiza.

Gil Vasques além de amar o virtuoso prelado, como se fôra seu pae, nutria por elle respeito religioso.

Depositava n'elle a maior confiança e foi descançar como elle lhe aconselhou.

Quarenta e oito horas depois caminhavam na estrada de Lisboa, aonde entraram na occasião, que João Pampilhosa lhes fallou.

Voltemos ao paço, aonde tudo é algazarra e movimento: os creados cavallariços conduzem grande numero de muares, carregados com differentes fardos, pertencentes á casa real.

Ali os uchões e mais servos carregam os objectos pertencentes á ucharia. Além, são as roupas encaixotadas pelos creados particulares e áquem o vedor trata dos papeis e mais arranjos pertencentes á sua repartição. É finalmente grande a concorrencia que se nota por toda a parte.

D. Fernando fechado n'um quarto com João Fernandes Andeiro, não falla senão em guerras, e nunca se viu um genio tão dado ás lides com menos pericia militar; era um louvar a Deus!

D. Fernando não sonhava senão com guerras, quando a paz, se, não lhe obtinha os imaginados triumphos, ou menos não lhe dava o rediculo nem a inimizade dos seus vassallos.

Obrigava pois o cavalleiro gallego a repetir-lhe muitas vezes as conferencias que tivera com os fidalgos inglezes; e D. João repetia paciente quanto o rei lhe determinava.

Lá estava todavia a rainha, que o desforrava das grandes amarguras que passava com o esposo.

João Fernandes de Andeiro chegara sem ser esperado, e

esta era a politica de sua alteza, para illudir o monarcha castelhano.

Uma farça se deveria representar, como muitas que ainda hoje ahi se veem n'este abençoado mundo, em que as cousas mais sérias tendem para o rediculo.

A politica de hoje é como a de hontem: é uma especie de sesto sem fundo aonde se escondem os codigos mais santos e os principios mais justos! A politica é a sciencia de quem mais bem sabe mentir e quem a isto satisfaz, obtem o diploma de grande homem de estado!

Vamos a D. Fernando, que em farças rediculas e em expedientes miseraveis ninguem o excedia; e podia competir com alguns politicos de hoje, que em dando dois ou tres estallos com a lingoa, no seio do parlamento, e fallando nos melhoramentos materiaes do paiz consideram-se grandes vultos.

D. João Fernandes de Andeiro devia entrar, como prisioneiro no castello de Extremóz, para que o rei de Castella não suspeitasse dos planos de sua alteza.

Seria pois tratado com um rigor apparente, por ter faltado ás regias determinações, visto que o rei de Portugal, por um tratado, não o podia consentir em territorio portuguez.

Andeiro foi pois para o castello de Extremoz, aonde por muitas vezes era vesitado pelo rei, que ia combinar com elle os seus novos planos politicos, e outras tantas tolices.

A D. João Fernandes Andeiro, nada faltava no castello, em que se achava encerrado; e para as cousas serem completas, D. Fernando ia por vezes acompanhado, pela *virtuosa* esposa, que Deus lhe concedera! Era assim que tambem se expressava o imperador Justinianno, a respeito da imperatriz Theodora, especie de Messalina christã.

D. Fernando praticando por similhante maneira encaixava na cabeça o celebre capacete, que D. João Lourenço da Cunha mandara fazer, quando elle lhe roubou a esposa.

Emquanto pois o rei de Portugal se entregava ás suas aspirações marciaes; no dia que João Pampilhosa viu no paço D. João Fernandes de Andeiro, D. Leonor, conferenciava na sua camara com fr. Pedro, seu digno confidente.

O frade estava inquieto, por que o commendador Porcallo não tinha regressado; e como não sabia aonde Gil Vas-

ques estava, receiava alguma surpreza, por parte d'aquelle genio emprehendedor.

D. Leonor com quanto por costume tomasse parte nos interesses do seu digno socio, n'aquelle dia de festa para o seu coração, faltava-lhe o tempo para se occupar dos negocios, que tanto interessavam a fr. Pedro.

João Fernandes de Andeiro regressára de Inglaterra, e aquella alma invilicida, vestira as festivas galas da impudicicia!

O amor de D. Leonor não ostentava as vestes da innocencia, nem a singeleza da virgindade: rebuçava-se no manto da hypocrisia e proseguia audaz.

Nos labios não se lhe desenhava o sorrir da donzella pudibunda, mas sim o fogo de uma paixão delirante, e senão aspirava á poesia do amor, cogitava o segredo das paixões e a maneira de gosar mais.

Era um coração vicioso que só para o vocio declinava.

Não podia pois compartir da incerteza, que affligia fr. Pedro e a sua alma voava para o vicio, porque não se podia affastar de um amor criminoso.

—Então nem uma palavra, senhora, disse o frade despeitado, bem sei que o dia de hoje é grande de mais para occupações tão pequenas; mas nós estamos compromettidos na mesma causa.

D. Leonor tremeu ao ouvir as palavras do frade, comprehendeu-lhe a intenção e respondeu:

— Enganae-vos fr. Pedro, o dia de hoje é como o de hontem; para mim não tem maior valia... sois injusto.

A rainha ia para continuar, quando um particular se apresentou, dizendo que o commendador Porcallo, desejava fallar ao senhor fr. Pedro.

O frade impallideceu, mas a rainha ficou tranquilla. Olharam um para outro, e n'aquelles olhares transparecia o receio covarde que o crime estampa nas faces do preverso.

Soffreram uma decepção terrivel, mas ainda outras de maior quilate lhes estavam reservadas,

A rainha mandou entrar o commendador Porcallo, que se apresentou com a armadura despedaçada e coberto de lama e suor; todo elle era desalinho e cançasso. O frade agourou mal d'aquelle estado e sentiu o coração opprimido, quanto á rainha comprehendeu o mesmo.

Fr. Pedro foi o primeiro a fallar.

—Então que temos valente commendador, disse elle com a voz alterada.

—O que temos, lhe disse elle desesperado, o diabo permitta-me vossa alteza esta expressão: nada mais nem menos, que junto a Loures foi D. Luiza roubada!

—Roubada! Exclamaram D. Leonor e fr. Pedro.

Maldição inferno, disse o frade desesperado battendo punhadas no rosto.

A rainha ficou fulminada, todavia mais senhora de si, perguntou ao commendador.

—Mas roubada por quem? Quem a tanto se arrojou?

—Quem, pergunta vossa alteza, pelo senhor mestre de Aviz e por D. Nuno Alvares Pereira.

—Traição infame, bradava o frade em delirio. Oh! preciso vingar-me, e a vingança será digna do atrevimento: e vós senhora, que dizeis?

—Digo como vós que precisamos vingar-nos, e sobre tudo de prudencia.

O infante é poderoso: é irmão do rei e D. Nuno filho de um grande fidalgo; e cabeças d'esta ordem, não se ferem como se fossem vilões. Deixae a vingança por minha conta, porque eu tambem tenho em aberto uma divida, com o mestre de Aviz.

—Mas que meditaes senhora? perguntou fr. Pedro, com a cabeça inteiramente perdida.

D. Leonor, mostrou, que em maldade excedia os mais completos.

—O que medito, já não sei, mas o que nos cumpre fazer, é demonstrar que somos estranhos ao rapto de D. Luiza.

«Tornemo-nos amigos do infante e de D. Nuno para mais completa ser a nossa vingança; e que fizeram elles de D. Luiza?

—Conduziram-n'a para o convento de Odivellas?

—E Gil Vasques tambem os acompanhava?

—Não senhora, respondeu Porcallo.

—Bem, disse o frade, ficâmos sabendo, que o infante e D. Nuno estão ligados, contra nós.

Porcallo contou as peripecias do combate e pediu licença para se retirar, depois de ouvir dizer á rainha, que

a sua cabeça respondia pelo segredo de tudo que lhe fôra confiado.

D. Leonor ficou silenciosa, e fr. Pedro dominado pela raiva, tambem não podia fallar muito e o dia não ia bom, não obstante a chegada de Andeiro.

Fr. Pedro ia para se retirar, quando um criado apresentou á rainha uma carta.

D. Leonor quebrou o sinete, leu e mudou de côr.

Fr. Pedro aproximou-se e perguntou:

—Que temos senhora?

D. Leonor não podia articular uma palavra, tal era a ira que lhe finava as entranhas! Duas ou tres vezes o frade repetiu a pergunta, até que lhe apresentou a carta que acabava de receber.

Que seria? Era uma carta de D. Maria Telles de Menezes em que despedindo-se d'ella, lhe participava a sua retirada da côrte para Coimbra.

D. Leonor tudo comprehendeu! D. Maria triumphára de Ursina e a sua retirada correspondia aos seus receios! Sua irmã era já esposa do infante D. João; e era isto que ella por caso algum queria.

D. Leonor disse pouco; mas as suas palavras foram terriveis.

—Eu bem quiz obstar a este casamento, não quizeram, soffram-lhe as ligitimas consequencias. D. Maria, sonhaste o throno, terás o sepulchro, e a mortalba em vez do manto da realeza...

Estas palavras foram pronunciadas tão sinistramente, que fr. Pedro com quanto malvado estremeceu.

A rainha levantou-se sem dar mais palavra e passou ao quarto immediato, aonde ainda se achava o rei conversando com Andeiro, e não obstante ser habil comediante, não poude incobrir as contracções que lhe alteravam o rosto; o rei perguntou-lhe se estava encommodada e D. Leonor respondeu negativamente e disse-lhe que desejava ir para Extremoz no dia immediato.

A seis leguas ao noroeste de Evora se acha a muito antiga e nobre villa de Extremoz, celebre pela amenidade do seu clima e fertelidade de todos os generos necessarios á vida.

A villa de Extremoz, já era celebre no reinado do grande

D. Diniz, dizemos grande, porque se o não foi no açoite da guerra, foi-o na paz e pela maneira por que se houve, como legislador e agricola.

D. Diniz foi o monarcha que mais animou as artes, as sciencias e todos os ramos de industria.

Merece o titulo de grande e se ainda ninguem lh'o deu, damos-lh'o nós, e julgo que ninguem nos contestará o direito.

Extremoz era já de bastante nomeada no tempo do sabio monarcha, que ali viveu bastantes annos na torre de menagem, aonde nos parece ainda hoje existir uma capella em honra da rainha Santa Izabel, modello de todas as rainhas.

Foi canonisada; e d'este vez a côrte de Roma foi justa, o que nem sempre acontece.

D. Diniz gostava d'esta villa; e presenciando a actividade e caracter laborioso dos seus habitantes, via satisfeito os campos cobertos de cultura, o que muito comprazia ao rei lavrador.

O castello de Extremoz era forte e bem constituido, com quanto não fosse uma fortaleza roqueira.

Fortes muralhas cingiram no futuro a villa, celebre, por muitas vezes, nas guerras da independencia.

Voltando a occupar-nos de João Pampilhosa, diremos, que ao receber ordem para acompanhar o rei e a côrte, escapou-se em dois pulos, e foi tratar dos seus arranjos e despedir-se dos amigos.

Dirigiu-se a casa do mestre de Aviz, que acabava de ser prevenido, que a côrte mudava para Extremoz.

Deixemos por momentos este personagem illustre e Gil Vasques e D. Lourenço, arcebispo de Braga; e voltemos á côrte, que já se acha estabelecida em Extremoz.

D. Fernando principiou a farça politica.

Depois de receber da mão de João Fernandes de Andeiro, as condições que os dois fidalgos inglezes apresentavam, para se realizar a liga com Inglaterra, que tão fatal nos foi, pelos damnos causados, pelos inglezes em nome da amizade, mandou-o encerrar no castello de Extremoz, aonde actualmente se achava.

O seu fim era illudir a vigilancia do rei de Castella, que de tudo sabendo, vigiava solicito os actos do seu incons-

tante visinho, mais perigoso para os seus vassallos de que para estranhos.

O rei deu as ordens necessarias para que ao seu afortunado rival não faltasse cousa alguma; e para as commodidades serem completas, até se lembrou, que o galanteio não devia ficar esquecido, por ser um dos principaes agentes da felicidade humana; e quando não podia ir passar alguns momentos com o illustre incarcerado, mandava a rainha sua esposa, que nunca se recusou a tão nobre virtude: consolava os tristes e praticava uma obra de misericordia.

Estamos n'uma noite de inverno, fria e tempestuosa como são na maxima parte.

Seriam dez horas da noite. A chuva caía em torrentes e as ruas de Extremoz pareciam regatos caudelosos.

O vento bramindo atravez das ruas e encruzilhadas, parecia querer arrancar tudo!

Uma liteira conduzida por dois rebustos escravos atravessava por algumas ruas e pequenas viellas, da antiga villa de Extremoz.

Os escravos iam arregaçados até acima do joelho, e caminhavam depressa e tão senhores de si, cômo se não fossem debaixo de terriveis aguaceiros, puchados por um vento noroeste, que regelava os membros.

Chegaram a um largo, onde o caminho bifurcava.

Os escravos pararam, por não estarem certos no caminho; mas um criado que ia na frente agitou um archote, que reflectiu um pallido clarão, sobre as torrentes de agua turva, que em grande quantidade convergiam para o largo.

—É por aqui, disse um cavalleiro, que frio e silencioso caminhava atraz da liteira.

«É por este lado, preseguiu elle apontando para o caminho que ficava á esquerda.

Os escravos curvaram as cabeças, agitaram o archote e tomaram para a esquerda, com passo tão firme e cadencial, que podiam competir com o trote curto e rapido de qualquer muar.

No topo de uma pequena rampa erguia-se o castello, ou torre de menagem, aonde se achava preso João Fernandes Andeiro.

Sobre as ameias passeavam alguns soldados que de bésta ao lado vigiavam o posto que lhes fôra confiado.

Junto ao fosso, o cavalleiro que marchava na frente tocou uma especie de busina.

O som reboou nos pontos mais distantes, e um vulto assumiu á muralha, por cima da ponte levadiça.

—Quem está ahi? perguntou o almocadem, commandante da guarda.

O cavalleiro aproximou-se e disse em voz baixa:

—A rainha nossa senhora.

A ponte baixou e a liteira atravessou o largo pateo, que medeava entre as torres, onde estavam os alojamentos e prisões.

A guarda estava formada.

O alcaide veio ao ultimo degrau receber a illustre visitante, que não cumpria as ordens de seu marido, mas os desejos do seu coração.

N'um quarto da torre de menagem, todo forrado de ricos pannos de Tunis, e soberbamente mobilado passeia de um para outro lado, um homem de estatura mediana, mas de bella apparencia e rosto varonil. O seu trajo é rico e bastante elegante: uma especie de tunica adamascada lhe cahia dos hombros, apertada na cintura por cordões de seda com borlas de ouro. Na cabeça tinha uma gorra de veludo purpurino e nos pés uns bellos sapatos bordados.

D. João Fernandes Andeiro passeia impaciente, como quem está receioso.

Ouviu ao longe o som da bosina e estremeceu! Sentiu os passos de alguem que se aproximava e atravez das fendas da porta differençou o reflexo de muitas luzes.

O coração dilatou-se-lhe! Era o estado de duvida a debater-se entre as crenças do amor! Eram os desejos de um coração apaixonado, que supplantavam o respeito do vassallo.

Mas para que duvidar? não lhe teria dado D. Leonor todas as provas de um amor delirante?

Não teria por causa d'elle calcado todas as leis do pudor?...

Mas para que fallar em pudor?

Se D. Leonor não fôra tão impudica, teria recusado a corôa, que D. Fernando lhe offereceu em troca do adulterio.

Se não fôra impudica não mancharia o thalamo de D.

João Lourenço da Cunha, com D. Fernando, e o d'este não sabemos, se com João Fernandes de Andeiro!

A porta abriu-se finalmente, e a rainha entrou seguida de uma dona da sua intima confiança.

O alcaide cortejou-a respeitoso e retirou-se para o seu posto, sem mesmo nutrir o menor pensamento, de que a rainha praticando assim, manchava-se aos olhos do mundo.

Mas o que vale a reputação de honra, para as almas perdidas?

É uma especie de moeda fraca, que no mercado da sua consciencia, nenhum valor tem.

D. Leonor vinha radiante de belleza e as suas faces cobertas de uma côr acarminada, davam-lhe brilho e seducção.

Seus olhos fulgiam como o scintillar das estrellas nas bellas noites do estio.

Estava realmente formosa; e pena era, que reunisse a tantos encantos a preversão de um espirito diabolico.

D. Leonor revellava em todos os seus movimentos uma grande agitação e não sabemos se o rubor, que se lhe differençava nas faces, era um resto de peijo, ou o receio de ser denunciada, e vêr desabar um edificio, que tanta intriga e falsidades lhe custára.

D. Leonor tremia visivelmente, e além de Deus ninguem mais, ao certo, saberia a causa.

Os criados retiraram-se e tudo voltou ao seu estado normal.

Andeiro, não menos surpreso, caiu de joelhos.

O seu gesto era mais o de um amante devotado, de que de um vassallo respeitoso.

Agarrou nas mãos da rainha e beijou-as tão soffregamente, que bem denunciava o estado de seu coração.

D. Leonor abandonou-lh'as sem resistencia.

Andeiro cobrou animo e redobrou de audacia.

D. Leonor ao voltar o rosto viu a dama que a acompanhára, tão impassivel que parecia uma estatua.

Receiou a testemunha, e, comquanto fosse da sua intima confiança, tentou sair do embaraço em que se achava.

Amante como era, tambem sabia ser rainha; e não desempenhava mal o seu papel; e tanto assim, que vendo que D. João Fernandes Andeiro, levado pelo amor se ia excedendo em frente da dama, disse-se peremptoriamente:

—Levantae-vos, nobre cavalleiro, erguei-vos D. João! Cavalleiros como vós, fallam de pé á sua rainha.

D. Leonor apertou-lhe meigamente as mãos, emquanto que Andeiro arrebatado pelo amor, conservando-se na mesma posição dizia-lhe:

—Oh! ainda mais uma vez, senhora, esse rosto divino vem animar-me nas trevas de uma prisão!

«Ainda mais uma vez a luz da magestade seguida pelo imperio da belleza, baixa ao carcere do vassallo devotado e do... e do amante apaixonado, que só vive para vêr e amar a sua bella rainha.

Estas palavras de galanteio foram pronunciadas tão baixo que só por D. Leonor foram percebidas, e era isto o que ella desejava.

Já os leitores veem, que sendo sempre o amor imprudente, não o era n'aquelles dois corações, formados para se comprehenderem.

D. Leonar atrahiu-o meigamente.

Andeiro que nunca perdêra uma occasião, assentou-lhe um beijo nas faces, que por acaso, ou de firme proposito, se lhe apresentavam.

Não era o primeiro, estamos d'isto convencidos.

A rainha ficou surpreza; e se não foi pudor, foi o fundado receio de ser denunciada.

—Sê prudente, lhe disse ella, com a voz suffocada pelas sensações.

«Sê cauto para não perdermos tudo. D. Guiomar, sabe do nosso amor, mas não quero que saiba tanto como nós!

«Receio de todos e de tudo.

Proseguiu em voz alta:

—Repito-vos, cavalleiro, que é desejo meu, que vos levanteis. Assim o quero, e em nome do rei vol-o ordeno.

Andeiro abedeceu e conduziu a rainha a um fôfo cochim, e conservou-se de pé na sua frente.

D. Guiomar, junto á porta, vigiava, afim de avisar, caso alguem se aproximasse.

João Fernandes Andeiro tomou uma posição respeitosa e D. Leonor deu-lhe algumas ordens em nome do rei.

D. Guiomar, por calculo, ou por necessidade, abandonou o seu posto de honra, dando como pretexto, que seria

conveniente vigiar mais além da camara, para que não se aproximasse alguem da parte de El-Rei ou dos infantes.

D. Leonor não desejava outra cousa, e quanto a D. João Fernandes Andeiro, escusado é dizer que suspirava por isto mesmo.

Ainda D. Guiomar não tinha desapparecido, já a conversação tinha tomado um caracter inteiramente differente.

D. Leonor levando a mão ao coração, disse em tom magoado:

—Forçosa é a separação! O Estado e a politica assim o exigem, e em trez dias saireis d'estes reinos; mas haveis de voltar mais senhor, de que o proprio rei!

«Assim vol-o jura D. Leonor, e o que a experiencia tem demonstrado, é que sabe cumprir os seus juramentos.

Andeiro não se mostrou surprezo nem maravilhado, sabia qual era o papel que lhe cumpria representar; e se ainda estava sujeito aos caprichos do rei, a desforra que tirava era digna de um traidor.

—Mas, formosa rainha, tudo para mim seria supportavel, menos a separação a que me condemnam.

«Aqui, senhora, n'este pequeno recinto, tenho experimentado a doce felicidade, que só o amor comprehende e faz experimentar.

«Esse bello rosto, não me apparecerá por certo, nas gélidas regiões do norte, aonde, vi mulheres formosas, mas em nenhuma encontrei a belleza que distingue a minha graciosa soberana.

«A doce melodia d'essa voz divina, desperta em mim os brios de cavalleiro, por vezes dormentes, quando me recordo quem sou para amar tão poderosa dama!

«Oh! crêde minha senhora e muito amada rainha, que para vos agradar, voaria sem ter azas, e andaria quando mesmo me faltassem os pés.

«Não vos amo pela grandeza, amo-vos porque nunca vi mulher tão formosa, com tantos dotes de espirito e de tão reconhecido saber.

D. Leonor ouviu com attenção, como sempre, as palavras de D. João Fernandes Andeiro.

Ella amava muito; e a não ser um amor criminoso, seria o unico sentimento nobre, d'aquella alma repassada de crimes:

—Nobre cavalleiro, lhe disse ella, nunca o fructo precoce tem paladar saboroso: é preciso deixar ao tempo a solução dos acontecimentos e nunca precipital-os.

«Sei que me não amaes pelo fausto da realeza, mas sim pelo que sou como mulher.

«Se a distancia na sociedade nos separa, o amor nos uniu, não com os laços da virtude, porque sei, em demasia quanto criminoso é o amor que vos consagro; mas que fazer, se em tudo vejo a força do destino?

«Se a mim não podeis chegar publicamente, pela vossa e minha posição, repito-vos, deixae ao tempo a logica successão dos factos, que eu vos farei tão grande, que sagrado sereis aos olhos de todos.

«Seja nosso guia a esperança no futuro; e perca-se tudo menos a idéa de uma vingança segura, que se não é um penhor de honra, é um desejo da alma, que devemos saciar.

D. Leonor acabava de fazer vibrar no coração de Andeiro todas as suas paixões, de ha muito alimentadas, mas actualmente adormecidas.

Para fazer rebentar um grande incendio, basta uma pequena centelha, e as ambições de Andeiro, renasceram, e tornaram-se mais violentas, de que nunca.

D. Leonor proseguiu:

—Caracteres como os nossos, sujeitam-se ao soffrimento, porque não tem por missão unica, satisfazer ao amor, outros deveres mais altos se erguem e é preciso attendel-os.

Andeiro caiu-lhe aos pés, e beijou-lhe as mãos com arrebatamento, porque bem comprehendeu as suas palavras.

Andeiro dissera-lhe, que esquecia os deveres de cavalleiro, quando recordava, ser pequeno de mais para a amar! O obstaculo maior que se oppunha era o rei; e a insinuação, com quanto indirecta era altamente criminosa.

A D. Leonor, um crime de mais não a horrorisava, todavia o que lhe não convinha era a morte d'aquelle, que lhe dava força e poder, não tendo, por em quanto, bem consolidada a sua influencia.

Não quiz dizer que não a D. João Fernandes Andeiro, mas respondeu-lhe indirectamente, dando-lhe a entender, que em tempo competente tudo se concluiria.

A conversação foi interrompida por D. Guiomar, que transida de susto lhes disse que o rei chegára, e que necessariamente lhe diriam que sua altesa estava na torre de menagem.

D. Leonor ficou aterrada, e Andeiro fulminado; o crime é sempre covarde, com quanto audacioso.

Os dois adulteros estavam n'este caso: ha pouco pensavam na morte do rei e agora tremiam ao saber que elle se aproximava!...

—Que faremos, senhora? disse Andeiro, com o terror estampado nas faces.

—Não sei, respondeu a rainha; mas alguma cousa se hade dizer ou fazer, para nos justificarmos.

—Mas, senhora, o rei aproxima-se e por vós é que eu mais tremo.

D. Leonor ao sentir os passos do rei, cobrou animo! levantou-se e com um gesto imperioso mandou afastar Andeiro, e quando o rei entrava, disse-lhe em voz alta:

—Não sei senhor cavalleiro, a vontade do rei é sagrada! As ordens e desejos de sua alteza são para a rainha decretos omnipotentes, o rei está hoje enfermo; e receiando que não podesse procurar-vos, vim pessoalmente dar-vos a suas instrucções, porque bem sabeis que todo este negocio não tem passado além do rei, de mim e de vós; haveis de partir, porque o rei assim o quer.

D. Fernando parára ao ver D. Leonor no quarto de D. João Fernandes Andeiro.

Quanto á rainha, como perfeita comediante, desempenhava um papel monstruoso.

Andeiro estava como alucinado; nada ouvia, porque a presença do rei foi para elle de um effeito magnetico.

D. Leonor ao pronunciar as ultimas palavras, voltou-se, como quem ia para sair; e desempenhou tão bem o seu papel que o rei nada percebeu, quando se mostrou admirada, e lhe disse:

—Vós por aqui, senhor! julgava-vos bastante doente, e receiando que não podesseis sair do vosso quarto, resolvi, pelo amor que vos consagro, fazer sciente, ao cavalleiro, os vossos desejos. Talvez fosse indiscreta, senhor, e se o fui, perdoai-me; mas, tende em consideração, que só o vosso serviço a tanto me levou.

Ninguem excedia D. Leonor na hypocrisia e a D. Fernando na toleima.

—Obrigado, formosa rainha! ouvi parte das vossas palavras, e por ellas conclui a causa d'esta visita; agradeço tanto desvello! Sei quanto de vós sou querido, mas isso não vos authorisava a tanto zelo.

D. Leonor córou, julgou ouvir uma censura, mas ficou inalteravel e esperou.

Por detraz do rei estava uma figura esquisita, fazendo momices. Quem era?

Era João Pampilhosa unica pessoa, que o acompanhava.

O rei proseguiu:

Sim, senhora, permitti que vos diga que fostes além do que eu desejava.

A rainha tremeu, e Andeiro julgou-se entre a corda e o carrasco. Quanto a João Pampilhosa fez um signal de approvação, dizendo com os seus botões:

—Bravo, sabe uma vez ser homem, já que nunca sabes ser chefe do estado.

D. Fernando olhou para Fernandes Andeiro e proseguiu:

—É como vos digo, senhora, desagradaram-me as vossas palavras.

Andeiro ficou como se sentisse a corda na garganta e as mãos do carrasco; D. Leonor impallideceu; mas D. Fernando, sem prestar attenção ás contracções dos criminosos, proseguiu depois de uma pequena pausa:

—Cavalleiro, não é verdade que a rainha foi demasiadamente severa para comvosco? Desculpae o seu zelo pelas cousas do rei e do estado, mas ella em consciencia estima-vos pelos vossos serviços.

As palavras de D. Fernando salvaram de um supplicio atroz os dois cumplices, que respiraram!

O caso não era para menos, mas graças á queda, que D. Fernando tinha para bom homem, estavam salvos do lance mais perigoso, em que dois adulteros se podem achar.

João Pampilhosa ao ouvir as palavras do monarcha fez uma careta de indignação; mas acceitando tudo pelo ridiculo, teve que apertar o nariz para não rir! E como não se podesse conter, afastou-se para o lado e rio, como todos ririam de tanta boa fé!

O anão teve que levar as mãos ás ilhargas, porque já não podia rir mais.

Quanto a D. Fernando não percebeu nada, nem podia perceber, graças á sua simplicidade em questões matrimoniaes.

D. Leonor visivelmente satisfeita, com as consequencias do seu atrevido plano, quiz completar o triumpho, com segundo lance de hypocrisia:

—Senhor; sois de uma indulgencia reprehensivel! Sei como vós os relevantes serviços d'este fidalgo, que preso pelo seu subido merecimento; mas enganae-vos, se julgueis que a rainha desce a pedir desculpas, a um vassallo, de injurias que não commetteu.

«Não fui severa em demasia com o cavalleiro, fui apenas soberana, e se ordenei foi em vosso nome. E agora que nada nos resta a fazer aqui, dae-me o vosso braço e retiremo-nos.

Ninguem melhor representaria! D. Fernando offereceu-lhe o braço e disse para Andeiro:

—D. João, aguardo-vos em Leiria. Lá vos darei as minhas ultimas instrucções, visto que n'esta occasião forçoso é, capitular com a vontade da rainha.

Tomaram pelo corredor seguidos por João Pampilhosa, que ia fazendo momices e um interminavel numero de caretas. Junto ao ultimo degrau estava a liteira da rainha, e os cavallos em que viera o rei e Pampilhosa, seguros por dois moços de estribeira,

D. Fernando acompanhou a rainha até á portinhola; montou a cavallo e seguido pelo seu fiel barbeiro, tomou a largo trote para o paço, eram duas horas da noite.

Tres dias depois achava-se a côrte em Leiria, e D. Fernando cumpria a sua palavra. As ultimas ordens foram dadas a Andeiro, que entre uma escolta de cavalleiros entrou na sala, aonde se achava a côrte e o monarcha e D. Fernando disse-lhe com severidade:

—Cavalleiro, por um tratado com El-Rei de Castella, me obriguei a expulsar-vos dos meus reinos, e vi com desgosto que voltaveis sem minha licença. Era vontade minha, mandar-vos cortar a cabeça por similhante falta; e se o não fiz foi devido ao empenho d'estes nobres cavalleiros, que me rodeiam.

«Sai, hoje mesmo, d'estes reinos; e a rehensidencia será a vossa sentença de morte.

Voltou-lhe as costas e passou a fallar com os demais senhores da côrte.

Andeiro tinha tudo prompto e retirou-se, e n'esse mesmo dia embarcou para Inglaterra para concluir a missão de El-Rei; a farça estava em começo, mas ainda ninguem viu uma comedia, cuja conclusão fosse mais melodramatica.

VIII

Uma filha de Caim

Deixemos os acontecimentos politicos e passemos a occupar-nos dos vultos mais importantes d'esta historia.

Gil Vasques e o arcebispo de Braga depois de encontrarem João Pampilhosa foram a casa do mestre d'Aviz, aonde souberam os factos de que os leitores já teem conhecimento.

D. Lourenço não poude comprimir o seu caracter arrebatado.

—Por Deus, pela Virgem, e por este annel archipiscopal; tenho momentos na vida, que de bom grado depunha o baculo de pastor para empunhar a espada de guerreiro.

—Bofé senhores, a cota e a cervilheira, são para estas coisas mundanas, de muito mais força que os preceitos evangelicos!

O prelado a pronunciar as ultimas palavras comprehendeu, que tinha blasphemado, impallideceu e exclamou contricto:

—Oh! perdoai senhor; o fogo d'este espirito, que vós creastes; arrebato-me de cholera, em face das infamias do mundo, especialmente, quando partem de um ministro do altar!

—Frade dissoluto, devasso e mais relapso que Satanaz! Eu te imporei o jugo prelaticio e te mandarei cobrir de cinza, já que a desvergonha te descobre tão impudicamente.

«Levarei ao conhecimento do nosso santo padre, a moralidade, do confessor da rainha e do rei de Portugal.

D. Lourenço estava agitado, e bem fundado era o despeito que o dominava:

—Senhor, disse elle ao infante, os grandes corações praticam como vossa honra; agora tu, Gil Vasques, de joelhos, e agradece-lhe ter salvado a honra de tua futura esposa, sim, ella o será!

Gil Vasques não esperou segunda ordem e caiu de joelhos em frente do joven mestre d'Aviz.

—Senhor, na vida, na morte, e lá na eternidade, se tanto fôr possivel, aonde estiver o mestre d'Aviz, estará o braço, o coração e a alma de Gil Vasques: o braço para o defender, o coração para o amar e a alma para o bemdizer eternamente!

O mestre d'Aviz nascera para heroe; não obstante sabermos que as circunstancias é que dão conhecimento dos homens.

As grandes crises são o cadinho aonde se fundem as grandes transformações! São ellas que nos apontam os vultos importantes, que Deus manda ao mundo, para figurarem nos mais importantes dramas sociaes.

O joven mestre possuia uma alma elevada; viu o mancebo de joelhos, mas não lhe acceitou a humilhação e levantou-o nos braços e disse-lhe:

—De pé, cavalleiro! Com a fronte erguida é que os guerreiros como vós fallam aos reis e aos principes. Mal assentaria ao filho de D. Pedro se não voasse em soccorro de uma donzella. Os vossos inimigos são poderosos, e os meus não lhes são inferiores. Alliem-se intimamente, todos os homens de honra, até levar a cabo a santa cruzada, que breve incetaremos!

«Parto para Extremoz; o rei convidou-me para o acompanhar, e tenho que obedecer; mas se carecerdes do meu apoio, contae, que não serei menos solicito, de que outro qualquer cavalleiro.

Gil Vasques agradeceu-lhe, e acompanhado por D. Lourenço, seguiu para casa de D. Lopo Garcia, cavalleiro retirado da côrte, pelos seus annos, mas de grande rigidez, nos principios de honra.

O infante já tinha tudo prompto para a partida, montou a cavallo e seguiu pela estrada de Santarem.

Os leitores ainda não sabem para onde se retirára Ursina Malaprada mas vão sabel-o.

Fr. Pedro furioso por lhe ter falhado o rapto de D. Luiza, acompanhou o rei, mas sem abandonar os planos que tra-

çára; ainda lhe restavam grandes recursos, porque importante era o seu poder.

Desconfiado do comportamento de seu sobrinho, em relação ao seu casamento com D. Luiza de Gusmão, tentou segunda entrevista com elle, para lhe pedir contas da sua irresolução.

Um verdadeiro amor transformára, á custa de decepções aquelle caracter fatuo e imprudente e um raio de luz despontára e lhe apontou para o futuro.

Ursina percorrêra a eschola do crime por uma fatalidade, que não se explica, pelas causas naturaes.

A pobre mulher envergonhava-se do passado, e sonhava uma nova existencia; anhellava achar-se no silencio dos campos, aonde a imaginação despreoccupada, se entrega á meditação.

Ursina Malaprada arrependia-se por ter peccado tanto! Renegava os seus actos levianos, e só aspirava á santidade de um amor, que trazendo-lhe o titulo de esposa, lhe alcançasse a ventura que sonhava.

É junto ao berço da infancia que se estudam as phases da vida humana e o vagido da innocencia é o precorsor do estertor da morte e revella os soffrimentos mundanos e as futuras attribulações do espirito.

Ursina, não aspirava senão á paz domestica, unica amostra de ventura, entre todas as vicissitudes da vida.

Quanto a Aleixo de Figueiredo, esse nunca teria sido máu, se melhor o tivessem educado, e amando sinceramente Ursina, só n'ella pensava e na sua felicidade.

Fraco de espirito, seria bom, se bem o guiassem mau, se lhe apontassem o caminho da perdição; e as constantes decepções porque passou, foram a sua boa estrella, e guia de salvação.

Um dia ergueu-se, maior, do que nunca, e conprehendeu todos os seus vicios e baixezas; e desde então evitou-os tanto, quanto lhe era permittido.

Depois do desapparecimento de Ursina, e dos acontecimentos passados, com o infante D. João, Aleixo de Figueiredo impressionado pelas palavras de Ursina, e pela declaração que lhe fizera, viu iminente uma ventura, que nunca julgou realisavel, e a distincção que ella lhe deu, fazendo-o seu confidente, completou a sua regeneração.

Ursina, carecia de amar e precisava de um amor que prehenchesse o vacuo que tinha no coração.

Possuindo grandes dotes de alma, ninguem como ella sabia desempenhar uma grande missão, e sendo perigosa no mal, era sublime na virtude!

Aleixo visitava-a ameudadas vezes, e quanto mais a amava, mais se identificava com o novo caminho que incetára.

Ninguem segue a eschola do crime, porque ignore que ha virtude.

Todos os grandes criminosos nasceram innocentes; e se no regaço de suas mães bebem os primeiros defeitos, a sociedade faz o resto.

Os vicios são o fructo das más doutrinas, que alimentam o crime, com a seiva do mesmo crime.

A falta de instrucção traz a ignorancia da verdade e dos seus effeitos e Ursina, não ignorava a grandeza da virtude, mas associada aos prazeres mundanos, e arrastada pelo fatalismo da sorte, esquecera o que nunca deveria olvidar e seguiu o que nunca deveria saber.

Soára todavia a hora solemne! resurgiram os lances da vida moral, e o facho da virtude brilhou para sempre.

É principío estabelecido, que quem ensina tambem aprende e Ursina Malaprada, conhecendo a fundo o caracter de Aleixo, entendeu que regenerando-o, regenerava-se, e que do amor que lhe consagrasse dependia a sua ventura.

Aleixo de Figueiredo prestava-se aos seus desejos, e corregindo-lhe os defeitos emendava os seus. Tal era o estado moral d'estes dois personagens, mezes depois dos acontecimentos que lhe deram causa.

A côrte regressara de Extremoz, ou para melhor dizer de Leiria.

A rainha nunca se pôde conciliar com o facto, de sua irmã estar casada com um principe, que ainda podia assentar-se no throno, e esta idéa promovia n'aquella cabeça uma alluvião de pensamentos, que a lançavam no desespero.

Fr. Pedro, desconfiado das repetidas ausencias de seu sobrinho, mandou-o chamar um dia para ter com elle uma séria explicação.

Aleixo apresentou-se e teve com elle o seguinte dialogo:

—Desejo saber meu sobrinho, se estás resolvido, a destruir a tua e a minha felicidade.

«Deixaste roubar D. Luiza ao teu amor, sem dares uma palavra, nem fazer o menor exforço!

«Tudo isto me desagrada! Procuro a tua ventura emquanto que tu, tendo sido sempre submisso aos meus desejos, vejo-te agora altivo e despresador das cousas que constituem o nosso futuro! Que respondes a isto?

—Nada!

—Nada! disse o frade, nada não é resposta que me satisfaça.

—Não amas porventura D. Luiza?

—Não senhor! E julgo mesmo que nunca a amei! Se não dei um passo para a tirar do convento, é por entender que quem a roubou ao vosso poder, tinha para isso tanto direito, como eu.

—Que ouço! O miseravel enlouqueceu! Mas vamos, se a não amas como mulher, ama-a ou menos pela riqueza e finge uma paixão, que te custa isso? Não me importa que a não ames! o meu desejo é ver-te casado com ella, porque além de ser muito rica pertence a uma das mais nobres familias de Portugal.

—Sinto não poder satisfazer aos vossos desejos; e declaro-vos, que nunca casarei com D. Luiza; sei que por ella não sou amado, e para mim é o sufficiente para desistir da sua mão.

O frade ficou fulo de raiva, e a ferocidade do seu caracter transpareceu-lhe no rosto, com a hidiondez da preversão: serrou os punhos e avançou para o sobrinho.

—Assim compensas os meus disvellos! Ignoras que sem mim, ninguem para ti olharia! Has de casar com D. Luiza, ou sáe da minha presença.

«Amas por ventura outra mulher? Falla, dize tudo, que ainda sinto por ti um resto de affeição.

Aleixo reservou os segredos do seu coração: conhecia a fundo o caracter sanguinario de seu tio e tremeu pela vida de Ursina.

Limitou-se pois a sustentar o que lhe dissera, em relação a D. Luiza, negando sempre que outro amor fosse a causa da sua recusa.

O frade não instou mais, e intimamente convencido que seu sobrinho nutria uma paixão, resolveu vigial-o.

Mas lavrada ficou a sentença de morte, para a infeliz mulher, que por seu sobrinho fosse amada.

—Está bom, lhe diz elle, pensarei no que me dizes e resolverei como julgar mais vantajoso para nós.

Aleixo saiu; quanto a seu tiu ficou no firme proposito de sacrificar mais uma victima nas aras da sua conveniencia.

Passemos a occupar-nos de D. Maria Telles de Menezes, que no seio da ventura, gosa nos braços de seu marido as doçuras de um casto amor.

Os dias corriam bellos e serenos, como o brando murmurar das aguas, atravez da vecejante relva, n'um campo de flôres.

Para ella desapparecera o trovejar das tempestades da côrte, aonde a intriga murdaz, produz a ruina dos caracteres, que se não associam ás villanias dos aulicos cortezãos.

Para a joven esposa desanoveara-se o horisonte do futuro e o fusilar das paixões egoistas, não se albergava n'aquelle coração, que vivendo para amar, só pelo amor vivia.

Não havia um pensamento ingrato que lhe arrebatasse os sonhos da alma! Não havia um ponto de intercessão, que lhe tolhece ou marcasse o limite da ventura que esperimentava!

Um sorrir angelico se lhe desenhava nos labios, emquanto que o colorido das faces, lhe restituira todo o explendor da mocidade.

No regaço da opulencia não esquecia as suas amigas; e de lá, da sua morada, templo da felicidade conjugal, escrevia a D. Luiza as mais tocantes cartas, em que a convidava a ir passar com ella alguns dias.

—Quero, lhe dizia ella, n'uma das suas cartas, que sejaes testemunha da minha ventura, já que por tantas vezes as lagrimas me enchugastes.

«Cercada de ternas expressões de amor, o infante meu esposo, busca todos os meios de me fazer feliz; e não sei mesmo se com a mais terna paixão se poderá compensar tão nobres sacrificios! Quanto a mim, cara amiga, ignoro se devo amal-o como homem, ou adoral-o como um genio bemfasejo, pela ventura que me deu.

Assim se expressava a infeliz senhora; e mal sabia ella, que longe e retirada como se achava, não escapava aos seus inimigos!...

D. Luiza de Gusmão passava no convento dias melancolicos e aborrecidos, e a unica distração que encontrava no silencio do claustro, era acompanhar as freiras ao côro.

Ali se lhe dilatava o coração, e com quanto fosse educada entre a alta nobreza, nunca alimentára esses preconceitos mesquinhos, tão naturaes como vulgares entre os da sua classe.

Os sons harmoniosos do orgão acompanhando o canto-chão, despertavam-lhe na alma os sentimentos piedosos, que a fé nos inspira e faz comprehender: nada ha mais poetico do que a religião!

Junto ao altar, fenecem os preconceitos gerarchicos e o Eterno, despensando as graduações mundanas, só exige o amor das suas creaturas.

A joven extasiava-se quando ao levantar de uma antifona, as vozes sonoras das madres, reboando pelas abobadas do templo, elevavam-se ao throno do Altissimo. Os sons vividos e melodiosos do orgão repercurtiam-se-lhe no intimo da alma; e n'um arrebatamento de espirito derramava lagrimas de amor e saudade.

A muzica continuava; umas vezes veloz e elevada, n'outras, branda como o vagir da innocencia e poetica, como o Christo, quando rodeado pelos innocentinhos, dizia, que o maior no reino dos céos, seria o que fosse como elles.

A donzella soffria o rigor da orphandade. Não tinha mãe, pae não chegara a conhecel-o e victima das profanações de uma côrte devassa, fôra salva como por milagre, das mãos do seu maior perseguidor, e ao abrigo do claustro, se não experimentava os gosos do mundo, encontrava junto aos altares, lenetivo aos seus soffrimentos.

Era um dia do mez de março. O sorrir da primavera já se desenhava no florir dos arvoredos e na belleza das campinas alcantilladas de flôres.

No convento de Odivellas; faziam-se todas as festas com brilhante sumptuosidade, especialmente as da semana santa.

Era n'uma sexta feira de quaresma: o templo estava cheio de povo das aldêas convesinhas, e os pobres aldeões curvados ante o sacramento, esqueciam, extasiados pelos canticos divinos as suas amargas necessidades.

A vida do camponez nunca foi para invejar, mas então peor de que hoje, era detestavel.

Os sons do orgão proseguiam pois acompanhando a ladainha, a que o povo respondia n'um tão barbaro e estrupiado latim, que se Tito Livio ou Virgilio o ouvissem, arrebentavam de desespero.

Dois homens de má catadura entraram no templo, e como todos se achavam de joelhos, tiveram occasião de differençar as diversas pessoas.

Junto a um altar do lado da epistola estava uma joven mulher, dizemos joven, por que a belleza de suas fórmas, e flexibilidade dos movimentos, quando ajoelhava ou se assentava, eram ageis para uma dama de avançada idade.

Os homens affirmaram-se primeira e segunda e muitas vezes n'ella, que entregue á leitura das orações não olhava para lado algum.

Ao seu lado estava um mancebo de 24 a 25 annos, entregue igualmente á devoção; e apenas se destrahia, algumas vezes, olhando para a dama dedicada inteiramente a Deus.

Os homens trocaram um olhar de intelligencia e affirmando-se no mancebo; disseram:

—É ella! Não póde ser outra! O senhor Aleixo está ali, é pois esta a que devemos aviar.

Assim se expressaram os dois malvados em frente do Sacramento, sem respeito a Deus nem á sua santa casa! Mas de quem recebe elle mais affrontas? Não será d'esta raça maldita, que mais enche de beneficios?

A raça humana invilicida com toda a casta de vicio, não merecia, que tu pendente da cruz soffresses milhões de dôres, para lhe abrires as portas do céo! Mas, como nem todos são preversos, que os bons peçam pelos maus, e tu ó ó Deus compadece-te das tuas creaturas.

Voltemos aos homens, que ao proferirem as palavras, que dissemos, não repararam que tinham sido ouvidas por um mancebo de rosto varonil, e gesto ousado.

O mancebo horrorisou-se, e a não estar no templo ter-lhe-hia dado logo o premio que mereciam; e como reconheceu Aleixo e Ursina Malaprada, resolveu seguil-os e profundar a causa d'este negocio.

O Sacramento encerrou-se e o povo saiu do templo, que em breve ficou deserto.

Por detraz de uma columna estava Gil Vasques no fir-

me proposito de os vigiar, quanto, aos dois assassinos esperavam no adro pelas suas victimas.

Aleixo de Figueiredo e Ursina sairam tranquillos, e seguiram cheios de confiança ao seu destino, e tomaram por uma pequena viela á esquerda.

Dois eram os assassinos, um saltou dois ou tres vallados e metteu-se atravez de uma vinha e o segundo, tomou pelo lado opposto.

Os dois jovens proseguiam conversando e rindo, tão satisfeitos, que nada parecia perturbal-os.

Gil Vasques seguiu-os de longe, subindo por vezes ás arvores, para melhor avistar os dois malvados, e conhecer as suas intenções.

Teriam caminhado meia hora. Uma linda granja se avistava ao longe com uma casa ao rez do chão.

Algumas vaccas e ovelhas pasciam socegadas no campo coberto de verdura.

No prolongamento do muro havia uma alameda de freixos e alguns chopos.

Atravez da espessa ramagem nada se podia differençar; todavia como Gil Vasques se achava prevenido, distinguiu um vulto e affirmou-se quanto poude; mas a distancia era grande e nada podia alcançar.

Saltou o vallado, e cosendo-se com as arvores e mais plantas trepadeiras, avançou mansamente e não lhe restou duvida então.

O homem que vira metter-se á vinha, estava junto ao muro com uma bésta em punho, prompta para disparar.

Éra evidente que se premeditava um assassinato e o que lhe faltava era saber a causa.

Gil Vasques olhou para a estrada e viu que os jovens corriam a uma morte certa! A distancia que do assassino o seperava era grande, e tarde chegaria pora os salvar.

Avançou porém com rapidez, e quando se achava a uns cem passos de distancia, viu que elle collocava a bésta em pontaria e o que lhe faltava era disparar.

Sair d'este embaraço era um dever; os desgraçados tinham a vida suspensa por um fio, e Gil Vasques não podia cruzar os braços embora não fosse amigo de Aleixo de Figueiredo.

Não havia tempo a perder; metteu a mão á espada, deitou a correr e gritou com força.

O covarde olhou aterrado quando estava para expedir o tiro; e ao ver Gil Vasques de espada desembainhada, atirou com a bésta ao chão e fugiu.

Gil Vasques continuou a correr, mas sentiu o silvo agudo de uma seta. e conheceu que um braço lhe fôra varado de um a outro lado!

Não viu ninguem! O sangue saíu ás lufadas e a dôr foi atroz! Faltou-lhe a luz dos olhos e ia talvez cair com a cabeça de encontro a uma pedra, se um braço amigo lhe não amparasse a queda!

Aleixo e Ursina tinham ouvido gritar, e como nada sabiam ficaram admirados, pois estando proximos de casa consideravam-se inteiramente seguros.

Ouviram segundos gritos, para o lado esquerdo e o zumbido de uma setta: saltaram o muro e receberam nos braços Gil Vasques banhado em sangue.

Os assassinos fugiram e ninguem mais os viu.

Gil Vasques coberto de sangue, estava sem sentidos, tinha os olhos cerrados, e uma pallidez mortal estampada nas faces.

Ursina Malaprada correu para elle, e analisando-lhe a ferida, arrancou o veu, fel-o em tiras e applicou-lhe o primeiro tratamento; e como um regato corria proximo, colheu agua nas mãos e lançou-lh'a no rosto.

Tudo isto foi tão rapido e tanto a tempo, que o mancebo abrindo os olhos, apertou-lhe a mão, agradecido.

Ursina affirmou-se n'aquellas feições, e depois de as contemplar, ajoelhou com devoção religiosa.

—Santo Deus, disse ella, elevando as mãos ao ceu, é elle, elle, que com as suas palavras me regenerou!

O enthusiasmo d'aquella alma tinha o cunho da suprema gratidão! Era o tributo prestado á virtude, pela virtude de um coração arrependido.

Gil Vasques, ouviu as palavras de Ursina, e sem se mostrar admirado, agradeceu-lhe e a Aleixo de Figueiredo, todos os soccorros que lhe prestaram.

Aleixo, impressionado, conduziu-o para a residencia, aonde de ha muito Ursina, entregue ao arrependimento, encetara a grande obra da sua regeneração.

Ahi, Gil Vasques, informou-os de tudo, concluindo por lhe dizer:

—Não me agradeceis pelo que fiz pois se assim não praticasse, entre os villões seria o maior de todos; acautelae-vos, senhora, porque poderosos são os vossos inimigos.

«Tremei pela vossa existencia! E vós, mancebo, se amaes esta dama, velae tanto por ella, quanto o exige o perigo que por todos os lados a cerca.

As palavras de Gil Vasques foram solemnes, e a sua voz soou, como a voz dos prophetas nas praças de Jerusalem, quando prediziam a ruina do povo deicida.

Aleixo tremeu; quanto a Ursina ficou tranquilla como o martyr no supplicio, e a innocencia em face da calumnia.

Aleixo levantou-se, não com esse pedantismo desastrado, com que o vimos no começo d'esta historia, mas sim com a energia de um grande coração.

Estendeu uma das mãos a Gil Vasques, e levando a outra ao coração, disse-lhe, com essa expressão de verdade que só a verdade produz:

—Mancebo, esqueçamos para sempre essa adversidade que ante nós se ergueu, mas que nunca deveria ter existido; esqueçamos que fomos inimigos, porque as causas desappareceram; eu nunca deveria duvidar da vossa lealdade, e se um dia a desconheci, foi porque a mim mesmo não me conhecia...

«Errei, bem o sei, mas muito mais teria errado se vos não désse esta explicação.

«Eis a mulher que amo, e amarei até morrer! Se Ursina muito vos deve, eu não vos estou devendo menos.

«Oh! não dispertemos o passado! o passado desappareceu atravez de novas cousas, factos e pensamentos! o que nos resta é demonstrar a nossa gratidão e cooperar para a vossa ventura.

Ursina aproximara-se de Gil Vasques. Aquella alma, em quanto invilicida, fôra perigosa, e não sabemos se até mesmo hedionda, mas hoje, ao despontar do fatal letargo, se não era o typo de uma virgem pudibunda, era o de uma casta mulher!

As lagrimas caiam-lhe em torrentes, e os soluços embargavam-lhe a voz.

—Cavalleiro, vós que me conhecestes tal qual fui, avaliae-me pelo que hoje sou.

«Discordo de Aleixo; para elle, que se esqueça o pas-

sado! Sim, precisa esquecel-o para me ter amor; mas a mim é que me cumpre recordal-o porque se não é o espelho do futuro, é uma recordação dolorosa, que me atrufia de dia e de noite e me faz bem dizer a alma, que tão generosamente me conduziu á virtude.

«Desabrocham as flores para mais tarde penderem da haste, sem viço nem belleza: assim é a virtude, que desenvolvendo-se á sombra dos bons conselhos, murcha e desapparece quando a alma é arrastada pelo imperio da fatalidade!

Gil Vasques, commovido com a expressão dos jovens, demonstrou-lhes quanta sympathia lhe mereciam.

O dia declinava e o sol principiava a mergulhar no horisonte, e o mancebo achando-se melhor, declarou que se retirava.

A ferida era mais dolorosa que perigosa, e a setta passara-lhe o braço sem lhe offender os tendões, e podemos considerar, que quando desmaiou, foi mais pelo muito que correra de que pelo resultado do ferimento.

Os soccorros a tempo neutralisaram todos os maus effeitos, e Gil Vasques quiz seguir n'esse mesmo dia para Lisboa.

Aleixo de Figueiredo, fez-lhe vêr a conveniencia de ficar até ao dia seguinte, e como Gil Vasques tivesse necessidade de fallar a D. Luiza de Gusmão, accedeu aos seus desejos, e ficou.

Havia pois decorrido mais de um anno que Ursina mudára a sua residencia e existencia.

Aleixo depois da ultima conferencia com seu tio, propusera-lhe casamento, no que ella não consentiu, não obstante as suas repetidas instancias.

Ficou adiado para melhor occasião, logo que D. Lourenço lhes obtivesse a dispensa do bispo de Lisboa.

Eram todavia felizes, e nada lhes alterava a ventura, apesar de vergarem sob o anathema de uma vingança atroz.

No dia seguinte ás 10 horas da manhã, despediu-se Gil Vasques, e montando a cavallo, seguiu a largo trote na direcção do mosteiro, que, como dissemos, distava mais de uma legua.

O dia estava bello: era primavera, e n'esta estação, a natureza rejuvenescendo, veste de gala os campos e de belleza os arbustos.

Ouvia-se o canto dos pastores e o chilrar dos passarinhos, que, em nuvens se cruzavam em differentes direcções.

Havia perto de um anno que Gil Vasques não se avistava com a joven e o coração batia-lhe sobresaltado, e para vencer mais depressa a distancia, cravou as esporas nos flancos do nobre animal, que n'um galope frenetico, o levou á portaria do convento.

O convento de Odivellas, era um bello edificio, mandado construir pelo piedoso rei D. Diniz.

O sitio aonde assentava era bastante solitario, e se algumas casas havia, n'essa epocha, eram dos empregados e mais pessoas dependentes do mosteiro.

O cavalleiro apeou-se e prendeu o cavallo a um alto columnello; e seguiu para o locotorio.

Batteu, e a madre rodeira compareceu, como era costume.

—Que quereis, senhor cavalleiro, lhe diz ella, a quem pretendeis fallar?

«É a alguma noviça, recolhida, ou educanda?

O mancebo não gostou de uma tão minuciosa serie de perguntas, e julgou curiosidade perguntar tanto em tão pouco tempo; mas tendo por custume ser reservado, respondeu laconicamente:

—Pretendo fallar a D. Luiza de Gusmão.

A madre rodeira abriu os olhos admirada, e respondeu promptamente:

—D. Luiza de Gusmão é uma donzella da mais alta nobreza; foi conduzida aqui pelo senhor mestre d'Aviz e não sei, cavalleiro, proseguiu ella devagar, mas diz-se para ahi que o joven infante está por ella perdido de amores e...

Gil Vasques aborrecido de ouvir tanta cousa, e de uma similhante desenvoltura de lingua, respondeu-lhe agastado:

—Madre, eu não vim pedir-vos informações de D. Luiza de Gusmão, nem mesmo das aprehenções que ha a seu respeito. Dizei-lhe, ou mandae-lhe dizer, que um cavalleiro da intima amisade de sua senhoria reverendissima, o senhor D. Lourenço, arcebispo de Braga, tem o maior desejo de lhe fallar.

A pobre freira ao ouvir estas palavras n'um tom imperioso, ficou como se visse abrir um abysmo, transida de susto exclamou:

—Oh! perdão, nobre cavalleiro, eu parece-me que em nada offendi a nobre donzella; pois não julgueis isto senhor?

«Pelo amor de Deus, não diga nada ao senhor arcebispo nem á nossa santa madre abadeça, que é muito severa para com estes peccados de lingua, mas a gente...

Gil Vasques já com a paciencia de todo esgotada, exclamou desesperado:

—Pelo amor de Deus, senhora, ide cumprir o vosso dever e deixae-vos de explicações e novidades; se a vossa abadeça é muito severa n'esse genero de faltas, decerto que em vós tem bastante que corrigir.

A velha freira ficou aterrada com a reprehensão, e sem esperar novo convite, correu a chamar D. Luiza de Gusmão.

Gil Vasques, com o braço ligado e suspenso por uma fita, principiou a passeiar de um para outro lado.

Dez minutos depois, sentiu passos e o rojar de fatos de seda.

Voltou-se e viu D. Luiza, que, radiante de belleza, se aproximava á grade.

Gil Vasques ficou como se visse os raios de uma luz brilhante.

D. Luiza sorrindo estendeu-lhe a mão, com a ingenuidade, que distingue a virgem da mulher.

—Quanto me alegro cavalleiro, quanto me apraz, ver-vos, bastantes saudades tem supportado este pobre coração.

Suspirou tristemente, e ao reparar que Gil Vasques tinha um braço ferido, disse-lhe:

—Que vejo cavalleiro, estaes ferido! Oh! dizei-me, se é de gravidade, assim vol-o peço em nome do nosso amor.

O mancebo, ebrio de alegria, contemplava aquelle rosto divino, aonde a graça e a belleza se ostentavam.

—Nada senhora, o que vêdes é apenas uma arranhadura e não tem a menor significação, mais ferida se acha esta pobre alma, por ter supportado a terrivel ausencia de um anno!...

—Um anno sem vos ver, santo Deus! É quasi superior ás forças de um pobre coração, que vivendo para vós, por vós deixará de existir.

—Atravez das tempestades da vida, em que o crime supplanta a virtude, receiando sempre por vós tive apenas

occasião de agradecer ao generoso infante, o serviço que vos prestou!

«Desejei voar ao vosso lado, e junto a estas grades hospitaleiras, jurar-vos mais uma vez um eterno amor.

«Não pude.

«Meu padrinho, mandou-me chamar ao seu ermiterio; e lá na solidão dos campos, longe do bolicio da côrte, permaneci perto de um anno, junto ao seu leito de dôr pois fui o seu unico enfermeiro.

«Suspirava por vos ver, tinha saudades, saudades que me atrufiavam a alma e vergavam o corpo.

«Meu protector que tudo sabe, não ignorava a causa do meu soffrimento; e se me via mais abatido, dizia-me com essa confiança, que as suas palavras inspiram:

«Meu filho, nada temas, está ao abrigo de um sagrado recinto, quem é que o hade violar?

«Assim se expressava elle, até que restabelecido de todo, foi-me permittido vir a este mosteiro, saber d'aquella, que abaixo de Deus é senhora absoluta do meu destino.

«Viverei, se para vós viver, e deixarei de existir, se a esperança de ser feliz desapparecer para sempre.

D. Luiza ouviu fallar o joven, apertou-lhe meigamente a mão, dizendo com a maior ingenuidade:

—Cavalleiro, além de mim ainda ficam muitas mulheres no mundo, mas além de Gil Vasques é que eu não vejo homem algum.

«Se eu morrer vivei para a patria e para o rei, mas quando assim não succeda, haveis de viver para mim, que todo o direito tenho ao vosso amor.

Gil Vasques ficou arrebatado, e julgou-se nas nuvens, que transportam os namorados, ás ficticias paisagens do amor, aonde a realidade do ideal subsiste eternamente!...

Viu tudo quando a poetica phantasia póde crear para elouquecer um coração apaixonado.

Viu descer a ventura da alta penumbra, em que se conserva para a pobre humanidade, e pousar sobre elle!... Viu finalmente tudo; mas não se lembrou que tinha ainda que luctar com a preversão de um mundo civilisado.

Os jovens proseguiram n'uma terna conversação, sem que o mais pequeno duesto ou desconfiança, viesse neutralisar a ventura que desfrutavam.

Em quanto os deixemos entregues aos arrebatamentos do amor, até Gil Vasques se despedir para seguir para Lisboa, passemos ao palacio real de Xabregas e vejamos o que fazem dois altos personagens, D. Leonor e fr. Pedro, especie de aves agoureiras, ou vampiros destruidores da virtude.

N'um quarto ou gabinete particular, acha-se D. Leonor conversando com fr. Pedro que lhe presta a maior attenção.

O caso era da mais alta transcendencia, tratava-se de fazer mal, e no rosto da rainha transparecia uma certa pallidez, que lhe não era vulgar, quanto a fr. Pedro não se lhe notava a menor alteração.

—Dizeis então, senhora, ser da mais alta necessidade, destruir o matrimonio do infante com vossa irmã, isso é impossivel.

—Impossivel, porque, lhe respondeu a rainha, é por não ser de direito canonico? El-Rei meu esposo, não annulou o meu casamento com D. João Lourenço da Cunha?

—É verdade, mas vós ereis parentes e não tinheis sollicitado a devida licença, mas que se hade allegar, contra vossa irmã?

D. Leonor pareceu contrariada; e depois de meditar alguns momentos, respondeu-lhe:

—D. João ha de ser livre, quando estiver para se assentar no throno, caso El-Rei meu esposo pereça sem filho varão. D. João será o esposo da minha filha, e quando assim o não queira, será elle que me hade salvar dos embaraços que o seu casamento me trouxe.

—Mas que pertendeis fazer senhora? Lembro-vos que toda a prudencia é pouca, e que os planos mais bem combinados, são muitas vezes destruidos por uma circunstancia eventual, que se não póde prevenir.

—Julgo que vos referis aos vossos planos que por muitas vezes vos falham: sou d'isso testemunha, mas quanto aos que medito e ponho em execução, não sou da vossa opinião.

—Porque? consideraes-vos por ventura, infallivel?

—Em todas as cousas não, mas n'um plano ou lanço politico, se não sou infallivel, tenho mostrado ser energica em todas as occasiões de maior gravidade.

—Mas que pertendeis fazer de vossa irmã?

—Nada; o infante é que de tudo se ha de encarregar: e elle me salvará, quando não queira salvar-se.

O frade vacilou.

—Fazeis-me medo, senhora; sois impenetravel, fria como o marmore e reservada como um sepulchro. Com que então, já vos não mereço confiança?

—Confio tudo em vós, mas ainda não sei o que poderei fazer. Sei o que necessito, mas por em quanto ainda não acertei com o antidoto para o mal que me persegue, todavia espero encontral-o.

—Será conveniente senhora, empregar toda a prudencia em negocío tão delicado, porque ha jogos, que perdidos uma vez tudo compromettem no futuro.

—Entregai-vos aos vossos negocios, e deixai a solução dos que me pertencem; pois sois tão cauteloso e prudente, e n'esta occasião Ursina Malaprada, em companhia de vosso sobrinho, vive inteiramente socegada, em quanto que D. Luiza, no convento, se corresponde com Gil Vasques?...

Os olhos do frade faiscaram e não se podia calcular todo o alcance d'aquella expressão satanica, e quando fr. Pedro ameaçava o inferno ria-se pela convicção de mais um crime.

—Enganaes-vos senhora, respondeu elle, Ursina já não gosa impune meu sobrinho; quanto a Gil Vasques, podeis crer, que quando digo, que me vingo, não durmo, nem me falta a energia.

D. Leonor sorriu malignamente.

—Sei a que alludís, mas afianço-vos que Ursina está de perfeita saude e Gil Vasques, deve avistar-se hoje com D. Luiza de Gusmão.

Em seguida contou-lhe a scena dos assassinos, que já dos leitores é conhecida e concluiu dizendo:

—Fr. Pedro quiz fazer tudo sem consultar a rainha, enganou-se porque de tudo fui informada.

«Um dos vossos homens é inteiramente meu; e foi elle que tudo me contou.

O frade levou as mãos á cabeça em completo desespero.

—Inferno! maldição sobre todas as cousas! Que dizeis senhora, pois tudo isso é verdade?

—Tão verdade como a luz ser luz.

Fr. Pedro battia com a cabeça nas paredes e arrancava

mãos cheias de cabellos e parecia um demonio, se por acaso o diabo não estava n'elle encarnado.

Saiu do quarto desesperado e para dar livre curso á raiva que o minava foi pensar mais crimes.

A rainha rio do desespero do frade e dirigiu-se para o quarto do rei.

Mestre João Pampilhosa ignorava todos estes planos, e ficou pasmado por terem escapado á sua policia, uma das mais bem montadas que se tem conhecido.

O acaso, ou para melhor dizer a providencia, é que levára Gil Vasques ao templo para de tudo ter conhecimento.

É verdade que João Pampilhosa ouvira a conversa da rainha com o frade, e como não poude ouvir bem tudo o que concluiu foi que mais alguma cousa, se tramava contra D. Maria Telles de Menezes.

O infante D. João estava ausente da côrte havia dias, e não se sabia quando regressava, e o nosso homem propoz-se a tudo vigiar e saber, tanto para satisfação da sua curiosidade, como para salvar a innocencia.

Dois dias depois voltou á côrte o infante, e nunca a rainha tanto se empenhara em obsequial-o! Não havia deferencia que por elle não tivesse, nem vontade que lhe não satisfizesse.

Decorreram porém alguns dias, sem que o menor incidente se manifestasse.

Gil Vasques ia ameudadas vezes a casa do mestre d'Aviz; e ali, em companhia de alguns jovens, passava os dias menos aborrecidos.

Achavam-se todos no paço, quando a rainha pediu uma conferencia a D. João, para o dia seguinte.

O infante accedeu, e no dia e hora aprasados, aguardava a honra da audiencia de sua alteza.

D. Leonor appareceu, audaz e insinuante como sempre e entrou para um gabinete, e D. João estava admirado, porque nunca ella se lhe mostrára tão condescendente. Ficou de pé, mas a rainha mandou-o assentar, porque o seu fim era vencer, o reduto que pretendia anniquilar.

—Principe, disse a rainha, sabeis quanto vos estimo, e por vós desejo fazer e medito de ha muito, no futuro e grandeza que mereceis, pelos vossos talentos e virtudes.

«Ignoro se tem acreditado mil intrigas, que para ahi circulam, que não discuto nem aprecio.

O infante inclinou-se em signal de respeito, e esperou a solução da proposta.

A rainha proseguiu:

—Sabei que luto com serios embaraços, por causa do futuro de minha filha, El-Rei meu esposo, soffre bastante, e eu já não posso esperar um filho varão.

«Atravez d'estas lutas de amor maternal, tenho por muitas vezes pensado em vós, e...

A reticencia foi um calculo para avaliar a impressão, que as suas palavras tinham produzido no infante, que silencioso lhe prestava a maior attenção.

—Podeis proseguir, senhora, para mim já é bastante honroso a deferencia que me dispensaes! Não desejo interromper-vos, continuae.

D. Leonor proseguiu hypocritamente.

—Tenho por muitas vezes chorado sobre o futuro de minha innocente filha, que ainda póde vir a ser a causa de uma guerra civil.

«As leis fundamentaes do paiz são tão confusas... e se El-Rei seu pae, chega a faltar, no estado em que as cousas caminham, receio muito por ella e por mim.

«Ah! quanto pesado é o diadema real! Quantas amarguras traz a purpura que tantos invejam!

«O titulo de rainha é bello, mas com quanto deslumbrante, é cercado de espinhos quando se lhe associa á ternura de mãe a de esposa.

Ninguem melhor se fingia; nem as antigas carpideiras que choravam por dinheiro.

A verdadeira actriz é a que mais naturalmente representa; e sejamos justos dizendo que ninguem, como D. Leonor era mais tragica e excellente comediante...

—Tenho-me pois lembrado de vós! Haveis de ser o futuro esposo de minha filha; e assim, e só assim, se consolidarão os differentes interesses, que militam para o estado e para vós.

D. João ficou admirado! Esperava tudo menos uma similhante proposta e embaraçado como ficou, não atinava com o que devia responder; não se deixou todavia fascinar por tão bella prespectiva e o amor teve mais imperio, de que as ambições.

— Graciosa rainha, ouvi surprezo a vossa proposta, que me lisongea e bastante honra: acceitar, não posso, recusar sem dar a causa, tambem não.

«Comprehendo senhora, toda a extensão da vossa dôr e acompanho-vos nas aprehensões, com quanto as julgue irrealisaveis.

«Honro-me da escolha, e se a não acceito, é pela disproporção das edades e porque me repugna, representar papeis secundarios, embora de grande distincção.

«Amor não consagro á princeza, é apenas uma menina de pouca edade, e em negocios de casamento, não devemos ceder só á cabeça, tambem devemos consultar o coração.

«Acompanhar-vos-hei em todas as vicissitudes e considerai-me um vosso alliado.

D. Leonor, habil no fingimento, teve coragem para não revellar o despeito de que ficára possuida.

Afoguearam-se-lhe as faces e seccou-se-lhe a bocca de raiva, mas tudo foi momentaneo, e o infante nada percebeu.

— Não quero ser impertinente, lhe diz ella, uma rainha não insta mais de uma vez, para que lhe acceitem sua filha; comprehendo em parte a causa do vosso melindre, e sereis vós, que a fareis desapparecer!

A rainha deu força a estas palavras, mas o infante não lhe comprehendeu o sentido.

D. Leonor proseguiu:

— Faço justiça á vossa lealdade e não dispenso tão poderosa alliança.

Estendeu-lhe a mão e levantou-se.

O infante saiu, e não pensou mais n'aquella entrevista; quanto á rainha não se lembrou mais de outra cousa.

João Pampilhosa, dava tudo aos demonios; nada comprehendia, mas andava sempre álerta, e espreitando a todas as portas, seguia os passos da rainha, que teve uma larga conferencia com fr. Pedro.

Nada constára em relação á conferencia da rainha com o infante D. João, e se o infante fôra reservado a rainha tinha-o sido muito mais.

Teriam decorrido quinze dias e João Pampilhosa, não abandonava o seu posto, e nas horas vagas, pavoneava-se

pelos corredores, recebendo mil cortezias pois que realmente, por todos era estimado.

Um dia passeava elle socegado; e viu passar o infante D. João; seguiu-o de perto, e viu que entrava para a camara da rainha.

Estava n'um local aonde podia ouvir tudo; e por detraz de um reposteiro, soube quanto se passou entre ambos.

D. João no fim de uma hora saíu com as feições contrahidas e n'uma agitação febril, que muito se aproximava da loucura. Não andava voava; desappareceu atravez dos corredores e montando a cavallo correu como louco para Lisboa.

Em quanto o infante desapparecia, João Pampilhosa saindo do esconderijo, vinha com as feições demudadas e pallido como um defunto, trazia os cabellos hirsutos e por duas ou tres vezes teve que se encostar á parede para não cair.

O que seria? ter-lhe-ia apparecido algum phantasma? Morreria a rainha? nada, foi peor de que tudo isto e os leitores vão sabel-o.

D. Leonor ao ver entrar o infante, apresentou tanta magoa que o surprehendeu e disse-lhe:

— Que tendes formosa rainha! estaes doente?

— Peor do que isso, principe, quero dar-vos mais uma prova do muito que preso a vossa honra! Estou coberta de luto interiormente, porque o dever luta contra o amor e mais considerações.

O infante passou de uma a outra surpreza, e disse-lhe algumas palavras.

D. Leonor depois de o levar aonde pretendia, descarregou-lhe o golpe fatal e proseguiu.

— Já sei porque recusastes minha filha: sois casado com minha irmã!

O infante ficou aterrado.

— Mas senhora, quem vol-o disse!

— Sei-o, e não é preciso mais nada; tambem sei, com bastante pezar, que é uma ingrata, que não vos ama e...

— O que, senhora, disse elle arrebatado, explicae-vos que me prestaes um grande serviço.

— Sim, é dever meu, eu me explico! Repito, minha irmã é uma ingrata, reparte o amor com dois e deshonra-vos!...

O infante ficou fulminado! A raiva e o ciume produziram n'elle um effeito magnetico!

—Dae-me as provas senhora; as provas para lhe pedir contas.

— Quereis as provas, eil-as.

Apresentou-lhe algumas cartas que D. Maria Telles, lhe escrevera, antes de casar, quando o mandava prevenir das horas em que o podia receber; e que em vez de lhe serem entregues foram parar ás mãos da rainha.

As cartas não tinham sobrescripto, e como não fallavam no infante, prestavam-se á calumnia.

D. João passou-as pelos olhos e mettendo-as na algibeira saiu do quarto de D. Leonor, como os leitores sabem, em quanto que a digna filha de Caim, se entregava ao prazer da vingança.

João Pampilhosa, conforme poude, correu a casa de Gil Vasques e contou-lhe quanto ouvira e presenciára. O mancebo recuou horrorisado, como se uma serpente o mordesse.

— Santo Deus! que monstro, exclamou elle, levando as mãos á cabeça, que apertou convulso, que poderei fazer, em favor da infeliz senhora!

Voltou-se para João Pampilhosa, que não menos afflicto, emudecêra, como não tinha por costume:

—Amigo, vou partir; quero de tudo avisar D. Luiza de Gusmão, pois como sua particular amiga, cumpre-lhe avisal-a das intrigas, que contra ella se urdem.

«Sê na minha ausencia tão diligente como até agora; adeus e não esqueças esta minha recommendação.

Gil Vasques mandou apromptar o cavallo, e em menos de um quarto de hora, corria a todo o galope no caminho de Odivellas.

Seriam quatro horas da tarde, e contava chegar ao mosteiro antes da noite, e depois de ter uma pequena conferencia com D. Luiza, seguir para Coimbra.

Gil Vasques nada via, por tudo passava como se fossem sombras, e entre nuvens de poeira seguia avante desesperado.

Em menos de meia hora estava no convento e o nobre animal escorria em suor; e em quanto um moço o passeiava, battia á portaria; D. Luiza ficou surpreza; e perguntou-lhe com o maior interesse se havia alguma novidade.

O mancebo sem o menor preambulo, contou-lhe a infamia da rainha, tal qual a soubera por João Pampilhosa.

A joven impallideceu e ficou tremula, como se um paroxismo intermitente a tivesse atacado, a luta foi perigosa, e a dôr não podia ser maior; e a não ser uma torrente de lagrimas os effeitos seriam fataes.

Gil Vasques julgou ter sido precipitado e tremeu por aquelle anjo.

—Cavalleiro, disse ella, cumpramos o nosso dever, e deixemos aos preversos o remorso que será o seu maior castigo.

«Salvae D. Maria, còrrei a Coimbra, e contae-lhe tudo; vou escrever-lhe e ao infante, que sempre me attendeu; mas não, apenas escreverei á minha innocente amiga, dizendo-lhe que vos attenda.

D. Luiza escreveu algumas linhas n'um pergaminho, que ligou com um fio de seda, e banhada em lagrimas entregou-o a Gil Vasques.

O mancebo beijou-lhe a mão e montando a cavallo, cravou-lhe as esporas e desappareceu como um relampago.

O nobre animal depois de uma grande carreira a custo resfolgava; mas incitado pela dôr, precipitava-se com mais furor n'um galope vertiginoso. Em menos de tres horas tinha vencido oito leguas; mas teve que abrandar o passo, porque o valente ginete, com quanto descendesse dos filhos do deserto, afrouxava sensivelmente; e de um galope fernetico, passou a um trote largo, e d'este a um passo regular.

Era noite quando chegou a Rio Maior. As povoações ainda se resentiam dos effeitos da guerra; e os campos estavam arrasados, e as casas incendiadas.

Chegou a uma pequena estalagem e mandou procurar um cavallo.

Era meia noute, a lua transparecia atravez de algumas nuvens, que de continuo prepassavam impellidas por um vento borrascoso.

Gil Vasques proseguia frio e melancholico como um espectro. A sua sombra reflectia, ao pallido clarão do luar, e desenhando-se na estrada, desapparecia atravez dos altos sarçaes que a orlavam.

Ninguem o julgaria homem, parecia uma visão phantas-

tica; e com a velocidade da carreira não distinguia os objectos.

Proximo á villa do Pombal, sentiu galopar alguns cavallos que tambem corriam desesperadamente.

Gil Vasques suffocado pela poeira teve que afrouxear o passo; e n'esta occasião viu tres vultos, que passando adiante desappareceram como sombras.

O mancebo teve sérios presentimentos; e para elle foi de fé que D. João era um dos cavalleiros, que tão bruscamente proseguiam na estrada de Coimbra.

Não podia seguil-os de perto, e com o coração magoado, seguiu para o Pombal, aonde chegou eram sete horas da manhã.

Ao entrar n'uma estalagem, constou-lhe que o infante D. João estivera ali; e que ás cinco horas, tomando cavallos, seguira para Coimbra.

Não lhe restava duvida; o infante, cedendo ás intrigas de D. Leonor, dirigia-se para o palacio da infeliz esposa.

Gil Vasques, tambem não se demorou, e metteu pela estrada de Condeixa.

O cançasso physico desapparecera, mas o espirito proseguia preocupado, com as mais dolorosas aprehensões!

Em todos os pontos parecia-lhe ver nodoas de sangue! O vento suprando pelas florestas, parecia-lhe gritos de afflição! O ciciar das arvores, assimilhava-se-lhe ao gemido dos muribundos, e o piar das aves agoureiras ao grito dos condemnados!

Possuido de terriveis idéas tremia horrorisado, e o sangue gellava-se-lhe nas veias!

Sentiu ao longe o tocar dos sinos!

Santo Deus! Era o toque de finados! Aquelle som lugubre e estridente feriu-lhe os ouvidos, e com os cabellos arripiados atravessou a villa de Condeixa, parecendo mais um espectro do que um homem!

Ao atravessar a ponte do Mondego, encontrou tres cavalleiros que á redea solta corriam a bom correr, e eis como se passou, um dos dramas mais terriveis da nossa historia.

O infante D. João alucinado com as palavras da rainha, montou a cavallo e seguiu para Coimbra apenas acompanhado por dois escudeiros.

Ao entrar no gabinete de sua esposa, mandou sair todas as suas damas, e creadas.

O seu gesto era tremendo, e o delirio febril de uma colera concentrada, desenhava-se-lhe no rosto, contraído e demudado.

A malaventurada estremeceu, não obstante a sua innocencia! No entretanto erguendo-se correu para elle de braços abertos, com essa expressão de ternura, que tão bem lhe assentava.

A candidez d'aquella alma poetica, nascida para o amor, teria desarmado um outro braço, que não estivesse armado com o gladio do ciume.

D. Maria foi repellida bruscamente, e um pequeno gemido foi quanto se lhe ouviu.

O infante cruzou os braços e medindo-a com os olhos irados, fel-a tremer até á medula dos ossos.

—Que tendes querido esposo, lhe diz ella com a voz alterada pelos soluços, que mal vos fiz eu, para assim ser tratada! Oh! por piedade, accusa-me, se tens de que, mas sê justo!

—Sois uma vil hypocrita! Não vos quero ouvir uma palavra de justificação, nem para isso aqui vim! Conheceis esta letra, mulher infame! Tremei por que venho fazer justiça á minha honra e não attender aos vossos imbustes!

O infante avançou, em quanto que a desditosa esposa recuava fulminada.

Ouvi e tremei, proseguiu o infante:

—Vós não satisfeita com o divulgar o nosso casamento, entendestes possuir amor de mais para mim, e por isso escolhestes um amante! A vossa condemnação está n'estas cartas, e o castigo na ponta d'esta adaga.

D. Maria ergueu-se com a placidez dos martyres:

—Podeis matar-me, mas nunca por adultera! Esse epitheto não me pertence! Ouvi esposo adorado e depois feri se a tanto vos animardes.

D. João cortou-lhe a palavra e dominado pelo ciume, a nada attendia.

—Callae-vos traidora impudica e adultera consumada! Eis a minha resposta aos vossos imbustes:

Agarrou-a pelos cabellos e puchou com força pela adaga!

D. Maria não tremeu, nem deu uma palavra! Era o sacrificio de uma santa e a gloria do martyrio!

O ferro humicida, fulgiu e foi mergulhar no seio da infeliz dama!

O sangue esguichou, e foi tingir as paredes!

D. Maria dubrou os joelhos, oscilou e caiu, dando um gemido abafado!

D. João recuou horrorisado! Tinha os olhos envidraçados e ingetados de sangue, e os cabellos arripiados! Era a photographia do anjo das trevas!

Não pôde supportar mais tempo a presença da martyr, que pallida e com os olhos cerrados, se esturcia entre horriveis convulsões!

Em breve o estertor da morte o dispertou, da especie de letargo em que ficára.

Horrorisado de si mesmo correu como louco pelos corredores, montou a cavallo e desappareceu, como o condemnado ante a justiça de Deus...

Marianna, a infeliz Marianna, sua aia dilecta, velara a porta de sua senhora! O respeito devido ao infante, obstara-lhe a aproximar-se, mas logo que o viu sair, correu como louca ao quarto de sua ama; e os seus gritos despertaram os servos, que correram de trupel!

Todos choraram lagrimas de sangue e todos soffreram a intensa dôr do desespero.

O ferro ainda se achava cravado no seio da victima e ninguem se animava a tiral-o por que não havia coragem para tanto!

No meio de tão grande afflição e de tanto chorar, um mancebo se apresentou.

Com o facto em desalinho, e as faces pallidas parecia um espectro! Ao entrar recuou. e bradou afflicto:

—Já vim tarde! Infeliz senhora!

«Martyr do amor e da traição, tiveste a morte que teus inimigos mereciam.

O mancebo esturceu as mãos e arrancou os cabellos, e as lagrimas rolaram-lhe pelas faces.

Depois de alguns momentos, avançou com respeito religioso e ajoelhou junto ao cadaver! Agarrou-lhe n'uma das mãos e osculou-a respeitoso.

Mas a dôr tomou uma nova phase: ergueu-se altivo, e o

soffrimento era maior agora, porque deixára de ser representado pelo desespero:

É sobre o sangue da innocencia, que juro á face de Deus e dos homens, vingar este barbaro assassinato! Ouvi-me senhora! Crêde, assim vol-o juro! Oh! sereis vingada.

D. Maria Telles de Menezes, ainda não era cadaver! Aquella alma, pareceu reanimar-se, ergueu um pouco a cabeça e todos recuaram espavoridos, menos Gil Vasques que caiu de joelhos.

Era um quadro sublime! D. Maria entre abriu os olhos e fazendo um exforço sobre humano balbuciou:

—Não! Perdoa-lhe, que eu tambem já lhe perdoei! Lá, junto ao throno de Deus, todos seremos julgados e...

Não poude continuar! Uma golfada de sangue lhe cortou a ultima palavra, fez uma pequena contracção e deixou de existir.

Gil Vasques ficou frio e silencioso! Mais de vinte pessoas estavam presentes, mas o silencio era sepulchral!

Nada mais lhe restava a fazer! Puchou de um lenço, insupou-o no sangue, e mettendo-o entre a armadura levantou-se, depois de lhe beijar a mão pela ultima vez!

No dia seguinte os sinos dobravam e faziam-se as ezequias de D. Maria Telles de Menezes, morta por seu esposo.

D. Leonor oito dias depois, pedia em altos gritos justiça para sua irmã assassinada pelo infante, que teve de fugir para Hespanha, e foi quando conheceu, que fôra alvo de uma intriga infame, mas já era tarde.

IX

O veu da rainha

A morte de D. Maria Telles causou geral admiração, e todos deploraram o seu fatal destino; mas os acontecimentos foram tantos que em breve foi esquecida, como tudo embora seja da mais alta consideração.

O tempo é egoista e não pára a contemplar os factos, caminha e salta por cima das cousas e pessoas.

Tudo diante d'elle desapparece! Os edificios derrocam-se, as cidades perdem o nome e os imperios são esquecidos.

A morte de D. Maria Telles, fôra alvo de todas as conversações; e todos teciam elogios ás suas virtudes, sustentando que poucas mulheres havia tão formosas, e de tanta virtude. Mas como se havia de cumprir, mais uma vez, o grande axioma, de que o tempo tudo gasta, D. Maria Tellès foi olvidada.

Os acontecimentos politicos seguiam, e no estado em que Portugal se achava, não tinha tempo, para se occupar da morte de uma mulher e D. Fernando cançado da paz, que os povos disfructavam, concluiu o tratado com a Inglaterra e as hostilidades principiaram.

João Fernandes Andeiro, era um habil politico; e a prova está na maneira por que conduziu as negociações n'aquelle paiz; mas a guerra era uma calamidade, embora se fizesse n'um paiz estranho.

D. Fernando entregue aos sonhos idylios da sua imaginação, dedicava-se aos prazeres nos braços da rainha, que cada vez mais loucamente amava.

Contando como infalivel a alliança com a Inglaterra, julgava na sua phantasia, que soara a hora de entrar triumphante em Castella, e dispôr dos destinos d'aquelle paiz!

Para elle era de fé, que d'esta vez se assentaria no throno do seu rival; quanto a D. João I de Castella, mais prudente e acisado tudo via e prevenia.

A rainha D. Leonor, suspirava pelo regresso de Andeiro, que amava com paixão delirante.

Altos planos concebera aquella cabeça audaciosa! Rasgadas eram as ambições d'aquella alma, só grande nas cousas mais condemnaveis; tudo D. Leonor conseguiria, e seus sonhos teriam tocado os limites da realidade, a não ter tropeçado no joven mestre d'Aviz, que a fez recuar até ao convento de Turdesillas onde morreu.

Ninguem como ella o conhecia, e por isso tratou de o mandar estrangular, como mais adiante se verá.

A guerra principiava com furor de parte a parte, e Gil Vasques desejou levantar gente a seu soldo; mas reconhecendo as difficuldades, foi alistar-se sob o pendão de um principe portuguêz.

Dirigiu-se a casa do mestre d'Aviz, e pediu-lhe um logar entre os seus cavalleiros.

Emquanto o não vemos com o infante, voltemos áquem d'estes acontecimentos, contando aos leitores, a maneira por que D. Luiza de Gusmão se houve, ao saber da morte da infeliz D. Maria Telles.

Gil Vasques, com a cabeça inteiramente perdida, saíra d'aquella mansão de morte, aonde a mais terrivel verdede, lhe apontou o que valem as cousas do mundo; e com o coração cruciado pela dôr, atravessou os vastos corredores do palacio, inteiramente desertos.

Ao chegar ao pateo, viu o seu cavallo estendido no chão. O pobre animal arrebentára de cançasso; resignou-se e resolveu caminhar a pé.

Desfallecido pela dôr e falto de alimento, assentou-se n'um poyal, junto de uma grade.

Não podemos dizer o tempo que ali se conservou; e n'esta especie de lethargo permaneceria mais tempo, a não ser despertado por um arruido, que vinha do lado da porta.

Acordou, e o piar das aves nocturnas fel-o estremecer! Os môchos impoleirados sobre os telhados, gritavam com essa lugubre melancholia, que a todos sensibilisa.

O luar reflectia a custo atravez da densidade das nuvens, e Gil Vasques sentiu arrepiarem-se-lhe as carnes, e uma dor moral, que se não era precursora da morte, era de uma grande doença.

Olhou para as janellas, e differençou a claridade da luz, que transparecia pelos vidros.

Um sentimento piedoso o fez ajoelhar e orar fervorosamente, pelo repouso eterno de D. Maria Telles.

O rumor que elle sentira era n'uma cavallariça, e como não tinha cavallo, montou no primeiro que achou, e sem olhar para traz, atravessou o pateo rapidamente.

Tres dias depois batia á porta do convento de Odivellas, e, junto á grade, D. Luiza de Gusmão, lavada em lagrimas, recebia a triste noticia do desgraçado fim da sua amiga.

A donzella chorou e chorou muito, e as lagrimas eram indispensaveis, para neutralisarem a dôr, mas o pranto redobrou, ao receber o lenço ensopado no sangue d'aquella, que amára como irmã.

D. Luiza tinha um grande coração; Gil Vasques tentava animal-a, mas para os grandes dissabores não bastam palavras.

É preciso mais, e muito mais.

Coragem, resignação e tempo, são pelo menos as condições essenciaes que se lhe podem antepôr.

No dia seguinte Gil Vasques apeando-se á porta do mestre d'Aviz, informava-o de tudo; deitou-se ás sete horas da noite e só se levantou um mez depois, no fim de uma perigosa doença.

Já informámos os leitores, do que nos cumpria dizer, sobre um assumpto, que pertencia ao capitulo antecedente, e agora vejamos o que Gil Vasques faz em casa do grão mestre, tres mezes depois.

São seis horas da manhã, Gil Vasques entrou por todas as salas, como se fôra de casa; e a primeira pessoa que viu foi João Pampilhosa, que com mil truanices a todos fazia rir!

O barbeiro de sua alteza sentira, quanto lhe era possivel, a morte da sua protegida, como chamava a D. Maria Telles; mas aquella imaginação balofa, não podia occupar-se por muito tempo de cousas tristes: era uma alma folgasã, que, se não nascêra para rir, viera ao mundo para não chorar.

João Pampilhosa, ao vêr entrar Gil Vasques, fez duas ou tres piruetas dando ao mesmo tempo estalos com a lingua.

—Que temos, nobre cavalleiro, sempre triste e namorado? Como vae sua alteza, o muito poderoso D. Fernando, que Deus guarde por muitos annos, dando-lhe mais algum juizo?

Gil Vasques não lhe respondeu, e continuou para o quarto do infante.

O quarto do mestre d'Aviz era um pequeno arsenal, e em todas as paredes se viam armas de differentes usos e feitios.

Junto a um largo bofete, assentado em cadeira de espalda estava D. João, tratando de cousas da guerra com alguns nobres cavalleiros.

Gil Vasques parou entre portas, até o mestre mandal-o entrar.

—Sê bem vindo, cavalleiro, lhe diz elle, bofé, senhor,

estavamos todos tratando de negocios bastante serios e todos fallavamos na guerra em que nos vamos lançar, e...

O mestre d'Aviz, fez uma pequena reticencia, que sendo por Gil Vasques mal interpretada, respondeu socegado, mas no tom que revella o despeito:

—Podeis continuar, senhor, não seria tão imprudente que fosse tomar parte n'um assumpto, para que não fôra convidado; nunca ouço senão o que quero, e só respondo ao que não me desagrada.

«Se estou de mais, retiro-me, se assim fôr da vossa vontade.

Gil Vasques, ao concluir, não pôde encobrir o sentimento que o dominava.

Aquelle caracter altivo e independente, estava sempre n'um plano inclinado, toda a vez que se tratava de reagir ou coagir uma vontade poderosa.

—Mas quem vos falla em sair, ou vos julga aqui de mais?

«O filho de D. Pedro, se apenas é nobre pelo pae, o sangue que d'elle herdou é o sufficiente para se conservar na altura em que se deve manter.

«Ninguem está aqui de mais; os que me rodeam são meus amigos, e aquelles que o não forem, podem declaral-o e sair, porque muito me satisfaz, se assim o fizerem.

«Sois de uma susceptibilidade nervosa, que se não vos encommoda, crêde, que para quem vos ouve, é bastante desagradavel.

As palavras do joven mestre d'Aviz, não foram repassadas d'essa dispotica altivez, que distingue os caracteres violentos: tinham apenas a energia de uma alma, facil em se offender.

Gil Vasques conheceu ter sido demasiadamente melindroso e respondeu:

—Perdão, senhor, não tive idéa de vos offender, nem de duvidar da vossa bondade; mas ha segredos, que reserval-os é uma virtude, e denuncial-os um crime, e n'esta hypothe-se não serei eu a perguntar, nem vós a responder.

—Agrada-me a vossa resposta, comquanto não me satisfaça; mas deixemos as questões para os homens de letras. nós, os homens de espada, temos outro systema de argumentar, que se é menos logico é muito mais persuasivo.

«Que me dizeis a respeito da guerra? Em que altura vão os acostamentos por essas villas e cidades?

«El-Rei dignou-se mandar-me ao Alemtejo levantar homens e cavallos: quereis acompanhar-me?

—Dizer-se a um cavalleiro, se quer ir á guerra, corresponde a perguntar á velha dona se quer deitar-se, e ao menino divertir-se, se me não convidasseis, vinha pedir-vos um logar entre os vossos cavalleiros, e aonde poderei ir melhor?

«Quem ha para ahi, como o mestre d'Aviz, que reuna a bravura á prudencia, e esta a um caracter justo e imparcial?

«Nunca fui lisongeiro, não vos julgueis novo para commandar exercitos: Annibal e Alexandre na vossa idade, já eram grandes capitães.

—Bravo, respondeu o infante, gosto dos cavalleiros que bem sabem a historia, e melhor como se dão e recebem boas cutiladas.

«Está dito, cavalleiro, em tres dias estaremos no Alemtejo, e com a ajuda de Deus, nos pontos fronteiros, se para tanto El-Rei meu irmão nos der instrucções.

«Senhores, proseguiu o infante, levantando-se, ámanhã ás sete horas da manhã aqui nos reuniremos todos para marcharmos, e Deus salve Portugal.

Todos se levantaram e um quarto de hora depois o mestre d'Aviz, entregue a um profundo meditar, passeiava no quarto inteiramente só.

Que pensamentos o assaltavam? Nutriria por ventura já esses planos audaciosos e concisos que levaram o filho de Thereza Galicina, ou Maria Pinheira, como querem alguns auctores, ao throno de Affonso?

Não o sabemos, mas o que podemos deprehender, é que, as ambições do mestre d'Aviz, não foram apenas filhas da occasião.

O desejo de reinar, era de ha muito por elle alimentado.

E que differença haverá entre o mestre d'Aviz e Affonso, filho de Henrique?

A ligitimidade do nascimento de um, e a bastardia do outro?

E que valor teem esses preconceitos do mundo em face

de uma grande alma, que em nada cedia á do vencedor de Ourique?

Affonso fundou uma monarchia entre myriades de victimas, o mestre d'Aviz levantou-a do pó das ruinas, a que estava reduzida.

Affonso ganhou dezenas de batalhas para fundar um throno, e D. João não lhe foi preciso ganhar menos para o libertar.

Um teve que triumphar de Lyão e das hostes agarenas, o outro que obrigar Castella a pedir a paz.

E quando os inimigos de Portugal tinham desapparecido, foi ás costas d'Africa batter ás portas de Ceuta.

Ceuta deu livre entrada, para esse campo de gloria, aonde os portuguezes se immortalisaram, em mais de mil feitos honrosos.

Emquanto, pois, o mestre d'Aviz passeia no seu quarto vejamos o que faz um personagem importantissimo, e que muito tem figurado n'esta nossa historia.

Os leitores estarão lembrados de um celebre Lourencinho, carniceiro, estabelecido na rua Nova, e que na tomada de Lisboa, pelas tropas castelhanas, commandadas pelo rei D. Henrique, fez importantes serviços á boa causa, não obstante a sua tendencia para ladrão.

É pois preciso tomar maior conhecimento com este personagem, que deixámos em Lisboa, entregue ao fervor patriotico de que Deus o dotára.

Lourencinho era um tonante vadio, cheio de todos os vicios e tinha só uma unica virtude: amava a liberdade do seu paiz, como um louco, e se fazia alguma das suas travessuras, pedia devotamente a Deus, que quando tivesse de ser enforcado, fosse por um carrasco portuguez.

E seria pena que aquelle patriotico gasnete, tivesse de ser profanado pelas sacrilegas mãos de um carrasco castelhano.

Lourencinho acostumara-se á vadiagem, e nada o fazia trabalhar.

Em sendo castelhano, ou affecto ao governo d'aquelle paiz, contasse com a sua protecção; e se não o aviava, deixava-lhe a vida por bem preço.

Á frente de um punhado de vadios e bandoleiros, não só impunha as suas contribuições fóra da capital, como até mesmo na cidade.

Este homem perigoso, era todavia incapaz de atraiçoar ou assassinar um homem que tivesse combattido contra Castella, a prò da sua patria.

Já os leitores sabem quanto elle valia, moral e materialmente fallando.

N'uma cella do convento dos Carmelitas, aonde as commodidades eram manifestas, se achava um frade, que apenas terá cincoenta e dois annos.

A sua physionomia é agradavel e até sympathica, e com os cotevellos sobre um bofete, parecia meditar.

Estará estudando, ou recordando alguma humilia?

Meditará n'algum dos pontos mais difficeis da escriptura?

Entregar-se-ha aos pensamentos que nos elevam até Deus, pelo muito que admiramos as suas obras?

Nada, não senhores, o frade que apresentamos aos leitores, é fr. Pedro, e como tal incapaz de se entregar a um pensamento nobre, ou a uma idéa virtuosa.

Fr. Pedro pensava na melhor maneira de tirar a vida a um seu similhante, e combinando as idéas, meditava a melhor fórma de resolver o negocio.

Permaneceu silencioso por algum tempo, até que um leigo se apresentou dizendo-lhe que um homem do povo lhe desejava fallar.

O insulto não podia ser mais pungente para a classe popular, porque o tal homem do povo, era nada menos que um assassino, digno consocio dos frades devassos.

Fr. Pedro mandou-o entrar; e um homem com perto de quarenta annos, alto, e espadaudo, entrou sem a menor cerimonia.

O trajo d'este personagem estava em harmonia com a sua physionomia patibular.

Um chapeu de abas largas, umas botinas de pelle de carneiro, bragas de borel e uma especie de redingote da mesma fazenda, completavam o seu vestuario.

Uma larga espada lhe pendia ao lado, e no cinto trazia uma adaga de tão grandes dimensões, que a todos tirava o desejo de ter questões com elle.

Fr. Pedro pareceu não se intimidar com o gesto carrancudo do recemchegado, que depois de se assentar commodamente, é que lhe perguntou o que pretendia d'elle.

Fr. Pedro, tossiu duas ou trez vezes e principiou com voz assucarada:

—Meu filho, preciso do teu braço, da tua coragem e da tua dedicação.

O homem fez uma careta e cortou-lhe o discurso:

—Já não vamos bem senhor frade, principio por lhe dizer que o não reconheço por meu pae, para me chamar seu filho.

«Nunca desejei ser filho de frade, e se o fôra, o pae não seria melhor de que eu. Vamos ao negocio, se é cousa de dinheiro, ou contra algum castelhano.

Fr. Pedro teve o bom senso de se não zangar e proseguiu com gesto risonho:

—Será como quizeres; vou propor-te um negocio no qual ganharás muito dinheiro:

«Conheces Gil Vasques, um cavalleiro de fortuna, que tem feito para ahi muitas desordens?

—Não conheço, respondeu elle, mas que se pretende d'esse homem?

—Que se pretende, meu filho?

O homem fez uma careta, e fr. Pedro um gesto de impaciencia, e proseguiu hypocritamente:

—Valha-me a Virgem Santissima, eu te digo, esse homem é perigoso e o rei deseja que... sim, não sei se me percebes, o rei quer que elle deixe de existir, entendes...

Lourencinho, pois era elle, não era passaro que se deixasse apanhar; seguiu attentamente o arrasoado do frade e respondeu-lhe:

—Pois sua alteza não tem carrascos, nem meirinhos e sayões?

«Precisa por ventura que um estranho o desembarace dos seus inimigos?

«Oh frade! eu não mato por conta do rei, porque elle tem boas cordas de canave e bella madeira para forcas, e á falta de carrascos, julgo que na ordem dos carmelitas encontraria cousa do seu agrado, e que diz a isto?

Fr. Pedro engoliu a pilula em secco, e fez-se vermelho como uma malagueta, e respondeu com azedume:

—Eu não te mandei chamar para ser insultado, foi para te dar dinheiro a ganhar.

«O rei tem tudo isso, é verdade, mas que póde elle fa-

zer contra um preverso traidor á sua patria, que dispõe de mais influencia no Alemtejo, de que o proprio mestre d'Aviz?

«Não sabes que qualidade de homem é: é um demonio que não tem crenças nem fé.

Lourencinho ainda não ficou de todo convencido, e respondeu:

—Que me importa a mim que o homem não tenha crenças nem fé? Se elle não é castelhano, nem seu partidario, o rei que se desaffronte, porque eu não sou carrasco de sua alteza, e demais como elle não é rico...

—Enganas-te, meu amigo, lhe disse o frade, rico não é, lá isso é verdade, e castelhano tambem não, mas é peor que tudo isso. É um traidor, que se alistou na bandeira do senhor mestre d'Aviz, para lhe entortar todos os seus mais bellos planos.

«E agora ainda vacillas?

O Lourencinho abriu os olhos e fez uma contracção tão medonha, que o frade, que tanto tinha de malvado como de covarde, recuou cheio de medo.

O Lourencinho deu uma forte punhada no bufete e exclamou:

—Pelas tripas de Barrabaz e pelos chavelhos de Belzebuth, se esse maldito cavalleiro é um traidor á sua patria e amigo dos castelhanos, que morra como covarde, mas nunca como homem independente.

«Póde ter a certeza que heide inforcal-o logo que para isso tenha occasião.

O frade não gostou do plano, porque sabia que Gil Vasques não era homem que se deixasse apanhar.

—Não, homem, lhe diz elle, assim não vaes bem, esse tal Gil Vasques, é um dos maiores valentões que conheço; não é homem para lhe fazeres isso. Olha, atende-me bem: e se tens a força physica, eu tenho melhor cabeça.

«Tu vaes alistar-te na hoste do mestre d'Aviz, que em oito dias deve marchar para o Alemtejo, e no primeiro recontro que tiveres com os castelhanos, avias o traidor.

—Não me agrada nem me desagrada o conselho.

«Á traição não o mato, porque não costumo ferir ninguem pelas costas; pois olhe que tenho aviado um bom par d'elles, o ultimo foi um frade, que me pareceu não ser melhor creatura de que vossa reverendissima; mas assim mes-

mo convenciu-o da justiça do castigo, e só morreu depois de fazer o acto de contricção.

Fr. Pedro impallideceu, ao ouvir as palavras de Lourencinho, porque o gesto que elle fez foi significativo, e o frade tremeu como um vime.

—Pois tu pozeste mãos sacrilegas n'um ungido do senhor! Das outras mortes te absolvo eu desde já, mas da de um santo religioso, nunca! Oh! o inferno é a tua paratilha.

—Não tem duvida, lhe respondeu elle, do peccado de que não me absolve, já eu me absolvi, e se o inferno é a minha partilha, quando fôr para entrar, creia que hei de já lá encontrar muitos frades em carne e osso, como andam cá por este mundo.

Fr. Pedro não gostou e levantou-se dizendo:

—Com que então, ficamos combinados.

—Sim senhor, e o homem considere-o morto; se não fosse traidor, não me importava com isso, tendo tanto como eu, mas aos amigos dos castelhanos não perdou-o.

Ao dizer isto estendeu a mão, como quem esperava alguma cousa.

—Que pretendes, homem?

—Dinheiro!

—Dinheiro!? Não costumo pagar adiantado.

—Pois se não costuma pagar adiantado, eu tenho por habito não trabalhar sem me pagarem primeiro.

—Então quanto queres?

—Pouca cousa! Contento-me com umas mil dobras, e não é muito.

—Para que queres tanto dinheiro?

—Não é para o arrecadar; é para gastar.

—E que pretendes fazer com elle?

Lourencinho fez uma careta.

—Mau, que já é perguntar muito! Vá lá, quem dá o seu dinheiro, é justo que pergunte alguma cousa.

«O mestre d'Aviz é um impertinente em questões de honra e se me vê com este arranjo, cheira-lhe logo a salteador, e em vez de me dar logar entre os seus homens de armas, mette-me entre dois alvasiz e manda-me de presente ao carrasco.

«Preciso, pois de dinheiro para me vestir melhor e

apresentar-me como qualquer honesto cavalleiro, que sabe jogar as armas e montar a cavallo.

Fr. Pedro se não ficou convencido, deu-se por vencido.

«É justo o teu pedido, e abrindo uma das gavetas do bofete tirou dous cartuchos de ouro.

«Pega, aqui tens; isto não é nada, em vista do que receberás se o traidor morrer.

—Por duas vezes não morre elle, com certeza, disse o bandido, arrecadando o dinheiro soffregamente.

«Agora vou tratar de me arranjar, e em tres dias estou ao serviço do senhor mestre d'Aviz.

Cumprimentou o frade e saiu, deixando a vibora tonsurada bastante contente pelo bom negocio que fizera.

A guerra principiara, e de parte a parte os partidos belligerantes tudo punham a ferro e a fogo, como n'aquelles tempos era costume, e hoje tambem; um conselho teve logar nos paços de Xabregas, para se tomarem medidas energicas, contra as forças de Castella, que por todos os lados nos invadiam.

D. Leonor desesperada com a ausencia de Andeiro, desafogava sobre o infeliz monarcha, todo o fel d'aquella alma ulcerada pela ausencia do homem, que constituia toda a ventura do seu coração.

Accusava o rei de todas as desditas que pesavam sobre o paiz, e arguia-o de inepto e incapaz de gerir os altos negocios do estado.

D. Fernando, ignorando as causas do desabrimento da rainha, attribuia-as ao louvavel zelo que lhe mereciam os interesses do povo, e soffria paciente os seus ditos sarcasticos, na hypothese de serem fundados em principios justos.

Se D. Leonor tivesse junto a si Andeiro, não só lhe seriam indifferentes, como até augmentaria os dissabores dos povos, se tanto lhe fosse preciso.

O duque de Lencastre e o conde de Cambrige, não apressavam a expedição, que deveria conduzir o monarcha portuguez á terra da permissão, e a guerra proseguia desastrosa; e tanto pelo sul, como pelo norte, o facho incendiario da guerra, aqui reduzia a cinzas uma aldeia, acolá uma villa e mais além os campos, que constituiam a riqueza de muitas familias.

Tal era o doloroso estado de Portugal, quando D. Fer-

nando convocou o grande conselho. Os alvitres foram muitos e as opiniões variadas, mas no que todos concordaram é que Portugal caia irremissivelmente n'um abysmo, se de prompto não lhe acudissem.

Foi pois resolvido levantar gente e guarnecer as praças fronteiras, antes que o inimigo invadisse o paiz com maiores forças.

Foram nomeados os fidalgos mais illustres e experimentados nas cousas da guerra. Ao mestre d'Aviz, joven das maiores esperanças, foi-lhe destinado marchar para Olivença; ao conde Alvaro Peres de Castro, para Elvas, para Portalegre, o prior do Crato; D. Gonçalo Fernandes marchou para Beja, e para Villa Viçosa o conde Fernando Gonçalves.

Todos receberam, como instrucção especial, levantar o maior numero de tropas para defeza da fronteira.

O mestre d'Aviz recebeu a noticia official, tres dias depois do conselho, mas sabia tudo, pelo nosso commum amigo João Pampilhosa, um dos melhores apparelhos acusticos de que ha conhecimento; tudo via e ouvia, e se não era a providencia era a sua sombra encarnada.

No gabinete da rainha tudo se soubera, porque entre ella e fr. Pedro houve grande discussão, sobre se convinha dar ao mestre d'Aviz o importante commando das forças, que deviam operar áquem e além do Caia.

O mestre d'Aviz ao receber a carta regia, reunio os seus amigos, não só para o acompanharem, como para lhes participar a honra que sua alteza lhe fizera, e foi n'este acto que Gil Vasques os encontrou, como os leitores sabem.

Dois dias depois o mestre d'Aviz, seguido de um luzido corpo de cavalleiros, partia para o Alemtejo. Um troço de cento e vinte homens de armas o acompanhava, e um entre todos se distinguia, e o infante simpathisando com as suas maneiras desembaraçadas e fisionomia marcial, deralhe o logar de almocadem. Quem seria?

Era Lourencinho que os leitores conhecem desde o começo d'esta historia.

A marcha do infante foi apressada e apenas se demorava nas terras, o tempo necessario e proseguia ávante, por que de urgencia, era a sua presença na fronteira.

Gil Vasques tomára na hoste do infante o logar de um simples cavalleiro; e na vespera da partida, lá foi até Odi-

vellas despedir-se d'aquella que constituia a sua unica ventura.

Ali junto ás grades de um convento, tendo apenas Deus por testemunha, lhe ouvio os seus protestos de amor.

—Cavalleiro, ides para a guerra; oxalá que Deus vele por vós e vos salve dos perigos a que vos ides expôr, e que a gloria dos combates, não vos faça esquecer, a pobre recolhida de Odivellas; assim o creio e espero.

Não é o ciume ou a desconfiança que constituem o amor, triturar não é a divisa dos que amam, é o systema dos que opprimem.

Confunde-se muitas vezes o amor, com as pretenções das almas, que nada comprehendem, além de um certo numero de principios, que as tornam rediculas; mas eu que não vejo as coisas através de um prisma similhante, declaro-vos, que nunca me passou pela idéa uma deslealdade da vossa parte.

—Senhora, não sei muitas vezes, como vos possa qualificar; sois anjo ou mulher?

—Mulher, respondeu a joven: mulher para vos amar, e o anjo que por vezes em mim vêdes, é a vossa bondade, que me julga, não pelo que sou, mas sim pelo que desejo ser.

—Oh! perdão, senhora, permitti, que vos diga, que vos avalio, pelo que realmente sois.

«Atravez dos perigos da guerra, ahi me apparecerá esse rosto formoso como o ideal da formosura.

No centro dos combates, quando a mente desvairada se transpõe além dos abysmos da morte, quando entre o tropear dos corseis e turbilhões de poeira, se levanta a mão extreminadora do genio da guerra, ahi na mais alta penumbra, que o amor póde comprehender eu vos verei sorrir, como um anjo de paz.

«Ah! e quem me déra formosa donzella, poder dizer-te quanto sente e experimenta este coração? Se muito tenho dito, mais te desejava dizer, com essa convicção de verdade, que se verdade a não inspira, a verdade não existiria no mundo, nem em nenhum acto da vida. Mas justiça me fazes tu, e ao amor que te consagro.

D. Luiza era mulher e amava muito; arrebatada pelas expressões de Gil Vasques, sentiu um delirio febril, que a

teria talvez conduzido á vergonha, se o mancebo fosse um seductor, e são estes os momentos mais criticos para as jovens inexperientes.

São d'estes sinceros arrebatamentos, filhos da organisação, e das tendencias naturaes de um para outro amor, que a perversão usa e abusa e são d'elles que o crime surge.

D. Luiza recobrou toda a presença de espirito que lhe era habitual, e quanto ao mancebo, nunca lhe passou pela idéa manchar uma flôr, que mais tarde devia colher no eden da poesia.

Mas a joven necessitava de uma expansão, que neutralisasse o fogo que a dominava.

—Cavalleiro, sois livre como o ar, nada vos prende e a mim tambem não; ouvi o que vos digo: dez annos de amor são de mais para experiencia, e confesso-vos que estou aborrecida de viver n'um convento.

«A vida do claustro não é para mim, e com franqueza, meu amigo, aqui é aonde menos se serve a Deus.

«Não julgues que no seio de um mosteiro reina a paz e a humildade, não, é a experiencia que m'o tem mostrado.

«Aqui reina a intriga e a inveja! o vicio tambem tem o seu imperio; e mais teria, a não ser a virtude de algumas madres.

«Cançada de tanta hypocrisia, senhora da minha fortuna e pessoa, finda que seja a guerra, vinde buscar a este mosteiro D. Luiza de Gusmão, se ainda a quereis para esposa.

«Eis a minha vontade, porque não sei repudiar o que desejo.

«D. Lourenço, arcebispo de Braga, a quem já consultei, offereceu-me asylo na sua diocese, e lá póde elle mais do que a rainha. Arranjae tudo, pois mesmo n'esta igreja desejo ser recebida.

Gil Vasques não estava preparado para tanto, ficou preplexo e duvidou dos seus ouvidos; mas a donzella estendia-lhe meigamente a mão, e da realidade não é permittido duvidar.

—Senhora, ha ventnras, que são grandes de mais para uma só alma, sejamos para sempre uma só pessoa e uma só vontade.

«D. Luiza o amor é um sentimento nobre; não póde aconselhar a covardia. Deus velará por vós, e vós rogareis

a elle por mim; adeus senhora, em tres dias estarei em campanha e depois de ter ajudado a salvar a patria, virei aqui, junto a estas grades, assegurar a minha ventura. Bastante me custa esta separação e luto entre o amor e o dever, mas este que prevaleça contra aquelle e Deus fará o resto.

«Sim, primeiro a patria e o rei. Exigir de mais é não obter nada, sacrificar tudo a mim, seria egoismo, e estes defeitos nunca justificam o amor; já supportei maior ausencia, quando andastes n'essas terras de alem mar. Adeus; animo e dedicação.

A joven apertou-lhe a mão e retirou-se para incobrir as lagrimas que a suffocavam e o mancebo montou a cavallo e só parou á porta do mestre d'Aviz, aonde se achava hospedado.

Tres dias depois absorto n'estas gratas recordações, caminhava acompanhando o mestre d'Aviz, que á frente dos seus cavalleiros e homens de armas seguia na direcção da fronteira.

As marchas no Alemtejo foram sempre penosas, pela muita falta de agua; era verão e caminhavam de noite por causa do calor.

Gil Vasques contemplava aquelle punhado de homens, muitos dos quaes, não tornariam a ver suas esposas, filhos e mais parentes.

A columna proseguiu atravez dos extensos sarçaes, que ainda hoje orlam as estradas d'aquella provincia, com quanto em muito menor escala.

O lampejar dos cascos de ferro, ao brilho do luar, o relusir das armaduras, e o fluctuar das plumas, que das simeiras caiam, produziam um effeito, que se não era inteiramente loução, éra extremamente marcial.

A columna desenvolvia um aspecto imponente: e mais de trezentos homens de armas, seis bésterias, de cem homens cada uma, e uns sessenta e tantos cavalleiros, completavam o numero das tropas, que marchavam sob as ordens do infante.

No fim de quatro dias de marcha, entraram em Olivença, aonde havía grande consternação, por constar que o grão mestre de Calatrava, á frente de um lusido corpo de tropas marchava sobre a praça.

O infante reuniu conselho, e todos foram de parecer,

que melhor seria esperar, dentro dos muros, que arriscar tudo em campo aberto.

Os dias decorreram e os castelhanos não appareciam. Gil Vasques notára, que o almocadem dos homens de armas do infante, o seguia por toda a parte, mas não fazia caso.

Lourencinho, pela sua parte trazia a idéa fisgada, e convencido que Gil Vasques era um traidor, só esperava pela primeira occasião, para lhe cravar um venabulo no coração e cortar-lhe o pescoço.

Achavam-se havia mais de quinze dias em Olivença sem que os castelhanos apparecessem.

As esculcas e vigias corriam a campanha sem nada avistarem.

Um dia as sentinellas que vigiavam nos cubellos, deram parte, de que um troço de cavalleiros avançava a grande trote, que tinham feito alto, e destacado um piquete para uma imminencia que ficava a curta distancia; e que momentos depois, tendo outra vez reunido tinham cortado sobre a esquerda.

O reconhecimento era necessario, e o infante ordenou a Gil Vasques que tomasse cincoenta homens de armas, e fosse reconhecer o inimigo.

Dez minutos depois corria a trote largo na direcção, que os castelhanos tomaram.

Entre os homens de armas, ia o nosso Lourencinho; habil no jogo de todas as armas, ninguem como elle atirava tão bem um dardo, nem arremessava uma lança.

Os portuguezes andaram mais de uma legua sem avistarem o inimigo, e como não dessem por elle, voltaram sobre a direita na direcção da praça.

Gil Vasques ia na frente, e assim caminharam um quarto de hora, até que o Lourencinho, receando perder tempo, voltou as redeas ao cavallo, e tomou a galope por uma estreita asinhaga, e foi esperar a cavalgada, entre os altos montes que ficavam mais adiante.

A força caminhava a passo e tinha vencido a encosta de um serro, deixando á esquerda os campos cobertos de verdura.

A espessura do asinhal, roubou-lhe a vista de tão bello panorama, e ainda não teriam dado trezentos passos, quando

um dardo expedido por mão certeira e vigorosa, foi cravar-se na armadura de Gil Vasques, que oscillando agarrou-se ao pescoço do cavallo e ficou sem sentidos.

Os soldados deram um brado de indignação; e correram em differentes direcções; mas o assassino escapara-se; e como não viram o Lourencinho, suspeitaram d'elle.

Collocaram o cavalleiro sobre duas lanças e n'este estado o conduziram até á praça.

O mestre d'Aviz jurou vingança, mas ninguem ao certo sabia quem era o criminoso.

Gil Vasques não morrera; a finura do arnez, salvara-lhe a vida, porque o dardo entrára apenas uma polgada, mas a ferida era grave e demandava uma longa convalescença.

Era alta noite quando Lourencinho se apresentou ao mestre d'Aviz.

—Senhor, lhe diz elle, hoje julgo ter morto um traidor, mas se o não é mande-me enforcar.

—Que dizes, homem, lhe respondeu o infante, explica-te.

Lourencinho perfilou-se e respondeu:

—O cavalleiro Gil Vasques era um traidor, vendido aos castelhanos, e despachal-o d'esta vida, julgo ser um grande serviço.

O mestre d'Aviz comprehendeu tudo e levantou-se horrorisado.

—Que dizes, miseravel! Attentaste contra a vida de um dos melhores cavalleiros portuguezes! Sim, na forca terás o premio, e no carrasco um protector.

—Podeis mandar enforcar-me, pois tendes sobre mim o direito de vida e de morte, mas eu prestei á patria um grande serviço.

O infante impressionou-se com a sua insistencia e disse-lhe:

—Qual traidor, nem meio traidor, Gil Vasques, é o cavalleiro que mais serviços tem prestado a Portugal, que o diga a cidade de Lisboa, aonde combatteu ao lado do grão senescal do reino.

O Lourencinho abriu os olhos espantado, e bradou battendo na cabeça:

—Ah! senhor! agora me recordo do seu nome! Já ao lado d'elle combatti em Lisboa, contra os exercitos de Cas-

tella! Fui enganado, traidor é quem lh'o chama! Senhor, a forca é pouco para mim; mas que merecerá esse frade maldito? Ah! traidor! Juro, senhor infante. que se a morte não fosse a partilha d'este jogo, havia de ajustar contas com o senhor fr. Pedro.

—Fr. Pedro, bradou o mestre d'Aviz!

— Sim, senhor, foi elle que me mandou assassinar o cavalleiro Gil Vasques, e mostrou-me uma carta do rei, e disse-me que sua alteza queria a sua morte, por ser traidor.

Contou-lhe em seguida, quanto passára com o frade; e foi então que o infante comprehendeu, de que lado vinha o mal; e depois de ter mandado prender o Lourencinho, foi procurar Gil Vasques, que felizmente se achava melhor.

Deixemos estes acontecimentos e vamos até Lisboa, saber o que por lá se faz. D. Fernando mandára alguns fidalgos a Inglaterra para activarem o embarque das tropas inglezas, que reputava de instante necessidade.

O conde de Cambrige, e muitos fidalgos inglezes á frente de um luzido corpo de cavalleiros, chegou finalmente á foz do Tejo e D. Fernando foi esperal-os ao desembarque.

O conde e a sua comitiva, foram hospedados no convento de S. Domingos.

A rainha não podia encobrir a grande satisfação que alimentava; e em seu rosto, bello, transpareciam as irradiações de um amor feliz.

Ora como D. Fernando ignorava a causa da alegria da rainha, tinha o mau gosto de a attribuir, á natural satisfação de ver chegar um poderoso reforço em favor de Portugal!

D. Fernando mandou fazer publicas demonstrações de regosijo, pela chegada de um punhado de homens, que na qualidade de amigos, nos fizeram peor, de que os proprios castelhanos.

Mas infelizes eram os tempos, em que os povos, como authomatos choravam se os mandavam chorar, e riam se os mandavam rir!

O rei era tudo, hoje é apenas o primeiro dos cidadãos, e vamos que não está mal.

Houve finalmente conselho para tratar das urgencias da guerra, depois de se concluirem os divertimentos, como cousa mais importante.

No grande conselho variaram as opiniões, e o conde de Cambrige lembrou ao rei de Portugal, que não esperasse triumphar, emquanto seguisse o partido do anti-papa Clemente.

D. Fernando julgou isto infallivel, e mudificou a sua opinião a favor de Urbano VI, mas nem por isso mudou de fortuna.

Um tratado de casamento se concluiu, e o principe Eduardo casou com D. Brites filha do rei de Portugal.

Ora os principes eram muito creanças, e como não podiam consumar o matrimonio, D. Fernando, sempre apaixonado pelas farças rediculas, mandou-os deitar publicamente no mesmo leito, aonde o bispo de Lisboa os abençoou!

Em quanto D. Fernando se entregava a estas frioleiras, Andeiro entretinha-se com a rainha e ambos se dedicavam ao que mais lhes agradava.

Um explorava com o coração de D. Leonor e o outro, o campo do rediculo em que tantas vezes caiu.

A guerra proseguia com furor de parte a parte, e tanto nas provincias do norte como nas do sul combatia-se desesperadamente.

O rei de Castella andara com mais juizo; e ao constar-lhe que o tratado estava definitivamente concluido entre Portugal e a Inglaterra, comprehendeu, que perdido era todo o tempo em queixas e representações. Marchou para Çamora e d'ahi mandou aos seus generaes, que invadissem Portugal.

Dos portos da Biscaia saíu uma poderosa armada e entrou pelo Tejo e fez sensiveis damnos em Lisboa; e foi n'esta lucta que se distinguiu D. Nuno Alvares, Pereira combattendo e vencendo o inimigo, junto á ponte de Alcantara.

Os castelhanos cercavam Elvas quando os inglezes desembarcaram, o soccorro fez cobrar animo aos sitiados e desanimar os sitiantes.

O prazer da guerra era para todos inebriante, menos para Andeiro que entregue exclusivamente aos seus amores não tratava de outra cousa.

Quanto a D. Maior, sua esposa, indignada com o seu procedimento, queixava-se publicamente da rainha, chamando-lhe adultera.

O estado de Portugal era pois lamentavel. Os campos ficavam incultos e a fome, espectro medonho, erguia-se

ameaçador, tanto nas grandes povoações como nas freguezias ruraes, aonde o salario do trabalhador é a unica fonte de receita de innumeras familias.

Os povos soffriam muito! Numerosos bandos de mendigos percorriam as estradas, por que a mizeria era geral, e para maior calamidade, as tropas inglezas, vindas com o conde de Cambrige, fizeram toda a casta de violencia e não respeitavam o sagrado nem o profano! Tudo distruiam.

Desacatavam a velhice e despresavam a mocidade, e mais de uma donzella foi sacrificada á brutal concupiscencia britannica, e muitos innocentes assassinados por bandos de soldados mercenarios sem desciplina!

Na provincia do Alemtejo, arrasaram tudo, e os povos fungindo espavoridos, receavam mais da protecção ingleza que da invasão castelhana.

Ao entrarem n'uma povoação, os soldados inglezes levaram o barbarismo a tanto, que até assassinaram algumas crianças! E uma desgraçada mãe, vendo seu pobre filhinho assassinado, agarrou n'elle delirante, e foi apresental-o ao rei.

D. Fernando ouviu impassivel os lamentos maternos! Supportou soccegado os soluços da infeliz, sem se encommodar com as lagrimas de sangue que vertia pedindo-lhe justiça; já que vingança era muito para tão fraco monarcha.

O rei de Portugal, que assim via degolar os seus vassallos, limitou-se a mandar a desventurada mulher ao conde de Cambrige, que se a não espancou, deixou ficar impune tão grande crime.

Nada chega á generosidade britannica! Nada ha que se aproxime á protecção e amizade de um paiz, que menos mal nos teria feito se fosse o nosso maior inimigo!

Os povos cançados de tantas violencias, faziam justiça por suas mãos, e reunindo-se faziam montaria aos inglezes e degolavam quantos apanhavam! Eis a triste consequencia da anarchia a que o paiz estava reduzido.

O sangue pedia sangue, e um crime outro crime; e muitos homens, que até ali eram de exemplar comportamento, habituando-se ás vinganças pessoaes, ao roubo e á vadiagem, foram no futuro o flagello dos cidadãos pacificos.

O estado da fazenda publica não era mais lisongeiro. D. Fernando para supprir ás despezas da guerra, lançou contri-

buições onerosas, contraiu dividas, e deu dobrado valor á moeda, do que resultou a quebra do commercio e o descredito do paiz.

Eis como se achava Portugal, quando D. Leonor, mais do que nunca se entregava aos seus criminosos amores.

Tudo era para Andeiro! Honras, influencia e riquezas; e tendo morrido D. João Affonso Telles irmão da rainha, foi agraciado com o titulo de conde de Orem!

O conde Andeiro redobrava em audacia, e o rei que tudo via e ouvia, parecia cego e surdo para com o procedimento da rainha.

Fr. Pedro, pela sua parte, não sugava menos dinheiro, para sustentar um bando de vadios que trazia a seu soldo, para lhe alcançarem as mulheres que desejava, e matarem os maridos, ou irmãos que lhe faziam sombra.

Fr. Pedro convencido da necessidade de arrancar seu sobrinho, aos braços da infeliz Ursina Malaprada, instou com a rainha, para que o mandasse para o exercito que operava na fronteira, e D. Leonor sempre prompta para fazer mal, fez-lhe a vontade.

E podia fazer o contrario? Não sabia elle todos os seus segredos criminosos? Não saberia a fundo, as relações que a prendiam a João Fernandes Andeiro?

D. Leonor mandou pois chamar Aleixo de Figueiredo, e depois de um estirado discurso, disse-lhe que o rei desejava vel-o entre o numero dos cavalleiros da sua guarda! D. Fernando nunca pensou n'elle, mas era vontade da rainha e de seu tio, e como tal sem appello nem aggravo.

A côrte mudara-se para Evora, e ali se reproduziram as scenas de maior escandalo. Ahi, um crime monstruoso esteve a ponto de ser consumado, e nunca como então, a rainha se mostrou mais criminosa.

Se se ganhava uma vantagem contra os castelhanos, o conde Andeiro que lá não estivera, é quem dava a noticia ao rei; e se não podia roubar a gloria de um nome illustre, dizia ter feito tanta coisa, que sempre era o mais recompensado, graças aos sentimentos piedosos de sua alteza!

Todos murmuravam d'ella e de João Fernandes Andeiro cuja insulencia recrudescia porque o rei não era nada! Era uma sombra da realeza! Quem tudo fazia e de tudo dispunha, era D. Leonor, auxiliada por fr. Pedro e por Andeiro, e

esta trindade infernal levou os povos á desesperação e os nobres á vingança.

A unica consequencia logica da tyrannia é sempre a revolução, quer pelas formulas legaes, ou pela absorpção dos poderes constituidos.

Revolucionar é regenerar, e o que seria da sociedade a não serem as revoluções por que tem passado?

A revolução exprime vida, gloria e grandeza! É o principio mais santo que a humanidade conhece, e é tão grande que o vemos justificado nas paginas d'esse codigo divino, por Deus outhorgado aos homens.

Se Portugal não fosse revolucionario, perdendo como perdeu a sua authonomia, não teria sido uma grande nação!

Santo e justo é o principio da revolução! Grande é a sua idéa, e grandes são os homens que a ella se associam. A revolução é o principal motor do progresso social, das artes e das sciencias, visto que caminhar é uma lei universal.

Sigamos a successão logica dos factos e voltemos á côrte de Evora, aonde o vicio e o patronato se pavoneam.

Andeiro tratava mais de si que das cousas do estado, e a rainha mais d'elle, que de si e do rei.

A côrte estava em Evora. Alguns fidalgos regressaram; quanto ao conde Andeiro não descançava, e andava sempre no caminho da côrte, para o exercito e do exercito para a côrte! Era por assim dizer uma especie de duende que apparecia em toda a parte.

N'um d'esses dias, em que o sol escalda e cresta os prados, os condes D. Gonçalo e Andeiro atravessavam a cavallo as vastas campinas do nosso Alemtejo, na direcção de Evora.

O dia estava realmente calmoso, e nenhum homem de hoje, supportaria um calor tão intenso, debaixo de uma armadura coberta de laminas de aço.

Seriam duas horas da tarde quando avistaram as torres e o castello, da muito antiga e nobre cidade de Evora, aonde Sertorio por tantos annos residiu, dando-lhe fasto e grandeza.

D. Leonor estava impaciente com a ausencia do amante a quem por caso algum desejava ter longe de si; e se a custo

consentiu na sua ausencia, foi sob a promessa de ser por pouco tempo.

D. Leonor, assentada n'um pequeno degrau, forrado de velludo, espargia os olhos pelos campos que lhe ficavam na frente, mas a vista perdia-se pelas planices e o espirito dilatava-se ao gosar tão bella prespectiva.

Os dois cavalleiros apearam-se no pateo, arquejando de cançados e cobertos de pó.

O suor borbulhava-lhes nas frontes e em grossas bagas descia, pelas faces crestadas pelos ardores de um sol tropical.

D. Leonor era tão habil no fingemento, quanto no crime audaciosa. Mostrou-se surpreza com a sua chegada e perguntou a Andeiro pelo rei, como se de facto elle acabasse de estar com elle.

O conde D. Gonçalo, que das diabruras de Cupido era tão ignorante como das intrigas da côrte, tomou a responsabilidade da resposta, dizendo que sua alteza estava de saude.

E effectivamente o rei achava-se na fronteira, com o exercito que operava contra os castelhanos, e onde o monarcha desempenhava um papel digno d'aquella alta capacidade.

Vamos ao fio da nossa historia.

O conde Andeiro queixou-se que o calor era ardente, e com effeito, n'esse dia, o sol parecia que queimava.

D. Leonor notou que os cavalleiros vinham cobertos de pó e suor, e a rainha soffreu pelo amante, quanto ao fidalgo portuguez, era-lhe indifferente que o sol o torrasse ou a poeira o suffocasse.

O conde D. Gonçalo embaraçado com o respeito devido á rainha, notou admirado o pouco respeito com que Andeiro lhe fallava; e como a conversação recaiu toda sobre factos mais particulares a Andeiro, de que a elle, dava tudo aos demonios, porque realmente gostava muito de fallar.

No fim de uma série de perguntas, a rainha voltando-se para os cavalleiros, disse-lhes com esse assento de voz, que revellava uma alma de anjo, quando era a de um demonio:

—Cavalleiros, vejo-vos cobertos de pó e escorrendo em suor, o que bastante me magôa, estaes necessariamente opprimidos debaixo d'essas armaduras e não tendes por ven-

tura um lenço para enchugar o suor que em fio vos cae das frontes?

O conde D. Gonçalo mostrou-se embaraçado e não atinando com a resposta, olhou para Andeiro, como quem lhe pedia protecção em crise tão momentosa.

Andeiro encarregou-se da resposta e salvou-o de um grande aperto.

—Não poderosa rainha, nós os homens de guerra...

Andeiro, por modestia, mettia-se na conta dos guerreiros, quando só para intrigante tinha geito; D. Gonçalo olhou admirado e Andeiro proseguiu:

—Sim, senhora, não nos occupemos d'essas ninherias, que só consideremos proprias para as damas, e não para quem, no bolicio dos arraiaes, costuma dispensar cousas muito mais necessarias.

A rainha sorriu-se; levantou-se e pegando n'um veu de cambraia muito fina, rasgou-o em duas partes iguaes, e deu uma ao conde de Andeiro e a outra a D. Gonçalo.

O fidalgo portuguez, acostumado a respeitar a sua rainha, ficou maravilhado, e agarrando na parte que lhe fôra offerecida, foi para o vão de uma janella.

Quanto a Andeiro, conservou-se sem o menor acanhamento defronte d'ella.

D. Gonçalo admirou-se tanto, que se benzeu!

Andeiro estava seriamente apaixonado, e cego como o amor, julgou não ser ouvido nem comprehendido, e emquanto se enchugava aproximou-se da rainha, dizendo-lhe com o desembaraço, que revella um amor correspondido:

—Não era a este veu, formosa rainha, que eu desejava enchugar-me, mas sim a esse bello rosto, tão cheio de encantos...

D. Leonor apenas lhe respondeu com um sorriso; mas D. Ignez Affonso, esposa de Gonçalo Vasques de Azevedo, que tudo ouvira ficou como fulminada.

A rainha, mais sagaz que João Fernandes Andeiro, desconfiou, pelo gesto de D. Ignez, que se não ouvira tudo, ficára em parte ao facto dos segredos do seu coração.

Continuaram conversando sobre differentes assumptos; mas o conde D. Gonçalo pediu licença e retirou-se.

Andeiro fez outro tanto e ao retirar-se olhou para a rai-

nha, de uma maneira tão significativa, que só a innocencia deixaria de a comprehender.

Ainda os cavalleiros não tinham desapparecido quando fr, Pedro entrou pela porta fronteira.

D. Leonor qne o não esperava, ficou admirada; o frade chegou-se a ella e disse-lhe em voz tão baixa, que quando alguem estivesse proximo, nada ouviria:

—É preciso senhora, ser mais discreta e menos apaixonada! Reprimi os requebros amorosos do conde, que nos podem comprometter e...

D. Leonor com as faces incendidas perguntou-lhe com a surpreza, que o susto revella:

—Amigo, olhae que me assustaes, dizei o que ha e informae-me de tudo, porque os nossos interesses estão ligados, e compromettidos os de um, perdido está tudo para os mais.

—Não sei o que haverá, lhe disse o frade, ha pouco, estando eu por detraz d'aquelle reposteiro, ouvi quanto Andeiro vos disse, e reparei que D. Ignez Affonso ouviu tudo, e assim o deu a conhecer pela admiração que no rosto lhe notei.

«Seu marido é creatura intima do mestre d'Aviz, e o que elle souber, sabe-o o rei.

D. Leonor recobrou toda a energia do seu caracter e nas crises mais melindrosas, nunca lhe faltou o animo.

—Deixae o negocio por minha conta, preciso convencer-me se D. Ignez ouviu as palavras de Andeiro, e difficilmente me enganará: e se as ouviu peor para ella, para seu marido e para o infante.

«Que dizeis a isto, fr. Pedro?

—Digo-vos senhora, que seria conveniente que o veu da rainha produzisse canamo, para se tecerem cordas, é preciso que esse veu rasgado se torne tão espesso como o marmore dos sepulchros; fazei as vossas experiencias, mas o que desde já vos affianço é que D. Ignez ouviu tudo, e que em menos de oito dias já D. João o saberá.

—Deixae tambem o mestre d'Aviz por minha conta, terei que estender mais o braço, mas heide chegar-lhe.

«O rei é que me ha de livrar d'elle.

«D. Maria, minha irmã, pagou com a vida a bella idéa que teve de me quer supplantar, e já vêdes, que quando ajusto as minhas contas, é com toda a severidade.

D. Leonor deu uma pequena gargalhada e aquelle rir era como a blasphemia do condemnado, era como o medonho sarrido das feras, ou como o rir de Satanaz, quando triumpha o crime.

Fr. Pedro respondeu-lhe no mesmo tom.

—Assim o precisamos, senhora, a nossa salvação está na perda do mestre d'Aviz; o rei padece muito e elle tem partido, e grandes são as suas ambições, e se forem realisadas, ai de mim e de Andeiro!... e mesmo de vós, senhora, pois crêde que se bem lhe não pedirdes contas, será elle a pedirvol-as com usura.

—Socegue fr. Pedro; nem uma palavra dos nossos planos, affastae o terror, porque tres cabeças valem mais de que uma, e o triumpho é certo.

—Assim o desejo, senhora, mas duvido que as nossas tres cabeças reunidas valham a do mestre d'Aviz.

X

Preparam-se mais crimes

Aleixo de Figueiredo partiu para o exercito como lhe fôra ordenado, e n'alguns recontros em que se achou portou-se como cavalleiro portuguez, e encontrou-se com Gil Vasques, que já se achava restabelecido.

O mestre d'Aviz quiz mandar enforcar o Lourencinho, mas Gil Vasques depois de lhe ouvir contar tudo, pediu por elle, por ter a certeza do seu arrependimento, e pela convicção de que se não o enganassem, nunca teria attentado contra elle.

Foi todavia exautorado do logar de almocadem e do serviço do infante.

Mas elle para não perder o uso da guerra, a que se habituara, poz-se á frente de uma quadrilha de ladrões.

Fr. Pedro não descançava porque tinha que ajustar contas a mais uma victima, e ia aproveitando o tempo; ao constar-lhe porém, que Lourencinho não assassinára Gil Vasques rugiu como a hyena!

Aguardou desesperado para melhor occasião, e tratou

de o envolver no plano que a rainha traçára contra o mestre d'Aviz.

O frade ia convencendo-se que os planos da sua alliada eram mais certos e seguros.

João Pampilhosa andava sempre álerta, espreitando e cogitando tudo, e não se afastava do frade, da rainha e do conde de Andeiro, e se não sabia o que diziam ou faziam, tirava por illação com a sua natural prespicacia.

D. Lourenço, arcebispo de Braga, chegára á côrte onde se principiava a fallar em paz, e o digno prelado vinha apoiar com a sua auctoridade, um pensamento, que estava no coração de todos.

João Pampilhosa informava-o de quanto se passava no paço, especialmente das intrigas da rainha, porque D. Lourenço precisava estar em dia com tôdos os seus crimes, para lhe antepôr o remedio.

Eis o estado dos differentes interesses, que se debatiam quando a côrte estava em Evora.

O digno confessor de sua alteza, contrariado com a presença do arcebispo, vacillou sobre a execução do seu ultimo plano, mas sendo de instante necessidade, vejamos o que elle faz n'um quarto que tem no paço.

Um homem trajando farrapos, vesgo dos olhos e com a cara desfigurada por cicatrizes, conversa com fr. Pedro, que lhe presta a maior attenção.

—É como lhe digo, o José Esguelha está prompto para me acompanhar, e mais de dois não é preciso.

O frade conformou-se e julgou o conselho acertado.

—Tambem não dizes mal, segredo dividido por muitos perde o seu merecimento.

«A cousa não é difficil, nem offerece perigo, nem resistencia, quem poderá oppôr-se, algum aldeão? Com essa gente não se conta.

«Quanto precisas?

O homem encolheu os hombros, dizendo:

—Não faço preço com vossa reverendissima, mas tendo que partir para Lisboa mais o meu camarada, a respeito de dinheiro estamos a tenir.

Fr. Pedro quiz d'esta vez ser generoso, pegou n'uma bolsa e entregou-lh'a, fazendo-lhe signal para se retirar.

O frade esfregou as mãos, satisfeito, dizendo:

—Desta vez não me escapará, em acabando com esta mulher tudo se arranja.

Emquanto o frade passeiava satisfeito, João Pampilhosa andando sempre álerta, não se demorava um quarto de hora no mesmo logar.

Ao encontrar no corredor o homem, que os leitores viram no quarto do frade, notou n'aquella physionomia a preversão criminosa de uma alma ignobil, e deprehendeu que se tratava de mais um crime.

Voltou as costas ao primeiro destino e seguiu a pista do assassino.

No caminho encontrou o conde de Andeiro, que ao vel-o parou.

—Para onde ides com tanta pressa, mestre João Pampilhosa?

O anão não queria demorar-se e tentou fugir dizendo-lhe alguma insulencia.

—Para onde vou, lhe diz elle, para a guerra combater os castelhanos, já que os fidalgos cavalleiros, ficam no paço fazendo de truões.

Andeiro fez que não entendia e proseguiu:

—Mas de quem fallas, homem, seria bom que te explicasses.

—Para que, respondeu elle bambaleando o seu respeitavel vulto, basta que os meus truões o saibam, e em todo o caso, verdade, verdade, custa menos a conquistar o coração de uma dama, que se casa com dois maridos, de que uma praça guarnecida por cavalleiros de Castella.

Andeiro comprehendeu até aonde chegavam as intenções do anão, e protestou tirar uma boa desforra, logo que tivesse occasião.

—Está bom, lhe respondeu elle, não te quero interromper, segue o teu destino.

João Pampilhosa não precisou de outro convite, rodou sobre os calcanhares e eil-o no andar da rua atraz do homem que perdera de vista.

O barbeiro de sua alteza, bateu com o pé no chão, desesperado, exclamando:

—Ah! maldito gallego, por tua causa perdi saber para onde ia este tratante. Mas nada, proseguiu elle, este vadio deve ser um ramilhete de taberna e heide encontral-o em

qualquer baiuca, e Evora não é tão grande que se não atine com todas.

Dito e feito; passou a metter o nariz por todas as tascas, bebendo o respectivo trago, para não se tornar suspeito.

N'uma tasca das mais nauseabundas, teve a satisfação de vêr o maltrapilho que procurava, fallando com um outro beberrão, que pelo trajo e physionomia, nada tinha que invejar.

João Pampilhosa entrou e pediu vinho; assentou-se commodaménte e pondo o ouvido á escuta, tirou pela conversa parte do que desejava saber.

—Olha, camarada, o frade paga bem, e muito perigo não tem o negocio, trata-se de aviar uma franga, que quando muito, terá para a deffender algum villão, mais covarde do que um gallego.

—Mas para que lado fica esse trabalho? perguntou o outro.

—Fica longe, mais de uma legua além de Lisboa.

«Junto a um logar chamado Odivellas, aonde ha um convento de freiras.

João Pampilhosa estremeceu; receou mais algum attentado contra D. Luiza, e continuou prestando toda a attenção á conversa dos dois assassinos, que proseguiu no mesmo pé.

—Homem, é n'uma granja á esquerda, eu já lá fui mas não me sahi bem e deixa o negocio por minha conta que eu te ensinarei o caminho.

O embaraço de João Pampilhosa augmentou, e disse admirado:

—Que demonio será? Contra D. Luiza não é, visto fallarem n'uma granja; veremos.

Seria alguma aventura de fr. Pedro, ou mais uma d'essas scenas vergonhosas, em que a filha do pacifico cidadão, era roubada para lhe saciar a luxuria?

É o que veremos mais adiante.

Os homens ainda fallaram mais algum tempo, até que perdidos de embriaguez sairam, encostando-se um ao outro.

João Pampilhosa ficou a scismar n'um negocio, que pelo mysterio era duplamente interessante.

Pensando no que faria ou podia fazer, procurou o arcebispo de Braga.

O santo prelado estava em casa e João Pampilhosa contou-lhe quanto vira e ouvira.

—Santo Deus, bradou elle, a medida vae enchendo, e eu vou escrever ao legado do nosso santo pontifice, pedindo-lhe uma conferencia.

«Preciso contar-lhe os crimes d'este frade, que pela protecção da rainha se torna tão audacioso.

«É necessario que o legado participe á Santa Sé, para lhe applicar a pena que merece.

«Mas ai do perverso que será condemnado, se um sincero arrependimento não o salvar.

Foi assim que se expressou o virtuoso arcebispo contra a monstruosidade de tantos crimes.

D. Leonor pela sua parte cogitava a maneira de saber, se D. Ignez lhe devassara os segredos, pela imprudencia do seu amante, e procurou todos os meios de se convencer da verdade.

Em todos os seus gestos desejava ler os pensamentos que nutria, ou se, informada dos factos, encobria algum pensamento reservado.

Assaltada por esta idéa, não pensava n'outra cousa, e estava já resolvida a encetar conversação a este respeito, com D. Ignez Affonso, quando seu marido Gonçalo Vasques de Azevedo, entrou na sala, aonde D. Leonor se achava em companhia de algumas damas do seu serviço.

Gonçalo Vasques de Azevedo, soubera das palavras do conde de Andeiro, por sua esposa e o fidalgo portuguez acostumado a respeitar os seus soberanos, tanto pelo nascimento e posição como pelas suas virtudes, duvidou das palavras de sua esposa, comquanto estivesse acostumado a respeitar as suas opiniões.

—Duvido, D. Ignez, lhe diz elle, ouviste mal; isso não póde ser, e os teus ouvidos illudiram-te.

«A esposa do rei de Portugal está muito alta para descer a tão baixo; e quem se poderá convencer de similhante baixeza? Não, não posso acreditar.

—Tudo isso é assim, respondeu D. Ignez, tambem D. Leonor estava em mais alto, quando era legitima esposa de D. João Lourenço da Cunha, e desceu ao logar de...

«Não digo, receio que as paredes tenham ouvidos.

—Mas dizei tudo, senhora, julgo ainda ser vosso ma-

rido, e não admitto em vós segredos ou reservas para mim.

—Sim, eu vos explico a minha opinião.

«A mulher que renegou a fé jurada a seu marido, e que acceita um throno, calcando o pudor e todos os preceitos de honra, não merece confiança.

«Quem foi adultera com o rei está habilitada a sel-o com o conde de Andeiro, ou com outro.

Possuido d'estas idéas, Gonçalo Vasques procurou tambem todos os meios de se convencer da verdade, para de tudo informar o mestre d'Aviz, inimigo declarado da rainha e do conde gallego.

Dirigiu-se pois ao paço, e foi comprimentar D. Leonor.

A conversação tomou um certo desenvolvimento, e recaíu sobre os acontecimentos da guerra, especialmente no modo e systema de vida dos inglezes.

—Que idéa formaes dos cavalleiros inglezes, perguntou D. Leonor, vós, e outros guerreiros, que a seu lado teem combattido, é que podem informar-nos do seu caracter, usos e costumes.

—Se perguntaes, senhora, a minha opinião, digovol-a francamente, lhe respondeu Gonçalo Vasques, não gosto dos inglezes, são homens tão frios, que não sei como e quando se aquentam. Bebedores desenfreados, se se aquessem pelo corpo, deixam a alma tão fria como o gelo do seu paiz.

—Vejo que sois severo de mais com um povo que nos tem prestado grandes serviços, e que passa por muito humano e generoso.

—Não sei se teem tanto de humanos ou de generosos como para ahi se diz, nunca os vi dar cousa alguma, mas sim tirar o que podem. E se a humanidade, é roubar e assassinar velhos e creanças então declaro, que são os homens mais piedosos do mundo.

—Aquellas cabeças duras, como as pedras de uma rocha, nunca pensaram em fazer bem; mas verdade, verdade, ninguem como elles assenta um par de punhadas por mais bem applicadas que sejam.

—Ora vamos, lhe disse a rainha, parece-me que sois exagerado, os cavalleiros inglezes são valentes, attenciosos e muito modestos, quando menos, assim m'o teem affiançado.

—Então senhora, será por não sympathisar com elles, e n'esse caso dou-me por suspeito; digo o que penso pelo que vi. Valentes são, lá isso é verdade, avançam tão friamente contra o inimigo como se fossem atacar um pote de cerveja, bebida que não troco pelo peor vinho do nosso paiz; e se a teem abundante, é então que se conhece quanto presta o seu auxilio.

— Se estivera nos casos do rei de Castella, mandaria para os combatter alguns toneis de vinho, em vez de esquadrões de soldados: era ganhar mais com menos risco.

D. Leonor proseguiu, e que me dizeis á sua galanteria para com as damas? Dizem-me que são muito amaveis e attenciosos.

—Duvido, senhora, pelo que vi e lhes ouvi; no seu paiz vendem-se as mulheres e isto desagrada-me, pois quando a mulher se vende, quem a compra é enganado, e temos por cá o exemplo; ora já vossa alteza vê, que consideração e galanteria lhes podem merecer as damas, que vendem e compram!...

«O marido manda vender a mulher adultera; e se por cá houvesse uma lei similhante, muitas vejo eu, que iriam parar ao mercado.

D. Leonor córou, o insulto não sendo directo era pungente; comprehendeu desde logo, que Gonçalo Vasques de Azevedo sabia tudo, mas usando da sua habitual prudencia reservou-se para o resto.

O cavalleiro proseguiu:

—Não dão importancia ás damas, por mais sacrificios que façam para lhes agradar! E se até mesmo uma dama sacrificasse o véo para o amante enchugar o suor, nem mesmo assim elle se mostraria agradecido.

Gonçalo Vasques olhou para a rainha com tanta malicia que a fez estremecer, e córou, não sabemos se de vergonha ou de raiva; mas reassumindo a coragem que lhe era habitual, levantou-se, não com o gesto de uma rainha, mas sim com a colera chamejante de um caracter viperino.

—Senhor cavalleiro; soes muito ousado e vossa mulher muito indiscreta.

«D. Ignez ouviu o que nunca deveria ter ouvido e vós o que nunca deverieis pensar.

«Caro pagareis o vosso arrojo; fazei testamento, e con-

vidai vossa esposa a fazer outro tanto... podeis retirar-vos.

O gesto da rainha era medonho! Gonçalo Vasques de Azevedo, julgou ver um demonio na figura d'aquella mulher impudica e sanguinaria.

Gonçalo Vasques aproveitou o convite e tratou de se retirar, soando-lhe sempre aos ouvidos as palavras da rainha, que para elle eram de lugubre significação.

Com os cabellos arripiados e transido de medo, chegou a casa; e depois de tudo contar a sua esposa, disse-lhe com a convicção da verdade:

—Estamos n'um precipicio, porque a rainha de tudo é capaz! Nenhum crime a fará recuar para se salvar e conseguir os seus fins. Agora creio por verdade quanto d'ella se tem dito; não volteis ao paço, ali perigam as nossas vidas.

«Pede asylo a qualquer familia independente, e cujo solar esteja distante do braço de D. Leonor. Quanto a mim parto hoje mesmo para Olivença, aonde o mestre d'Aviz á frente de um punhado de portuguezes, sustenta a honra de Portugal.

Ás dez horas da noite partiu para Beja D. Ignez Affonso acompanhada pelos seus escudeiros, em quanto que seu marido, seguia para a fronteira, a reunir-se com o mestre d'Aviz.

Deixemos por pouco estes graves acontecimentos e voltemos a outros não menos importantes.

A guerra estava por assim dizer a concluir; D. Fernando desgostoso com a protecção ingleza, cançado pelos revezes e enfermidades, cuidava seriamente na paz, cousa que por fórma alguma convinha aos nossos alliados.

O natural orgulho britanico desenvolvia-se nas cousas mais pequenas, pois só elles queriam mandar e ser ouvidos, e como os cavalleiros portuguezes não lhes cediam as richas eram constantes.

Ocanão, filho natural do rei de Inglaterra, que era um mancebo de reconhecido merecimento, regeitava os excessos e presumpções dos genios mediocres, que se julgavam superiores aos mais distinctos guerreiros portuguezes.

As forças alliadas marcharam até á fronteira, ao encontro dos castelhanos commandados pelo proprio monarcha.

Acampados os exercitos em frente um do outro, todos esperavam uma grande batalha, mas não succedeu assim.

Um dia, D. Fernando mandou tomar posições e os inglezes sonharam matar castelhanos aos centos, por que aos pares seria pouco, para tão brava gente; e o desejo de se batterem era tão delirante, que até se podia encarar pelo ridiculo.

Os dois exercitos estavam pois formados, mas em vez de atacarem, os clarins tocaram a retirar em ambos os campos!

D. Fernando concluira mais uma farça; se bem que por esta vez ninguem lhe póde pedir contas.

Gonçalo Vasques de Azevedo seguido apenas de um homem de armas, não andava voava, receando ver em cada sobreiro um assassino assalariado pela rainha, e em quanto elle segue para a fronteira vejamos o que se passa na côrte.

Ás onze horas da noite conversava D. Leonor com fr. Pedro tão pacificamente, como se tratassem da inauguração de um estabelecimento pio, ou da resa de uma via sacra.

N'aquellas almas não entrava o remorso, inimigo cruel dos que possuem um resto de consciencia.

O frade depois de abrir por muitas vezes a bocca, prestou a maior attenção ao que a rainha dizia.

—Tudo se passou como vos acabo de contar, e antes de D. João saber, o que deve para sempre ignorar, é preciso que Gonçalo Vasques de Azevedo perca a liberdade, até pagar com a vida a sua audacia.

«Que morram ambos e levem para a sepultura o meu segredo.

Assim disse a rainha; e Portugal, se alguma cousa tem, de que se envergonhar, é contar no numero das suas rainhas, D. Leonor Telles.

O frade depois de a ouvir, respondeu-lhe com o seu costumado sorriso, mais hypocrita de que o de Judas, quando osculou o mestre.

—Todos os vossos desejos são justos e louvaveis; mas julgo-os inexequiveis.

«Gonçalo Vasques de Azevedo, segue a estas horas na rota da fronteira a reunir-se com o mestre d'Aviz; quanto a D. Ignez Affonso, se ámanhã não chegar a Beja, deve lá

estar no dia seguinte, tivestes a imprudencia de os prevenir, soffrei-lhe as consequencias.

D. Leonor enfiou de raiva, e tremeu como se uma convulsão nervosa a tivesse assaltado.

—Por Satanaz que assim fogem á minha vingança! mas não serei eu por ventura a mesma rainha? Não disporei da assignatura real? Que me importa que estejam áquem ou além? A toda a parte chegará o meu braço protegido pelo rei! Será mais tarde, mas heide vingar-me.

O frade esfregou as mãos satisfeito, e preparou-se para lhe atirar um segundo golpe.

—Andeiro não está seguro se o mestre d'Aviz tudo souber: é homem para o estrangular, se n'isso pensar seriamente.

D. Leonor impallideceu; tornou-se livida; já não era de raiva, era de medo; estremecia pelo amante e era necessario prover á sua conservação.

—Estaes hoje insuportavel, mas reconheço que justos são os vossos receios. Já vos disse e repito; em Evora temos boas prisões de estado e em qualquer d'ellas, muito bem se acommoda um infante; e deixae correr o tempo que tudo se hade fazer.

«Aos cutellos não se embutaram os fios, nem aos carrascos ainda cairam os braços! O mestre d'Aviz hade ter a sorte de D. Maria Telles.

Assim se expressavam estas duas hyenas da especie humana, immersas no prazer da vingança, quando o estrepito de uma grande cavalgada os fez sobresaltar.

—Que significa esta bulha? Que novidade teremos, disse fr. Pedro, cheio de medo, pois que tinha tanto de covarde como de malvado.

A rainha respondeu, mais socegada, mas não menos receiosa:

—Não sei, mas vou mandar saber.

Não teve tempo para mais: o rei entrou na sala, seguido do mestre d'Aviz e de numeroso acompanhamento.

D. Fernando se não estava doente, apresentava todos os symptomas de uma grave enfermidade.

A rainha ficou admirada, porque não esperava, nem julgava tão proximo o seu regresso; mas recordando todas as vantagens, rio interiormente pelo triumpho; e na sua opinião

soára a hora do mestre d'Aviz, porque ali mesmo traçára um plano tenebroso.

Todos estes pensamentos foram mais rapidos, do que a descripção que d'elles fizemos.

D. Leonor, levantou-se respeitosa, em quanto que o rei se dirigia para ella.

—Sê bem vindo, senhor! vinde com a vossa presença animar este pobre coração definhado pela saudade. A vossa ausencia é sempre cruel! Oh! quanto me apraz de vos ver regressar ao seio da vossa familia.

—D. Francisca de Mendonça, disse a rainha, para uma das damas que se achavam presentes, ide chamar minha filha a senhora princeza D. Brites, para que venha beijar a mão a El-Rei seu pae.

A dama saiu, e D. Leonor proseguiu, pondo em acção todos os recursos de hypocrisia, para melhor illudir o pobre marido.

D. Fernando abraçou-a com affecto; quanto que á vibora oscullava-o de maneira que parecia amal-o ternamente...

—Sempre bella e amavel, formosa rainha! Sempre singella e seductora! Os vossos encantos, senhora, são inexgotaveis! são como a brilhante aurora, que sempre se nos apresenta com a mesma formosura.

«Saudades tambem eu por vós supportava, saudades que hoje fenecem, gosando a presença da mais bella dama que Portugal tem conhecido.

O rei fallava sério, mas melhor seria, que quando não a excedesse, lhe igualasse em reserva. Todos se achavam indignados contra a rainha, e sabendo das suas ligações com Andeiro, lamentavam o desditoso monarcha, que tendo feito por ella tantos sacrificios lh'os compensava com a mais vil ingratidão.

D. Leonor ainda não tinha esgotado todos os seus manejos de falsidade, dirigiu-se pois para o mestre d'Aviz, e com o maior affecto lhe estendeu a mão:

—Tenho que vos pedir desculpa, se ainda a vós me não dirigi, desculpae, senhor infante, estas pequenas faltas, filhas da muita satisfação que experimentei com a chegada de El-Rei.

D. João não ficou agradecido, nem surpreso, porque a conhecia; e ninguem diria n'esta occasião, que D. Leonor Telles era a sua maior inimiga. O infante respondeu-lhe:

— Grato summamente vos fico, senhora, por tanta honra e distincção; e ninguem como eu sabe comprehender e apreciar as bondades que me dispensaes.

«Farei por continuar a merecer a vossa real munificencia.

A conversação estava n'este pé; e Gonçalo Vasques de Azevedo, tremia por si e pelo infante, a quem realmente era affeiçoado.

Contára-lhe quanto se passára com a rainha; e D. João levado pela rigidez de principios, que sempre o distinguiram, esteve a ponto de tudo contar ao rei, se o arcebispo de Braga lh'o não embaraçasse.

— Que fazeis, senhor, lhe diz elle, medir n'esta conjuntura a vossa influencia com a da rainha, seria mais do que arrojo, era loucura. Deixae-a até que pelos seus actos se disconceitue na opinião do rei; e depois praticae com toda a energia do vosso caracter.

«Mais um crime está suspenso por um fio; Ignoro quem seja a victima, mas affianço-vos, que pondo de parte todo o respeito que o monarcha me merece, tenho acima d'elle Deus e o meu dever de prelado, e fr. Pedro pagará tudo por uma vez.

D. João resignou-se a esperar os acontecimentos, e rodeado de alguns fidalgos illustres, observava todas as intrigas, affastando-se dos intrigantes.

Gil Vasques, impaciente com a demora, a que o arcebispo o condemnára, suspirava pelo feliz momento, em que junto aos altares recebesse para sempre D. Luiza de Gusmão.

Aleixo de Figueiredo permanecia na côrte e seu tio fez com que o rei lhe negasse a licença que pedira, não obstante poder dispensar os seus serviços; mas é que ao reptil tonsurado, ainda não constava, que mais um barbaro assassinato se concluira.

Andeiro tornava-se cada vez mais audacioso e a sua insolencia, nem já mesmo poupava o monarcha! Os fidalgos fugiam do paço e o povo fallava nas praças.

A ordem do dia era Andeiro, que os grandes despresavam e os povos aborreciam.

A rainha tinha a impudicicia de lhe dar anneis publicamente! Quanto á aventura do veo, por todos era sabida e commentada.

O rei estava enfermo, mas as causas eram puramente moraes.

Notava a indifferença de D. Leonor, e as deferencias e sollicitudes que tinha para o conde de Andeiro; e sendo isto do dominio publico, ia minando o animo de D. Fernando, que pela sua fraqueza não se animava a castigal-a, nem ao seu infame protegido.

Fr. Pedro era uma sentinella vigilante de tudo quanto a podia comprometter, e observou a indifferença da rainha e o despeito do rei,

Aos cantos das salas e nos corredores, já principiavam os segredos e os inimigos da immoralidade, viam satisfeitos o esfriamento do monarcha; e já se propunham a dar-lhe um golpe decisivo, que levado a effeito, seria fatal aos tres associados.

O frade viu despontar a sua ruina, temeu a influencia do arcebispo de Braga; e procurou a rainha e teve com ella uma larga conferencia.

— É preciso senhora modificar a vossa opinião. Sei que não amais o rei, e que nunca lhe tivestes amor, senão pelo throno, mas é de alta conveniencia demonstrar o contrario.

Os nossos inimigos são poderosos, e o primeiro que temos a ferir é o mestre de Aviz; e se D. Lourenço não estivera tão alto, crêde que não é menos perigoso. A nossa commum salvação depende do bom siso, com que devemos andar n'este negocio.

D. Leonor nunca se recusava a estas cousas, para ella um crime de mais não tinha significação, e se era necessario fazer mal, para se conseguirem os fins, fazia-o e a immoralidade campeava desafogadamente.

— Acceito os vossos conselhos, porque o meu plano está meditado. Apresentarei ao rei alguns documentos, que compromettem o infante, e depois é a nós que pertence o resto.

— Quanto a D. Lourenço, não me animo! É um prelado tão santo e virtuoso...

Pela primeira vez D. Leonor recuava em face de um crime! Mas fr. Pedro tirou-lhe os escrupulos dizendo:

— Se D. Lourenço principiar a guerrear-nos revolta toda a cleresia contra nós e é capaz de ir inclusivamente a Roma! E olhae senhora, que o Pontifice que se assenta na cadeira de Pedro é muito severo.

Apresentar uma idéa d'estas era resolver tudo; e D. Leonor não disse que não.

—Que tencioneis fazer do infante, proseguiu o frade.

—Que tenciono fazer, accusal-o do crime de alta traição!

—E os documentos comprovativos, aonde existem?

—Em meu poder, lhe respondeu a rainha tão placidamente, como se a verdade presidisse ás suas palavras.

Fr. Pedro olhou para ella admirado, como quem duvidava da veracidade do que ouvia, porque na sua opinião era impossivel que existissem similhantes documentos, a não serem falsos.

—Mas senhora, aonde se acham esses documentos?

—Repitto-vos que os tenho em meu poder, quereis vel-os?

A pergunta era ociosa por que o frade não desejava outra coisa.

—Não é por que duvide da vossa palavra, mas desejava reconhecel-os.

D. Leonor agarrou n'uma chave e abriu um pequeno escaninho de um bofete, e tirando uns pergaminhos apresentou-lh'os. Eram duas ou tres cartas do mestre de Aviz, convidando o rei de Castella a entrar n'um accordo, não só para lhe entregar Olivença, como para lhe dar livre entrada no Alemtejo.

—Estes documentos são a morte do infante! Não tem duvida; conheço a sua letra! É do seu proprio punho! Mas como veiu tudo isto parar ás vossas mãos?

D. Leonor olhou para elle desconfiada:

—Não vos posso dizer! Basta que sabeis que tenho os elementos necessarios, para fazer cortar a cabeça ao mestre de Aviz.

Fr. Pedro ficou comprehendendo que as cartas eram falsas, e esta foi sempre a sua opinião. Mas como n'aquella alma perdida, não entravam escrupulos de consciencia, approvou inteiramente o procedimento da rainha, dizendo-lhe:

—Approvo tudo quanto fôr para salvação dos nossos reciprocos interesses, é preciso descarregar o golpe com igual energia, precisamos consisão e vigor para estreminar quantos conspiram contra a nossa influencia.

«Tenho a recommendar-vos, que não convém por em-

quanto, que meu sobrinho sáia da côrte, faz causa commum com os nossos inimigos, e quando não se emende, não serei o ultimo a fazel-o arrepender.

O frade retirou-se e D. Leonor, principiou a preparar-se para illudir mais uma vez o malaventurado D. Fernando.

A rainha mudara inteiramente e não havia deferencia nem disvellos que lhe não dedicasse!

Andeiro foi previamente avisado para não apparecer tantas vezes; e o rei fascinado pelas seducções de sua esposa, esqueceu o pequeno resentimento que nutrira, porque nunca ella se lhe mostrára tão apaixonada! Parecia-lhe com fundadas rasões, que resurgira o tempo da lua de mel, e na nossa humilde opinião, é planeta que não existe, pois não passa de um erro astronomico. Prosigamos e continuemos a nossa historia.

D. Leonor para mais seduzir seu marido, até sonhou zelos e arrufos!

Lavada em lagrimas, dizia-lhe tristemente que já não possuia encantos que o prendessem!

D. Fernando enlouquecia com estas cousas, e fazia-lhe protestos de amor e dedicação, mas o corcodillo continuava a chorar, como muitas, que choram por habito, uso e costume.

Assim continuava D. Leonor, e se n'um dia se lhe lançava nos braços lacrimosa, dizendo-lhe ter sido assaltada de sonhos tetricos e monstruosos, n'outro que sonhára mil venturas, e D. Fernando deixava-se ir n'este mar de rozas, cercado de espinhos.

Parecia-lhe ter remontado aos dias de noivado, em que D. Leonor, cheia de volumptuosidade e seducção, pozera em pratica todos os meios, para o tornar escravo dos seus proprios desejos.

As cousas caminhavam n'este estado, quando D. João pediu ao rei que lhe désse licença para acompanhar a Inglaterra, o conde de Cambrige e Ocanão, filho natural do monarcha inglez.

A occasião era boa e descarregar o golpe fatal era uma prova de mestria.

A licença pedida auxiliava os planos de D. Leonor e justificava as suas accusações.

A rainha não podia perder tão bello ensejo e foi do que

tratou, por que as cousas valem pela proporção da importancia que se lhes dá.

D. Fernando tratava de concluir a paz, mas encontrava muitos embaraços na côrte de Castella, que apresentava constantes duvidas em negocio de tanta importancia.

N'um dia em que o rei estava seriamente preocupado com as exigencias do reino visinho, D. Leonor julgou ser esta a melhor occasião, para apresentar a falsa denuncia, e pediu-lhe uma audiencia, a fim de lhe fallar em altos interesses do estado.

D. Fernando quiz ouvil-a immediatamente e D. Leonor apresentou-se-lhe com um gesto tão timido e embaraçoso, que a formosa Esther ficava a um canto em pudicicia e timidez.

O seu modo contrafeito e irresoluto desafiaram a curiosidade do monarcha, que a interrogou com o maior interesse e tudo saiu á medida dos seus desejos.

—Que tendes senhora, que assim vos vejo tão magoada! Os vossos desgostos são meus e as affrontas, como se fossem feitas á minha pessoa. Desagrada-me ver-vos assim.

D. Leonor sustentando o seu papel, respondeu affectando um grande soffrimento:

—Agradeço-vos gracioso monarcha tanta estima e dedicação, pela esposa, que vos idolatra! Grata, pelo que vos devo e pelo santo dever, que a honra me prescreve, cumpre-me zelar os vossos interesses, honra e dignidade! Custa-me todavia, cumprir um dever, para mim bastante doloroso, mas...

Em todos os paizes que teem historia, escusamos de procurar um vulto, que em preversão e hypocrisia, igual a D. Leonor Telles de Menezes. Judas vendeu a Christo, mas D. Leonor, como não tinha um Deus homem para vender, vendia-o, como Deus, falseando todas as suas creaturas!

Roma a dissuluta Roma teve uma Aggripina e uma Messalina; e nós se em alguma cousa nos aproximamos d'aquelle imperio, é em contar D. Leonor no numero das nossas rainhas.

D. Fernando depois de ouvir o exordio da esposa, instou para que o informasse de todos os altos mysterios, de que era senhora, mas ella vacillou muitas vezes, porque o

seu fim era desafiar-lhe a curiosidade para o effeito ser melhor.

—Dizei tudo senhora, sem receio das consequencias. Acima de mim não vejo pessoa alguma! Todos quero a meus pés, e só a vós em meus braços!

D. Leonor fingiu cobrar animo e proseguiu:

—Visto que assim o determinais, cumprirei a mais terrivel missão, que o mundo conhece! Constituo-me delatôra, mas Deus é testemunha, que a não ser a salvação do estado, é um segredo que comigo baixaria á sepultura. Voto a Deus e peço graça! Graça para o criminoso!

Affirmou-se no rei como para se convencer do effeito das suas palavras, e notando-lhe no rosto um movimento febril continuou:

—Sim, perdão para o culpado, com quanto monstruoso seja o crime! Sois atraiçoado por um grande cavalleiro, cego, naturalmente pelas ambições, e maus conselhos. Ha um crime de alta traição, que preciso revellar, tanto quanto m'o permitte a minha dignidade de rainha.

—Mas quem é o criminoso? Desejo o seu nome, apontae-m'o, para vos demonstrar a quanto chega o meu poder.

«Não tenho em consideração nomes nem pessoas, quando se constituem criminosos e justiça será feita, seja a quem fôr.

D. Leonor levára seu marido, aonde queria e sem o menor preambulo proseguiu:

—Pois bem senhor; com o coração cheio de magoa vos digo, que o traidor é um alto personagem e receio, que pela altura em que se acha, não lhe possáes tocar! E então ai de mim, que serei a victima expiatoria do zelo, que vós e todas as cousas do estado me inspiram.

—Ainda ignoro o nome do traidor, disse o rei, dizei-o pelo amor do céo, e nada deveis receiar no futuro, assim vol-o prometto e juro.

D. Leonor certa de quanto o rei a estimava, aperçou-se em lhe fazer ver, que ficaria exposta ás vinganças, caso o crime ficasse impune! Era mais um cumprimisso, a que o queria obrigar.

—Senhor, proseguiu ella, o traidor é o mestre de Aviz!

—O mestre de Aviz, exclamou o rei admirado, não o

julgueis assim! É impossivel, D. João é incapaz de tamanha infamia, isso é falso senhora.

—Já esperava essa resposta! Sei a quanto chega a vossa boa fé! D'isso tenho eu bastantes provas... Mas verdade, verdade é quanto vos digo.

—Dae-me as provas senhora, como poderei proceder contra um irmão, sem causas justificativas?

—E cuidava o rei, que viria perturbar a paz, que reina entre elle e seu ingrato irmão, sem ter os documentos da traição! Pegae n'elles senhor e vêde; e se não conheceis a letra do mestre de Aviz, confrontae-a com qualquer pergaminho, que como este esteja escripto pelo seu punho.

Entregou as cartas ao rei que as examinou com a maior attenção.

—Não resta duvida, disse elle, é letra de meu irmão, não esperava uma traição da sua parte... Agradeço-vos tanto zelo e interesse e farei severa justiça. D. João ha de arrepender-se, mas talvez tarde. E quem são os seus cumplices? Só não tentava elle tanta cousa.

—Julgo, e posso-vos affiançar por verdade, que Gonçalo Vasques de Azevedo, é o unico sabedor d'esta intriga infernal.

—Muito bem, ambos se arrependerão, e agora peço-vos licença para dar algumas ordens a este respeito.

D. Fernando chamou um pagem de serviço, e disse-lhe:

—Ide chamar o alcaide da cidade.

O pagem saiu, e uma hora depois entrava Vasco Martins de Mello, para receber as ordens de sua alteza.

—Vasco Martins de Mello, disse D. Fernando, ide a casa do senhor mestre de Aviz e entregae-lhe esta carta, na volta conduzi preso para a torre de menagem, Gonçalo Vasques de Azevedo e esperae tambem lá o infante.

Vasco Martins de Mello, ficou admirado, olhou para a rainha, e leu-lhe no rosto a audacia mais descomodida, que cabe no rosto de uma mulher. Concluiu que tudo era obra d'ella, e que perdido estava o infante, e para tambem não ficar perdido foi cumprir as ordens do rei.

D. Leonor triumphára mais uma vez, mas como Deus é justo, não ficou sem o premio dos seus crimes.

João Pampilhosa, que esperava no quarto immediato o

rei para o barbear, ficou mais de que atterrado, ao ouvir a estirada conversação da rainha.

Com a cabeça inteiramente perdida, teve mais de uma vez vontade de abrir a porta e cortar-lhe as goelas.

No estado em que se achava, não podia fazer a barba ao rei, sem se arriscar a alguma fatalidade; agarrou bruscamente no estojo e saiu, resolvido a nunca mais voltar ao paço; deitou a correr quanto poude, e atravessou tão depressa os becos e viellas da cidade, que parecia um indemoninhado.

Todos acotevelava; e quando nem mesmo assim podia avançar, escapava-se por baixo do braço de qualquer pacifico alemtejano, com tanta graça e semcerimonia, que a ninguem lembrava corregil-o.

Chegou finalmente a casa de D. Lourenço arcebispo de Braga, aonde entrou asbaforido, como se fugisse de uma alcatea de lobos.

D. Lourenço vendo a fadiga em que elle vinha perguntou-lhe com interesse:

—Homem o que tens? viste por ventura o espirito maligno? Estás tão arripiado e cheio de medo...

João Pampilhosa não respondeu nada e assentou-se. O arcebispo repettiu a pergunta, mas elle não estava ainda nos casos de fallar.

—Então homem socega, mas responde ao que pergunto. Que te aconteceu. Se viste o demonio dizi-o; pois como sabes tenho bastante poder para o fazer recuar.

—Se vi o demonio, dizeis vós? vi sim senhor! Vi o demonio e ouvi-o fallar.

D. Lourenço recuou fazendo o signal da cruz.

—Santo Deus! O espirito das trevas não quer abandonar as nossas pobres almas! Mas aonde o viste e ouviste?

—No paço, reverendissimo prelado! No paço, e aonde poderia ser?

—No paço! Não admira meu filho, vesita naturalmente a rainha e o gallego. Mas como o viste, que fórma e côr apresentava?

—Senhor, eu fallo da rainha e julgo que não menti quando disse ter visto e ouvido fallar o diabo.

D. Lourenço reconheceu o engano; e ia dar uma gargalhada, mas conhecendo que João Pampilhosa sabia alguma

cousa de grande alcance, conteve-se para lhe pedir explicações.

— Homem falla claro, que fez de novo a rainha para vires n'esse estado?

— Pois ainda não lh'o disse? Ai santo Deus, em que estado tenho eu a cabeça!

O anão levou as mãos á cabeça e principiou a passeiar na casa de um para outro lado, de uma maneira tão grutesca, que se D. Lourenço não fosse um homem tão sério muito teria rido.

Battia com os pés nas paredes e com as mãos na cara; e dava ais tão sentidos, que causariam um sentimento piedoso, se a tudo isto não reunisse mil truanices de differentes generos e feitios.

O arcebispo, que tinha por elle grande predilecção, deixou-o desabafar por todos os modos e perguntou-lhe finalmente o que tinha.

João Pampilhosa, respondeu-lhe ainda com um sentido ai!

— Homem, ais e truanices não salvam cousa alguma. Diz o que sabes, aliás não estou para te aturar.

João Pampilhosa contou-lhe então quanto ouvira dizer á rainha e a cada palavra augmentava o pasmo do arcebispo.

O anão concluiu bezendo-se como se lhe tivera apparecido o espirito das trevas e proseguiu:

— Aquella mulher é capaz de tudo, e eu tremo pela vida do mestre de Aviz.

— Homem, disse D. Lourenço, justos são os teus receios. Acompanho-te na dôr e nos desejos de salvar o infante. O rei está illudido e não quer desilludir-se, e veremos o que se póde fazer, mas o tempo urge e toda a demora é prejudicial.

Em quanto se passam estas cousas em Evora, vejamos o que vae por Odivellas, aonde se acha D. Luiza de Gusmão, e mais além uma outra mulher, que pela maneira que se soube corregir nos merece a maior consideração.

Gil Vasques ausentara-se de Evora. Antes de se dirigir a Odivellas e foi visitar o seu antigo protector, fr. João da Barroca.

O santo varão tornava-se cada vez mais celebre pelas suas altas virtudes e vida ascetica. Recolhido no seu ermi-

terio, affastado do bolicio do mundo, entregava-se exclusivamente á meditação das cousas de Deus.

Nunca apparecia na côrte, mas nem por isso deixava de ser respeitado; e comquanto presistisse n'um ermo, ali mesmo lhe soavam os tresvarios do rei e as desgraças de Portugal, que chorava como bom portuguez.

Sonhava o santo varão salvar o seu paiz; e a patria não lhe deve menos de que aos guerreiros, que nos campos de batalha verteram o sangue, pela mais santa das causas.

Cada qual na sua missão, uns por meio da palavra, difundem nos povos o santo amor da liberdade, e preparam as grandes crises, emquanto que os homens de guerra esperam pela sua vez.

Proclamado o principio, inoclado no coração dos povos, as santas doutrinas da liberdade, cumpre então aos homens de guerra aproveitarem o terreno, que a voz do apostolado lhes preparou.

Então basta uma pequena palavra tendente aos principios inunciados, para arrebatar as massas, que ha pouco descrentes para nada se moveriam!...

Foi esta a alta missão que coube a fr. João da Barroca na gloriosa revolução, em que os nettos de Viriato e os filhos de Affonso, erguendo-se do pó da escravidão se elevaram ao mais alto pedestal, que á gloria e á liberdade de um povo se póde inaugurar.

Santa é a liberdade e grande é a revolução, que amamos e proclamamos, por ser o unico meio que faz levantar os povos do marasmo que os definha.

O marasmo é a morte e a revolução a vida.

E depois de uma grande revolução, se o amor á virtude não morre, os principios proclamados não caducam, como sempre succede, quando o principio é disvirtuado, porque o enthusiasmo fervente desapparece...

Voltemos a Gil Vasques e vejamos o que faz.

Montado no seu bello cavallo de batalha segue atravez dos serros e çarçaes que orlavam as más estradas de então. Ao atravessar os campos tallados, cortava-se-lhe o coração de portuguez, e chorava a desgraça que pesava sobre este malfadado paiz.

Chegou a Santarem e tomou pela estrada de Leiria, em direcção ao ermiterio de fr. João.

Era n'um d'esses bellos dias, em que a temperatura convida ao ar livre do campo, gosarem-se os encantos, offerecidos pela naturesa, sempre fertil e variada.

N'um campo aonde as flôres se ceifam aos milhares, não se encontram duas iguaes, nem nas matas mais espessas se acham dois arbustos com as mesmas dimensões.

A naturesa capricha em demonstrar, quanto póde o talento e a força d'aquelle, que tanto poder e grandesa lhe deu.

Gil Vasques absorvido em differentes pensamentos, apressava o passo do brioso corsel, por que sendo ao cair da tarde desejava chegar ao ermiterio antes da noite.

No centro de um plano de fórma rectangular, nas vertentes de uma serra, erguia-se o campanario da pequena ermida, ao lado de uma modesta casinha, aonde passava as noites o santo varão.

Um muro medindo oito a dez palmos de alto, guardava uma pequena horta cercada de arbustos, e eis a quanto se reduziam todos os haveres, de fr. João da Barroca, além de uma fonte de agua christalina.

Era mais de sol posto, quando um cavalleiro batteu á cancella, da pequena propriedade. Um rafeiro ladrou, mas o santo ermita, fel-o calar.

—Quem bate? disse fr. João, seja mouro, judeu ou christão não lhe negarei hospitalidade.

—Não é mouro nem judeu, é Gil Vasques que vos pede a vossa santa benção.

Ao pronunciar estas palavras já se achava de pé e nos braços do virtuoso varão, que o recebeu paternalmente.

—Com que então meu filho, acabou a guerra! Ora até que Deus ouviu as preces dos seus servos. A guerra é sempre má, mas entre christãos é monstruosa. Que faz agora a gente da côrte? Como está o mestre de Aviz, e o virtuoso arcebispo de Braga?

Gil Vasques respondeu-lhe como sabia e fr. João proseguiu:

—Meu filho, preparam-se graves acontecimentos, o rei está enfermo, e talvez não viva muito tempo e não sei o que será do nosso bello Portugal. Este casamento ha de ser a nossa desgraça.

—Qual casamento? perguntou o mancebo admirado.

—Sim, o casamento da princeza D. Brites com El-Rei de Castella.

Gil Vasques ficou pasmado pelo que ouvia. Vinha da côrte saber novidades a mais de cincoenta leguas de distancia!

—Não sabia que se projectava esse casamento.

—Pois é como te digo, e ainda has de vêr no throno o mestre d'Aviz!

«É um mancebo, para quem a virtude é lei e o patriotismo um principio inalteravel.

—Mas como ha de ser assim, tendo adiante de si seus irmãos, os filhos de D. Ignez de Castro?

—Altos juizos de Deus! Crê que está reservado para grandes cousas e julgo não me enganar.

As ultimas palavras de fr. João foram pronunciadas com tanta convicção de verdade, que o mancebo olhou admirado.

Depois de uma larga conversação, Gil Vasques, cada vez mais maravilhado do muito que fr. João sabia dos negocios do Estado, procurou desvial-o d'este assumpto para um outro, que lhe não era menos grato.

Fez recair a conversação sobre outros acontecimentos, até que se animou a declarar-lhe o estado do seu coração.

Sem saber por onde devia principiar, resolveu finalmente declarar-lhe tudo.

—Meu pae e protector, tenho reservado um segredo, que julgo ser agora occasião de vol-o communicar.

«Amo D. Luiza de Gusmão, e sou correspondido; ella não tem pae nem parentes, quanto a mim não tenho senão a vós, e ao senhor arcebispo a quem tanto devo.

«É rica e eu sou pobre, mas os nossos corações entendem-se porque os pensamentos e dissabores são iguaes.

«Antes da campanha começar, fui despedir-me d'ella e n'essa occasião propoz-me casar comigo, logo que a guerra findasse.

«D. Luiza já consultou o senhor D. Lourenço, mas eu ainda me faltava pedir a vossa approvação.

Fr. João não se mostrou admirado.

—Sei tudo, lhe respondeu elle, soube que vinhas e qual o fim, e agradeço-te a defferencia.

«Em todo o caso faz o que fôr da vontade do senhor

arcebispo. D. Luiza é casta e virtuosa, e meu filho, é tempo de lhe prestares o teu apoio.

No dia seguinte, Gil Vasques, antes de montar a cavallo beijou-lhe respeitosamente as mãos, e, de joelhos, recebeu a sua ultima benção.

Tres dias depois chegava a Odivellas, ao cair da noite.

Quando chegou ao largo do cruzeiro, viu um homem a cavallo, correndo a grande galope.

O cavalleiro chegou-se a elle, parou e entregou-lhe uma carta.

—Quem sois? perguntou o mancebo.

—Sou João Ribeiro, servo do senhor D. Lourenço, arcebispo de Braga.

Gil Vasques conheceu-lhe a voz, e leu o seguinte:

«Meu filho

«O horisonte da côrte cada vez se apresenta mais nu«beloso. Preparam-se grandes acontecimentos e maiores cri«mes. Saberás que a rainha fez com que o mestre d'Aviz «e Gonçalo Vasques de Azevedo fossem presos!

«Grande é a agitação n'esta cidade, e não ha um só por«tuguez, que não esteja indignado com similhante procedi«mento.

«A rainha e fr. Pedro ficaram furiosos com a tua saida «de Evora, porque desconfiam sempre de ti.

«Não vás com D. Luiza para Braga, o caminho é longo «e um attentado, de mais, no meio de tantos crimes, não os «prende de certo.

«João Ribeiro, servo de toda a minha confiança, te dirá «a minha opinião, quanto ao destino que te cumpre dar a «D. Luiza.

«Adeus, e recebe a minha benção.

«LOURENÇO, ARCEBISPO.»

Gil Vasques ficou perturbado com esta carta, e depois de fazer algumas perguntas ao creado, soube que trazia tambem uma carta para a madre abadeça do convento.

Meia hora depois, voltava o criado e Gil Vasques dirigiu-se á portaria, onde D. Luiza e a abadeça já o esperavam.

A donzella não poude conter as lagrimas, ao vêl-o, pois soubera do ferimento de que milagrosamente escapára.

D. Francisca de Miranda foi a primeira que lhe fallou.

—Meu filho, no estado em que as cousas se acham, um convento, não é asylo bastante seguro!

«Sei que a rainha pensa em mandar buscar D. Luiza, por meio de uma ordem régia; no entretanto, nunca consentiria que a levassem d'aqui, se uma auctorisação ou dispensa do legado do nosso santo pontifice, não me tirasse todos os escrupulos de consciencia.

«Se alguem da parte da rainha vier buscar o thesouro que me foi confiado, dir-lhe-hei:—Fugiu, mas não com o meu consentimento.

«Não é a mim que desejo poupar, mas sim este santo claustro, que não quero vêr profanado.

—Senhora, respondeu o mancebo, sei os dictames da honra, e nunca d'elles me afastei; sei o que devo a D. Luiza, a vós, a mim e á sociedade.

«Amar não é um crime, desejar é uma cousa natural.

«Amar um anjo, como esta donzella, é um dever, desejar possuil-a, um sentimento tão nobre, que justifica a minha presença aqui.

«Se não conduzisse D. Luiza ao altar, certamente seria o primeiro a regeitar um acto que a compromettia.

Voltou-se para D. Luiza e interrogou-a.

—Que dizeis, senhora, não estaes de accordo com as minhas idéas?

—Estou, respondeu ella, e referindo-me ás ultimas palavras que vos dei, no dia da despedida, direi, que visto o claustro não me offerecer segurança, julgo-me aqui de mais.

«Longe, aonde a rainha e fr. Pedro o ignorem, é ahi que bem me considero.

«Não posso estar aonde os meus inimigos podem chegar.

—Mas para onde ireis, minha filha, lhe disse a madre, aonde a rainha e fr. Pedro não possam chegar? A rainha tem um braço que alcança leguas e fr. Pedro olhos que tudo vêem!

«Não me opponho á vossa partida e fazei o que vos parecer mais acertado.

A abadeça retirou-se e D. Luiza combinou, que no dia seguinte ás dez horas da noite sairia pelo jardim.

Gil Vasques despediu-se, e depois de estar no largo, é que meditou no grave embaraço em que se achava.

Precisava de mais um cavallo, e n'um povo tão pequeno difficilmente o encontraria; partiu, pois, para Lisboa e voltou no dia immediato.

Poz-se a caminho, e uma hora depois entrava n'esta cidade.

No dia seguinte, ás dez horas da noite, quem passasse junto ao muro da cerca do convento de Odivellas, veria dois homens segurando tres cavallos.

A noite estava bella e serena e uma brisa fagueira trazia o balsamico cheiro das flores.

O ceu estava limpo e os luzentes scintillavam, como pequenos fachos dessiminados pelo espaço.

Não se via uma só pessoa: os trabalhos campestres tinham finalisado, e o pobre jornaleiro descançava socegado das fadigas diurnas.

Apenas se ouvia o latido dos cães nos differentes casaes, que ao longe se differençavam.

—João, disse Gil Vasques, devem ser dez horas.

—Sim, senhor, não deve ser menos, se não fôr mais.

—Escuta, disse elle mansamente, não ouves o tropear de alguns corceis?

—Julgo ouvir cousa que com isso se parece.

Não teve tempo para dizer mais: a porta da cerca abriu-se e um vulto todo branco appareceu.

—D. Luiza! disse o mancebo.

A donzella correu, e caiu-lhe nos braços.

—Vamos, disse elle, senti o tropear de corseis e receio alguma fatalidade.

—João, conduz os cavallos para o largo do cruzeiro.

D. Luiza tremia visivelmente, e a sua natural placidez, se a não abandonára de todo, tinha desapparecido em parte.

Gil Vasques era inalteravel, mesmo atravez dos maiores perigos: era um guerreiro completo.

—Animo, lhe disse elle, coragem, recuar n'esta occasião seria perder tudo.

Chegaram ao largo e viram as portas da igreja entreabertas e deprehenderam que o padre capellão já os esperava.

Não se enganaram, porque o sacerdote estava paramentado e á sua espera.

O sachristão e o velho jardineiro do convento, eram as suas unicas testemunhas.

D. Luiza tremia como se fôra assaltada por uma convulsão nervosa; e quem a visse julgal-a-hia uma victima.

O templo, fracamente illuminado, apresentava um aspecto lugubre, que amedrontava uma alma menos prevenida.

Duas pequenas alampadas suspensas defronte do Sacramento, espalhavam um clarão frouxo e incerto!

D. Luiza ajoelhou e orou fervorosamente, e n'aquelle momento solemne lembrou-se de D. Maria Telles, e do fim que tivera.

Chorou, e não podia deixar de o fazer; uma certa paridade de circumstancias se dava entre ambas, e orou a Deus pelo seu repouso eterno, pedindo-lhe que a dotasse de maior ventura.

O padre convidou-a a ir á sachristia para assignar as escripturas.

D. Luiza levantou-se, e meia hora depois era legitima esposa de Gil Vasques.

Tudo estava concluido, mas ainda lhe restava que soffrer.

Dirigiam-se para a porta da igreja, quando o galopar de muitos cavallos os veiu sobresaltar.

O tenir de esporas resoou pelas escadas, e mais de seis cavalleiros entraram.

Realisavam-se os justos presentimentos de D. Lourenço arcebispo de Braga!

A rainha e fr. Pedro tudo souberam e preveniram os acontecimentos.

Mas já era tarde!

D. Luiza achava-se ligada para sempre, e no mundo não havia poderes que legalmente lhe quebrassem os laços.

A joven desmaiou nos braços do esposo, que, emquanto que com um braço a segurava, e collocava no degrau do altar, puchava pela espada e punha-se em guarda.

—Entregae a espada, cavalleiro, estaes preso á ordem do rei.

—Nem mais um passo, senhor commendador Porcallo, lembrae-vos que a tempera da minha espada, não é menos rija que a do mestre d'Aviz.

«Fu! traidor, digno alvasil de um frade tão devasso, como o saião que o serve.

Porcallo não era covarde, avançou e intimou-lhe por segunda vez a ordem do monarcha.

—Não gastemos palavras, lhe disse, dae-me a espada, em nome do rei.

—Pois se faz tanto gosto n'ella, elle que a venha buscar; já não pertenço a mim só, eis ali minha esposa.

Porcallo rugio furioso e deu ordem aos homens d'armas para carregarem.

Gil Vasques deu uma gargalhada que reboou pela abobada do templo; era o rir do desespero, a sede de vingança, e a cholera mais terrivel, que na vida se póde comprehender.

—Prendei o traidor.

—Traidor és tu, infame covarde, disse o mancebo rangendo os dentes, e avançando socegado.

Os soldados pucharam das espadas, mas quando no templo de Deus ia talvez correr o sangue da innocencia, a lage de uma campa foi levantada com estampido horroroso, e um phantasma se ergueu ameaçador.

As espadas baixaram! Todos simultaneamente recuaram e o silencio tornou-se medonho!...

Uma voz cávada e tremebunda, se ouviu, fulminando terrivel anathema.

—Profanadores da casa de Deus, fugi! Miseraveis sem crença, nem fé, sahi antes que estas abobadas castiguem a vossa audacia.

Apontou com gesto imponente para a porta e ficou silencioso!

Todos estavam desfigurados, com os cabellos arrepiados e os rostos lividos, pareciam espectros.

O padre ajoelhou, e não foi dos ultimos a tremer de medo.

Hoje ninguem recuava, e iam reconhecer o phantasma; mas n'aquelle seculo de ignorancia, não havia coragem para tanto.

Fugiram todos espavoridos, á excepção de Gil Vasques e do padre, cujas consciencias ostavam socegadas.

Porcallo ainda quiz obrigar os soldados a voltar, mas elles transidos de medo, montaram a cavallo e desappareram a todo o galope.

O commendador, em vista do que se tinha passado julgou-se desobrigado completamente da sua missão, e como se viu abandonado pelos seus soldados, e sabendo que Gil Vasques não era homem que cedesse facilmente, montou tambem a cavallo e tomou o caminho de Lisboa.

Tudo isto se passou tão rapidamente, que mais tempo leva a dizer-se.

O phantasma conservara-se ameaçador apontado sempre para a porta, mas quando sentiu o galopar dos cavallos deu uma estrepitosa gargalhada.

—Que parvos, que grandes asnos, exclamou elle apontando ainda para o guarda-vento.

Gil Vasques tambem esteve a ponto de rir, quando viu a volumosa cabeça de João Pampilhosa erguida com certa altivez; e fazendo mil figas e caretas, desafiava o riso do homem mais sisudo do mundo!

Mas como veiu parar João Pampilhosa ao carneiro do convento de Odivellas?

E o que os leitores vão saber no capitulo seguinte.

XI

Continuam os crimes

Os leitores ficaram de certo admirados ao verem apparecer João Pampilhosa de uma maneira tão estranha.

Ao lado d'elle via-se uma outra cabeça! Quem era?

Veremos:

João Pampilhosa era mais de que homem: era demonio umas vezes, e anjo n'outras, porque apparecia sempre quando era preciso.

Dotado de inabalavel presença de espirito, se de tudo não ria, não chorava por cousa alguma, e no centro dos maiores embaraços era sempre grande na alma, embora pequeno no corpo.

Diremos como um nosso talentoso poeta, que nunca vimos homem gigante com gigante coração.

Mas qual será a razão d'isto?

É que o Eterno deseja demonstrar, que quanto mais a materia é fraca e acanhada, mais forte e grande é o espirito,

e logo uma cabeça muito volumosa, nem sempre é prova de grande juizo.

Voltemos ao assumpto.

Gil Vasques tratou de fechar a porta da egreja e disse para João Pampilhosa:

—Homem, devo-te mais de que a vida, e admirado como estou, dize-me o que posso fazer na presente conjunctura?

O anão sempre inalteravel, respondeu-lhe:

—Trata de salvar tua esposa e de lhe fazer cobrar os sentidos; não receies que Porcallo volte, porque todos fugiram cheios de medo.

N'isto sahiu do carneiro e ajudou-o a soccorrer D. Luiza de Gusmão.

A joven recuperou os sentidos e não ficou menos maravilhada da presença de João Pampilhosa.

É preciso que os leitores saibam como as cousas se passaram.

O anão ficára indignado, como os leitores sabem, por causa da prisão do mestre d'Aviz, mas soando-lhe que fr. Pedro e a rainha tinham resolvido roubar do convento, D. Luiza, preveniu o arcebispo de Braga.

João Pampilhosa, é verdade que não ia ao paço, havia dias, mas não faltava quem viesse avisal-o de tudo.

Ao constar-lhe porém que fr. Pedro e Porcallo vinham para Lisboa, munidos de um aviso régio; metteu-se immediatamente com elles, e tanta cousa lhes disse, tanto os lisongeou, que seguiu com elles para a capital.

Os leitores estão lembrados que Gil Vasques ouvira um tropel de cavallos, na occasião em que D. Luiza sahia pela porta do jardim.

Era Pampilhosa e um escravo de sua confiança, por que o homem era rico.

Fr. Pedro sabia quanto se passava no convento, por uma velha freira, typo genuino d'essas intrigantes, que por muitas vezes povoam o claustro, e como João Pampilhosa passava por seu confidente, sabia de todas as suas resoluções.

Duas horas antes de Porcallo partir, seguia o nosso anão a passo, montado em brioso macho, e seguido do seu escravo predilecto.

João Pampilhosa era um perfeito liberal, e estas idéas

eram as dos nossos maiores, e á força de raciocinios convertera os seus escravos ao christianismo, dando-lhes a liberdade que desejavam.

Voltemos ao assumpto.

João Pampilhosa pôz-se á lerta, e acompanhou os acontecimentos, depois de ver entrar no templo Gil Vasques e D. Luiza; protegido pelas trevas seguiu-os de perto, e metteu-se n'um confissionario na sachristia; ao sentir porém o estrepito dos cavalleiros, conheceu que soára a hora de operar com toda a energia.

Abriu a porta que dava para o carneiro, agarrou n'uma lanterna de furta fogo e vestiu uma alva, pôz na cabeça uma toalha de linho, e auxiliado pelo escravo, que era dotado de uma força herculea, fez saltar a campa e recuar de medo o commendador Porcalho como dissemos.

D. Luiza restabelecida completamente, declarou achar-se com forças para seguir seu espoco, ao cabo do mundo, se tanto fosse preciso; e foi quando surgiram os embaraços, para o joven consorte.

—Em que pensas, homem, lhe diz João Pampilhosa.

—Em que penso? Na maneira de salvar minha esposa das unhas d'estes abutres!

—Não ha nada mais facil: o commendador Porcalho convencido que vão para Braga, vae esperal-os ao caminho; e agora na rota de Lisboa segue a todo o galope: é o que foi combinado, no caso de vos não achar nem a D. Luiza.

—Devemos crer que não irá dizer a fr. Pedro, que fugiu de um phantasma, que lhe appareceu na egreja, n'essa não cáe elle, diz-lhe que vos não encontrou, e em continente põe-se na rota de Coimbra. Vamos, é montar a cavallo e seguir para o ermiterio de fr. João da Barroca, aonde estarão seguros; mas isto deve ser dito e feito, porque toda a demora vos prejudica.

Seriam duas horas da madrugada, a brilhante aurora começava a despontar tão formosa e bella, como quando ha cinco mil oitocentos e tantos annos, Deus criou o astro brilhante, e lhe deu luz para reflectir nos demais planetas.

Deus criou tudo, e segundo o Genesis, até criou o dia antes do Sol!

A estrella de alva brilhava como sempre, e atravez do seu frouxo clarão á custo se differençavam os objectos.

O criado do arcebispo não podéra largar os cavallos, e quando Gil Vasques appareceu, ainda se conservava no mesmo logar, firme e silencioso como um penedo.

D. Luiza montou ligeiramente a cavallo, era uma excellente amazona; e depois de se despedir de João Pampilhosa, partiu mais Gil Vasques para Leiria.

O seu véo branco fluctuava ao capricho do vento, e as suas formas delicadas, davam-lhe um aspecto phantastico e fóra de commum; e quem a visse ao longe, julgaria ver a realidado do ideal; e que a brilhante aurora passeava pelo mundo, se não em carro brilhante, em formoso corsel.

João Pampilhosa tomou as suas medidas e foi á noite para Lisboa, e só assim fugiria á desconfiança de fr. Pedro, que estava furioso.

Seguido do seu fiel escravo, passou a metter o nariz em todas as casas de venda, para observar o que diziam os aldeões.

A conversação recaía sobre os acontecimentos passados e todos emittiam a sua opinião, e differentes eram as versões.

Uns asseveravam que D. Luiza fugira, depois de se casar, outros diziam em voz baixa, que o demonio apparecera e arrebatára os noivos; e ao dizer isto muito baixinho, benziam-se medrosos.

João Pampilhosa ouviu-os e rio-se interiormente da simplicidade, d'aquella boa gente, que acreditava em contos da carochinha.

Ficou todavia satisfeito, reconhecendo, que entre tantas versões, nenhuma era a verdadeira.

Convencido d'isto, poz-se na estrada de Lisboa eram ave Marias.

No caminho encontrou dois homens de má catadura. Iam armados, mas não eram cavalleiros, e João Pampilhosa tomando-os no devido valor, chamou-lhes scelerados.

Em quanto se passavam todas estas cousas e outras como adiante veremos. Voltemos á côrte e vejamos o que se passa em Evora, porque factos pouco vulgares ali se dão, e graves acontecimentos se preparam.

O estado de saude de D. Fernando era realmente grave.

O tratado do casamento de D. Brites com D. João I de Castella estava concluido, e só se cuidava em levar a cabo

os aprestos necessarios, para que a princeza herdeira dos reis de Portugal, se apresentasse condignamente.

A prisão do mestre d'Aviz causára desagradavel impressão em todos os animos, especialmente nos cavalleiros de caracter independente.

Andeiro proseguia audacioso e a rainha, cega inteiramente pelo amor, praticava da maneira mais reprehensivel.

O povo agitava-se desgostoso e um movimento surdo se desenvolvia entre as differentes classes.

Ninguem punha em duvida os sentimentos patrioticos do mestre de Aviz, e como soubessem quanto a rainha lhe era desafeiçoada, todos comprehendiam as suas intrigas, e era publicamente accusada de attentar contra a vida do infante.

Dos lares domesticos passaram os doestos ás praças publicas; e da ira concentrada surgiu um desespero fervente, que muito a encommodava.

Os fidalgos e cavalleiros excitavam o povo, promovendo indirectamente a indisposição que lavrava por todos os lados.

Aleixo de Figueiredo desapparecêra da côrte não obstante a prohibição da rainha.

Todos ignoravam as causas, á excepção de seu tio, que aguardava socegado o desenlace do drama sangrento que preparára.

O frade voltara furioso, por se terem escapado os dois esposos; e a primeira vez que se avistou com o commendador; Porcallo, disse-lhe com a voz suffocada pela raiva.

—Soes um covarde, mais timido que uma velha freira! Já sei tudo!

—Que um miseravel villão fuja de um phantasma, tem desculpa na sua propria ignorancia, mas um cavalleiro fidalgo, um homem de guerra, é mais de que vergonhoso é ridiculo, é miseravel.

Porcalho ia para se justificar, mas o frade respondeu-lhe em tom desabrido.

—Callae-vos, senhor cavalleiro, se quereis a recompensa, ainda tenho ouro para vos dar.

A Porcalho ainda restavam alguns restos de pudor; olhou para o frade indignado, voltando-lhe as costas com despreso e saiu; quanto a fr. Pedro não se incommodou com

o gesto furibundo do seu alliado e encolheu os hombros, dizendo laconicamente:

—Que se vá ou fique pouco me importa. Em precisando de dinheiro, acabaram-se-lhe os caprichos; e então veremos quanto vale em réis o nobre orgulho de um fidalgo cavalleiro.

Assim se expressou o frade e não sabemos se com razão.

Fr. Pedro ordenou a sua partida para Evora, e seis horas depois estava na estrada de Santarem.

Na côrte augmentava a efervescencia a par da audacia dos criminosos.

D. Leonor julgando neutralisar a critica a que se expozera por causa de Andeiro, dera-lhe publicamente um annel; e não houve rico nem pobre, nobre ou plebeu, que não commentasse este acto.

Os cavalleiros riam, as damas coravam e o povo vocifrava contra a mulher, que assim manchava o solio da realeza.

Entre os fidalgos que mais se pronunciavam contra os desvergonhamentos da rainha, dois a todos excediam.

Eram dois nobres cavalleiros, symbolo da honra e da probidade.

Amando sinceramente o mestre de Aviz, não podiam tolerar que o joven principe, fosse alvo das intrigas de uma adultera, para satisfação de um cavalleiro gallego.

Em casa, nas ruas, nas praças e no proprio paço manifestavam a indignação de que se achavam possuidos.

Gonçalo Vasques Coutinho e D. Affonso Furtado eram fidalgos distinctos e de grande nomeada.

O primeiro na qualidade de sogro do amigo do infante, punha em acção todos os meios e traças, de que era capaz para o salvar da prisão.

D. Affonso Furtado fazia outro tanto, com quanto não fosse parente do mestre d'Aviz.

A casa d'estes varões illustres e sempre prestantes á boa causa, era o ponto de reunião aonde os descontentes conferenciavam.

Foi ali que por assim dizer teve origem a grande conspiração, que conduzindo o infante ao throno, salvou o paiz das garras do estrangeiro.

D. João teve que saltar por cima de um cadaver! Com tudo como era o de um traidor, o grande vulto da nossa historia, affastando-o de si, passou adiante, porque a mais alta missão lhe guiava os passos.

No topo da vereda illustre que tinha a percorrer não estava apenas o throno, estava a liberdade de um grande povo!...

Sublime era esta missão; e não é por certo o sangue de um fidalgo sem crenças nem fé, que a nosso ver a desvirtua.

Sabemos que a morte de Andeiro é um impossivel moral, mas nós olhando simplesmente para o seu resultado civico, só vemos surgir a liberdade do povo portuguez.

As vestes deslumbrantes com que a gloria se enfeita, não deixam transparecer as côres d'esse quadro pavoroso!

Mil feitos illustres tornaram immerredouro o vingador da honra do rei de Portugal, e nos louros da victoria temos a absolvição dos seus peccados.

Vamos á nossa historia.

No palacio de D. Affonso Furtado estão reunidos differentes cavalleiros, fallam com enthusiasmo e nos rostos de todos transluz o fogo do desespero.

—De que se trata? trata-se de fallar ao rei e justificar as victimas, que a rainha tenta immolar aos interesses do valido.

D. Affonso Furtado foi o primeiro a tomar a palavra, era inteiramente devotado aos interesses do infante, e sincero apreciador das suas virtudes.

—Julgaes por ventura, que o rei tem por fim hostilisar o infante seu irmão? Não o julguem, cavalleiros; o rei é fraco, mas não é mau. A rainha, sim, essa é capaz de se banhar em sangue e de viver n'um lodaçal.

N'ella tem a nobreza o maior inimigo, o rei a sua vergonha e o paiz a sua desgraça e é preciso que todos nos dirijamos ao rei, fazendo-lhe ver que se acha illudido.

As palavras do velho cavalleiro foram aplaudidas energicamente e por unanimidade, foi a sua idéa approvada.

Entre todos foi combinado, que dois iriam fallar a D. Fernando; e como Gonçalo Vasques Coutinho e D. Affonso Furtado, eram por assim dizer os mais interessados,

era a elles e mais ninguem, que cumpria desempenhar esta nobre missão.

Retrogrademos um pouco mais a quem d'estes acontecimentos, de grande importancia.

Os leitores já sabem qual foi o resultado das intrigas da rainha.

Vasco Martins de Mello em cumprimento das ordens da monarcha, dirigiu-se em continente a casa do infante.

Munido da carta regia apresentou-se na antecamara do mestre d'Aviz e disse para o pagem de serviço:

—Quero fallar ao infante.

O mancebo levantou-se respeitoso e levou a mão ao casco burnido, pesado de mais para tão juvenil cabeça.

—O senhor infante está com D. Nuno Alvares Pereira; não sei se vos poderá fallar.

—Não me conheceis, mancebo?

—Conheço-vos perfeitamente, senhor, soes o alcaide d'esta nobre cidade, mas isso não me authorisa a desobedecer ás ordens de meu amo.

Vasco Martins de Mello era um nobre cavalleiro, honrado quanto a honestidade portugueza o exige, e valente como os brios de um heroe.

Não se molestou com as respostas do joven, porque muito lhe agradaram.

—Pagem, disse elle, fazei o que vos peço, dizei ao mestre de Aviz, que o alcaide Vasco Martins de Mello, é portador de uma carta de sua alteza e que deseja fallar-lhe.

O pagem curvou a cabeça e dois minutos depois entrava o alcaide, levando na mão a carta do rei.

D. João de pé, e de rosto inalteravel, recebeu-o como tinha por costume receber os valentes que ao seu lado combateram nos campos de batalha.

—Sê bem apparecido nobre cavalleiro, e só uma carta de El-Rei, aqui vos traria.

O alcaide não lhe respondeu e apresentou-lhe o pergaminho, dizendo-lhe:

—El-Rei nosso senhor, ha pouco me mandou chamar á sua presença, e depois de me dar algumas ordens, confiou-me esta carta, que nas vossas mãos deposito.

O infante depois de a ler, ficou impassivel como es-

tava, e não se lhe notou a menor contracção, ou gesto de surpreza.

—Vêde, D. Nuno, disse elle para o joven, que estava ao seu lado, vêde como tratam o mestre d'Aviz.

Apresentou-lhe a carta, que pelo cavalleiro foi lida com curiosidade. D. Nuno não teve tanta força de espirito, e exclamou:

—Isto é uma traição! Vós não podeis cumprir esta ordem, tendes amigos, soldados e a estima do povo e não vale cruzar os braços.

—Callae-vos imprudente, esqueceis que o alcaide de Evora está na vossa presença? Se tanto fizesse, além de não ter a justiça por meu lado, justificava as calumnias dos meus inimigos.

Vasco Martins de Mello, julgou-se offendido com as palavras do infante e respondeu:

—Senhor, o alcaide d'esta cidade, é um fidalgo portuguez, que nunca soube repetir o que ouviu ou lhe disseram; obedeci ao rei, e podia deixar de o fazer? O mestre d'Aviz, que é o primeiro entre os cavalleiros portuguezes, não póde desconhecer a verdade.

—Sei e conheço a vossa lealdade, e não tive por fim offender tão nobre cavalleiro, vou pedir-vos um favor: sabeis por ventura, se mais algum cavalleiro foi, ou é preso?

—Gonçalo de Azevedo, um dos vossos maiores amigos, tambem será encarcerado na torre de menagem.

—Agradecido, lhe respondeu o mestre d'Aviz, podeis proseguir nas instrucções de El-Rei, em quanto me apprompto, e crêde que ao cair da noite, estou na vossa companhia.

O alcaide saiu e o mestre d'Aviz á hora convencionada achava-se na torre de menagem, como ao alcaide dissera.

Ao entrar achou uma carta de Gonçalo de Azevedo, em que lhe participava ter tambem sido preso.

O mestre d'Aviz, não ignorava donde vinha o mal, sabia quanto era aborrecido pela rainha, e que quando jurava uma vingança nunca se esquecia.

Encerrado entre quatro paredes denegridas, tinha apenas como distracção passear de um para outro lado, n'uma pequena area de quarenta pés quadrados, pois tanto media o aposento que lhe fôra destinado.

Nos primeiros dias, nem ao menos o deixaram fallar com os fidalgos seus amigos, tal era a ordem da rainha; mas Martins de Mello, parecendo-lhe rigor de mais representou ao rei e foi attendido.

Os dias decorriam tristes e silenciosos para o joven recluso; o dia de hoje era como o de hontem, e o de ámanhã como todos os mais.

N'alguns dias da semana, era-lhe concedido passear na esplanada da torre, e ahi ao ar livre, dilatando a vista pelos formosos campos, que guarnecem a cidade de Evora, ahi meditava sobre o futuro do povo portuguez, que amava do coração.

Lamentava, que tão nobre povo soffresse impassivel as injurias de uma mulher desenvolta e de um fidalgo traidor.

Ali sonhava a liberdade de Portugal! Ali meditava a maneira de salvar seu irmão á deshonra, e premeditava a punição do crime, que contra o thalmo da realeza se perpetrava.

O povo corria de tropel até ás avenidas da torre, e ahi em altos brados pedia que soltassem o joven mestre, ou que lh'o deixassem ver.

Bradava indignado contra as prepotencias da rainha, e algumas vezes os hypithetos mais indecorosos lhe eram dirigidos.

Reinar não é governar, porque governar bem, é a maior gloria que um monarcha póde obter.

Governar não é resistir, como já ouvimos dizer; governar é administrar como Colbert e não como Sejanno.

Ninguem como o mestre d'Aviz melhor soube conciliar a simpathia do povo com o respeito da nobreza. Principe, por parte do pae e plebeu pela mãe, reunia ás virtudes do mais honrado burguez, a magestade suprema de um grande homem de estado.

Não queria o joven infante, a menor demonstração do povo, receava os seus inimigos por lhes conhecer a força; e bem fundados eram os seus receios, como mais adiante veremos.

Vasco Martins de Mello, ia todos os dias cumprimentar o infante aonde sempre numerosos amigos se achavam.

O arcebispo D. Lourenço estava indignado com a impudicicia da rainha e de Andeiro, procurou-os e disse-lhes tan-

tas e tão amargas verdades, que D. Leonor, appellando para a sua posição, impoz-lhe silencio.

—Calae-vos, senhor arcebispo, esqueceis que fallaes á vossa rainha? Se não tivesse a maior consideração por vós e pela vossa alta dignidade, não deixaria impune tanta falta de respeito.

D. Lourenço não era homem que vergasse ante as ameaças, especialmente partindo de uma creatura, que comquanto rainha, era bastante despresivel.

Ergueu-se, grande como a virtude, fulminou-a com um olhar terrivel e bradou com essa convicção de verdade, que a virtude inspira.

—Podeis tirar a vossa desforra, senhora, podeis mesmo attentar contra a minha vida, que pouco me importa morrer hoje ou ámanhã! Acima de Deus não vejo nada, e abaixo d'elle tudo.

«Junto ao throno da Magestade Divina, ahi, não como rainha, mas sim como Leonor, sem purpura nem diadema real, ahi comparecereis humilde, e lá sabereis então quanto vale uma rainha criminosa!

«Ahi sabereis o valor de uma consciencia adultera, sem crenças nem fé, sem alma nem coração!

«Andeiro terá o premio de seus crimes e caro pagará tanta infamia, porque a justiça de Deus não dorme.

A rainha ficou aterrada; quanto a D. Lourenço, olhando-a com desprezo, retirou-se socegado.

D. Leonor cobrou animo, puchou de um pequeno punhal que sempre trazia comsigo, e procurou o arcebispo.

Suffocada pela colera não dera pela sua retirada, e a não ser assim, tel-o-hia assassinado.

Ha consciencias mais duras que penedos graniticos.

N'estes entre o alvião e a broca, mas n'aquellas, não sendo accessiveis ao remorso, cada vez mais se identificam com o crime.

D. Leonor rugiu como a hyena e tremeu raivosa; e como desejava saciar a sede da vingança, que lhe corroia as entranhas, cravou repetidas vezes o punhal, nas costas da cadeira de espalda, em que estava assentada.

Tocou uma pequena campa e uma dama appareceu.

Mandou chamar Andeiro e fr. Pedro e teve com elles uma larga conferencia.

. . . .

Estas scenas tiveram logar no dia immediato á prisão do mestre d'Aviz, quando os fidalgos e o povo corriam de trupel ao paço a pedirem explicações; mas D. Fernando doutrinado pela rainha, respondia a todos, que altos interesses do Estado o levaram a praticar por tal fórma com o mestre d'Aviz.

Todos ficavam no mesmo estado e ignorando as causas de similhante procedimento.

Vamos levar outra vez os leitores a casa de D. Affonso Furtado, e vejamos o que faz aquelle fidalgo, e mais Gonçalo Vasques Coutinho,

Estamos em vesperas de grandes acontecimentos, e os leitores recordam-se da ultima reunião, em que se resolveu, que D. Affonso Furtado e mais Gonçalo Vasques Coutinho, no dia da primeira recepção da côrte, se apresentariam vestidos de armas, e que em presença do rei e de toda a nobreza, pediriam o juizo de Deus, para o infante e para Gonçalo de Azevedo.

Estamos n'um bello dia de maio, e na cidade de Evora nota-se grande bolicio.

Numerosos cavalleiros percorrem as ruas, e os bésteiros e homens de armas marcham em differentes direcções.

Os cascos de ferro brunido lampejam ao reflexo do sol, e as côres variegadas dos escudos e fraldões, o brilho das cotas de malha e o fluctuar dos longos penachos, produzem um effeito deslumbrante.

Os corseis armados e acobertados relincham; e mordendo os freios, assimilhavam-se a essas figuras diabolicas, que a imaginação pagã, creou, quando formou a sua cohorte de Deuses.

Assim caminhavam os guerreiros para o paço real, ao som de trombetas, charamellas e tambores, cujo som vivido e stridente causava desagradavel impressão, aos ouvidos menos sensiveis.

Em frente do paço achavam-se formados os bésteiros de pé e alabardeiros, e formados em tres filas de fundo, conservavam-se firmes, com os officiaes de commando na frente.

De que se tratava no paço?

Tratava-se de participar á côrte que o muito alto e poderoso rei de Castella e Lyão, D. João I, ia desposar a princeza D. Brites d'este reino.

Os tratados estavam assignados pelos dois monarchas, e breve se concluiria esta cerimonia, não obstante a infanta de Portugal, estar casada com o filho do conde de Cambrige, como os leitores sabem.

Para a consciencia de um homem sério seria um grande embaraço, mas para D. Fernando, que promettendo casar-se com a infanta de Aragão e com a de Castella, foi finalmente entregar-se a uma mulher que roubou a um seu vassallo, não era o facto de sua filha estar casada com o principe inglez que o prendia.

D. Leonor preparara as negociações d'este casamento, e dominando seu marido, conseguiu que os artigos do contracto lhe fossem favoraveis, e tanto assim que lhe davam garantias e poderes, se sua filha morresse sem filho varão, e assim D. Leonor obteve, o que nunca se vira em terras portuguezas.

O fim de D. Leonor era governar, mas a ambição matou-a!

O desmedido desejo de reinar, foi o principal motor, que a levou a ir morrer no convento de Turdesillas junto a Valhadolid.

Foi para ali que El-Rei seu genro a mandou para fugir ás suas pretenções.

D. Fernando assignou quanto D. Leonor quiz e desejou; e mal sabia elle que se ella lhe pedia tanto, não era só para si.

Estava tudo concluido, não obtante o protesto dos cavalleiros inglezes, em nome dos seus senhores, o duque de Lencastre e conde de Cambrige, mas D. Fernando, vendo apenas n'este novo capricho a maneira de obter a paz, deu pouca ou nenhuma consideração aos protestos dos inglezes

Voltemos ao paço.

Na grande sala do throno acha-se agrupada a nobreza, conversando e questionando sobre os acontecimentos do dia.

Os arautos e passavantes occupam os seus respectivos logares, bem como os reis d'armas, e mais altas dignidades da côrte.

Um velho fidalgo, correndo o reposteiro, disse:

—Chegou El-Rei.

A esta voz, todos tomaram os seus logares e o maior silencio reinou no vasto salão.

D. Fernando appareceu finalmente, fraco e abatido, e era apenas uma recordação do que fôra! Teria apenas quarenta e sete ou quarenta e oito annos, mas parecia um velho, porque uma pallidez de morte lhe cobria as faces cavadas pelas affecções physicas e moraes.

Curvado pela doença, parecia ter mais annos dos que realmente contava.

Seguido dos officiaes móres e camaristas tomou assento no throno, e a rainha a seu lado, e não obstante a sua formosura, parecia uma ave agoureira ou sombra ameaçadora.

O silencio proseguiu inalteravel até que pelo rei foi interrompido.

—Nobres fidalgos, ricos homens e infanções, disse elle com voz abatida, não vos é estranho os sacrificios que fiz para sustentar a guerra, em que a nossa honra de portuguezes estava empenhada.

«Este bello paiz, é rico de mais para supprir as despezas de uma guerra, e brioso indefinidamente para manter a sua reputação.

«Mas senhores, um rei póde muito pouco, comparativamente com qualquer cavalleiro; este se arrisca a vida n'um campo de batalha, a sua morte não trouxe embaraços, nem ao seu pleito de honra arrastou um povo inteiro,

«Mas os interesses de um rei estão ligados á patria, e perante as conveniencias dos povos fenecem os caprichos, e para evitar maiores males, minha prezada filha vae casar com El-Rei de Castella.

Era a quinta vez, que esta princeza, aos doze annos era esposa, por causa da politica desvairada de seu pae!

Os fidalgos sabiam e reprovavam tudo isto mas conservavam-se silenciosos, pelo respeito tributado aos regios disparates.

D. Fernando proseguiu:

—Os tratados estão assignados e trocados e reuni hoje a côrte para de tudo lhe fazer sciente.

D. Leonor estava com o rosto afogueado pela colera, por saber que reprovavam as vantagens que obtivera; e lendo no rosto de todos o despeito, estava desesperada.

Mil projectos de vingança assaltaram aquella cabeça, e todos eram proprios de um espirito prevertido, para quem o crime era uma segunda natureza.

Um silencio sepulchral reinava entre a nobreza! Ninguem diria que se tratava de um casamento, mas sim de um funeral. Mas é que o projectado matrimonio, era a sentença de uma longa agonia para o paiz.

D. Fernando ia talvez para se retirar, quando dois cavalleiros de ademan respeitavel avançaram até junto aos degraus do throno.

Eram D. Affonso Furtado e Gonçalo Vasques Coutinho.

Cumprimentaram respeitosamente o monarcha e ficaram silenciosos.

D. Fernando conhecendo que desejavam fallar, disse-lhes com bondade.

—Nobres cavalleiros: Se alguma cousa tendes a dizer ou a representar, fallae, os reis de Portugal nunca tiveram por costume tapar a boca aos seus vassallos!

D. Affonso Furtado foi o primeiro a fallar.

—Senhor, foi sempre costume entre os vossos maiores fazer justiça recta e imparcial, e agora justiça vos vou pedir para dois innocentes.

D. Leonor impallideceu. Andeiro mudou igualmente de côr; e ambos se comprehenderam n'um reciproco olhar.

D. Affonso Furtado proseguiu, sem se perturbar:

—É pois justiça que vos peço, justiça para a innocencia vilmente calumniada.

Fulminou Andeiro com um olhar terrivel, em que o odio e o despreso iam intimamente ligados.

—Fallae, disse o rei. Fallae, que sereis attendidos.

—Pois bem senhor, com a vossa permissão, direi o que desejo e entendo por verdade.

«O nobre mestre de Aviz vosso irmão de sangue está preso por traidor! Senhor é uma calumnia atroz, e destituida de fundamento, que só revella má fé.

«Não sei quem são os delatores, nem desejo sabel-o, se não n'uma estacada, aonde com armas e cavallo, possamos appellar para o juizo de Deus. Eu pelo nobre infante, symbolo da honra e da bravura, e este valente fidalgo, Gonçalo Vasques Coutinho, por seu genro Gonçalo Vasques de Azevedo.

—Mas que provas apresentaes contra as que tenho da sua traição? Respondeu D. Fernando commovido, pois que realmente não era máo.

—As provas senhor! As provas estão nos actos do senhor infante, na sua lealdade e dedicação pela pessoa de vossa alteza.

«Quaes são os factos que depõem contra a lealdade do mestre de Aviz e de Gonçalo Vasques de Azevedo?

«Quem vos affiança senhor, que essas informações não são falsas e forjadas pelos inimigos, do filho do vosso nobre pae?

D. Leonor tremia de raiva e Andeiro, julgamos que de medo.

—Tudo isso é assim, respondeu o rei mas... E em todo o caso, verdade, verdade, fallo-vos francamente, tambem me custa a crêr na traição do infante, e a não ser uma vontade superior...

A rainha puchou-lhe pelo manto e fallou-lhe ao ouvido. Não sabemos o que lhe disse; e o que podemos affiançar é que o rei mudando de tom proseguiu:

—Digo uma força superior que os condemna, porque as provas são incontestaveis.

«Acima dos laços de sangue estão os deveres do rei, o respeito á lei e os interesses do estado.

D. Leonor triumphára; e no rosto dos inimigos do infante notou-se geral satisfação.

D. Affonso Furtado olhou para Gonçalo Vasques Coutinho, que comprehendendo-lhe os desejos, avançou dois ou tres passos.

Sua elevada estatura, seu rosto nobre e cabeça coberta de cans, davam-lhe um aspecto venerando.

—Agora eu senhor, disse elle, agora eu; e em nome de Deus e da Virgem Santissima!

«Em nome da trindade divina, Padre, Filho e Espirito Santo, que tudo vê e sabe, declaro aqui, alto e bom som, que o infante e meu genro, estão innocentes do crime que lhe attribuem, como o Salvador dos peccados que os phariseus lhe imputaram!

«Suas almas estão tão puras como o vello do mais branco cordeiro! Senhor, nunca a cavalleiros portuguezes se tolheu o direito de se justificarem.

«Nunca entre homens de guerra, se pôz em duvida o juizo por armas.

—Pois bem, aqui na vossa presença, eu velho de se-

tenta annos, convido por mim e em nome de D. Affonso Furtado, a combate singular, todo e qualquer cavalleiro, que se a presente a sustentar o contrario do que acabo de affiançar a vossa alteza.

Em todos os rostos transparecia a surpreza e uma certa anciedade, Andeiro estava pallido como a morte e D. Leonor repellente como as faces do crime.

O velho fidalgo, tomando folego prosegeuiu:

—É junto aos degraus do throno, que nos cumpre pedir justiça e liberdade para a justificação.

«Aqui na presença do rei, eu fidalgo cavalleiro, por mim e em nome do nobre cavalleiro D. Affonso Furtado, convido a combate singular todos os cavalleiros, que duvidarem da lealdade do nobre mestre de Aviz e de Gonçalo Vasques de Azevedo, e em nome da Trindade Santissima assim o declaro, e vós senhor, concedei-nos uma estacada.

Nem um só cavalleiro acceitou o duello. D. Affonso Furtado descalçára o guante e arrojando-o ao chão, viu com satisfação que ninguem o levantava!

Todos criam na falsidade da accusação e até os proprios inimigos do infante.

Passaram-se alguns momentos de anciedade, até que o velho guerreiro interrompeu o silencio:

—Já vêdes senhor, que ninguem se attreve a sustentar uma falsidade! Todos teem a consciencia de que o juizo de Deus é severo com os traidores.

Nem os seus maiores inimigos se arrojam a dizer que o mestre de Aviz é traidor á patria e ao rei.

Olhou para Andeiro que baixou os olhos covardemente e D. Fernando impressionado pelo que ouvira levantou-se, dizendo para os cavalleiros.

—Estou seriamente convencido da verdade! Farei justiça recta.

Não disse mais nada, e retirou-se.

D. Lourenço assim que o rei desappareceu, foi em companhia de mais alguns distinctos prelados, abraçar os nobres cavalleiros, que tão dignamente se portaram.

Ninguem na sala se entendia e todos discutiam conforme as suas opiniões e desejos. Mas nenhum se aventurava a sustentar a idéa, de que o infante era criminiso.

As ultimas palavras do rei foram equivocas para devida-

mente se poderem avaliar, mas D. Leonor que as comprehendera, concebeu uma idéa digna d'aquella cabeça.

Ao chegar aos seus aposentos mandou chamar fr. Pedro, com quem teve uma larga conferencia; e depois de ajustarem o seu plano, mandaram chamar Andeiro, por ser o que se encarregava de falsificar a assignatura do rei.

Emquanto se passam estas cousas sigamos Gil Vasques e D. Luiza de Gusmão, que na estrada de Leiria vão em busca de asylo.

Caminharam successivamente até chegarem ao ermiterio de fr. João da Barroca.

D. Luiza era uma digna descendente de Viriato.

Terna, sem impertinencia, meiga sem affectação e virtuosa sem fanatismo. Corajosa no perigo, prudente no conselho, e forte na resolução, eis em resumo o caracter da joven, que Gil Vasques tinha a ventura de possuir.

D. Luiza galopando junto a seu marido, nunca abrandou o passo do seu corsel! Nunca parecia estar fatigada.

Debaixo de um sol ardente, deixava ondolar os anneis de seu formoso cabello, que graciosamente lhe caíam no collo; e quando o suor lhe corria em bica pela fronte, era com as pontas das suas bellas tranças que o enchugava!

Um meigo surriso lhe embellesava as faces afogueadas pelo calor, e se Gil Vasques se mortificava, respondia-lhe alegremente!

—Avante meu amigo; não estou cançada.

Incitava o nobre animal e lançava-se n'um galope frenetico.

Eis a mulher sonhada pelos poetas... Eis a realidade das virgens de Raphael, e eis o que a mulher devia ser se fosse possivel...

No fim de quatro dias de jornada, em que apenas tomaram o descanço absolutamente necessario, ao nascer do sol, deixaram os campos e as varseas e tomaram por uma vereda pedrogosa, por onde um cavallo, a custo caminhava.

No fim de mais de meia hora de marcha avistaram o desejado ermiterio, e consideraram-se salvos.

Chegaram á grade do pequeno serrado, e viram admirados, que o santo ermita já os esperava.

O nobre ancião recebeu-os nos braços, e oscullando-os paternamente, disse-lhes com a maior satisfação:

— Sê bem vindos, já vos esperava e contava comvosco, e tanto assim, que vos tenho preparado o unico aposento de que posso dispôr, é ali n'aquella casinha por detraz da ermida.

Conduziu os jovens pela mão e fez-lhes tomar assento debaixo de um sycomoro.

Ali ao abrigo dos raios do sol, entregues a uma agradavel conversação, passaram momentos de ventura, que o turbilhão das paixões egoistas a todos rouba.

Deixemos agora os dois jovens entregues á poesia do amor, aonde tudo é bello, quando não é feio.

Deixemol-os dedicados á ventura entre as agruras e os sarçaes de uma vasta solidão.

Deixal-os contemplar o gorgeio dos passarinhos, o siciar dos arvoredos, o murmurio das aguas e o brilhantismo dos prados, bordados de flores.

Deixal-os contemplar a natureza entre os sorrisos do amor.

Quando se ama a natureza sorri a alma, eleva-se o espirito e dilata-se até esses mundos infindos, aonde o poder do Creador se revella.

Vamos á côrte.

Em Evora passam-se graves acontecimentos: dissemos, que depois do rei se retirar da sala do docel, D. Leonor tivera na sua camara uma larga conferencia com fr. Pedro, porque se tratava de falsificar a assignatura do rei.

Um grande crime estava premeditado, o que restava era leval-o á execução.

O rei ia cada vez a peor, e as cousas do estado caminhavam pela mesma fórma.

O mestre d'Aviz proseguia preso, mas recebendo constantes provas do muito que pelo povo era estimado.

Na alma de D. Leonor refervia o desespero, como se as lavas de um vulcão lhe tivessem rebentado no interior, era necessario perder para sempre o infante, e a contar d'esta idéa o punhal homissida estava suspenso sobre a sua cabeça.

A trindade infernal reuniu finalmente e accordou n'um plano tenebroso, e quem visse aquellas almas reunidas, nunca se persuadiria de tanta preversão.

Uma joven e formosa mulher, um cavalleiro de agrada-

vel presença e um frade de rosto simpathico, e maneiras distinctas, completavam um grupo monstruoso!

Uma ordem foi pois lavrada em nome do rei e levada á torre de menagem secretamente.

Vasco Martins de Mello era um leal cavalleiro, como já tivemos occasião de dizer, e respeitando as virtudes do infante, buscava adoçar-lhe a situação, tanto quanto lhe era permittido.

Era alta noite; o alcaide passeava na vasta sala de armas; armado de todas as armas, tinha apenas a cabeça descoberta.

A fronte era larga e desassombrada e o porte altivo e cavalheiroso.

Um pagem abriu a porta e apresentou-se, dizendo-lhe, que um mensageiro do rei, lhe queria fallar immediatamente para negocio urgente.

O alcaide mandou-o entrar e um cavalleiro armado dos bicos dos pés até á cabeça, com a viseira callada, lhe entregou um pergaminho.

O aspecto d'este guerreiro era sinistro e silencioso como um sepulchro, e se não era o mensageiro da morte era a sua sombra encarnada.

—Quem vos deu esta ordem, perguntou o alcaide.

—O rei, respondeu o cavalleiro laconicamente.

Vasco Martins de Mello, quebrou o sello e leu o seguinte:

«O alcaide Vasco Martins de Mello, logo que esta minha
«ordem receba, fará justiça immediata na pessoa do infante
«D. João, mestre d'Aviz, que hoje mesmo deve ser decapitado.
«Assim o ordeno e quero para bem e salvação do estado.

«FERNANDO, REI.»

A ordem não estava datada e o alcaide esfregou os olhos primeira e segunda vez, como quem desejava affirmar-se se estava realmente acordado.

O vento soprava com violencia pelas fendas das janellas, e agitando a luz, fazia-a espalhar um clarão pallido e incerto.

O alcaide estremeceu, pela primeira vez na sua vida e

recuou em face de tamanho crime! Cobrou todavia animo e disse para o guerreiro:

—Dizei a El-Rei, nosso amo, que a ordem não está datada, e que além de julgar muito tarde para fazer justiça, tenho escrupulo de lhe dar cumprimento.

Despediu o cavalleiro e continuou a passear.

Pensava seriamente na gravidade do assumpto; e sabendo de quanto a rainha era capaz, attribuia-lhe a premeditação d'este attentado.

E quem além da rainha, a tanto se arriscaria?

A sua primeira idéa foi prender o mensageiro, e ir immediatamente procurar o rei; mas sendo homem de bastante prudencia, esperou segundo aviso.

Seriam duas horas da noite, quando um outro portador se apresentou; d'esta vez a ordem vinha datada, mas a letra tão tremida, que ninguem diria ser da mesma pessoa; o alcaide tudo comprehendeu, e disse ao cavalleiro:

—Dizei a sua alteza que as suas ordens serão cumpridas.

O guerreiro retirou-se, em quanto que o alcaide, mettendo as duas ordens entre a cota de malha, dirigiu-se ao quarto aonde se achava o infante. [1]

O alcaide subiu uma ingreme escada de pedra e batteu á porta.

O infante a abriu e ficou admirado de o ver a taes horas.

—Julgava que dormisseis, senhor, aliás não battia tão rijamente.

—Durmo pouco, meu caro Martins de Mello, respondeu o infante, medito nos destinos d'este povo, que amo como pae carinhoso. Que sabeis de novo?

—Nada, senhor, a não ser que o rei é muito vosso amigo, e hoje tenho eu provas incontestaveis...

—Não deveis duvidar d'isso, senhor alcaide; eu não estou aqui por vontade d'elle, mas sim por causa da rainha; pois não julgaes isto?

—Não julgo nada, sou pessimo juiz e o que vos posso

[1] A torre aonde o mestre d'Aviz esteve preso, ainda existe em Evora. Ha pouco estando nós com o excellentissimo senhor conde d'Avila, sua excellencia nos disse, já ter visitado esta memoravel torre; aonde o mestre d'Aviz esteve a ponto de ser degolado.

affiançar é que além de Gonçalo Vasques de Azevedo e de D. Affonso Furtado, ainda tendes muitos amigos.

—Nunca fui ingrato e julgo que todos me fazem justiça. Dettesto os intrigantes e traidores, e préso e estimo os guerreiros leaes, para quem a nobre ordem da cavallaria não é uma capa de crimes e devassidões.

Martins de Mello, resolveu dizer-lhe por uma vez o que havia a seu respeito.

Tirou da primeira ordem e entregou-lh'a dizendo:

—Se conheceis a letra de El-Rei vosso irmão avaliae a força d'essa ordem.

O infante chegou-se á luz e leu.

Martins de Mello seguiu-o com a maior attenção, e vendo que não fazia um gesto de surpreza, nem a menor contracção, ficou maravilhado:

—Que grande caracter! Que formidavel rei! E ha de se perder esta cabeça illustre! Ha de Portugal perder o unico homem que o póde salvar! Oh! Nunca, nunca antes a morte se tanto fôr preciso.

Estava imbebido n'estas idéas, quando o principe o despertou, dizendo-lhe com a vós tão natural, como se se tratasse de um assumpto vulgar.

—Não sei se reparastes, que esta ordem não está datada.

—Reparei, sim senhor, e como o observei mandaramme segunda.

Apresentou-lhe a segunda ordem, que tambem pelo infante foi lida.

Depois de uma breve reflexão, voltou-se para Martins de Mello, com gesto sereno:

—Senhor alcaide cumpri o vosso dever, cumpri as ordens do rei...

«Não tenho que fazer disposições testamentarias, porque o rei será o meu herdeiro e o povo o meu vingador, estou ás vossas ordens.

—Senhor! exclamou o alcaide, podeis dormir socegado e se a ordem é do rei, o que duvido, ámanhã em vez de um, serão dois degollados...

«Eu, senhor, prefiro antes morrer como leal cavalleiro, do que viver como um vil assassino.

«Mattar o senhor mestre de Aviz! isso nunca! O rei está illudido e é preciso contar-lhe a verdade.

— Fazei o vosso dever repetiu o infante, olhae para a vossa familia! Eu não tenho outros laços que me prendam ao mundo, além, dos do amor, que tributo ao meu paiz, mas vós, d'um lado tendes uma esposa terna e virtuosa, d'outro os filhos que tanto amaes.

— Oh! por piedade senhor! Não me recordeis essas cousas, que não me fazendo recuar, far-me-hão soffrer mais.

«A esposa tem a protecção da virtude, os filhos a da innocencia e se eu morrer por não querer assassinar o mestre de Aviz, Deus olhará por elles, como olha por todas as suas creaturas.

—Vivei, senhor, e se a ordem fôr do rei, fugi, porque eu ficarei em vosso logar.

O mestre de Aviz tinha um grande coração, apreciou aquelle caracter franco e leal, mas ainda insistiu:

Vamos Martins de Mello, peço-vos que deis cumprimento á ordem do rei, olhae para o vosso dever de alcaide, ou então morramos ambos.

— Quem falla aqui em morrer o mestre de Aviz?! exclamou uma voz ronquenha, mas forte, ambos olharam para o lado d'onde ella vinha, e viram uma figura esquisita fazendo caretas e deitando a lingua de fóra.

João Pampilhosa, exclamaram ambos ao mesmo tempo!

—É verdade, eu mesmo sem falta do menor bocado, para completa perfeição d'este abençoado corpo, mas quem falla em morrer o senhor mestre de Aviz?

«Graças vos sejam dadas nobre alcaide, disse o anão, com gesto de perfeita truanisse, graças vos sejam dadas, a ordem é feita por Andeiro, e quem a mandou foi a rainha.

«Podeis dormir socegado.

«Nobre alcaide, ámanhã podeis ir fallar ao rei.

XII

Morte e revellações

O mestre de Aviz ficára bastante admirado ao vêr João Pampilhosa, pois a maneira porque se apresentára era por assim dizer mysteriosa, e sobre tudo a confiança com que fallava.

O alcaide não menos admirado, perguntou-lhe:

—Quem vos trouxe aqui sem minha licença? Quem vos abriu as portas d'esta torre?

O anão não se mostrou zangado com as perguntas, estirou as pernas com gesto importante, e avançou com passos vagarosos, até aonde se achavam os cavalleiros, e perfilando-se fez-lhes duas ou tres rasgadas continencias.

Fez mais quatro caretas esquisitas e poz-se a rir ás gargalhadas, parecia louco! Principiou a arremedar a maneira porque D. Leonor andava, e dando mil voltas e tregeitos, era realmente uma figura grutesca.

João Pampilhosa, emittava perfeitamente o andar da rainha; e affectando a voz, copiava fielmente todos os seus modos e affectação.

O mestre de Aviz, já não podia suster o riso; e não obstante o seu caracter sisudo, e vêr suspenso sobre a cabeça o cotello do algoz, riu e riu muito, pois que o caso não era para menos.

—Homem, lhe diz elle, depois de estar cançado de rir, é tempo de fallar sério, se acaso não enlouqueceste, diz o que te trouxe aqui.

—É justo o que de mim exigis nobre principe, e eu me explico. Como não tenho paz com o diabo, por não ser feiticeiro, nem astrologo, algum anjo bom me proporcionou a maneira de vos prestar um grande serviço, eis o caso.

«No dia em que a nossa rainha, que o diabo chame em breve á sua presença, conspirou contra a vossa honra e vida, eu que tudo ouvi, estive a ponto de agarrar n'uma navalha de barba e cortar-lhe o pescoço.

«Saí horrorisado, de um local mais perigoso, que o covil de uma féra, e tudo fui contar ao senhor D. Lourenço.

«Jurei nunca mais voltar ao paço, e n'esta intenção permaneci, até constar-me que fr. Pedro ia a Lisboa para roubar D. Luiza de Gusmão. Sabeis como salvei os dois esposos, e a maneira porque obriguei a fugir Porcallo.

—Agora o que ignoraes é que o frade, tem grandes aspirações! fr. Pedro já não ia roubar D. Luiza para a dar ao sobrinho, não senhor, o seu fim era prostituil-a e fazer d'ella uma sua amazia!...

Os cavalleiros recuram horrorisados:

—Santo Deus, disseram ao mesmo tempo, pois é pos-

sivel que fr. Pedro concebesse uma tal idéa? Oh! o frade está vestido e calçado no inferno. É um demonio não é homem.

—Pois saibam mais, que essa foi sempre a sua intenção, quando mesmo ignorava os amores de seu sobrinho. Fr. Pedro nunca se lembrou casar a donzella, senão para fazer d'ella uma adultera, e de Aleixo de Figueiredo um homem de cabeça bicuda!

Nunca ninguem lhe apanhou o segredo, fui eu o unico. E verdade, verdade a rainha é a primeira a ignoral-o, e viu sempre no seu empenho, o desejo de dar uma fortuna a seu sobrinho, e ainda a ultima tentativa que fez foi n'esta convicção.

—Salvei Gil Vasques e sua esposa; mas o frade ficou damnado e voltou a esta cidade.

Eu tambem regressei, metti-me no meu cubiculo e passei a informar-me do que havia.

Dispondo do dinheiro do senhor D. Lourenço, que não é muito, estabeleci uma certa espionagem, e constando-me porém, o que occorrera na ultima sessão real, puz-me álerta.

Ora o rei é bom, assim não fôra tão fraco, é meu amigo e não tem mau coração; mandou-me chamar hontem e eu como fiel servo, apresentei-me, como era meu dever.

—Estou muito zangado comtigo me disse sua alteza.

—Porque meu senhor, lhe respondi eu, dobrando até ao chão esta nobre fronte.

—Porque, ainda perguntas ingrato, tenho estado doente e não me tens vindo ver.

—É verdade senhor, lhe respondi eu, mas como não podia allivial-o tambem não quiz vel-o soffrer! Disvelos não lhe faltavam, a rainha é tão estremosa por vossa alteza... Pois não é assim meu senhor?

El-rei ficou silencioso, e respondeu:

—É verdade, eu devo realmente muito á rainha, porque sempre se tem mostrado sollicita e carinhosa.

—Tudo isso é assim, e nunca vos pediu nada?

—Não, a rainha nunca me pede nada.

—Então peça-lhe vossa alteza alguma cousa; por ser ella que manda em tudo. Pois o conde Andeiro? Esse, se tambem não manda tanto como vós, é por que faz mais alguma cousa...

—Calla-te não tenhas má lingua, me respondeu sua alteza, se continuas assim, mando-te embora, o conde é um fiel vassalo, é ambicioso, mas prestou-me grandes serviços.

—Não duvido meu senhor; eu é que dispensava os seus favores; e se fosse rei mandava-o de presente ao carrasco, para que lhe infeitasse o pescoço com uma boa corda de canave, eu cá tenho as minhas razões.

—Tens todos os vicios dos fidalgos com que andas mettido! Nenhum d'elles póde enxergar o pobre conde. É realmente inveja de mais! Que mal tem elle feito?

—A mim nenhum, meu senhor, agora a vossa alteza... Não sei... E se o conde é pobre, como dizeis, pela minha parte não lhe gastei a riqueza.

—Deixa-te de conversas, penteia-me e procura a rainha, que tambem deseja os teus serviços.

—Depois de pentear e barbear sua alteza procurei a rainha, e acheia no toucador, e disse-me que a penteasse e mais á senhora infanta, para ensaiar um novo systema de penteados, que desejava estreiar no casamento de sua filha.

—Fiz o meu dever, e como sabeis n'este genero sou insigne; e não será assim? Perguntou João Pampilhosa com a maior modestia.

O anão proseguiu:

Fr. Pedro entrou, e pela conversa que intabolaram, conclui, que se conspirava ainda mais contra a vossa pessoa. Não me dei por entendido e voltei ao quarto do rei, que felizmente encontrei só.

—Meu senhor, lhe disse eu, volto para vos rogar uma graça. Desejava visitar o senhor mestre de Aviz, e pedia-vos um passe para lhe poder fallar a toda a hora, fazeis-me este favor?

El-Rei olhou para mim admirado e perguntou:

—És muito amigo de meu irmão?

—Porque não meu senhor? Vossa alteza não tem vassalo mais fiel e que mais deseje o bem do estado, é um nobre caracter, digno por todos os respeitos da mais alta consideração.

—Estás disso convencido, me respondeu elle?

—Estou meu senhor!

—Tambem eu, dito isto pegou de um pergaminho e passou esta ordem, que me dá livre entrada a toda hora,

junto á pessoa de vossa honra, sem dependencia do senhor alcaide, que se acha presente.

João Pampilhosa concluiu, e mostrou a ordem, que lhe dava livre passagem, por entre as portas e ferrolhos da torre de menagem.

Vasco Martins de Mello estava commovido pelo que ouvira e o infante absorto. O anão proseguiu:

—Estava entre portas ha mais de cinco minutos; e ouvi a vossa conversação, senhores, e affianço que depois que o rei disse aquellas palavras, é impossivel ter mudado de resolução.

—Senhor, disse o alcaide para o infante, ámanhã vou fallar ao rei, e vejamos o que elle diz. Podeis dormir socegado; e se não morrermos ambos, ámanhã saberemos a verdade, a minha vida pertence-vos, a vossa ao paiz.

No dia seguinte ás dez horas da manhã entrava no Paço Vasco Martins de Mello, e disse ao capitão dos archeiros, que queria fallar a sua alteza, para negocio da mais alta urgencia.

Um quarto de hora depois era Martins de Mello introduzido na camara do rei, e ficou contrariado ao ver o conde de Andeiro, mas como não era homem que recuasse, pediu uma audiencia confidencial.

Andeiro saiu e D. Fernando fez-lhe signal para que fallasse:

—Senhor, vossa alteza confiou á minha guarda e segurança a pessoa de vosso irmão, que se acha encerrado na torre de menagem.

O rei fez um signal de adhesão e o alcaide proseguiu:

—Alcaide por vossa alteza, n'esta cidade, o meu dever é cumprir fielmente as vossas ordens, como por minha honra jurei. É dever e honra minha, todavia, explicar os motivos que me levaram a não cumprir as ordens, que hontem houve por bem mandar-me.

D. Fernando mostrou-se admirado e fez um gesto negativo com a cabeça.

—De que ordens me fallas? Não me recordo de ter hontem assignado um só pergaminho, estaes decerto enganado.

—Tanto não estou senhor, que trago as ordens comigo, e olhae que se tratava nada menos de que da vida de vosso irmão.

—Da vida de meu irmão! Quem se arroja a tanto! Dae-me essas ordens.

Vasco Martins de Mello apresentou-lh'as e o rei ficou, como se caisse das nuvens!

Leu e releu as duas ordens e depois guardando-as, agarrou n'um pergaminho e escreveu o seguinte:

«O alcaide de Evora, Vasco Martins de Mello, não dará «cumprimento a ordem alguma, que tenha por fim hostili-«sar a pessoa de meu presado irmão, o senhor infante D. «João gram mestre de Aviz.

«FERNANDO, REI.»

Deu o pergaminho ao alcaide acompanhado das seguintes palavras:

—Agora comprehendo tudo. É talvez tarde, sinto-me doente e pouco tempo terei de vida! Praticaste como verdadeiro portuguez, porque conheces-te que o rei era incapaz de banhar as mãos no sangue de seu irmão.

«Não admitto que o infante soffra o menor encommodo, até dar-lhe a liberdade, como de direito e por justiça lhe pertence.

O cavalleiro retirou-se e contou tudo ao infante, que ficou convicto, como sempre, de que seu irmão era mais fraco de que mau.

—Tres dias depois era o infante solto e felicitado pelo povo, entre brados de enthusiasmo.

O povo via já n'elle o seu futuro salvador e o arrimo da liberdade d'esta terra.

Voltemos agora um pouco áquem d'estes acontecimentos que narramos.

Os leitores lembrar-se-hão que João Pampilhosa, ao regressar para Lisboa, depois do casamento de Gil Vasques com D. Luiza, encontrára na estrada dois individuos de physionomia patibular. Não se enganou eram dois assassinos e tinham a seu cargo uma missão de sangue, digna da alma preversa que lh'a encommendára.

Sigamos-lhes os passos e vejamos o que fazem.

Caminharam sempre de noite como aves agoureiras, seguiram pela estrada e chegaram ao cair da tarde ao pequeno logar de Odivellas, muito mais pequeno então de que hoje.

Entraram n'uma casa de venda e pediram vinho.

Quem nunca viveu com aldeões é que lhes ignora os habitos, são essencialmente curiosos, e como estão no costume de se conhecerem todos, morrem de curiosidade, senão sabem quem é, este ou aquelle estranho, que por acaso apparece.

A casa de venda estava cheia de freguezes, que bebiam e cantavam a seu modo.

Os dois homens entraram, deram as boas noites e assentaram-se no primeiro banco que encontraram.

Duas grandes escudellas de vinho lhes foram servidas, e como bons bebedores passaram a tomar-lhe o paladar.

Todas as vistas convergiram para elles; e um tagarella, que a todos intertinha com as suas chucarrices, ficou com a palavra suspensa nos labios, e tão surprezo como se visse entrar o diabo.

E verdade, verdade, que estes dois sujeitos, se não eram o demonio em espirito, eram-n'o em carne e osso, o que peor é alguma cousa.

Os desconhecidos não se encommodaram muito com as desconfianças dos aldeões, e beberam socegados, fallando em voz baixa, para não serem percebidos.

Passados os primeiros momentos de desconfiança, tudo na taberna voltou ao seu primittivo estado, e a conversação tornou a ser animada.

— É como te digo ó Joaquim Penteado, cá o pobre jornaleiro não tem tempo para se cossar, quanto mais para espreitar namoricos, lá que a fidalga é bonita não tem duvida, é bonita de uma vez! E bem faseja, como ella nunca vi ninguem. Sabes tu, o que disse o senhor padre capellão? Eu t'o digo, disse n'outro dia, que a fidalga está cá n'este mundo e já se acha vestida e calçada no céo.

— Quem te disse essa asneira, respondeu um do grupo; ella quando morrer, vae para os torrões, como nós, como é então que ha de entrar no céo vestida e calçada? Forte palerma!

— Homem póde ser que tenhas razão! Mas o que é verdade, é que foram estas as palavras do padre prior, que devemos acreditar. Mas vá, com os diabos, vestida e calçada, ou como quizer para o céo. O que eu ainda não vi foi uma cara tão bonita. Ella e a fidalga que estava no convento, são as mulheres que mais me teem agradado.

—Pois olha João, ellas é que decerto não gostaram de ti! Não é com essa cara que tu has de agradar, porque d'ahi a um mono não vae grande distancia.

Isto lhe respondeu um dos da companhia, com esse modo zombeteiro, que por vezes distingue os nossos aldeões, e com effeito elle não deixava de ter razão, com quanto não fosse mais bem apessoado.

Os homens ouviam a conversação silenciosos, em quanto que os camponezes, uns assentados com as pernas estiradas ao comprido dos cajados, e outros de pé, proseguiam conversando e rindo, como senão tivessem cuidados nem trabalhos.

A taberna de uma aldêa é o grande centro de reunião; e por mais limitada que seja a sua povoação, raras são as vezes que não está cheia.

Vadios nunca faltam, e o seu numero é sempre relativo, porque uma aldêa pouco povoada, não podia incerrar tantos ociosos como as grandes cidades.

Os homens encostaram-se para cima da meza, como se tivessem adormecido; e passados momentos resonavam alto. Se dormiam não sabemos, mas os seus companheiros de taberna assim o entenderam.

—É João, disse um, quem serão estes melros? Isto cheira-me a malta, que diabo fazem elles por aqui a estas horas?

—Porque não lh'o perguntaste? Eu cá por mim não desejo saber quem são, nem o que fazem, se o desejasse havia de sabel-o.

Tinham passado dois ou tres quartos de hora, quando os homens levantando-se pagaram a despeza e sairam.

—É rapazes! Barrega-me cá na alma, que estes homens vão matar alguem.

«Eu quando estive na cidade, vi lá d'estas caras. Aqui para nós eu fui creado de fr. Pedro, confessor do nosso rei. Todos se poseram de pé e levaram as mãos ás carapuças, e valha a verdade, o frade não gosava na cidade de boa fama, dizem que gosta muito de raparigas. E quem me diz a mim, que estes homens estão incombidos de fazer alguma morte ou de roubarem essa dama, de quem ha pouco fallamos?

Eu tambem já ouvi dizer ao senhor capellão, que ella

tem poderosos inimigos, é rapazes acompanhem-me e vamos a ver em que fica tudo isto.

—Homem deixa-te d'isso, disse o mais fallador, não te mettas aonde não és chamado, quem lá vae lá vae. Eu cá por mim não vou. E quem me diz, que em logar de homens são dois diabos para tentar as almas?

—Olha, na incruzilhada lá embaixo, ás sextas feiras, já eu vi o quer que fosse a rolar que parecia uma pipa.

—Que tal ias tu!...

—Venham d'ahi, proseguiu João, e se ninguem me acompanha vou só!

«Covardes! Vocês não sabem senão beber vinho nas tabernas, para o mais valem tanto como qualquer odre vazio.

O nosso homem batteu por duas ou tres vezes com o pau ferrado no chão, dizendo ao mesmo tempo:

—Não tenho medo, irei mais o meu cão, aqui *Paralta*, bradou elle:

Um alentado mastim de côr mosqueada se ergueu e saccudiu as orelhas.

—Vamos amigo, mostra que vales mais de que toda esta gente.

Carregou o carapuço na cabeça e desappareceu.

Este moço aldeão, teria quando muito vinte e quatro annos. Era filho do jardineiro do convento, e sabia melhor de que todos, quem era a joven que habitava na granja, que os leitores conhecem.

Em todos estes ditos e irresoluções, que acabamos de narrar, decorreram mais de duas horas, e n'este espaço de tempo faz-se muita coisa, é no que elle ia pensando, ao dirigir-se para a casa da granja.

A noite estava escura e as estrellas brilhando espalhavam um fraquissimo clarão.

O nosso homem atravessava as tortuosas veredas com tanta agilidade, que o rafeiro não o excedia.

Saltava os muros e valados; e de um passando a outro adiantava bastante caminho.

Reconheceu estar proximo da casa que buscava, saltou o muro da granja, e metteu-se pela comprida alameda, que se estendia em todo o seu comprimento.

Sem saber pelo que, sentiu arrepiarem-se-lhe os cabel-

levantando o focinho, como quem aspirava o cheiro do sangue, que abundante corria pelo solho!

Em sentidos oppostos estavam os dois cadaveres, e revellavam ter sustentado uma luta desesperada.

Aleixo voltou a si do paroxismo febril que por momentos lhe roubara os sentidos!

Exhalou um profundo gemido, e se n'elle não lhe ia a vida, ia toda a esperança de ventura, que no mundo podia esperar.

Pobre mancebo! A mulher que tanto amava estava palpitante, não obstante ser cadaver; ainda conservava um resto de calor, mas os membros inteiriçados destruiam todas as illusões.

Aleixo de Figueiredo levou as mãos á cabeça, arrancou os cabellos com desespero, e puchando da espada ia appellar para o suicidio.

—Que fazeis, senhor, bradou o moço aldeão, que se achava a pouca distancia, que fazeis, repetiu elle, vivei para a vingança.

Aleixo nada ouvia! O ferro fulgiu, e mais um crime ia prepetar-se, mas Deus não podia admittir tanto.

Paralta principiou a ladrar desesperado, e o innocente que se achava no berço acordou sobresaltado, e principiou a chorar.

Aleixo abaixou o ferro, correu e agarrou n'elle, que lhe cingiu o pescoço com os braçinhos.

Era seu filho e da infeliz Ursina Malaprada, que barbaramente fôra assassinada por ordem de fr. Pedro!

—Meu filho! meu innocente filho! bradou o desgraçado em delirio, eis ali tua mãe assassinada! Oh! sobre ti e sobre seu sangue juro vingança até morrer!

Aleixo perguntou surprezo a Jeronymo:

—Que fazeis aqui? Quem sois?

—Quem sou? lhe respondeu elle, sou o vosso vingador e o d'essas victimas; sou aquelle que fez pagar com sangue o sangue da innocencia.

Jeronymo estava superior a si mesmo! Era um moço rude e falto de conhecimentos; mas ha momentos na vida, em que os raios da luz intellectual brilham em certas cabeças, mais n'uma hora, do que em toda a vida.

Ha momentos na vida em que o homem mais rude le-

vado pelas grandes impressões torna-se momentaneamente em homem de grande pensar.

—Ouvi, senhor, proseguiu o moço aldeão, ouvi, e se eu não tiver razão, mandae-me calar.

«Sei quem sois, e quem era esta senhora: já estive na côrte e lá vos conheci e a vosso tio. Sou filho do jardineiro do convento, e sei tudo; tendes um filho, senhor, e se para elle não quereis viver, não espereis que outrem o faça!

«Tendes um filho que alimentar e o sangue da innocencia para vingar.

«Vingae-vos, porque a vingança é para o homem, como o perdão para Deus; vingança vos pedem estes cadaveres, vingança vos pede este filho, e vingança vos peço eu tambem para o author d'este barbaro assassinato.

—E sabeis quem elle é?

—Eu vos digo: não foram só esses dois miseraveis, foi mais alguem que n'isso tinha interesse; segui-me, e vamos interrogal-os porque talvez ainda estejam vivos.

Aleixo poz o menino no berço, e levou-o para o quarto immediato.

Cruel era a dôr que o finava, tinha o cunho d'esses soffrimentos supremos, em que o espirito se embota, e a razão se perde.

O innocente callara-se, parecia comprehender a dôr de seu pae, e não querer aggravar-lh'a.

Aleixo disse para Jeronymo:

—Desejo saber quem mandou assassinar estas infelizes; conduzi-me a esses homens, e se algum ainda éstiver vivo, que me diga o que sabe, e depois póde morrer.

Tomaram um archote e foram em busca dos assassinos. *Paralta* ia na frente, e estes dois homens com os rostos lividos e os cabellos arrepiados, agitando dois archotes, pareciam espectros medonhos.

No local da lucta dois individuos se achavam estendidos e frios, com os olhos envidraçados e os labios descerrados! Estavam mortos!

Procurando-lhes os bolços acharam apenas duas cartas e uma bolsa com ouro: era o preço do crime!

Como não lhe encontraram mais nada, voltaram para junto das victimas, que, exangues, se conservavam no mesmo logar.

levantando o focinho, como quem aspirava o cheiro do sangue, que abundante corria pelo solho!

Em sentidos oppostos estavam os dois cadaveres, e revellavam ter sustentado uma luta desesperada.

Aleixo voltou a si do paroxismo febril que por momentos lhe roubara os sentidos!

Exhalou um profundo gemido, e se n'elle não lhe ia a vida, ia toda a esperança de ventura, que no mundo podia esperar.

Pobre mancebo! A mulher que tanto amava estava palpitante, não obstante ser cadaver; ainda conservava um resto de calor, mas os membros inteiriçados destruiam todas as illusões.

Aleixo de Figueiredo levou as mãos á cabeça, arrancou os cabellos com desespero, e puchando da espada ia appellar para o suicidio.

—Que fazeis, senhor, bradou o moço aldeão, que se achava a pouca distancia, que fazeis, repetiu elle, vivei para a vingança.

Aleixo nada ouvia! O ferro fulgiu, e mais um crime ia prepetar-se, mas Deus não podia admittir tanto.

Paralta principiou a ladrar desesperado, e o innocente que se achava no berço acordou sobresaltado, e principiou a chorar.

Aleixo abaixou o ferro, correu e agarrou n'elle, que lhe cingiu o pescoço com os braçinhos.

Era seu filho e da infeliz Ursina Malaprada, que barbaramente fôra assassinada por ordem de fr. Pedro!

—Meu filho! meu innocente filho! bradou o desgraçado em delirio, eis ali tua mãe assassinada! Oh! sobre ti e sobre seu sangue juro vingança até morrer!

Aleixo perguntou surprezo a Jeronymo:

—Que fazeis aqui? Quem sois?

—Quem sou? lhe respondeu elle, sou o vosso vingador e o d'essas victimas; sou aquelle que fez pagar com sangue o sangue da innocencia.

Jeronymo estava superior a si mesmo! Era um moço rude e falto de conhecimentos; mas ha momentos na vida, em que os raios da luz intellectual brilham em certas cabeças, mais n'uma hora, do que em toda a vida.

Ha momentos na vida em que o homem mais rude le-

vado pelas grandes impressões torna-se momentaneamente em homem de grande pensar.

—Ouvi, senhor, proseguiu o moço aldeão, ouvi, e se eu não tiver razão, mandae-me calar.

«Sei quem sois, e quem era esta senhora: já estive na côrte e lá vos conheci e a vosso tio. Sou filho do jardineiro do convento, e sei tudo; tendes um filho, senhor, e se para elle não quereis viver, não espereis que outrem o faça!

«Tendes um filho que alimentar e o sangue da innocencia para vingar.

«Vingae-vos, porque a vingança é para o homem, como o perdão para Deus; vingança vos pedem estes cadaveres, vingança vos pede este filho, e vingança vos peço eu tambem para o author d'este barbaro assassinato.

—E sabeis quem elle é?

—Eu vos digo: não foram só esses dois miseraveis, foi mais alguem que n'isso tinha interesse; segui-me, e vamos interrogal-os porque talvez ainda estejam vivos.

Aleixo poz o menino no berço, e levou-o para o quarto immediato.

Cruel era a dôr que o finava, tinha o cunho d'esses soffrimentos supremos, em que o espirito se embota, e a razão se perde.

O innocente callara-se, parecia comprehender a dôr de seu pae, e não querer aggravar-lh'a.

Aleixo disse para Jeronymo:

—Desejo saber quem mandou assassinar estas infelizes; conduzi-me a esses homens, e se algum ainda estiver vivo, que me diga o que sabe, e depois póde morrer.

Tomaram um archote e foram em busca dos assassinos. *Paralta* ia na frente, e estes dois homens com os rostos lividos e os cabellos arrepiados, agitando dois archotes, pareciam espectros medonhos.

No local da lucta dois individuos se achavam estendidos e frios, com os olhos envidraçados e os labios descerrados! Estavam mortos!

Procurando-lhes os bolços acharam apenas duas cartas e uma bolsa com ouro: era o preço do crime!

Como não lhe encontraram mais nada, voltaram para junto das victimas, que, exangues, se conservavam no mesmo logar.

Aleixo de Figueiredo queria lêr as cartas, mas Jeronymo não consentiu, dizendo-lhe:

—Senhor, aqui não fazeis nada, pegae n'essa creança e montae a cavallo que eu vos seguirei.

Aleixo era bastante conhecido no convento, e ás duas horas da madrugada, batia á portaria.

A velha rodeira, abriu um postigo e quando elle lhe pediu para fallar á madre abadeça, ficou admirada, e respondeu-lhe:

—Isso não póde ser, é contra todas as regras do claustro... Mas eu a vou chamar.

A abadeça de Odivellas, conhecia Aleixo de pequeno, era-lhe sinceramente afeiçoada, e bastante o lamentava, quando, em quanto mais moço, sempre se apresentava com esse pedantismo fanfarrão, que por tantas vezes lhe trouxera o ridiculo.

Sabia dos seus ultimos amores com a infeliz Malaprada, e da sua conversão e arrependimento.

Seguidora dos preceitos do Salvador do mundo, abrira-lhe braços amigos, admittindo-a na sua confiança; não ignorava o seu casamento clandestino, e o muito que era vigiada pelos sicarios de fr. Pedro.

A virtuosa madre ao constar-lhe que Aleixo lhe desejava fallar, adivinhou mais um crime, vestiu-se, e um quarto de hora depois estava no locotorio.

Olhar para o mancebo era ler-lhe na alma os soffrimentos.

Tremulo e arquejante apresentou-lhe o filho, pedindo-lhe entre soluços protecção e asylo para elle.

D. Francisca de Miranda se nada soube a fundo, tudo ficou comprehendendo e interrogou Aleixo, que entre a magoa e o desespero tudo lhe contou.

A pobre senhora recuou em face de tantos crimes e exclamou com as lagrimas nos olhos:

—Oh! piedade, senhor; piedade para tantas iniquidades que os homens commettem; offerece a Deus, meu filho, a dôr que crucia o teu coração! Sê crente e não desesperado e Deus é justo.

«Ai dos criminosos porque abençoados são os innocentes; segue o teu destino, meu filho, porque fica a meu cuidado esta fragil vergontea, fructo do teu infeliz amor.

«Nada lhe faltará, assím o deves crer.

«Vou mandar tocar ao côro, para encommendar a Deus a alma da infeliz Ursina! oh! ella peccou muito, mas pelo muito, que tambem amou a virtude, será salva.

«Assim o disse o Salvador a Magdalena, e assim o devemos crer por verdade; segue já o teu destino; não voltes ao local da dôr e deixa tudo por minha conta, mas desapparece d'aqui.

Aleixo com a vista desvairada, apresentava todos os symptomas de loucura; mas voltando a si, oscollou ternamente o menino e as mãos da madre, que bondosa o abençoou.

—Graças, senhora! Deus pagará por mim estas dividas sagradas, já que sou pobre de mais para o fazer; ahi vos fica meu filho! lego-vos senhora, um innocente que pede vida, e um cadaver que reclama sepultura! dae a cada um o que precisa, quanto a mim vou para onde Deus me determinar.

Beijou-lhe segunda vez a mão e montando a cavallo, desappareceu atravez da escuridão da noite.

No dia seguinte os sinos do convento de Odivellas dobravam melancolicamente, era o toque de finados! O funeral da infeliz Ursina Malaprada; fazia-se sem pompa, mas sem lhe faltarem as orações que a igreja reserva para os seus filhos.

Ninguem acompanhava o sahimento, além de alguns aldeões e o padre capellão, que desempenhava as funcções do seu alto ministerio.

Depois de tudo findar, um vulto transpoz os humbraes do templo; era Aleixo de Figueiredo, que sobre a sepultura ainda mais uma vez lhe ia jurar amor e vingança para a sua morte; não parecia homem, parecia um espectro! Tornou a sair e correndo como louco, affastou-se para sempre de um local de tão tristes recordações.

Voltemos á côrte e vejamos o que por lá vae, pois tudo é alvoroço e agitação.

Os embaixadores de Castella, já tinham chegado á côrte de Portugal, e o contracto de casamento do monarcha castelhano, com a infanta, fôra assignado e rectificado; e para tudo ficar concluido só faltava a benção matrimonial, e era por assim dizer a quinta vez, que esta princeza tão nova casava a capricho de seu pae.

A rainha ficou desapontada ao constar-lhe que o mestre d'Aviz não fôra degolado, em virtude das ordens, que falsamente em nome do rei expedira.

Reunida em conselho, meditava novas atrocidades, quando foi dispertada por differentes gritos e alaridos.

Uma das janellas deitava pára a praça, e atravez das gelosias differençou grandes magotes de povo, gritando e dando brados de alegria.

Que causa teria o povo para tanto enthusiasmo? Seria alguma festa publica ou procissão? Seria pela chegada dos embaixadores castelhanos? Tambem não, porque não é costume entre gente portugueza festejar, os que considera inimigos da sua liberdade; então que causas tinha o povo para tanto rir e folgar?

É que o mestre d'Aviz fôra posto em liberdade, e o povo que sinceramente o amava, regosijava-se.

O facto passou-se pela seguinte fórma.

Tres dias depois do alcaide de Evora ter a entrevista com o rei; este, desassombrado, da especie de pressão em que a rainha o trazia, dirigio-se aos seus aposentos e disse-lhe o seguinte:

—Senhora, vou mandar soltar meu irmão; obtive irrefragaveis provas da sua lealdade, e não manda Deus, que a innocencia seja sacrificada.

«O infante é um amigo fiel e tudo mais são intrigas das pessoas que lhe querem mal; não estaes de accordo, formosa rainha?

D. Leonor ficou atterrada porque conheceu no rei uma grande firmeza.

Combatter pois a sua resolução, era justificar suspeitas vagas, e comprometter-se.

Astuta em demasia para se deixar arrebatar pelas primeiras impressões, soffucou a colera que a finava e respondeu com a maior brandura:

—Sou da vossa opinião; se o infante está innocente, dae-lhe a liberdade, senhor, para que vos não chamem injusto; ninguem como o infante, melhor vos tem servido e ninguem como elle merece tanto a vossa estima. Sempre no fundo da alma regeitei a idéa contraria, e só o muito que vos preso me levou a declarar, o que nunca de mim deveria ter saido.

«Voto a Deus, e a elle tomo por testemunha, da pureza das minhas intenções!

D. Fernando nutriu desconfianças de sua esposa e olhou para ella com attenção.

Nem um gesto ou contracção a denunciára, e não era o olhar fraco e incerto de D. Fernando o competente, para ler no fundo d'aquella alma as paixões que alimentava; aquella alma era um abysmo insondavel como a profundidade das cavernas do oceano, d'onde Deus um dia tirou a morte para o genero humano...

Assim era D. Leonor! Alem de Deus, ninguem mais lhe devassava as intenções.

D. Fernando retirou-se, depois de uma breve conversação e a rainha mandou chamar fr. Pedro.

Estava furiosa e assim que o viu, disse-lhe com a voz tremula pela raiva:

—Fr. Pedro, dou-vos a feliz noticia, que o senhor mestre d'Aviz está na privança do rei, e vai mandal-o soltar!

O frade não respondeu nada; n'aquella fisionomia viam-se os sulcos profundos que se não são a consequencia do deboche, são do remorso, inimigo mais cruel.

Ouviu a rainha e depois de reflexionar alguns momentos, respondeu-lhe hypocritamente:

—Agora o que fazer, senhora? O rei manda, e a sua vontade é soberana; o mestre d'Aviz tem muitos e dedicados amigos, e oxalá que nós contassemos outros tantos.

«Ah! que se não fôra esse maldito amor que vos cega, nós ainda o podiamos ligar aos nossos interesses, mas...

D. Leonor ouviu impaciente as expressões do frade; e convulsa pelo desespero cortou-lhe a palavra:

—Basta, fr. Pedro! não quero ouvir mais; entre mim e o infante não ha trato nem conciliação possivel; vivos não cabemos ambos no mesmo mundo.

«D. João persegue e despresa o conde Andeiro e eu considero meus, todos os seus inimigos, e se os vossos interesses vos levam a separar-vos de mim, ficarei só.

D. Leonor tinha energia, e dispondo de muita vontade, era perigosa! Se lhe tivesse dado para bem, a mulher que hoje recordamos com horror, ainda seria lembrada com respeito! Ha tão nobres ambições que só por si constituem padrões de gloria!

—Não digo, senhora, que me separo de vós, não são essas as minhas intenções, mas o que precisamos é não sacrificar tudo aos interesses de Andeiro; quando elle se nos agregou, já de ha muito nós trabalhavamos.

A conversação estava n'este ponto quando sentiram os gritos e vosearias do povo.

D. Leonor correu á janella e sem saber pelo que; tremeu e teve medo.

Nada ha mais imponente de que as manifestações populares; estas eram alegres e folgasãs, mas quando as massas embravecidas, pedem contas ao despotismo, então ai dos tyrannos, e dos aulicos que os cercam.

As iras de um povo ferido nos seus direitos, é como a cholera dos elementos; e não perdoando a ninguem, não pára a contemplar virtudes que não encontra.

Para elle só ha crimes; crimes de lesa nação, que procura castigar com esses poderes sagrados, que pelo povo ao povo pertencem.

D. Leonor recuára medrosa; o nome do mestre d'Aviz feriu-lhe os ouvidos; e este nome era para ella de máu agouro. Tremeu, e apontando com o dedo para as turbas que riam e gritavam, disse com a voz cavada pelo despeito:

—Olhae fr. Pedro; vêdes aquelles grupos de villões insolentes, sabei que o meu maior desejo era vel-os todos esmagados, debaixo das patas de um esquadrão de ginetes.

Ia para continuar, mas alguem entrava no quarto precipitadamente; D. Leonor voltou a cabeça para se affirmar e viu Andeiro, que com as feições contrahidas e as faces palidas entrava transido de medo.

D. Leonor perguntou-lhe com anciedade, o que n'ella era fóra de commum:

—Que tendes, conde, que assim vos apresentais tão sobresaltado? Fallae, estaes em frente de amigos.

—É, formosa rainha, respondeu elle, que o mestre d'Aviz foi solto mais Gonçalo de Azevedo, e em companhia de grande numero de fidalgos e do arcebispo de Braga, lá segue para casa victoriado pelo povo, que se associou ás demonstrações dos seus amigos.

—Está bem, conde; nada de perder a razão; o mal está feito, tratemos de remedial-o, combinando um outro plano

que nos salve dos nossos communs inimigos, e para obtel-o precisamos não mostrar má fé.

«Associemo-nos á vontade do rei, que houve por bem mandal-o soltar, e aguardemos a nossa hora.

D. Leonor foi ouvida com attenção pelos seus dignos consocios, na occasião que se sentiu um grande trupel de cavallos. O que seria?

Era o grão mestre d'Aviz, que á frente de uma brilhante cavalgada, se dirigia ao paço, levando á sua direita D. Lourenço, arcebispo de Braga.

Não restava duvida, quando D. Fernando procurou sua esposa para lhe dizer, que ia pôr em liberdade o mestre d'Aviz, havia mais de tres horas que elle estava em sua casa.

D. Fernando andou bem, e talvez pela primeira vez na sua vida.

D. Fernando esperava seu irmão, com certa anciedade, e recebeu-o com os braços abertos, pedindo-lhe mil desculpas.

D. João não era filho de uma rainha, mas Deus que não distingue os pequenos dos grandes, fadou-o com a alma de um rei; e á força de um Hercules, reunia a intelligencia de um sabio e o valor de um heroe.

—Sê bem vindo, meu nobre irmão, congratulo-me comigo, por não ter motivos que de vós me levem a queixar.

«Conheço as intrigas e se ainda não descobri os auctores, espero encontral-os, com o vosso appoio e com o dos vossos leaes amigos.

«Traidores á minha pessoa, vos desejam affastar de mim, mas agora, mais do que nunca, o rei estreita os laços de amisade com o seu presado irmão, o nobre mestre d'Aviz.

Todos os cavalleiros se inclinaram ante a voz do rei, e todos os rostos fulgiram ao ouvirem as expressões do monarcha.

O mestre d'Aviz, sempre circumspecto, deixou-se todavia arrebatar pelos impulsos da sua nobre alma.

Amava sinceramente seu irmão e lamentava a sua fraqueza, e odeava D. Leonor por ser traidora ao marido, a quem tanto devia, e com a mão no coração, respondeu-lhe com a lealdade, de que sempre foi modelo.

—Nobre senhor e rei! Sou eu que tenho a agradecer tanto extremo e dedicação, e voto a Deus e á Virgem, de

que nunca me affastei uma linha dos deveres, que a vós e ao Estado me ligam.

«Fiel servidor tenho sido, e espero continuar a ser; não ha grandezas que me seduzam, nem paixões que me ceguem; não ha compromissos que me prendam, nem vontades que me obriguem; em mim ha só deveres, deveres sagrados que á honra me sujeitam e ao throno de vossa alteza.

—Se em mim desejaes encontrar um irmão, haveis de achal-o, e se buscaes mais alguma cousa, ficae certo que tambem sereis servido.

O rei ainda fallou mais algum tempo, até que D. Leonor se apresentou de semblante risonho.

—Estava na janella, quando vos vi chegar, senhor infante, disse ella com o sorriso nos labios e o veneno no coração, El-Rei quiz fazer-me esta surpreza, que do coração lhe agradeço. Aqui na frente d'estes nobres cavalleiros, não é a vós que dou os parabens, mas sim ao rei e a esse bom povo que tanto vos ama.

O mestre d'Aviz inclinou-se respeitoso ante a megestade adultera, dirigindo-lhe algumas palavras de agradecimento, que nem por todos foram ouvidas.

O infante despediu-se, mas D. Leonor, convidou-o para jantar em sua companhia.

Todos se arripiaram, á excepção do infante, que acceitou com a maior serenidade.

Os fidalgos despediram-se, e quando a rainha pedia o braço ao infante, o rei chamando-o para junto de uma janella, pediu-lhe para o dia seguinte uma conferencia.

O infante premetteu estar ás suas ordens; e quando se voltou viu a rainha a seu lado, que desejava saber o que D. Fernando lhe dissera.

Todos diziam que a rainha envenenaria o mestre d'Aviz, e cremos mesmo que teve esses desejos, mas duvidando, talvez do effeito, não se animou a prepetrar mais este crime.

D. João não teve o menor soffrimento, e tanto assim, que viveu muitos annos, e o seu estado de saude sempre foi regular, não podendo nós deixar de dizer, que este jantar não foi menos monumental, que a celebre ceia, que o imperador Domiciano offereceu aos senadores romanos.

A doença de D. Fernando era cada vez mais perigosa,

aggravava-se de dia para dia e os medicos contrariados pela enfermidade, não atinavam já com os remedios que lhe deviam applicar.

O mestre d'Aviz escapára felizmente, e todos o julgaram resuscitado.

No dia immediato ao do famoso jantar, que a rainha lhe offereceu, dirigiu-se ao paço.

O rei ao constar-lhe a sua chegada, mandou-o entrar.

—Vinde, meu irmão, disse elle, abraçando-o com a maior amisade.

O mestre d'Aviz curvou o joelho e agradeceu-lhe tanta bondade.

—Vinde, meu irmão, proseguiu D. Fernando, vinde que com a maior impaciencia vos aguardava.

Soffro muito e só n'um peito amigo poderei encontrar o que procuro em todos.

O mestre d'Aviz, não esperava ouvir similhantes palavras e respondeu-lhe:

—Quando possuimos uma terna e virtuosa esposa, é no seu peito amigo que tudo devemos esquecer, porque a sua ternura conjugal, é um manancial de perene felicidade. Quem melhor de que a rainha vos póde animar?

«Eu pela minha parte, na qualidade de guerreiro, em relação a ella, não atino com o que vos desejo dizer.

D. Fernando abanou tristemente a cabeça, como quem duvidava das palavras de seu irmão, que teve dó d'aquella magoa ingente, que lhe finava a existencia.

D. Fernando era fraco, e offendido na honra, nem para se vingar tinha vigor.

—Estaes enganado meu irmão, disse elle, eu soffro, e soffro muito, e ás vezes julgo que é a expiação dos meus peccados!

«Elevei ao solio uma mulher, e dei-lhe amor, grandeza e consideração, mas ella em troca de tantos sacrificios, concede a outrem, o amor que me nega, não obstante os direitos sagrados que me assistem!

«Enganei-me quando julguei encontrar em D. Leonor os affectos d'alma, que nosso pae encontrou em minha madrasta; enganei-me, D. Leonor, se tem a formosura de D. Ignez, está longe de lhe possuir as virtudes.

D. João não tinha por fim representar o papel de advo-

gado d'uma causa perdida. D. Leonor era sua inimiga mortal, e não queria pagar-lhe com protecção, os males que lhe fizera, e respondeu a seu irmão:

—Ignoro, senhor, se a rainha vos atraiçoa; desconheço as intrigas da côrte e nunca d'ellas me occupo, todavia, senhor, se conheceis o traidor, castigae-o como merece, por que ainda sois rei, e acima de vós só Deus, e a liberdade d'esta terra.

—O traidor é tambem um fidalgo, que tudo me deve. Dizei-me, D. João, se eu vos apontar o criminoso, vingareis n'elle a honra de vosso irmão?

—Não terei duvida em vingar vossa alteza, e de fazer justiça em nome de Deus: alcançal-o-hei com a ponta de uma adaga, e sereis vingado.

D. Fernando respirou, e as suas faces pallidas pela doença tingiram-se de vermelho.

—Se quereis saber quem é o traidor, eu vol-o digo, é D. João Fernandes Andeiro, conde de Ourem!

Para o mestre d'Aviz não foi novidade, levantou-se e puchando da espada, collocou a mão direita sobre a cruz, que formava as guardas do punho, e disse solemnemente:

—Senhor, juro-vos que sereis vingado, e o conde Andeiro, ha de pagar com a vida o seu atrevimento, quanto á rainha, no remorso e na vergonha encontrará o premio da sua deslealdade: assim vol-o juro, senhor, pelas santas Quinas de Affonso.

«Senhor, proseguiu o infante, agora tenho que pedir-vos um favor; o cavalleiro Gil Vasques, não roubou do convento de Odivellas uma donzella, como alguem vos disse, D. Luiza de Gusmão saiu do convento para a igreja, aonde á face de Deus recebeu por esposo o escolhido de seu coração.

«Revogae, pois, senhor, a ordem de prisão que passastes que fareis um acto de justiça.

D. Fernando, tudo n'aquella occasião faria ao infante; pegou n'um pergaminho e passou um aviso, com o qual Gil Vasques e D. Luiza nada tinham que receiar.

A sentença da morte de Andeiro estava lavrada, e quando se realisou, para vingança das cinzas de D. Fernando, salvou-se a liberdade de Portugal; e além d'este memora-

vel dia, ergueu-se um longo futuro de gloria, de dôres e de nobres sacrificios.

A adversidade é excellente conselheira, e quem não é grande em face dos revezes, é pequeno, toda a vida.

Passemos agora á conclusão de alguns factos importantes, e vejamos o que faz Aleixo de Figueiredo, que deixamos tresvariado e com o coração saturado pela dôr.

Aleixo de Figueiredo, depois de vêr descer á terra os restos mortaes da infeliz Ursina Malaprada, correu de dia e de noite, até chegar a Evora.

Dirigiu-se a casa de seu tio e entrou na camara aonde elle se achava entregue á suas idéas de sangue.

Aleixo de Figueiredo parecia um espectro, com os olhos esgaseados, o fato em desalinho e com os cabellos desgrenhados e a barba crescida, estava de maneira que faria recuar o homem mais animoso do mundo.

O frade ao vêl-o denunciou-se ao primeiro movimento. Sabia o que tinha tinha mandado fazer, e receiando as consequencias, tremeu, não sabemos se de medo ou dominado pelo remorso.

—Que tens, homem, disse elle com a voz alterada, que mal te affecta, que pareces um louco furioso! Dize o que tens, porque bem sabes quanto te estimo.

Aleixo de Figueiredo não lhe respondeu, deu uma estrepitosa gargalhada, que não sendo a da loucura era o riso da vingança que fulmina!

Fr. Pedro, ao ouvir aquelle riso, pareceu-lhe ver o inferno a seus pés e tremeu como o reprobo ante o Juiz Supremo. Fr. Pedro quiz levantar-se, mas não poude, e fazendo um grande exforço, apenas conseguiu repetir a mesma pergunta, mas com voz tão fraca que mal se percebeu.

Aleixo de Figueiredo olhou para elle e respondeu-lhe:

—Quereis saber o que tenho? Interrogae a vossa consciencia aonde o crime se alverga, nasce e cria como os vermes na podridão.

«Para que me destes educação e fizes-tes homem social? Foi para me ferir no que mais tinha de sagrado?

—Ouvi e respondei, como se respondesseis ao tribunal Divino.

Aleixo de Figueiredo calou-se e o silencio que se seguiu foi sepulchral! O quadro era tetrico, e as situações

d'estes dois homens, com quanto differentes, ambas eram terriveis! A fr. Pedro chegára a sua vez! A justiça de Deus não dorme e tarde ou cedo sempre alcança o criminoso. Fr. Pedro, com os beiços lividos e o rosto coberto com as mãos, era a imagem viva do crime ante a inflexibilidade do Juiz Supremo.

São os homens que reciprocamente se castigam! São o açoite do seu similhante e o flagello da virtude! São os verdugos da moralidade e os instrumentos do crime, que lhes repassa as almas, e os torna por vezes, idiondos á face de Deus, que a todos julga! E se todos os homens tendessem para o mal o que seria do genero humano? Qual seria o seu destino e missão na terra? Que respondam os philosophos descrentes, que em nada veem o dedo da Providendencia.

Vamos ao complemento dos factos.

Aleixo de Figueiredo proseguiu:

—Então nem uma palavra senhor meu tio e protector? Pois não trataes da vossa justificação?

O frade deu um gemido abafado, que bem revellava o estado d'aquella alma, de ha tanto prevertida, e conservou-se callado.

Aleixo de Figueiredo não podia estar socegado muito tempo, a dôr e a saudade ingente despertavam-lhe na alma um agregado de idéas, que o levavam a uma vingança atroz.

—Senhor, disse elle, olhae que a vossa tonsura está manchada de sangue e a alma repassada de vicios!

Tendes esbofeteado as faces do Redemptor e injuriado seu Santo Nome! Sois um prostibulo infame! Arrancae essas vestes de sacerdote, porque sois um atheu, sem fé nem piedade!

«Que fizestes da vida de duas pobres mulheres, uma das quaes era mãe de meu filho? Que fizes-tes d'essa victima que o amor purificou e o meu nome rehabilitou perante a sociedade? Era minha esposa á face de Deus! Mas hoje! Hoje é cadaver e eu reduzido á viuvez, choro a orphandade de meu filho e com elle peço vingança para o assassino de sua mãe!

As lagrimas rebentaram-lhe dos olhos e cairam em torrentes pelas faces cavadas pelo soffrimento.

—Mas isso homem, respondeu fr. Pedro com voz fraca, isso era uma vergonha e tu não podias apparecer em publico, como esposo de Ursina Malaprada.

Aleixo de Figueiredo allucinado pelo desespero, respondeu-lhe com a voz concentrada pela raiva.

—Não sei se para vós ha vergonha; o que não ignoro, é que, vós para prevenir essa difficuldade mandastes assassinal-a barbaramente!

«Oh! Maldição! Inferno para o traidor! proseguiu elle, maldição para vós, que sois o assassino da minha ventura.

«Por toda parte vejo sangue! Sangue da innocencia que pede vingança!

«Vejo meu pobre filhinho estender-me os braços e em seus vagidos pergunta-me por sua mãe!

«Vejo as vossas mãos tintas de sangue e desde a cogula até á orla d'esse habito só vejo crimes, sangue e preversão.

Aleixo de Figueiredo levára por vezes a mão ao cabo do punhal, e ao pronunciar as ultimas palavras, os olhos enjectaram-se-lhe de sangue; e agarrando em seu tio com mão convulsa, disse-lhe delirante:

—Então senhor não me seguís? Vinde! Não deveis receiar ver um quadro tão medonho! Vinde, e já, aliás aqui mesmo vos mato!

O punhal fulgiu terrivel e rapido como o brilhar do relampago! Estava a ponto de còrtar para sempre uma vida, manchada de crimes, mas um braço protector deteve o de Aleixo de Figueiredo. Quanto a fr. Pedro, de joelhos, e com as mãos erguidas, pedia perdão.

—Que fazeis, cavalleiro, disse uma voz sonora e imperativa, não é com um crime, que se castiga outro crime! Contem-te, e não sigas o exemplo d'este desgraçado, que esqueceu que ha Deus e um futuro na eternidade! Só a grande Misericordia Divina lhe poderá perdoar em vista da enormidade dos seus crimes.

Aleixo de Figueiredo ao sentir o braço suspenso olhou e viu o arcebispo de Braga, e atraz d'elle João Pampilhosa com o rosto circumspecto, e o gesto grave.

Aleixo de Figueiredo recuou; no rosto revelava a grande luta que sustentava, mas um raio de luz divina lampejou n'aquella fronte amargurada.

—Senhor, disse elle ao prelado, a voz de um santo é para mim um preceito de Deus! Pobre mulher: Ursina morreu para os homens, mas para Deus ainda vive, porque para elle só morrem os condemnados!

—Basta cavalleiro, lhe respondeu D. Lourenço, que Deus te abençoe! Á sombra de tão má arvore não podia ter medrado um fructo melhor! compadece-te d'esse desgraçado, cujos crimes, a não ter um grande arrependimento, condemnado será para sempre. Levantae-vos fr. Pedro, cingi o cilicio e pedi a Deus perdão. Empraso-vos, para d'aqui a oito dias vos achardes no ermiterio de fr. João da Barroca. Ahi na presença de Gil Vasques, do nobre mestre de Aviz, e na d'este infeliz mancebo, saberás o maior dos teus crimes.

As palavras do santo prelado foram solemnes e fr. Pedro ficou fulminado; levantou-se e saiu como se fosse um phantasma.

Oito dias depois, fr. João da Barroca assentado n'um banco de pedra conversava com Gil Vasques e D. Luiza de Gusmão.

O sol dourava apenas as cristas das montanhas, quanto aos valles ainda se conservavam, com esse fraco clarão dos raios crepusculares.

As aves cantavam e chilravam, saudando a aurora brilhante, que tudo fazia rejuvenescer; os raios de um sol matutino despertavam, e a natureza sempre saudosa do seu brilho, correspondia-lhe alegre com o gorgeio de milhares de passarinhos, e com o desabrochar das flores cheias de viço, pelos orvalhos da manhã.

—Gil Vasques perguntou ao santo ermita:

—Por quem esperaes, senhor?

—Espero por alguns amigos, que julgo não hão de faltar.

Ao dizer isto, dois cavalleiros voltavam junto ao muro.

—Bem vos dizia eu, proseguiu elle, que não faltariam.

Correu á cancella e quando a abriu já os dois cavalleiros se tinham apeado; quem eram elles? Um era o mestre d'Aviz, o outro Aleixo de Figueiredo.

Gil Vasques curvou o joelho ante o principe que o ergueu nos braços, dizendo-lhe:

—Cavalleiro, e vós D. Luiza de Gusmão, eis o meu

presente de noivado: o rei deu-me este aviso regio que revoga todos os mandatos que contra vós estão passados. Triumphou a virtude e o rei fez justiça ás vossas qualidades.

Mais tres cavalleiros entraram; eram, o arcebispo de Braga, João Pampilhosa e fr. Pedro, tão abatido que de homem tinha só a razão e os movimentos! Era o remorso que o finava nos limites da consciencia, que só é perfeita, quando é rija e inflexivel.

Assentaram-se debaixo de um sycomoro e em todas as physionomias se lia o mais pungente soffrimento.

D. Lourenço foi o primeiro a fallar, dizendo:

—Não foi o capricho que me trouxe aqui, não senhores, foi a necessidade de vos contar certos segredos de familia, que ligam directamente com alguns dos cavalleiros que se acham presentes.

«Nobre mestre d'Aviz é preciso rasgar o véo do passado, e apresentar á luz do dia os factos, que ainda se acham nas trevas. Esta missão é terrivel, mas necessaria, porque elevada é a missão de um prelado.

«Entre nós ha um grande peccador e a sua impenitencia lançal-o-ia na condemnação eterna, mas eu quero salval-o! Levantemo-nos, senhores, quanto a vós, fr. Pedro de joelhos, que assim vol-o ordeno em nome de Deus.

Fr. Pedro caiu de joelhos; quanto aos cavalleiros ficaram silenciosos.

D. Lourenço principiou a sua historia nos termos seguintes:

—Haverá pouco mais ou menos vinte e oito annos, que um frade carmelita foi nomeado confessor das freiras de Santa Clara, em Coimbra.

«Este frade preverso contava então vinte e cinco annos; era de agradavel physionomia e as suas maneiras eram insinuantes.

«Ora no convento de Santa Clara havia uma joven religiosa, que reunia á formosura grandes dotes de alma.

«Esta religiosa teve a infelicidade de agradar ao frade confessor, que abusando do seu ministerio seduzio aquella alma simples, e sem conhecimento do mundo; arrastou-a ao crime e depois á vergonha, que maior seria se a morte a não salvasse.

«A infeliz peccou e foi mãe.

«O estado de gravidez progrediu e encobril-o era já impossivel, e foi preciso, que a mal aventurada religiosa saisse do convento, sob o pretexto de que o seu estado de saude, reclamava passar alguns mezes ao ar livre do campo.

«A natureza completou o seu tempo, e findo o praso fatal a infeliz deu á luz uma menina, que pela mãe foi banhada de lagrimas, porque era a filha do crime, mas de um crime que horrorisa!

«Ora este frade sem crenças nem fé, era um homem que não tinha coração, e desejava por todos os meios encobrir a sua infamia! Não recuou pois em face de um infanticidio e subornou a ama que criava a innocente, para a estrangular!

A estas palavras todos recuaram cheios de horror; quanto a fr. Pedro exhalou apenas um profundo gemido. D. Lourenço impressionado com as suas proprias palavras proseguiu:

—A mulher encarregada pelo frade para matar a criança, com quanto não fosse de uma moral muito austera, recuou todavia ante a hediondez de um similhante crime. A formosura da infeliz menina, seus vagidos e innocentes caricias, contribuiram bastante para a salvar.

«Mas o frade instava pela execução do crime: pagára generosamente e queria ser servido.

«A mulher era pobre e temia a colera d'aquella féra tonsurada, que da instancia tenaz passára ás rudes ameaças. Receiou as suas violencias e para lhe não restituir o dinheiro que recebêra, e para não assassinar a pobre menina, entregou-a a uma visinha e disse-lhe que o crime fôra consummado.

«O frade mostrou-se satisfeito e n'esse mesmo dia procurou a infeliz mãe e disse-lhe, que sua filha morrera de um ataque repentino.

«A mal aventurada chorou e chorou muito e mandou chamar a ama, que não estando prevenida declarou-lhe que a menina ainda vivia! Instada porém, contou-lhe a verdade, e foi então, que a triste religiosa reconheceu o abysmo a que se arrojára, e o homem a quem entregára o seu coração!

«Já era tarde e a desillusão foi tão fatal, que não lhe poude sobreviver! Um profundo gemido se ouviu no locotorio e

D. Barbara do Carmo, religiosa do convento de Santa Clara caiu para nunca mais se levantar!

«No dia seguinte os sinos dobravam e o funeral da desditosa fazia-se sem pompa funeraria, mas o orgão tocava e as madres cantavam o officio de finados.

«N'este mesmo dia, seriam dez horas da noite, D. Orlando Malaprada e Zamora, fidalgo castelhano, batia á porta da mulher que fôra encarregada pelo frade, de estrangular a menina, e pedia-lhe agasalho, porque sendo estrangeiro, não conhecia ninguem, e as estalagens estavam fechadas.

«A mulher reconheceu no cavalleiro, um seu antigo amo, mandou-o entrar, e com as lagrimas nos olhos, pedio-lhe que a salvasse do perigo em que se achava, tomando conta da pobre orphã, ameaçada constantemente pela infamia de um pae, mais brutal do que as féras.

«O fidalgo ouviu a sua narração; e como era um nobre caracter respondeu-lhe:

«Mulher, tu fizeste bem! É verdade que eu tenho um filho, que circunstancias imperiosas me levaram a deixal-o entregue a um santo varão; e como nada tenho a receiar por elle, tomo conta da innocente, e salval-a-hei das garras d'esse monstro, que de pae tem só o nome.

«A mulher beijou-lhe as mãos agradecida, e o cavalleiro no dia seguinte, ao romper da aurora, caminhava na direcção da fronteira, levando sobre o arsão da sella a infeliz criança, fadada pelo destino para a desgraça, que nunca a abandonou.

«Pobre coitada; misera mesquinha que expiou os crimes de seu pae!

O cavalleiro castelhano, que tão generosamente, tomou conta da criança, era o marido de D. Thereza Gallicina, vossa mãe, senhor mestre d'Aviz, que ao voltar da Palestina, constando-lhe que sua esposa cedêra a El-Rei vosso pae, tirou-lhe o filho; que é o cavalleiro Gil Vasques, e entregou-o ao virtuoso fr. João da Barroca, que se acha presente, para com o seu testemunho documentar o que vos digo.

O infante D. João estremeceu e lançou-se nos braços de Gil Vasques, que o abraçou com verdadeiro affecto fraternal. Estava pois justificada a especie de atracção que mutuamente os ligava.

D. Lourenço disse-lhe paternalmente:

—Basta, senhores, tendes muito tempo de vos abraçardes; eu estou fatigado e quero concluir uma narração que bastante me opprime o espirito.

O arcebispo proseguiu:

«D. Orlando Malaprada e Zamora cumpriu fielmente o seu santo encargo, servindo de pae á infeliz que por filha adoptára.

«Ursina Malaprada foi educada n'um convento em Toledo, mas estava escripto no livro dos destinos, que não podia ser feliz.

«Aos doze annos faltou-lhe aquelle que fôra tudo para ella!

«D. Orlando contemplara-a no seu testamento, e se nada tinha a receiar da miseria, tinha tudo a temer do mundo, aonde ficava sem um amigo que bem a conduzisse.

«Aos quinze annos, casou com um fidalgo, que morreu dous annos depois, deixando-a pobre e cheia de maus costumes.

«Esta infeliz que estava no principio da preversão, quando seu marido morreu, em breve concluiu por se encher de defeitos; fez epocha em Toledo, e n'outras grandes cidades, até que foi obrigada a fugir para Portugal, aonde foi aproveitada por um frade devasso, e por uma rainha dissoluta, para arrastar á ingratidão um joven principe d'esta terra!

D. Luiza de Gusmão, impressionada pela triste narração do arcebispo D. Lourenço, chorava muito.

Os cavalleiros estavam silenciosos, e fr. Pedro entre a vida e a morte.

D. Lourenço, depois de uma pequena pausa, proseguiu:

«Vou concluir a minha difficil missão. Agora vós, fr. Pedro, curvae a cabeça e cingi o cilicio; Correi junto á cadeira do nosso santo pontifice e pedi-lhe a absolvição dos vossos grandes peccados, porque sois reu de um crime que só Deus póde perdoar, ante o arrependimento.

«Fr. Pedro, Ursina Malaprada era tua filha e tu és o seu assassino! Roja a fronte no pó e pede a Deus perdão!

Com quanto esta solução fosse esperada, todos recuaram! Quanto a fr. Pedro ergueu-se!

Aquella alma abrira-se ao remorso, e a dôr rasgava-lhe as entranhas!

As arterias batiam-lhe com violencia e tudo n'elle annunciava uma morte repentina; nada tinha de homem, e parecia um espectro ou a encarnação viva do remorso!

Fr. Pedro ao levantar-se ergueu as mãos ao ceu e exclamou, tão alto, que todos se arrepiaram:

—Sou um grande criminoso! Senhor!... Senhor!... perdoae á minha alma!...

Não pôde dizer mais nada, e caiu fulminado, era cadaver!...

Todos correram para elle, mas D. Lourenço, tomando-lhe o pulso, disse com voz socegada:

—Deus se compadeça d'esta alma! Fr. Pedro foi um grande criminoso, mas parece-me que o seu arrependimento foi ainda maior!

«De joelhos, senhores, e oremos todos pelo seu repouso eterno.

No dia seguinte era fr. Pedro sepultado no adro do ermiterio, e n'esse mesmo dia, o mestre d'Aviz abraçando seu irmão e D. Luiza de Gusmão, disse-lhes que ia para a côrte contar tudo ao rei.

Gil Vasques não consentiu e fr. João da Barroca disse ao principe:

—Basta, senhor, que nós saibamos que tendes um irmão.

«Principe, o ceu reserva-vos para grandes feitos! Um throno glorioso vos espera, e aqui sobre os Santos Evangelhos, devemos jurar todos que este segredo não será divulgado.

Todos juraram, e inclusivè João Pampilhosa, que nunca mais quiz separar-se dos dois esposos.

Quanto a Aleixo de Figueiredo, impressionado por tantas sensações, no dia seguinte, despediu-se de fr. João da Barroca e de todos os seus amigos, e no fim de oito dias, a bordo de um galeão, seguiu para a Alexandria em direcção á Palestina.

D. Fernando morreu, mezes depois d'estes acontecimentos, deixando o throno vago e o paiz compromettido.

FIM.

Manto (o) do imperador Napoleão..... 50
Manual do nadador................................. 200
Marco Tullio ou o agente dos jesuitas, por A. P. Hogan, 4 vol. 1000
Marcolfo o maloïno, por E. Capendu, 5 vol............... 2000
Memorias do operario, por E. Souvestre, 1 vol........... 200
Menina (a) bonita do arrabalde, por P. de Kock.......... 400
Menina (a) do quinto andar, por P. de Kock, 2 vol.........1000
Menina (a) das tres saias, por P. de Kock 1 vol......... 400
Meu (o) visinho Raymundo, por P. de Kock.............. 600
Mysterios da India, por X. de Montepin, 2 vol............ 1000
Mysterios do Palais Royal, por X. de Montepin, 2 vol...... 1500
Mysterios de um convento, por Luiz Lurine, 2 vol......... 1200
Mulher, marido, escravo e senhor, por J. F. Smith, 4 vol.. 2000
Mulher (uma) de tres caras, por P. de Kock.............. 600
Mulheres, o jogo e o vinho, por P. Kock................. 400
Neto de Cartouche, por P. de Kock....................... 400
Noites da casa doirada, por Ponson de Terrail, 2 vol...... 600
Noiva (a) da morte, por Carlos Desly..................... 800
Opulencia e miseria, por mrs. Ann Stephens, 2 vol........ 1000
Pagem (o) de Luiz XIV, por P. du Terrail, enc. 1 vol...... 800
Palacio (o) de Niorres, por E. Capendu, 5 vol............ 1000
Pequenos (os) regatos, por P. de Kock............ 400
Pio IX e Antonelli, por Lamoicière, 1 vol................. 480
Pobre lyra, poema, por A. F. Barata, 1 vol............... 240
Processo Clemenceau, por A. Dumas, filho, 1 vol.......... 400
Professor Ficheclaque, por P. de Kock................... 400
Pupila do judeu, por A. de la Croze, 1 vol............... 400
Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal, pelo visconde de Santarem, 15 vol...........22500
Recherches sur la priorité de la découverte des pays situés sur la cote occidentale d'Afrique, 1 vol................. 1200
Rei dos gageiros, por E. Capendu, 4 vol................. 800
Rei de Italia, por A. Blanquet, 2 vol..................... 1000
Recreios poeticos, pelo dr. Centazzi, 1 vol............... 300
Regencia de Luiz XV, por A. Dumas, 4 vol............... 1440
Ricardo ou a dedicação da familia dos Stuarts, 2 vol. br... 400
Romance d'uma senhora, por A. Dumas, 2 vol............ 900
Salambó, por G. Flanbert, 2 vol......................... 900
San (a) Felice, por A. Dumas, 3 vol..................... 2400
Sete (os) bagos de uva, por P. de Kock, 1 vol............ 400
Senhor Cherami, por P. Kock, 2 vol...................... 900
Suspiros d'alma, poema, por E. A. Desforges, 1 vol....... 240
Tambor da 32 e meia brigada, por E. Capendu, 7 vol..... 400
Thesouro de Fafnir, poema, por E. Marrecos, 1 vol........ 240
Thesouro de meninas, 2 vol. enc......................... 800

Tres (os) mosqueteiros, por A. Dumas, 4 vol 1600
Tribunal (o) secreto, por Clemence Robert, 2 vol 1000
Uma corrida de touros em Granada, 1 vol 100
Velhice (a) de Camões, por E. de la Laudelle, 2 vol 700
Vereda (a) das ameixas, por P. de Kock, 1 vol 400
Viagens na terra alheia, por T. de Vasconcellos, 1 vol 600
Vida de Jesus, por E. Renan, 2.ª edição, 1 vol 200
Vinte annos depois, por A. Dumas, 5 vol 2000

COMEDIAS

Amor proprio mal cabido, 1 a 100
Amores de modista, 1 a 160
Cavalheiro particular—Tio e sobrinha, 1 a 120
Circular n.º 99, 1 a 100
Consequencias do carnaval, 1 a 100
Effeitos do prego, 1 a 160
Figuras de cêra, 1 a.—Dae ao publico, poesia 120
Guardado está o bocado, 1 a 100
Malditas cartas, 1 a 100
Matheus o braço de ferro, 2 a 200
Milton, 1 a 100
Mulher de juizo, 1 a 120
Mulher de talento, 1 a 100
Não subam escada ás escuras, 1 a 160
Os amores de Tatiró, 1 a 100
O diabo atraz da porta, 1 a 100
O lanceiro, 1 a 160
Olho vivo com as criadas, 1 a 160
O medo guarda a vinha, 1 a 100
O primeiro amor de uma viuva, 1 a 100
O portador d'esta, 1 a 100
O segredo do tio Vicente, 1 a 100
Por causa de um clarinete, 1 a 120
Prenderam Napoleão, 1 a 100
Que dois sabios, 1 a 100
Quem o feio ama..., 1 a 120
Respeito pela memoria de um pae, 1 a 160
Samaritana, 1 a 100
São todos o mesmo, 1 a 160
Sempre o mesmo, 1 a. tio Trocato, 1 a 100
Senhor João José, 1 a 100
Silvestre o selvagem, 1 a 100
Taful em calças pardas 160
Tribulações de um poeta, 1 a 100
Tribulações de um tutor, 1 a 160
Um amigo de Peniche, 1 a 100